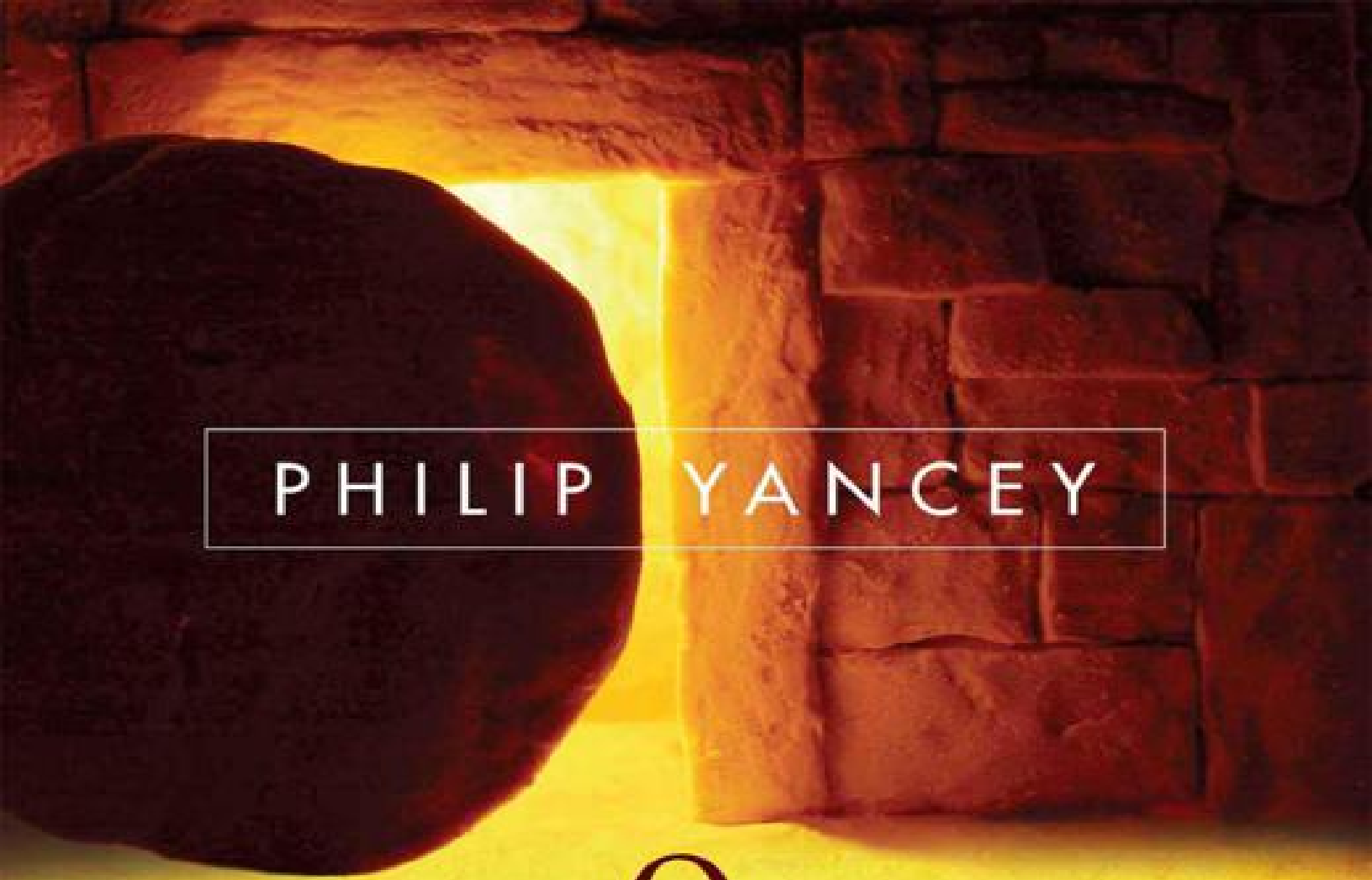


PHILIP YANCEY

O ECLIPSE DA GRAÇA

ONDE FOI PARAR A BOA-NOVA DO CRISTIANISMO?

MC

PHILIP YANCEY

O ECLIPSE DA GRAÇA

ONDE FOI PARAR A BOA-NOVA DO CRISTIANISMO?

Traduzido por
ALMIRO PISETTA

MC
mundocristão
São Paulo

Mídias Sociais

 curta

 siga

 confira

 assista

 acesse

Copyright © 2014 por Philip Yancey
Direitos negociados com Creative Trust Literary Group, Brentwood, Tennessee, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblia Inc., salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Equipe MC: Daniel Faria (editor assistente)
Natália Custódio
Diagramação: Luciana Di Iorio
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Capa: Douglas Lucas
Diagramação para e-book: Yuri Freire

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Y22e
Yancey, Philip
O eclipse da graça [recurso eletrônico] : onde foi parar a boa-nova do cristianismo? / Philip Yancey ; tradução Almiro Pisetta. — 1. ed. — São Paulo: Mundo Cristão, 2015.
recurso digital

Tradução de: Vanishing grace: whatever happened to the good news?
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-433-0098-6 (recurso eletrônico)

1. Conversão ao Cristianismo. 2. Deus. 3. Vida cristã. 4. Testemunho (Cristianismo) 5. Livros eletrônicos. I. Título.

15-23717

CDD: 248.246
CDU: 27-184.35

Categoria: Cristianismo/Sociedade

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

1ª edição: julho de 2015

Cuidem que ninguém se
exclua da graça de Deus.

Hebreus 12.15

Sumário

Agradecimentos
Prefácio

Primeira parte: Um mundo com sede
1. Um grande divisor
2. A graça ameaçada de extinção
3. Sede da alma
4. Divulgação da boa-nova

Segunda parte: Ministradores da graça
5. Peregrinos
6. Ativistas
7. Artistas

Terceira parte: É de fato uma boa-nova?
8. A fé é realmente importante?
9. Existe mais alguém? A questão de Deus
10. Por que estamos aqui? A questão humana
11. Como devemos viver? A questão social

Quarta parte: Fé e cultura
12. Parceiros incômodos: Os cristãos e a política
13. Santa subversão

Bibliografia

Agradecimentos

Alguns livros tomam forma mais facilmente que outros. Escrevendo este, tive a sensação de tentar encurralar e domesticar um pequeno rebanho de animais selvagens, cada um deles resistindo com unhas e dentes a todo o meu esforço. Fui motivado por minha preocupação com a posição e a fama dos cristãos no mundo moderno, mas como poderia eu expressar isso de um modo que não soasse como uma repreensão? Para complicar as coisas, sentia a necessidade de examinar mais a fundo minhas convicções e as maneiras pelas quais elas se apresentam numa cultura que muitas vezes as despreza. Precisava de ajuda, e a recebi de amigos e amigas confiáveis que não tiveram medo de me dizer que começasse tudo de novo com uma nova abordagem.

O disco rígido do meu computador contém muitos *megabites* de rascunhos anteriores deste livro, e agora que o processo chega ao fim eu olho para trás e sinto uma enorme gratidão por aquelas pessoas que foram habilidosas e honestas o bastante para me dar a orientação que me faltava. Joannie Barth, Laura Canby, o dr. David Graham e Brenda Quinn, todos eles interferiram com o indispensável estímulo que me fez seguir em frente e com as emendas necessárias para me levar a reformular o trabalho. John Sloan, Kathy Helmers, Tim Stafford e o dr. Kirk Quackenbush sugeriram importantes mudanças que me indicaram novos rumos. Bob Hudson, Joannie Barth e Melissa Nicholson coordenaram algumas das mais ingratas tarefas, como a editoração e a descoberta de outras fontes por mim citadas aqui e ali.

Enquanto isso, minha mulher, Janet, encarnou a graça que eu exalto nas páginas deste livro, compartilhando a vida de um

distraído, obcecado e por vezes confuso escritor. Por acaso, estou escrevendo isso no Dia dos Namorados, cheio de gratidão por seu amor que constantemente me sustenta e me apoia.

Parte do material deste livro já apareceu em diferentes formas em *Christianity Today, Books & Culture, First Things, The Beliefnet Guide to Evangelical Christianity* e no livro eletrônico *Christians and Politics*, bem como em alguns *blogs* dispersos no meu *website*. Realmente este tem sido um "trabalho em andamento", e eu me sinto grato a todas as pessoas que me ajudaram ao longo do caminho.

Prefácio

Assumi a tarefa de escrever este livro sobre a graça ameaçada de extinção e acabei escrevendo quatro livrinhos, todos encadernados dentro da mesma capa.

Comecei com uma preocupação de que a igreja está falhando em sua missão de ministrar a graça a um mundo sedento dela. Cada vez mais, mostram as pesquisas, os leigos veem os cristãos como portadores não da boa-nova, mas de notícias ruins. (Primeira parte)

Em seguida, procurei modelos de como poderíamos melhorar essa situação, fixando-me em três grupos: peregrinos, ativistas e artistas. Com base no exemplo que eles dão, podemos aprender a melhor forma de nos comunicarmos com uma cultura que vem fugindo da fé. (Segunda parte)

Depois, senti a necessidade de recuar e fazer uma pergunta básica a que talvez os cristãos não deem a devida atenção: O evangelho é realmente uma boa-nova? E se for, como ele se sustenta à luz de alternativas oferecidas pela ciência, pela *New Age* e por outras crenças? (Terceira parte)

Por fim, retornei brevemente a uma das principais pedras de tropeço da fé: o confuso papel dos cristãos num mundo plural. Para muita gente, o envolvimento de cristãos com a política sufocou nossa mensagem da boa-nova para todos. Como podemos evitar sermos descartados como mais um grupo que só faz *lobby* político? (Quarta parte)

As quatro seções têm suas raízes num livro que escrevi há vinte anos, *Maravilhosa graça*. Como um súbito degelo em pleno inverno, a graça acontece em momentos inesperados. Ela nos para no caminho, recupera nosso fôlego, nos desarma. Se nós a

manipularmos, se tentarmos controlá-la, de algum modo fazemos por merecê-la, isso não seria encontrar a graça. No entanto, nem todo mundo provou dessa maravilhosa graça, e nem todo mundo acredita nela.

Numa época de divisão e discórdia, o reservatório da graça parece estar se esgotando. Por quê? E o que podemos fazer a respeito disso?

Primeira Parte

UM MUNDO COM SEDE

No romance *The Second Coming* [A segunda vinda], um dos personagens de Walker Percy diz sobre os cristãos: “Não posso ter certeza de que eles não detêm a verdade. Mas, se a detêm, por que acontece que eles são tão repulsivos precisamente na mesma medida em que abraçam e divulgam a verdade? [...] Um mistério. Se a boa-nova é verdadeira, por que as pessoas não gostam de ouvi-la?”.[1]

1

Um grande divisor

> Em geral as igrejas [...] tinham para mim a mesma relação com Deus que um *outdoor* tinha com a Coca-Cola: promovia a sede sem saciá-la.
>
> John Updike, *A MONTH OF SUNDAYS* [*Um mês de domingos*][2]

Como cristão, eu me preocupo muito com a maneira pela qual representamos nossa fé aos outros. Somos convocados a proclamar a boa-nova do perdão e da esperança. No entanto, sempre descubro evidências de que muita gente não ouve nossa mensagem como uma boa-nova.

Decidi escrever este livro depois que vi os resultados de levantamentos feitos pelo grupo de pesquisa George Barna. Algumas estatísticas reveladoras saltam aos olhos.[3] Em 1996, 85% dos americanos que não tinham nenhum compromisso religioso ainda viam o cristianismo de modo favorável. Treze anos mais tarde, em 2009, apenas 16% dos jovens leigos tinham uma impressão favorável do cristianismo, e apenas 3% tinham uma boa impressão dos evangélicos. Eu quis explorar o que causou uma queda tão traumática num tempo relativamente tão curto. Por que os cristãos provocam sentimentos hostis — e o que devemos fazer a respeito disso, se é que podemos fazer alguma coisa?

Durante mais de uma década, tive uma janela aberta para a questão de como o mundo secular vê o cristianismo, por meio de um grupo de leitura do qual faço parte. Esses leitores bem informados e muito viajados incluem um advogado especialista em direito ambiental, um filósofo que foi demitido de uma universidade pública em razão de suas convicções marxistas, um perito em

desenvolvimento infantil, um pesquisador em farmacologia, um ouvidor do estado, um advogado falimentar, um bibliotecário e um neurologista. Nossas diferentes carreiras e experiências de vida motivam acaloradas discussões.

Depois de divagar sobre ideias despertadas por algum livro que acabamos de ler, a conversa em geral recai sobre política — uma espécie de sucedâneo da religião, ao que parece. Com exceção de um, todos os meus colegas desse grupo inclinam-se fortemente para a política de esquerda. A exceção é um partidário da doutrina do livre-arbítrio que praticamente se opõe a todos os governos. O grupo me considera uma fonte de informações sobre um universo paralelo que extrapola a órbita social deles. “Você conhece os evangélicos, certo?” Confirmo com um aceno. Em seguida, vem uma pergunta como esta: “Você sabe nos explicar por que eles se opõem tanto ao casamento de *gays* e de lésbicas?”. Respondo da melhor forma possível, mas os argumentos que repito citando líderes evangélicos não fazem nenhum sentido para esse meu grupo.

Depois da reeleição de George W. Bush em 2004, o professor marxista partiu para um ataque virulento contra os evangélicos de direita. “Eles são motivados pelo ódio, puro e simples ódio!”, disse ele. Sugeri o medo como outro possível motivo; medo de que a sociedade se incline para o que os conservadores veem como um rumo problemático. “Não, é ódio!”, insistiu ele, elevando a voz e ficando vermelho numa reação nada típica sua.

“Você conhece pessoalmente algum evangélico de direita?”, perguntei.

“Na verdade, não”, admitiu um tanto embaraçado, embora dissesse que havia conhecido muitos na juventude. Como a maioria dos membros do meu grupo de leitura, ele se criara na igreja; no caso dele, entre adventistas do sétimo dia.

Muitas conversas como essa me ensinaram que a religião representa uma enorme ameaça àqueles que se veem como uma minoria de agnósticos numa terra de crentes. Os que não creem tendem a considerar os evangélicos uma legião de polícia moral determinada a impor aos outros a sua concepção de

comportamento correto. Para eles, os cristãos são contra o aborto, contra os *gays*, contra as mulheres — provavelmente contra o sexo, na verdade —, e a maioria deles educa seus filhos em casa para evitar que se contaminem. Os cristãos às vezes ajudam a resolver problemas sociais, por exemplo, administrando programas de alimentação e abrigo para os pobres, mas fora isso pouco diferem dos fanáticos muçulmanos que, nas sociedades deles, põem em vigor a *sharia*, a lei islâmica.

Um grupo de pesquisa sediado em Phoenix surpreendeu-se ao constatar o alto grau de insultos dirigido aos cristãos, antagonismo que foi muito além de uma simples diferença de opinião em certas questões. Disse o presidente da empresa: "Os evangélicos eram chamados de analfabetos, gananciosos, doentes mentais, racistas, estúpidos, tacanhos, intolerantes, idiotas, fanáticos, maníacos, lunáticos, iludidos, simplórios, pretensiosos, tontos, cruéis, bobos e esquisitos, e essa lista é apenas parcial. [...] Algumas pessoas não fazem ideia alguma sobre o que os evangélicos realmente são ou no que acreditam — elas só sabem que não suportam os evangélicos".[4]

A boa-nova não parece muita boa nos dias de hoje, pelo menos para alguns.

Aroma misturado

Usando uma metáfora inteligente, o apóstolo Paulo escreve sobre "o aroma de Cristo", que pode ter um efeito muito diverso dependendo do nariz que o sente: "Para estes somos cheiro de morte; para aqueles, fragrância de vida" (2Co 2.15-16). Minhas tarefas de jornalista me levam a lugares onde os cristãos exalam um perfume agradável e também a lugares onde eles ofendem as narinas.

Os Estados Unidos estão passando por uma drástica mudança em sua atitude para com a religião, e os cristãos americanos enfrentam novos desafios. Quando um blogueiro chamado Marc Yoder escreveu sobre "10 surpreendentes motivos para nossos filhos deixarem a igreja", baseando-se em entrevistas feitas no Texas (estado comparativamente religioso), sua página virou uma febre.

Em vez de receber cerca de uma centena de visitas, o que seria normal, seu *blog* foi visitado por mais de meio milhão de pessoas. “Não há um jeito fácil de dizer isto”, escreveu Yoder, com palavras que tocam um ponto muito sensível. “A igreja evangélica americana perdeu, está perdendo e quase certamente continuará perdendo nossa juventude.”[5] Se não nos adaptarmos, acabaremos falando para nós mesmos em grupos cada vez menores.[6]

O que está por trás dessa tendência decrescente? Alguma explicação disso eu a consegui de um amigo em Chicago que no passado trabalhou com o pessoal da Willow Creek Community Church, uma das maiores igrejas do país. Daniel Hill conseguiu um segundo emprego como atendente no Starbucks local, onde, como ele percebe agora, sua educação pastoral realmente começou.[7]

“Conversando com a gente, os cristãos agem como se fossem robôs”, disse um freguês quando a conversa enveredou pela religião. “Eles têm um programa a divulgar, e se você não concordar com eles, não querem mais conversa.” Muitas vezes, Hill constatou uma atitude do tipo vale-tudo: “Eu pessoalmente não sigo o cristianismo, mas imagino que qualquer coisa que o faça feliz, você deve abraçá-la”. Uma pessoa lhe disse: “Olhe, todos nós sabemos que ‘Deus’ de algum modo está por aí, mas ninguém tem o direito de dizer a outra pessoa como, na sua visão pessoal, é esse ‘Deus’. Cada um tem a liberdade de expressar isso do jeito que quiser, mas deve guardar sua opinião para si”.

Durante o período que passou no café, Hill ouviu duas distintas abordagens da fé. Os “pré-cristãos” pareciam abertos e receptivos quando o tópico da religião entrava na conversa. Eles não nutriam nenhuma hostilidade real e conseguiam imaginar-se aderindo a alguma igreja no futuro. Contrastando com eles, os “pós-cristãos” alimentavam sentimentos negativos. Alguns traziam consigo lembranças de feridas passadas: uma igreja dividida, um pai ou uma mãe dominador(a), um diretor ou clérigo de alguma instituição para jovens acusados de abuso sexual, um divórcio lamentável com o qual a igreja lidou de modo inábil. Outros simplesmente absorveram

os estereótipos negativos da mídia mostrando fundamentalistas raivosos e evangélicos da TV que adoram um escândalo.

Ouvindo as histórias de Hill, lembrei-me da analogia de C. S. Lewis para comunicar a fé numa Grã-Bretanha secular. Trata-se da diferença entre cortejar uma divorciada e cortejar uma virgem, disse Lewis numa carta a um amigo.[8] A divorciada não se deixa levar facilmente pelos doces galanteios do pretendente — ela já os ouviu antes — e alimenta uma desconfiança básica pelo romance. Nos Estados Unidos de hoje, avalia Hill, cerca de 75% dos jovens "leigos" pertencem à categoria dos pós-cristãos, os "divorciados" da fé.

Nem todo mundo se encaixa numa categoria bem definida, é claro, mas achei a perspectiva de Daniel Hill útil. Passei a avaliar meus contatos pessoais com gente sem comprometimento religioso. Tendo morado na cidade de Hill, em Chicago, preciso concordar com sua avaliação dos jovens urbanos. Nenhum outro morador de nosso condomínio de seis unidades frequentava a igreja, e a maioria via os cristãos com desconfiança. Alguns dos meus amigos do grupo de leitura no Colorado também se encaixam na categoria dos pós-cristãos.

Em contrapartida, grandes porções do sul e do centro-oeste dos Estados Unidos continuam abertas à fé e se encaixam na categoria dos "pré-cristãos". Cresci nesse sul imbuído de religião e, quando volto para lá, sempre me impressiona a diferença de posturas religiosas. O cinturão bíblico em grande parte aceita a estrutura do evangelho. Existe um Deus (nossas moedas não afirmam que "In God We Trust" [Em Deus confiamos]?); cometemos pecados (a música *country* descreve os lascivos detalhes); e Jesus oferece um jeito de perdoar esses pecados (ainda é possível ver *slogans* do tipo "Arrependa-se" e "Jesus salva" em alguns armazéns e *outdoors* do sul). Percorra as estações do seu rádio enquanto estiver dirigindo pelo sul e, com muita probabilidade, você vai ouvir o testemunho de alguém relatando sua vida devassa, agora transformada por uma experiência de conversão e renascimento.

Da mesma forma, em minhas viagens por outros lugares — África, América Latina, regiões da Ásia —, constato o contínuo apelo da mensagem cristã. As pessoas de lá associam os cristãos aos missionários que ali chegaram como pastores, professores, médicos e enfermeiros, agrônomos e assistentes humanitários. O evangelho responde a perguntas importantes, apresenta a promessa de uma vida além da morte e fornece apoio comunitário aos necessitados. Para muita gente, o evangelho ainda soa como uma boa-nova, um encantamento divino capaz de anular o fascínio das trevas que obscurece grande parte da vida sobre a terra.

Voltando dessas viagens, sinto-me chocado quando as pessoas de meu país falam dos cristãos do modo mais sinistro. Os pós-cristãos ouvem a mesma música como se ela chegasse distorcida, saindo de alto-falantes estragados. Os evangélicos que falam do pecado deparam com uma irritada e ameaçadora pergunta: *O que lhes dá o direito de julgar o meu comportamento, especialmente quando muitos deles fazem muitas coisas erradas?* Doutrinas como as da Trindade, da Expiação, do Pecado Original e do Inferno parecem intrigantes, até mesmo incompreensíveis, e quem de qualquer modo pode reivindicar para si a verdade? As pessoas que moram em países ricos, focadas em desfrutar a vida, dão pouca atenção à ideia de uma vida após a morte. E um grande número de Novos Ateus condena todas as religiões como más notícias, como fontes primárias de fanatismos e guerras — um deles definiu as atrocidades do Onze de Setembro como “uma iniciativa baseada na fé” — e anseia pelo dia em que a espécie humana finalmente superará sua necessidade de religião.

Na Europa, sede da fé cristã durante a maior parte de sua história, muitos nunca nem mesmo pensam na religião. Menos de um terço dos franceses e ingleses que responderam a uma pesquisa sequer acredita na existência de Deus. Durante uma visita à França, conversei com um trabalhador da Campus Crusade for Christ [Cruzada Universitária para Cristo] que havia praticado o evangelismo na Flórida antes de se mudar para a Europa. Prancheta nas mãos, ele se aproximava de estranhos e perguntava: “Se você morresse e Deus lhe perguntasse por que você deveria ser

admitido no céu, o que diria?". Essa abordagem tinha resultados divergentes na Flórida, mas na França ele só provocava olhares atônitos; era como se estivesse falando urdu. Agora ele se apresenta com a pergunta: "Você acredita em Deus?". E a típica resposta francesa é mais ou menos esta: "Que pergunta interessante! Vamos ver. Nunca de fato pensei nisso".

Durante minhas viagens internacionais, sinto-me como que num vai e vem entre sociedades pós-cristãs e sociedades pré-cristãs. O divisor cultural aparece nitidamente nos Estados Unidos, onde os cristãos continuam sendo uma força a ser reconhecida. Alguns cristãos respondem a esse divisor julgando com severidade as pessoas de quem eles discordam — uma das principais razões da fama repulsiva dos evangélicos. Diante dessas palavras eu me encolho e reajo sobretudo calando-me sobre minha fé. Nenhuma dessas abordagens é sadia.

Jesus concedeu a seus seguidores o imenso privilégio de ministrar a graça de Deus a um mundo que está com sede. Sendo alguém que bebeu profundamente dessa fonte da graça, quero oferecê-la a um mundo à deriva. Como podemos transmitir verdadeiramente a boa-nova a uma cultura que está fugindo dela?

A boa-nova, desperdiçada

Os quacres têm um ditado: "Inimigo é alguém cuja história nós não ouvimos".[9] Para comunicar-me com pós-cristãos, preciso primeiro ouvir as histórias deles a fim de descobrir como eles veem o mundo e como veem gente como eu. Essas conversas motivaram a criação deste livro. Embora a graça de Deus seja maravilhosa como sempre foi, em meu país dividido o reservatório dela parece estar se esgotando.

Perguntei a estranhos e a pessoas que conheci por acaso: "Por que os cristãos despertam esses sentimentos negativos?". Alguns mencionaram atrocidades sofridas no passado, como a difundida crença de que a igreja executou 8 ou 9 milhões de bruxas (cifra que historiadores sérios consideram exagerada em 99%). Ouvi queixas referentes a escolas católicas e protestantes e histórias de

intolerância do clero — John Lennon não foi expulso de sua igreja na infância por rir num momento inapropriado? Outros repetem histórias como a de Steve Jobs, que abandonou a igreja quando o pastor não soube lhe responder perguntas acerca de Deus e de crianças morrendo de fome na África. A comediante Cathy Ladman expressa um ponto de vista comum: “Todas as religiões são a mesma coisa: a religião é basicamente culpa com feriados diferentes”.[10]

Vizinhanças que outrora acolhiam igrejas agora movem processos contra elas, não apenas por causa de questões de trânsito e estacionamento, mas porque “Não queremos uma igreja em nossa comunidade!”. A animosidade vem à tona quando um astro do esporte se pronuncia livremente acerca da fé. Alguns anos atrás, o armador de futebol americano Tim Tebow e o jogador da NBA Jeremy Lin foram elogiados por cristãos que apreciavam seus estilos de vida honestos e a disposição de discutir suas crenças. Ao mesmo tempo, mesas-redondas de rádio, *sites* na internet e comediantes de programas de fim de noite zombaram impiedosamente dos dois.

Para nossa vergonha, a igreja, ou círculos dela aqui e ali, podem proporcionar bons motivos para aversão. Quando interrompi a escrita deste capítulo, liguei a CNN e assisti a uma reportagem sobre um pastor da Carolina do Norte que propõe que se juntem todas as “lésbicas e os anormais” dentro de um cercado imenso, talvez de 100 km x 100 km, e que se lhes lance alimento por via aérea. No fim, eles acabarão se extinguindo, crocita ele, uma vez que não se reproduzem.[11] Na mesma semana, uma congregação em Indiana aplaudiu entusiasmada um menino de sete anos de idade que cantou uma composição sua: “*Gay* nenhum vai pro céu”.[12] E, depois do tiroteio na escola Sandy Hook, um eminente porta-voz evangélico pôs a culpa em *gays* e nos iPods, na teoria da evolução e nas leis do Supremo Tribunal contra a oração nas escolas.

Recebi recentemente uma carta de uma amiga agnóstica furiosa com o comportamento dos cristãos no funeral da mãe dela. Ela

descreveu a “promoção do medo na tentativa de vender do púlpito a ideia de aceitar Jesus agora” feita por um pastor de uma “Megaigreja Comunitária Sei-lá-do-quê da Graça (Que ironia!)”. Ela acrescentou: “A única razão que me impediu de saltar por sobre os bancos e bater em retirada foi o respeito pela fé evangélica de minha mãe”. Vários dos que participaram do funeral lhe disseram: “Se uma única pessoa aceitou Jesus durante a cerimônia, então a morte de sua mãe valeu a pena”.

O filme *Saved!* [no Brasil, *Galera do mal*][13] nos dá um vislumbre de como a cultura mais ampla enxerga os cristãos. Dirigido por Brian Dannelly, que na infância conseguiu ser expulso de uma escola primária católica e depois de uma escola secundária batista, o filme oscila entre a sátira mordaz e a comédia escrachada. Uma afetada puritana chamada Hilary Faye dirige um coro, as Joias Cristãs, que sequestra potenciais convertidos e tenta expulsar deles seus demônios. A única aluna judia da escola, uma rebelde, finge falar em línguas e rasga completamente sua blusa na capela durante um serviço religioso. Os pais de um adolescente *gay* enviam o filho para um centro cristão de reabilitação — com o incongruente nome de Casa da Misericórdia — para um programa de tratamento que dura um ano. Enquanto isso, Mary, que o seduziu numa tentativa de curá-lo de seu homossexualismo, recebe a notícia de que está grávida. O desenrolar da trama expõe todos os cristãos como hipócritas, com Hillary Faye no topo da lista, logo acima de seu pastor mulherengo.

Na cena final, o personagem *gay* foge da Casa da Misericórdia e junta-se a outros no quarto hospitalar de Mary depois de ela parir. Até mesmo os preconceituosos hipócritas começam a se comover. A mensagem é clara. Por que não podemos aceitar as diferenças uns dos outros — na crença, na moral, na preferência sexual e em tudo o mais? Por que não podemos simplesmente conviver?

Hoje em dia, o princípio da tolerância prepondera sobre todos os outros, e qualquer religião que reivindicar um cantinho da verdade é suspeita. Combine-se isso com a reputação dos cristãos de julgar o comportamento alheio, e obviamente a oposição se intensifica.

Como observou um crítico: “A maioria das pessoas que encontro pressupõe que o termo cristão significa muito conservador, entrincheirado nas próprias convicções, anti*gay*, antiaborto, zangado, violento, ilógico, imperialista; os cristãos querem converter todo mundo e geralmente não conseguem viver em paz com ninguém que não aceite aquilo em que eles acreditam”.[14]

Jesus nunca ordenou que nos saíssemos bem em pesquisas de opinião, mas enquanto pondero a lista de termos que as pessoas empregam para descrever os cristãos, pergunto-me de que modo podemos atuar como sal e fermento numa sociedade que nos enxerga de forma tão negativa.

A moderna Samaria

Estou exagerando? Perguntei-me se sentimentos negativos contra a religião eram um fenômeno local até descobrir uma pesquisa incluindo 18 mil pessoas de 23 países. Em preparação para um debate em 2010 entre o ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair e o ateu Christopher Hitchens, os patrocinadores de Toronto encomendaram uma pesquisa muito simples. Aqui estão os resultados do levantamento feito com base na pergunta: “A religião é uma força para o bem?”.[15]

País	% que respondeu sim
Arábia Saudita	92
Indonésia	91
Índia	69
Estados Unidos	65
Rússia	59
Itália	50
Turquia	43
Canadá	36
Austrália	32
Grã-Bretanha	29
Japão	29
França	24
Bélgica	21

Suécia	19

Ao todo, 52% dos entrevistados julgaram que a religião mais prejudica do que beneficia. Embora a pesquisa não tenha investigado a fundo o que possivelmente possa estar por trás dessas respostas, não pude deixar de perceber que, com algumas exceções, os países com mais história no seio do cristianismo — especialmente na Europa — mostraram menos respeito pela religião como uma força para o bem. Contrastando com isso, a Rússia obteve uma pontuação mais alta, apesar da tentativa de seus líderes ateus de eliminar a religião no século passado. Também notei que o levantamento não incluiu países da África e da América do Sul que estão passando pela experiência de um ressurgimento da fé religiosa.

Os Estados Unidos conservam um respeito básico pela religião, embora possam estar seguindo as tendências europeias: pesquisas mostram um crescimento contínuo entre os "nenhuma-delas" (atualmente um terço dos que estão abaixo da idade de trinta anos), isto é, aqueles que alegam não ter nenhuma religião, uma categoria hoje mais numerosa que todos os episcopalianos, presbiterianos, metodistas e luteranos juntos.

Ao ponderar esses resultados, lembrei-me de um artigo que Tim Stafford escreveu para a revista *Christianity Today* alguns anos atrás.[16] Traçando paralelos com os tempos bíblicos, ele disse que os cristãos dos Estados Unidos às vezes acham que vivemos na Babilônia, como refugiados presos a uma cultura que alardeia valores hostis à nossa fé (pense nos filmes de Hollywood). Na verdade, vivemos em algo mais parecido com Samaria. Nos tempos de Jesus, os samaritanos moravam exatamente ao lado de seus primos judeus, e apesar de terem muito em comum os dois grupos não conseguiam conviver. Como membros de famílias desunidas, nutriam ressentimentos mútuos. Para os judeus, os samaritanos eram hereges, pura e simplesmente. O evangelho de João relata: "Os judeus não se dão bem com os samaritanos" (Jo 4.9).

Muito estranho: grupos mais próximos entre si podem detonar a mais forte inimizade. O mundo que não conhecia Ruanda e a Iugoslávia tinha dificuldades para simplesmente enxergar as diferenças entre os hutus e os tutsis, ou entre os bósnios, sérvios e croatas — no exato momento em que esses mesmos grupos matavam uns aos outros por causa de suas diferenças. E hoje olhamos para a violência do Oriente Médio e nos esforçamos para entender o rancor entre muçulmanos xiitas e sunitas. Povos que são parecidos, mas não exatamente os mesmos, podem de algum modo gerar mais ódio que dois grupos com desigualdades mais óbvias. Isso também era verdade nos tempos de Jesus. Os fariseus usavam o "palavrão" da época quando insultavam Jesus, acusando-o de ser um "samaritano" e estar endemoninhado (Jo 8.48). E, quando os aldeões samaritanos não receberam Jesus, os discípulos sugeriram chamar fogo do céu para destruí-los.

"O problema não é que minha religião é estranha," diz Stafford. "O problema é que minha religião é familiar. Como os samaritanos e os judeus, os cristãos e os não cristãos compartilham parcialmente uma visão de mundo (nossas tradições ocidentais, que incluem a Bíblia), compartilham um ponto de origem (a cristandade) e têm pontos de disputa bem definidos (a exclusividade de Cristo). Temos familiaridade com o que cada um acredita. Suspeitamos uns dos outros. Assim, partimos de um ressentimento."

Penso nos meus amigos do grupo de leitura, que defendem causas como direitos humanos, educação, democracia e compaixão pelos fracos, causas que na sua maior parte têm raízes cristãs. No entanto, os não cristãos veem os cristãos como fortes ameaças a essas causas. Enquanto isso, conservadores cristãos olham para os secularistas e também veem uma forte ameaça. *Foram eles que excluíram a oração das escolas e são eles que denunciam manifestações religiosas no Natal. Pior, eles traíram nossa herança cristã com a redefinição do casamento e a legalização do aborto, e agora estão forçando a aprovação do suicídio assistido.* Os dois grupos, seculares e cristãos, tendem a se isolar e a julgar o outro sem muito diálogo ou interação.

Provei um pouco desses sentimentos apaixonados por trás das guerras culturais quando postei uma citação do falecido Andy Rooney em meu facebook. “Eu decidi que sou contra o aborto”, disse Rooney. “Acho que é assassinato. Mas enfrento um dilema no sentido de que prefiro de longe quem é a favor da livre escolha a quem é a favor da vida. Aceitaria muito mais facilmente um convite para jantar com gente da livre escolha.”[17] Um ligeiro incêndio irrompeu quando foram postados comentários. Alguns detonavam Rooney por ele não ser mais que uma celebridade da televisão sem nenhuma credibilidade real. Outros defendiam voluntários que eram a favor da vida, estabelecendo um contraste entre eles e os perniciosos opositores. Uma senhora escreveu: “Que ideia você está defendendo aqui? A de que você, como Rooney, acha que a companhia de quem apoia o assassinato de inocentes é superficialmente mais agradável que a companhia daqueles que acreditam na proteção desses bebês? Como você é mundano. [...] Seu *post* me dá nojo”.

Resumindo, os comentários enfatizaram a ideia de Rooney. Será que eu gostaria de jantar com os incendiários que comentaram meu *post*? Respondi — e aqui está o tema recorrente deste livro — que a questão não era saber se eu concordava com alguém, mas sim como eu trato gente de quem discordo profundamente. Nós cristãos somos chamados a usar as “armas da graça”, e isso significa tratar até mesmo nossos opositores com amor e respeito.

Como sempre, Jesus mostra o caminho. Quando os fariseus o insultaram como “um samaritano e endemoninhado”, ele negou a acusação de estar possuído pelo demônio, mas não pôs objeções ao insulto racial. Ele censurou os discípulos por sua sugestão de violência contra os samaritanos. Propositadamente, fez de um samaritano o herói de uma de suas melhores parábolas. Jesus saiu de seu caminho para visitar uma aldeia samaritana e ordenou que seus discípulos judeus levassem o evangelho para outras aldeias não judias.

No fim, os discípulos captaram a ideia dele: quando os samaritanos se tornaram com “grande alegria” seguidores de Jesus

após sua ascensão (At 8.8-17), receberam o Espírito Santo por meio do ministério de Pedro e João — o mesmo João que outrora havia evocado fogo do céu para destruí-los.

Sinais de sede

Alguns dos que desprezam a fé ostentam orgulhosamente seu ateísmo, como um sinal de provocação. (O autor alemão Heinrich Böle comentou: “Eu não gosto desses ateus; eles estão sempre falando de Deus”.[18]) Outros descartam a fé de modo mais sério ou procuram alternativas no movimento *New Age* ou em outras religiões. Outros ainda rejeitam a igreja, mas não Jesus. Todos eles estão reagindo a uma fé que já não soa como boa-nova.

As mesmas pesquisas que constatam o crescimento dos “nenhuma-delas”, isto é, dos que não têm nenhuma afiliação religiosa, mostram que muito poucos dentre eles se dizem ateus, embora não tenham encontrado uma morada espiritual. Eu tentei dar ouvidos aos não comprometidos sem considerá-los opositores, mas sim como gente que ainda está procurando. Por que eles deixaram a igreja e talvez a fé? O que podemos aprender deles e como podemos convidá-los a voltar? Será que a boa-nova, uma vez deturpada, pode um dia soar de novo como boa?

Jesus veio “do Pai, cheio de graça e de verdade”, escreveu João no prefácio de seu evangelho (Jo 1.14). A igreja trabalhou incansavelmente a parte dessa fórmula relativa à verdade: testemunho disso são os concílios, credos, volumes de teologia e cismas denominacionais acerca de pontos secundários de doutrina. Alimento uma profunda esperança de que a igreja venha a competir com o mesmo vigor pela distribuição do que Paulo chama de a “incomparável riqueza” da graça de Deus (Ef 2.7). Muitas vezes, ao que parece, somos vistos mais como ministradores da culpa que como ministradores da graça.

João registra um encontro particular entre Jesus e uma mulher samaritana (Jo 4.1-42). Conhecendo bem a antipatia entre os dois grupos, ela se surpreendeu ao ver que um rabino judeu se dignasse lhe dirigir a palavra. A certa altura ela mencionou um dos pontos

doutrinais controvertidos: quem detinha o lugar apropriado de adoração, os judeus ou os samaritanos? Jesus habilmente esquivou-se da pergunta e aprofundou-se numa questão mais importante: sua sede insaciada. Ele lhe ofereceu não um julgamento, mas uma solução duradoura para sua vida desregrada. Para ela, e somente para ela, ele se identificou abertamente como o Messias, e a escolheu como ministradora da graça. A transformação dela chamou a atenção de toda a cidade, e Jesus ficou dois dias entre os "hereges", atraindo muitos à conversão.

A cena de Jesus e a mulher samaritana veio à tona num dia que passei com o escritor Henri Nouwen em sua casa, em Toronto. Ele acabara de voltar de San Francisco, onde havia passado uma semana numa clínica para aidéticos visitando pacientes que, naquele tempo anterior às drogas antirretrovirais, enfrentavam a certeza de uma morte lenta. "Sou sacerdote e, como parte do meu trabalho, escuto as histórias das pessoas", disse-me ele. "Então ficava caminhando de um lado para outro pela clínica perguntando aos pacientes, na maioria homens, se eles queriam conversar."[19]

Nouwen prosseguiu dizendo que sua oração mudou depois daquela semana. Enquanto ouvia relatos de comportamento promíscuo, uso de drogas e atitudes autodestrutivas, percebia sinais de uma sede de amor que nunca fora saciada. A partir daí ele orava: "Senhor Deus, ajuda-me a enxergar os outros não como meus inimigos ou como ímpios, mas sim como pessoas *sedentas.* E dá-me coragem e compaixão de oferecer tua Água Viva, a única que mata a sede profunda".

Nunca mais esqueci aquele dia que passei com esse meigo sacerdote. Agora, sempre que deparo com estridentes céticos que zombam de minhas crenças, ou pessoas cujo comportamento considero ofensivo, lembro-me da oração de Henri Nouwen. Peço a Deus que me preserve do julgamento precipitado, ou da irritação autodefensiva. *Permite-me que eu os veja como pessoas com sede,* oro agora, *e ensina-me a melhor maneira de oferecer a Água Viva.*

Graham Greene escreveu um romance, *A Burnet-out Case* [Um caso arrumado], com implicações autobiográficas, acerca de um

renomado arquiteto de igrejas que conclui que suas obras foram profanadas pelos usuários delas. Não vendo mais sentido em sua arte que já não lhe dá prazer, e abalado pelo suicídio de sua amante, o arquiteto viaja e vai procurar um leprosário no Congo dirigido por missionários católicos e obtém nova energia enquanto supervisiona a construção de um hospital para leprosos.

Nesse meio-tempo, o servente do arquiteto, chamado Deo Gratias, desaparece na selva. Numa cena tocante, o arquiteto vaga pela selva escura chamando aos gritos seu estropiado ajudante leproso: “Deo Gratias, Deo Gratias...”.[20]

Ele estava chamando, muito literalmente, a graça de Deus. De maneiras diferentes todos nós fazemos isso de algum modo, cristãos, pré-cristãos e pós-cristãos. Temos sede.

2

A graça ameaçada de extinção

Mas te alegras vendo o rosto
Dos que sabem que têm sede.

Rainer Maria Rilke[1]

O escritor britânico Theodore Dalrymple confessa: “Não é tão fácil como se poderia supor livrar-se da ideia de Deus”. Depois de reconhecer que não é um crente, ele passa a descrever o vazio. Acreditar que não existe um Deus não elimina a sede.

> Poucos dentre nós, especialmente quando ficamos mais velhos, sentimo-nos inteiramente confortáveis com a ideia de que a vida é cheia de som e fúria, mas não significa nada. Por mais que os filósofos nos digam que é ilógico temer a morte, e que, na pior das hipóteses, deveríamos temer apenas o processo da morte, as pessoas ainda sentem o mesmo medo da morte que sempre sentiram. De modo semelhante, por mais vezes que os filósofos digam que cabe a nós, e a mais ninguém, descobrir o significado da vida, continuamos ansiando por um propósito transcendente. [...] Dizer-nos que não deveríamos sentir esse anseio é um pouco como dizer a alguém em seu primeiro arroubo de amor que o objeto de seus sentimentos não é digno deles. O coração tem razões que a razão desconhece.[2]

Aos ouvidos de quem está sintonizado, os anseios sussurram alto. Um adolescente senta-se no escuro de seu quarto perguntando-se se alguém se importa se ele está vivo ou morto. Uma mulher viciada em sedativos segura um copo plástico em um grupo de recuperação, querendo algo menos vago que um “Poder Superior”. Marido e mulher com muitos anos de casamento olham pela janela do restaurante no dia de seu aniversário, em desagradável silêncio

por não terem nada mais a dizer. Um terapeuta elenca as queixas que ouve de seus pacientes todos os dias — vazio, vaga depressão, um anseio por uma realização pessoal, uma fome de espiritualidade — e diagnostica uma "perda da alma",[3] um vazio que a cultura moderna, com seus atrativos de diversão e bens materiais, não consegue satisfazer.

Estou convencido de que os seres humanos buscam instintivamente duas coisas. Ansiamos por significado, um sentimento de que nossa vida de alguma forma é importante para o mundo que nos cerca. E ansiamos por comunidade, um sentimento de que somos amados.

Embora os cristãos e os não comprometidos possam concordar sobre a causa, discordam em relação à cura. Diferentemente da mulher samaritana, nem todo mundo escolhe provar da Água Viva que, Jesus prometeu, saciaria nossa sede. Para mencionar apenas um exemplo, a filha do famoso cientista Bertrand Russell diz que "a vida inteira [de seu pai] foi uma procura de Deus. [...] De algum modo, subjacente na mente de meu pai, no fundo de seu coração, nas profundezas de sua alma, havia um espaço vazio que outrora fora preenchido por Deus, e ele nunca mais encontrou nada para substituí-lo".[4]

Nas palavras do próprio Bertrand Russell: "Há trevas exteriores, e quando morrermos haverá trevas interiores".[5] O que manteve esse filósofo afastado da fé?

A filha dele menciona uma razão: "Teria gostado de convencer meu pai que eu havia encontrado o que ele vinha procurando, o algo inefável pelo qual ele ansiou a vida inteira. Teria gostado de persuadi-lo de que a busca de Deus não precisa ser em vão. Mas isso foi impossível. Ele havia conhecido um número excessivo de cristãos cegos, sombrios moralistas que sugavam a alegria da vida e perseguiam seus opositores; ele nunca teria sido capaz de enxergar a verdade que eles estavam escondendo".

Lamentavelmente, muitos conhecidos meus que procuram valores espirituais contam histórias semelhantes à de Bertrand Russell, não encontrando na igreja nem um sentimento de comunidade, nem

uma solução para sua busca. A igreja acaba afastando-os de Deus em vez de aproximá-los dele. Ela lhes dá a impressão de ser tediosa e engessada em sua crença, isolada em sua comunidade, intolerante em sua doutrina. Um vizinho meu expressou bem esse sentimento: “Tentei a religião. Passei oito anos em escolas católicas, ia à missa todos os dias e depois aos domingos. O tempo todo em que ficava lá sentado eu queria ir embora. Tenho realmente de acreditar que vou queimar no inferno para sempre porque perdi a missa um dia ou não cumpri uma promessa durante a Quaresma?”.

Outra conhecida minha insultava os cristãos por alimentarem um espírito de “nós contra eles”. Os cristãos presumem que detêm a única resposta certa para os problemas da vida, uma atitude que ela considera arrogante e condescendente. Para ela, a igreja se apresenta como um clube particular que avalia os de fora sobretudo como membros em potencial. “Parece minar completamente a construção de um relacionamento sincero essa atitude de olhar para as pessoas como ‘alvos’ de conversão”, disse ela. E prosseguiu, toda inflamada, até que de repente se controlou por sentir-se demasiado negativa e cínica.

“Há tantas coisas que eu ainda estou tentando entender”, acrescentou ela pensativa. “Mas acho que uma crítica honesta é importante... Estou apenas no processo de imaginar o que significa fazer isso com amor.” Nesse comentário sobre si mesma, essa mulher talvez tenha tocado o problema central dos cristãos em sua comunicação da fé: nós nem sempre o fazemos com amor. Esse é um ponto de partida indispensável para apresentar a fé de um modo repleto de graça.

Amor

“Você nunca entende realmente uma pessoa antes de considerar as coisas do ponto de vista dela, [...] antes de entrar na pele dela e caminhar nela”, disse Atticus Finch, o advogado fictício no romance *O sol é para todos*.[6] Segundo os peritos, esse processo não é simples, e na verdade implica quatro encontros, e não apenas dois.

Imagine-se que eu me encontro com um muçulmano pela primeira vez. Eu me encontro com ele, e ele se encontra comigo. Rondando como fantasmas por trás desses dois encontros, porém, há outros dois: minha imagem de quem ele é, e a imagem dele de quem eu sou. Penso nos terroristas e no Talibã; ele pensa nos *drones* e na pornografia virtual dos americanos. Ambos temos nossa visão obscurecida por preconceitos formados a partir de reportagens, filmes de Hollywood e todos os outros estereótipos envolvidos quando duas raças e culturas se confrontam.

Algo semelhante acontece quando encontro um ateu. Assim que lhe digo que sou um escritor cristão, e ele me diz que é ateu, os preconceitos se apresentam. Para que ocorra um verdadeiro diálogo, precisamos superar esses estereótipos e considerar sinceramente o ponto de vista do outro. Talvez isso seja em parte o que Jesus quis dizer quando recomendou: "Ame o seu próximo como *a si mesmo*" (Mt 22.39).

Pensei nesse processo quando deparei com quatro queixas acerca dos cristãos numa revista publicada pela *Christianity Today*:

- Vocês não me escutam.
- Vocês me julgam.
- Sua fé me confunde.
- Vocês falam do que está errado em vez de corrigi-lo.[7]

Reexaminando essas queixas, ocorre-me que nós cristãos não conseguimos nos comunicar com os outros porque ignoramos princípios básicos de relacionamento. Quando emitimos julgamentos condescendentes, ou proferimos palavras eloquentes que não se traduzem em ação, ou simplesmente falamos sem antes ouvir, nós deixamos de amar — e assim afastamos da Água Viva um mundo sedento. A boa-nova acerca da graça de Deus não é ouvida.

Duvido que Deus contabilize as discussões em que levamos a melhor; Deus pode de fato levar em conta nosso modo de amar. Quando pergunto: "Diga-me a primeira coisa que lhe vem à mente quando menciono a palavra *cristão*", jamais alguém sugeriu *amor*.

No entanto, não há dúvida de que essa é a resposta bíblica apropriada: “Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros”, ordenou Jesus a seus discípulos na última ceia (Jo 13.34). Ele disse que o mundo saberá que somos cristãos — e, mais ainda, saberá quem ele é — quando seus seguidores estiverem unidos no amor.

Deus tem um grande interesse em nosso modo de amar. João acrescenta que nós, por meio do amor, tornamos conhecido um Deus invisível: “Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor está aperfeiçoado em nós” (1Jo 4.12). Em seu famoso capítulo sobre o amor em 1Coríntios 13, Paulo declara que sem amor todas as nossas palavras e atos desafinam, como um prato que retine ou um sino rachado — produzindo sons irritantes que lembram palavras empregadas para descrever os cristãos.

Um amigo meu que trabalhou como consultor no mundo corporativo procedeu uma revisão de todos os cursos que fez — e ministrou — sobre princípios de boa gestão. Ocorreu-lhe que ele nunca havia feito um curso sobre o modo de amar, embora a Bíblia o apresente como o primeiro mandamento da vida. Num encontro do qual participei, ele nos pediu para pensar numa única questão: “Quando me sinto amado?”. Acabei fazendo uma lista: quando alguém me ouve com atenção, faz que eu me sinta importante, me anima (e às vezes me desafia), cuida de mim em momentos de dor, me dá um presente inesperado.

Depois ele nos disse que, quando orientou alguns de seus clientes a fazer esse mesmo exercício, uma executiva de uma firma em crise decidiu pôr em prática o princípio sugerido. Embora sua empresa desencorajasse a confraternização, essa mulher começou a percorrer os corredores e parava nos escritórios para visitar seus empregados, sem nenhuma agenda prévia. A primeira pessoa que ela visitou ficou aterrorizada, achando que ela tinha vindo ao seu escritório para demiti-la. “Não, não”, disse ela. “Só achei que, depois de três anos trabalhando juntos, eu deveria conhecer você.”

Ela passou algum tempo com cada um de seus treze empregados até que um dia seu chefe a chamou para conversar. “Não sei que

diabos você anda fazendo", disse ele, "mas esta empresa estava quase falida. Houve uma reviravolta, e quando perguntei ao pessoal o que aconteceu, todos disseram que você era a responsável."

Muitas conversões acontecem como consequência de uma amizade. Todos os dispendiosos e bem-intencionados programas de evangelização e expansão da igreja combinados só produzem uma fração dos resultados da simples amizade. Tim Keller expressou isso assim: "Não pense em termos do que se costumava chamar de evangelismo da amizade. Pense em termos de amizade. Seu evangelismo deve ser orgânico e natural, e não um conjunto de pontos específicos ou itens de pauta que você vai introduzindo numa possível conversa, agindo, na prática, como um marqueteiro".[8]

Aqui está um teste para saber se estamos amando bem: os outros se sentem felizes por estar em nossa companhia? De algum modo Jesus conseguia atrair gente que a maioria do pessoal religioso desaprovava. No entanto, essa gente renegada claramente gostava de estar com Jesus. Pense na prostituta, que apareceu num jantar sem ser convidada e ungiu Jesus com um perfume caro; ou em Zaqueu, um coletor de impostos desprezado por seus vizinhos como um colaborador de Roma. Em vez de julgar essas pessoas, Jesus as amou e honrou e, com isso, trouxe à tona a sede que só ele podia saciar.

O estranho

Tendemos naturalmente a nos isolar num enclave e a nos associar com pessoas como nós, evitando a oposição de quem vê o mundo de modo diferente.

Admito que prefiro o conforto da convivência com amigos que pensam como eu ao desconforto de outros encontros sociais. "Então, você é escritor... que tipo de livros você escreve?" A resposta correta é mais ou menos assim: "Escrevo livros de teologia popular que exploram questões humanas universais". Em muitos ambientes, se eu der essa resposta, haverá vidrados olhares de espanto, e o autor da pergunta logo se afastará sorrateiro. No

entanto, essas são exatamente as conversas que eu preciso travar: primeiro, para aguçar minhas convicções e, segundo, para pôr em prática minha fé. Nenhuma graça se faz necessária para relacionar-me com alguém que se parece comigo, pensa e age exatamente como eu.

Segundo Jonathan Sacks, que já foi grande rabino da Grã-Bretanha, "A Bíblia hebraica [Antigo Testamento] diz num de seus mandamentos: 'Amarás o teu próximo como a ti mesmo', mas em nada menos que em 36 passagens nos manda 'amar um estranho'". Ele acrescenta: "O supremo desafio religioso é ver a imagem de Deus em alguém que não é nossa imagem".[9]

Com demasiada frequência, os cristãos fazem a abordagem contrária. Alguns demonizam os opositores, estigmatizando-os como "humanistas seculares" ou "hereges" ou "perversos", e depois se fecham na fortaleza de seu modo de pensar. Não muito tempo atrás, a romancista Anne Rice, que alguns anos antes havia falado abertamente de sua conversão, anunciou: "Desisto de ser cristã. [...] Continuo comprometida com Cristo [...], mas sem ser 'cristã', sem fazer parte do cristianismo. Para mim é simplesmente impossível 'pertencer' a esse grupo briguento, hostil, sempre disposto a discutir e merecidamente considerado infame".[10] Ela citou o antagonismo dos cristãos em relação aos *gays* como um fator preponderante em sua decisão.

A política, em particular, alimenta relacionamentos hostis — o contrário do amor —, e os cristãos que entram nessa briga cultural tendem a caricaturar aqueles de quem eles discordam acusando-os de serem *liberais* ou até mesmo *imorais*, e assim os evitam. O radical pregador sulino Will Campbell soube de uma igreja que estava processando um bar *topless* da vizinhança. "Imagine, processá-los!", disse ele. "Não deveríamos antes preferir nos aproximar dos pecadores, fazer amigos entre eles, convertê-los?"[11]

O amor tem o poder de conquistar estranhos. Um caso que ficou famoso nos noticiários de 1995 chocou os dois lados da controvérsia das guerras culturais. Norma Leah McCorvey, a "Jane Roe" da famigerada controvérsia jurídica Roe *versus* Wade no

Supremo Tribunal de Justiça dos Estados Unidos de 1973, converteu-se a Cristo, foi batizada e aderiu à campanha contra o aborto. O mais chocante foi que quem a impressionou foi o diretor do grupo contra o aborto denominado Operação Resgate. Segundo a história que ela mesma conta, a mudança aconteceu quando aquele diretor deixou de tratá-la como adversária. Ele pediu desculpas por tê-la chamada em público de "assassina de bebês" e começou a dividir momentos com ela durante seus intervalos para fumar no estacionamento que, por mais estranho que pareça, os escritórios deles compartilhavam. Com o tempo, McCorvey aceitou um convite para ir à igreja feito por uma menina de sete anos cuja mãe trabalhava na Operação Resgate. Os defensores do aborto haviam demitido McCorvey — seu nebuloso passado de tráfico de drogas, bebida e vida promíscua era ruim para as relações públicas —, mas líderes cristãos não pouparam tempo para orientá-la na fé enquanto a mantiveram longe dos holofotes por algum tempo.[12]

Num mandamento que não se encontra em nenhuma outra religião, Jesus nos ordena que mostremos amor não apenas a estranhos e pecadores, mas também a adversários declarados. "Amem os seus inimigos", disse ele no Sermão do Monte, e "orem por aqueles que os perseguem" (Mt 5.44). Certa vez, enquanto dirigia a palavra à minha igreja, citei essas palavras de Jesus e projetei numa tela a fotografia de uma dezena de terroristas da al-Qaeda. Depois, perguntei: "O que aconteceria se todas as igrejas dos Estados Unidos adotassem um membro da al-Qaeda, aprendesse a pronunciar seu nome e orasse por ele?".

Algum tempo depois, ouvi dizer que um capelão militar reservista chamado Thomas Bruce levou esse desafio a sério. Pouco antes de partir para servir durante um ano no Iraque, ele lançou num *site* o movimento Adopt a Terrorist for Prayer [Adote um Terrorista para Orar]. Registrou a página na internet como ATFP.org, um irônico eco do próprio programa de proteção contra o terrorismo do FBI, o "Anti-Terrorism Force Protection". No seu *site* ele posta fotos de perigosos terroristas das listas dos mais procurados pelo FBI e pelo

Departamento de Estado, e pede aos usuários que “adotem” um deles para orar por ele. Cerca de mil pessoas fizeram isso.

Nem todo mundo gosta da iniciativa de Bruce. Alguém o ridicularizou: “Os cristãos inventam cada coisa esquisita! Isso é simplesmente absurdo. Ame seus inimigos, e seus inimigos vão matar você”. Alguns discordaram do conceito como tal: “Se você alimentar qualquer sentimento que não seja ódio por esses terroristas, sua moralidade está simplesmente falhando”.

Por que Jesus nos daria uma ordem tão absurda? Talvez antecipando objeções, ele providencia uma resposta: “... para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos” (Mt 5.45). A versão de Lucas é ainda mais explícita: “... vocês serão filhos do Altíssimo, porque ele é bondoso para com os ingratos e maus” (Lc 6.35). Quanto mais amarmos, e quanto mais gente improvável amarmos, tanto mais nos pareceremos com Deus — que, no fim das contas, ama criaturas intratáveis como nós.

Martin Luther King Jr. teve muitas oportunidades de praticar o mandamento “Amem os seus inimigos”. Num sermão com esse título, escrito no cárcere depois de ter sido preso durante o boicote aos ônibus de Montgomery, ele explicou seu método:

> Aos nossos mais ferozes opositores nós dizemos: “[...] Façam conosco o que quiserem, e nós continuaremos amando vocês. Não podemos em sã consciência obedecer às suas leis injustas porque a não cooperação com o mal é uma obrigação moral assim como é a cooperação com o bem. Joguem-nos na cadeia, e nós ainda amaremos vocês. Bombardeiem nossas casas e ameacem nossos filhos, e nós ainda amaremos vocês. Mandem seus violentos criminosos encapuzados invadirem nossa comunidade à meia-noite e nos espancarem até nos deixar quase mortos, e nós ainda amaremos vocês. Mas tenham vocês certeza de que nós vamos cansá-los com nossa capacidade de sofrer. Um dia conseguiremos a liberdade, mas não somente para nós mesmos. Vamos apelar de tal modo ao coração e à consciência de vocês que vamos conquistar vocês nesse processo, e a vitória será uma dupla vitória”.[13]

Tendo servido no *front* do Iraque, Thomas Bruce não alimenta ilusões sentimentaloides acerca dos terroristas. Tampouco subestima o poder do amor pelos adversários quando cita um exemplo do livro de Atos. Um discípulo chamado Estêvão foi a primeira fatalidade do terrorismo dirigido contra os seguidores de Jesus. Enquanto seus inimigos atiravam pedras contra ele, Estêvão orava: "Senhor, não os considere culpados deste pecado" (At 7.60). Mais tarde, Saulo, participante ativo do apedrejamento, encontrou-se com Jesus numa visão e arrependeu-se.

"Sabemos nós hoje orar como Estêvão orou então?", pergunta Bruce. E acrescenta uma pergunta mais tocante: "Será que Saulo, que se tornou o apóstolo Paulo, teria encontrado Jesus se Estêvão não tivesse orado por seus inimigos?".

Desdenhadores eruditos

A oposição assume diferentes formas, e o amor enfrenta um duro teste quando nos vemos alvos da indiferença ou de uma espécie de desprezo pedante. Os Novos Ateus zombam abertamente dos cristãos e suas crenças, com Richard Dawkins descartando qualquer religião como "um vírus mental".[14] Considere-se a reação de Virginia Woolf depois de ela ter notícia da conversão do poeta T. S. Eliot ao cristianismo. Ela escreveu a sua irmã:

> Tive uma conversa extremamente lamentável e sofrida com o coitado do Tom Eliot, que pode ser considerado morto para nós de hoje em diante. Ele se tornou anglo-católico, acredita em Deus e na imortalidade e frequenta a igreja. Fiquei realmente chocada. Um cadáver me pareceria mais crível que ele. Quero dizer, tem algo obsceno numa pessoa viva sentada junto ao fogo e acreditando em Deus.[15]

Atitudes assim não deveriam nos surpreender: Paulo, o primeiro missionário, enfrentou o desprezo nos centros culturais de Atenas e Corinto. Alguns anos depois de Virginia Woolf, o pastor Dietrich Bonhoeffer enfrentou zombadores oponentes na Alemanha nazista, onde a elite erudita da nação desprezava a igreja como sendo

hipócrita e mentalmente tacanha. Escrevendo a alguns pastores, Bonhoeffer aconselhou que, em resposta aos desdenhadores eruditos que se posicionam contra a igreja, “o silencioso serviço do amor é o melhor cuidado espiritual”.[16]

Qual é a aparência do amor diante dessa crítica hostil? “A resposta calma desvia a fúria”, nos diz o autor de Provérbios (Pv 15.1). Somos amáveis com os que nos cercam, ou devolvemos na mesma moeda as críticas e xingamentos que recebemos?

No irresistível exemplo do dr. Francis Collins, eu vi como o serviço silencioso do amor pode desarmar quem nos despreza. Ninguém pode duvidar das credenciais de Collins como cientista: ele tem mestrado e doutorado e dirigiu o Projeto Genona Humano em seu vitorioso empreendimento de mapear todos os três bilhões de letras do código genético humano. Collins também se identifica como cristão comprometido e se envolveu em cordiais debates públicos com ateus como Christopher Hitchens e Richard Dawkins (o último numa reportagem de capa da revista *Time*).

Em virtude de sua fé cristã, a nomeação de Francis Collins para dirigir os Institutos Nacionais de Saúde, a maior organização científica dos EUA, Collins foi alvo de acerbas críticas. Um cientista o acusou de demência, e outro se queixou dizendo: “Não quero que a ciência americana seja representada por um palhaço”.[17] Os céticos zombaram de seu respeito pela Bíblia: quando o apresentador de televisão Bill Maher disse a Richard Dawkins (falsamente) que Collins acredita numa serpente que fala, Dawkins respondeu: “Ele não é um sujeito brilhante”.[18]

Com o tempo, porém, Collins conquistou a maioria de seus críticos. Enquanto acompanho sua carreira, uma coisa me impressiona mais que suas numerosas realizações: o modo com que ele trata seus opositores. Em suas visitas periódicas a Oxford, ele toma chá com Dawkins. Da mesma forma, encontrou-se muitas vezes com o ateu militante Christopher Hitchens, autor de *God Is Not Great* [Deus não é grande]. E, quando soube que Hitchens tinha um câncer de esôfago, Collins o contatou oferecendo ajuda: “Como diretor dos Institutos Nacionais de Saúde, eu aprovo muitas bolsas

de pesquisa financiadas pelo governo, e conheço algumas abordagens de ponta baseadas na genômica do câncer".[19] Durante os meses seguintes, passou horas com a família Hitchens examinando várias opções de tratamento.

Christopher Hitchens viveu com seu câncer mais um ano e meio, uma dura provação que ele documentou em colunas escritas regularmente para a revista *Vanity Fair*. Contou que recebeu inúmeras mensagens de cristãos cheios de ódio, inclusive de um que, acreditando erroneamente que Hitchens tinha um câncer de garganta, exultou porque "ele contraiu um câncer naquela parte de seu corpo que ele usava para blasfemar. [...] depois vem o mais engraçado, quando Hitchens é mandado para o inferno para ser torturado no fogo eterno".[20]

No entanto, uma das últimas colunas de Hitchens presta homenagem a Francis Collins, descrito por ele como "um dos maiores americanos vivos" e "nosso médico cristão mais altruísta". Escreve ele: "Esse grande filantropo é também um admirador de C. S. Lewis, e seu livro *The Language of God* [A linguagem de Deus] se propõe a compatibilizar a ciência com a fé. [...] Também conheço o Francis de vários debates públicos e privados sobre religião. Ele tem sido muito bondoso fazendo-me visitas e discutindo comigo todos os tipos de tratamentos novos, até há pouco tempo apenas imagináveis, que poderiam se aplicar no meu caso".

Christopher Hitchens não se converteu no leito de morte e deixou esta vida como ateu convicto. Mas pelo menos de um amigo ele recebeu cuidado espiritual, "o silencioso serviço do amor". Esse amigo cumpriu o mandamento de Hebreus: "Cuidem que ninguém se exclua da graça de Deus" (Hb 12.15). O resto está nas mãos de Deus.

Humildade

Martin Marty, o prolífico estudioso luterano da Universidade de Chicago, relatou na revista *The Christian Century* o que os leitores lhe pediram quando ele se propôs comentar as descobertas da mídia sobre "o novo ateísmo". Juntou uma lista de conselhos, "para

mim mesmo e para qualquer outra pessoa que se interessar", e entre eles estão os seguintes:

- Mantenha-se calmo. Os Estados Unidos viveram ciclos como esse antes e conseguiram sobreviver.
- Envie cartões de agradecimento. Esses autores apontam diferenças numa época de indiferença.
- Não seja irônico. Muitos desses autores são irônicos. Para onde isso nos leva?
- Não soe triunfalista. Alguns dizem que "nós" ganhamos "deles" em números: 97 a 3. Se for verdade, isso representa uma margem confortável para os crentes, mas o que isso prova?
- Não discuta. Ninguém vence discussões — que são determinadas por alguém que já conhece a resposta — acerca da existência ou não existência de Deus, mas todo mundo pode lucrar numa conversa que tenta apresentar boas perguntas e dá respostas.
- Leia livros melhores desses mesmos autores, dos quais você possa aprender alguma coisa, em vez de ler suas polêmicas sensacionalistas sobre um tema que eles não conhecem bem.
- Concorde com esses autores que, em nome da religião, coisas horríveis foram feitas e continuam sendo feitas, mas enfatize que nisso não reside toda a história da religião. A crítica da religião que procede de dentro dela é mais investigativa e mais importante.
- Mire-se no espelho se você for um cristão, e pergunte se alguma coisa que alguém está dizendo ou fazendo confere uma base legítima para que as vozes contrárias à religião se pronunciem e assim cria um mercado para livros como esses.[21]

Impressiona-me o tom de humildade por trás dos comentários de Marty, um dos mais distintos estudiosos da religião dos Estados Unidos.

Peça a pessoas descomprometidas com a fé que descrevam os cristãos, e você provavelmente ouvirá palavras como "presunçosos",

“intransigentes” e “hipócritas”. Os cristãos dão a entender que são superiores, críticos, desaprovadores da crença dos outros ao mesmo tempo que defendem a própria crença. Quando percebo essas tendências em mim mesmo, tento me lembrar de como me sinto quando alguém argumenta que estou errado acerca de alguma coisa — isso me dá uma forte indicação de como devem se sentir os outros quando eu apresento minhas crenças de modo insensível. Ainda não conheci ninguém que tenha descoberto seu caminho para a fé por meio de críticas recebidas.

Quando me formei numa faculdade cristã, eu sabia tudo: quem eram os “verdadeiros cristãos” e quem eram os falsos; quais teólogos eram ortodoxos e quais eram heréticos; qual comportamento era espiritual e qual não era. Ano após ano desde a graduação, fui tomando mais consciência de como sei pouco. Ao mesmo tempo, aprendi a abraçar o mistério, uma atitude que descubro em livros bíblicos como Jó, Eclesiastes e Salmos. E estou aprendendo a acrescentar, em espírito quando não em palavras, a ressalva: “É claro que posso estar errado”.

Nós cristãos não temos todas as respostas. Tropeçamos enquanto seguimos adiante, acreditando que um Deus invisível realmente existe, que a vida é mais que apenas som e fúria, que apesar de todas as aparências o universo é um produto do amor pessoal. Ao longo do caminho, confundimos questões éticas e deixamos de perceber as prioridades do reino de Deus. Temos pouco de que nos orgulhar.

O reverendo Henri Nouwen aprendeu a humildade numa viagem missionária para a América do Sul. Ele partiu esperando transmitir sua sabedoria aos pobres e aos que viviam nas trevas. Durante sua estada de seis meses, Nouwen concluiu que um desejo de salvar, seja do pecado seja da pobreza seja da exploração alheia, é um dos mais perniciosos motivos do ministério religioso. “A humildade é a verdadeira virtude cristã”, diz Nouwen. “Quando nos damos conta de que [...] só Deus salva, então estamos livres para servir, então podemos levar uma vida realmente humilde”.[22] Nouwen mudou sua abordagem de “vender pérolas”, ou mascatear a boa-nova, para

“caçar o tesouro” já presente nas pessoas que ele foi chamado a amar — uma mudança da ministração da religião para a ministração da graça.

Faz toda a diferença do mundo o fato de eu ver meu vizinho como um potencial convertido ou como alguém que Deus já ama.

Duas histórias

Como comunicamos com humildade uma fé profundamente sentida? Duas histórias podem ilustrar o jeito.

Em seu livro *Blue Like Jazz,* Donald Miller relata ter montado um confessionário na universidade liberal que frequentava no estado de Oregon. Ele e mais um grupo de colegas cristãos atendiam os usuários no meio de uma barulhenta balada no *campus*, famosa por suas bebedeiras e libertinagens. Numa surpreendente virada, porém, os cristãos usaram o confessionário para confessar seus próprios pecados a céticos estudantes que iam passando. Pediam perdão por erros cometidos pela igreja e pelas maneiras como eles haviam pessoalmente falhado em não pôr em prática aquilo em que acreditavam.

Como Miller confessou a um surpreso curioso: “Jesus mandou alimentar os pobres e curar os enfermos. Nunca fiz quase nada a respeito disso. Jesus disse que era para amar quem me persegue. Minha tendência é dar o troco, especialmente se me sinto ameaçado, sabe como é, ameaçado em meu ego. Jesus não misturava sua espiritualidade com política. Eu cresci fazendo isso. Isso atrapalhou a mensagem central de Cristo. Sei que isso era errado e que um monte de gente não vai ouvir as palavras de Cristo porque gente como eu, que o conhece, introduz na conversa a própria pauta em vez de simplesmente passar adiante a mensagem que Cristo quis transmitir”.

Durante várias horas, Miller e seus amigos falaram com dezenas de colegas da universidade. “Muitos deles queriam nos abraçar quando terminávamos”, escreve ele. “Todos os que visitaram o confessionário mostraram-se gratos e corteses. Eu ia me

transformando nesse processo. Entrei com dúvidas e saí acreditando...”[23]

A segunda história aconteceu no estado vizinho de Utah. Durante anos, Craig Detweiler vem trazendo seus alunos de comunicação das universidades de Biola e de Pepperdine para o Festival Sundance de Cinema, a mais importante vitrine de filmes independentes. Houve um ano em que o festival exibiu um filme, com lotação esgotada, que retratava com mordaz crítica os evangélicos americanos. O filme conta a história de uma família tradicional do subúrbio vitimada num acidente de carro a caminho de um encontro religioso numa igreja batista do sul. Quando os membros dessa família chegam ao céu, um Jesus tatuado os manda de volta para a terra, desta vez livres do pecado original, e eles celebram seu estado de inocência circulando nus e fazendo coisas que chocam seus amigos e vizinhos. Escandalizados, outros cristãos reunidos para um estudo bíblico concebem um plano: servir à família ressuscitada uma torta de maçã envenenada para mandá-la imediatamente de volta para o céu.

A plateia do festival riu estrondosamente durante todo o filme, deliciando-se com a representação dos cristãos como gente reprimida, intolerante e até homicida. O diretor foi aplaudido de pé e depois respondeu a perguntas da plateia. Alguém perguntou se algum cristão conservador já havia visto o filme. “Estou preparado para essa luta”, declarou ele, provocando mais aplausos.

Instintivamente, Craig Detweiler se pôs de pé para responder. Vou deixar que ele mesmo relate o que aconteceu em seguida:

> Esforcei-me para compor meu discurso. Minha voz falhava ligeiramente. Consegui dizer: “Jay, obrigado pelo filme. De alguém que nasceu na Carolina do Norte, colega cineasta e cristão evangélico...”.
>
> Nunca emprego o termo *evangélico*. Ele está tão carregado de conotações negativas que geralmente tento me distanciar dessas associações. Mas, nesse caso, me pareceu muito correto. Eu estava falando para uma comunidade, respondendo a um posicionamento particular que nós havíamos determinado para nós mesmos. Jay recuou, pronto para o embate. Ficou tenso, preparando-se para contra-atacar. A

plateia sentiu que a coisa estava prestes a ficar preta. Minhas palavras seguintes o pegaram desprevenido:

"Jay, eu peço desculpas por qualquer coisa que tenha sido feita contra você em nome de Deus".

Toda a atmosfera da sala mudou. Membros da plateia se viraram. "Será que ouvi direito?" Os pescoços se esticavam. "Quem disse isso?" Jay relutou em busca de palavras. Ele estava pronto para ser atacado. Não estava pronto para um pedido de desculpas. Limitou-se a um modesto "Muito obrigado". A plateia ficou literalmente desarmada. [...]

Membros da plateia se aproximaram de mim depois para me abraçar. Um casal de lésbicas me agradeceu. Rapazes *gays* me beijaram. Uma pessoa disse: "Se isso for verdade, posso considerar dar uma segunda chance ao cristianismo". Lágrimas foram derramadas em abundância. Tudo o que foi preciso foram duas palavrinhas: "Peço desculpas".

Meus alunos aproveitaram a ocasião e falaram com os atores e o pessoal da filmagem, convidando-os para conversar mais. Nossos "inimigos" rapidamente tornaram-se amigos e almoçaram conosco. O pessoal da filmagem acompanhou nossa aula no dia seguinte, respondendo a perguntas durante uma hora. Um ator admitiu que estava com muito medo de entrar na igreja onde se deu nosso encontro. No palco, ele confidenciou: "Ao entrar neste prédio, meu coração bateu mais forte do que em qualquer teste para ator de que já participei". O produtor do filme disse: "Este foi o momento mais significativo de nossa semana". Um simples pedido de desculpas desencadeou uma série de conversas e diálogos sobre nossa fé e sobre como a vivemos.[24]

Experiências como essa me convencem de que a abordagem de admitir nossos erros, além de ser consistente em relação ao evangelho da graça, também é a mais eficaz para mostrar quem somos. A propaganda afasta as pessoas; a humilde admissão de erro as desarma. Longe de confessar que temos tudo sob controle, nós cristãos geralmente confessamos que não é assim. No fim das contas, Jesus disse que veio para os enfermos e não para os sãos, para os pecadores e não para os santos. Nas palavras da antiga canção *gospel*, "Ele olhou para além de meus defeitos e viu minha necessidade". Os verdadeiros seguidores de Jesus se distinguem primeiramente por admitirem falhas e a necessidade de ajuda.

3

Sede da alma

A alma só tem certeza de que tem fome. [...] Uma criança não para de chorar se lhe dissermos que talvez não exista pão. Ela continua chorando do mesmo jeito.

Simone Weil[1]

Já mencionei meus amigos do grupo de leitura, que veem os cristãos principalmente como um bloco político de eleitores. Em dez anos de encontros regulares, apenas duas vezes eles mostraram um interesse patente em matérias de fé.

Uma noite, Josh nos falou sobre sua irmã, atualmente uma evangélica do conservador *Tea Party* que mora na Virginia. Ela havia sido viciada em drogas, incapaz de manter um emprego ou salvar seu casamento. “Então, um dia ela encontrou Jesus”, disse Josh. “Simplesmente não há outra maneira de explicar o que aconteceu. Ela mudou da noite para o dia. Suas ideias me deixam louco, mas não posso negar que sua vida mudou. Ela havia tentado todos os tipos de terapia de recuperação ou reabilitação, e nada havia funcionado.”

Mais tarde, à noite, Josh me pediu em particular para lhe recomendar alguns livros que pudessem explicar a fé cristã de uma forma que ele pudesse entender. “Minha irmã me manda livros que absolutamente não convencem”, disse ele. “Parecem escritos para quem já acredita neles. C. S. Lewis seria apropriado?” Com um sorriso de aprovação, fui até minhas estantes para pegar algumas obras desse autor.

Noutra ocasião, para minha grande surpresa, o professor marxista pediu meu conselho sobre versões da Bíblia. Ele havia decidido

comprar uma que iria ler do começo ao fim, de Gênesis a Apocalipse. “Esse é um objetivo impressionante”, disse eu. “O que o motivou?” Eu sabia que, há vários anos, ele vinha lutando contra um câncer de próstata. Recentemente, explicou ele, os médicos o haviam informado de que o fim de sua vida estava próximo. Nas poucas semanas ou meses que lhe restassem, ele queria revisitar com um olhar amadurecido a fé abandonada na juventude.

Conversamos várias vezes antes de ele morrer. “Concordo com você sobre as perguntas”, dizia ele. “Só não concordo com as respostas.”

As perguntas — universais, comuns a todos nós — são um bom ponto de partida para começar a transmitir a boa-nova.

Perdido e achado

Thomas Merton escreveu em seu diário: “De fato, a aridez espiritual é uma das mais agudas experiências de anseio que podemos ter”.[2] Contemplo no meu íntimo minha própria sede espiritual, e também penso nas pessoas que conheço. Quais são os sintomas? Uma incansável busca de prazer, medo da morte, tédio, vício — qualquer um desses estados pode trair um anseio que, no fundo, é espiritual. São os gritos e sussurros de alguém que perdeu o rumo.

Muito diferente será meu relacionamento com os não comprometidos se eu os enxergar não como *maus* ou não salvos, mas sim como *perdidos*. Para alguns, essa palavra evoca cenas de pregadores de missões fulminando contra “os perdidos”. Eu a entendo num sentido diferente, mais compassivo. Várias vezes em caminhadas pelas montanhas do Colorado, deixei de observar os marcos ao longo da trilha e me desviei do caminho. Fico então olhando confuso para o meu mapa e para a bússola, tentando não entrar em pânico. Já gastei muito tempo e energia e conheço os perigos de passar a noite despreparado numa vastidão nas alturas. Finalmente vejo outro caminheiro e o chamo aos gritos. Quando me aproximo, ele cordialmente pega meu mapa e mostra onde estou e para onde preciso ir. A ansiedade desaparece quando percebo que já não estou perdido. Conheço o caminho para casa.

Devo, porém, dizer que também descobri inesperados tesouros nesses desvios nas montanhas, nessas vistas e surpresas que poucos outros caminheiros chegam a provar. Quando sei que estou a salvo, posso olhar para trás e ver as horas em que andei perdido como uma aventura, com a qual posso aprender. É muito estranho, mas os momentos mais assustadores, como quando supero um penhasco e depois não consigo achar um caminho para descer, tornam-se as histórias que eu mais gosto de compartilhar com colegas alpinistas.

Barbara Brown Taylor relembra suas andanças: “Perdi meu rumo na vida inúmeras vezes. Parti para o casamento e acabei no divórcio. Parti para lutar pela saúde e acabei doente. Parti para morar na Nova Inglaterra e acabei na Georgia. Aos trinta anos, parti para exercer o sacerdócio em alguma paróquia, planejando passar o resto da vida cuidando das almas em qualquer congregação que me aceitasse. Quase trinta anos depois, sou professora”. Ela conclui:

> Embora nenhum desses deslocamentos fosse inicialmente agradável, eu não excluiria nenhum deles se pudesse. Descobri coisas enquanto estava perdida que nunca descobriria se tivesse seguido a rota traçada. Vivi momentos na vida que ninguém em sã consciência jamais teria livremente escolhido, descobrindo neles suficientes tesouros ignorados para compensar com vantagem meus lucros possíveis na vida que eu havia planejado. Essas são apenas algumas das razões que me levaram a parar de lutar contra a perspectiva de me perder e, em vez disso, a fazer dela uma prática espiritual. A Bíblia me ajuda muito nessa prática, pois me lembra que Deus realiza alguns de seus melhores trabalhos servindo-se de pessoas que estão, realmente, seriamente perdidas.[3]

Em toda a minha vida de estudo da Bíblia, tenho procurado um tema abrangente, uma afirmação que resumisse o assunto de toda essa vasta obra. Fixei-me no seguinte: “Deus recupera sua família”. Do seu primeiro ao último livro, a Bíblia fala de filhos rebeldes e das complexas tentativas de Deus para trazê-los de volta para casa. De fato, todo o drama bíblico termina com uma enorme reunião familiar no livro de Apocalipse.

Muitas das histórias de Jesus enfocam o tema da perdição, expresso do modo mais comovente na parábola do filho pródigo. As histórias de Jesus sobre a perda — de uma moeda, uma ovelha, um filho — sublinham dois pontos importantes. Primeiro, os perdidos têm grande prioridade, valendo qualquer esforço para encontrá-los, mesmo quando isso significa deixar para trás noventa e nove ovelhas e buscar a que está perdida. Segundo, o encontro dos perdidos merece celebração. “Ele [o filho pródigo] estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado”, gritava o pai exultante, justificando seus braços abertos cheios de graça diante do ressentido irmão mais velho (Lc 15.32).

As histórias de Jesus eram uma ameaça para os fariseus, que se contentavam em evitar os perdidos e associar-se a outros fariseus, conseguindo *status* pela observância das regras conhecidas. Os perdidos são uma ameaça também para mim, pois prefiro o conforto da religião previsível à complicada tarefa de buscar os perdidos. A parábola do filho pródigo, de modo especial, derruba minhas nítidas categorias que separam os responsáveis dos irresponsáveis, os obedientes dos rebeldes, os morais dos imorais. É o que faz a graça.

Num regato que corre ao lado de minha casa no Colorado, tenho uma constante, surpreendente imagem da dádiva da graça para os que não a merecem. Como a água, a graça vai fluindo para baixo. O regato que começa como um fio d’água numa geleira em degelo no topo de uma montanha vai serpenteando em descida para formar riachos, depois lindos lagos alpinos, depois um turbulento rio e por fim um amplo lago azul. Passando por esse lago, às vezes penso no hino “There’s a Wideness in God’s Mercy” [Há amplidão na misericórdia divina].

Aprendi com o teólogo Jürgen Moltmann uma nova maneira de considerar os perdidos. Ele abraçou a fé durante a Segunda Guerra Mundial, na condição de soldado alemão preso num campo britânico de prisioneiros de guerra. Senhoras escocesas traziam para os prisioneiros inimigos comida caseira e uma Bíblia. Tocado por esse gesto, Moltmann começou a ler. Depois da guerra, voltou para sua terra natal, onde passou a servir como pastor e professor na

hierarquia da igreja alemã. Mais tarde, porém, começou a questionar um sistema religioso que estratifica bispos, sacerdotes e leigos e depois os posiciona contra os que não creem. Acaso Jesus não chamou seus seguidores de irmãos e irmãs, significando com isso algo mais parecido com uma família que com uma corporação? Acaso Deus não reina sobre o mundo inteiro, inclusive sobre os que não estão no rebanho?

"A igreja está onde está Cristo", concluiu Moltmann. A igreja *manifesta* inclui os que aceitam Cristo e abraçam o evangelho. "Mas Cristo também está onde normalmente vamos encontrar os pobres, os famintos, os enfermos e os prisioneiros: 'O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram'. Essa é a igreja *latente*."[4] Não se pode ler a Bíblia sem ouvir a altissonante mensagem de que Deus cuida dos deslocados, dos escravizados, dos oprimidos, dos humildes, dos necessitados — em outras palavras, daqueles que conhecem sua condição de perdidos e desejam ser encontrados.[5]

As bem-aventuranças mostram claramente que os inquietos e descontentes — a igreja latente, na frase de Moltmann — podem já estar muito perto de Deus. Pense nisso. Os ricos agem como se a vida nunca chegasse ao fim; os pobres sentem crises de fome querendo algo mais. Os que choram sentem a ruptura de um mundo separado de Deus e assim aproximam-se mais do Pai que promete renovar todas as coisas. Os pacificadores e os misericordiosos, seja qual for sua motivação, lutam pela harmonia, por uma família humana restaurada.

Os pobres em espírito estão tão habilitados quanto os que são economicamente pobres. Christian Wiman, o refinado editor da revista *Poetry*, emprega as mesmas palavras de Moltmann para descrever os estímulos que o trouxeram de volta à fé. Escreve ele: "Quando aceitei a fé que estava *latente* dentro de mim — e eu escolho as palavras com cuidado, deliberadamente, pois não houve nenhuma luz, nenhuma pregação ou anjo vingador que cindiu minha vida em duas; pelo contrário, tive a impressão de que a menor semente de crença havia finalmente florescido em mim, ou, mais

precisamente, foi como se por acaso eu tivesse descoberto alguma flor rara no meio do deserto e tivesse sabido, embora a estivesse apenas descobrindo, que ela vinha florescendo misteriosamente ano após árido ano dentro de mim, sobrevivendo a todas as estações de minha descrença".[6]

Faz uma enorme diferença se trato alguém que não crê como trato alguém que está *errado*, e não como alguém que está a caminho, mas perdido. Vejo um modelo útil no discurso do apóstolo Paulo no centro cultural de Atenas, registrado em Atos 17. Em vez de condenar sua plateia ao inferno por prática de idolatria, Paulo começa elogiando a busca espiritual de seus ouvintes, em especial sua devoção a um "Deus desconhecido". Deus planejou a criação e a vida humana, disse Paulo aos atenienses, para que "os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora [ele] não esteja longe de cada um de nós" (At 17.27). Paulo constrói sua argumentação partindo de uma base comum, citando dois autores atenienses para afirmar verdades fundamentais. Demonstrando humilde respeito por seus ouvintes, ele aborda os temas do estado de perdição e da família desagregada antes de apresentar um entendimento mais rico de um Deus que não pode ser capturado em imagens de ouro, prata ou pedra.

Há um tempo para criticar a cultura ao nosso redor e um tempo para ouvir. Nesse processo, talvez se desperte uma sede latente. "Fui procurar o espírito e descobri a bebida; fui procurar a alma e adquiri certo estilo; fui me encontrar com Deus, mas eles me venderam religião", assim o astro do *rock* Bono grita às vezes em seus *shows*.[7] Em "Yahweh", canção que eu o ouvi cantar num estádio lotado, ele apresentou a Deus suas mãos, que se fecham em punhos, sua boca "tão propensa a criticar" e finalmente seu coração: "Toma este coração e arrebenta com ele". No fim do concerto, Bono tinha vinte mil fãs cantando com ele a canção "Hallelujah", de Leonard Cohen.

Quando decidiu conversar detalhadamente sobre sua fé, Bono escolheu um colaborador improvável, um estranho à fé. No livro que resultou disso, o jornalista agnóstico francês Michka Assayas

desafia Bono a explicar como é possível ele acreditar no cristianismo estando exatamente no meio do mundo secular do *rock.* Uma por uma, Bono responde às perguntas do jornalista. Admite sem pejo as falhas da igreja, mas também afirma que seguir Jesus satisfaz sua busca de significado na vida e lhe proporciona causas pelas quais lutar que vão além da fama e do prazer.[8]

Base comum

Dag Hammarskjöld, que exerceu o cargo de secretário-geral da ONU durante alguns dos anos mais tensos da Guerra Fria, explicou que ao lidar com adversários ele sempre começava procurando o mínimo ponto de base comum. Quando descobria um único ponto de acordo entre duas partes, trabalhava para construir um relacionamento e uma confiança que pudessem conduzir a um diálogo sincero sobre questões mais difíceis. Como modelo, ele tomava Jesus, que foi a maneira pela qual Deus compartilhou a base comum da humanidade: “Ele se sentava à mesa com publicanos e pecadores, ele convivia com prostitutas”.[9]

Comunicar a fé aos céticos geralmente funciona melhor quando a conversa enfatiza como somos iguais, e não como somos diferentes. Estou aprendendo a resistir à tendência de enxergar os outros como opositores ou alvos e, em vez disso, procuro áreas de base comum, pontos onde podemos ficar juntos. Percebo que muitos pós-cristãos vivem de acordo com o que chamo de “hábitos da alma”, pondo em prática princípios de compaixão e justiça que persistem até mesmo numa sociedade que está se afastando da fé. “Como um sussurro em ruas escuras, rumores de Deus correm em seu sangue escuro”, escreveu o poeta Rilke.[10]

Apologistas cristãos enfocam as ideias e a verdade. Embora importante, essa abordagem pode ser superestimada, pois a maioria das pessoas não passa muito tempo refletindo conscientemente sobre a verdade. Em vez disso, elas agem por instinto. Alguns dos instintos são muito bons, e muitos são um legado de um passado cristão. Por exemplo, todas as pessoas que conheço no campo da medicina aceitam a necessidade de tratar os “indignos”, tais como

as pessoas irresponsáveis cujos problemas elas mesmas causaram, mesmo se, de um ponto de vista estritamente pragmático, esse tratamento faça pouco sentido. (Na Índia, conheci brâmanes que desconsiderariam a possibilidade de ajudar pobres ou doentes; eles acreditam que essa caridade recompensa erroneamente pessoas que merecem seu lastimoso estado como punição por obras praticadas numa vida anterior.)

Ou, então, penso em tudo o que tenho em comum com meus amigos do grupo de leitura. Temos muitos interesses iguais e compartilhamos preocupações acerca da condição de nossa sociedade. Essas pessoas não querem que seus filhos se percam usando anfetaminas, que engravidem sem casamento, ou que enveredem pela violência do crime. Cidadãos responsáveis, eles contribuem com a sociedade tanto em suas carreiras como em suas atividades voluntárias. Atuando sobretudo por meio da política, advogam em defesa de crianças abandonadas e de causas ambientais. Eu posso construir pontes pela afirmação desses instintos, apesar de sua origem incerta.

Nesse processo, os não comprometidos me desafiam a examinar a razão de eu defender esses valores. Colaboro com a Sociedade Audubon e com os Amigos da Terra porque vejo o mundo natural como uma obra de arte de Deus e quero preservar o magnífico planeta no qual ele nos colocou. Apoio a Anistia Internacional e a Missão Internacional de Justiça em sua defesa de oprimidos e de prisioneiros políticos, porque acredito que cada pessoa deste mundo expressa a imagem de Deus e tem valor supremo. O mero egoísmo me tenta a negligenciar os mais fracos, ao passo que minha fé exige que eu cuide deles.

Para minha surpresa, muitos pós-cristãos não conseguem explicar seus bons instintos. Sigmund Freud sentia-se intrigado com os seus. Admitiu que algo dentro dele o levava a agir moralmente, até mesmo a praticar uma moralidade sexual na qual ele não acreditava, embora não soubesse explicar esse comportamento. “Por que eu — e incidentalmente também meus seis filhos adultos — temos de ser seres humanos tão absolutamente decentes é para

mim algo muito incompreensível", disse ele.[11] Como Freud, muitos modernos põem em prática hábitos da alma absorvidos de uma cultura influenciada pelos cristãos.

A maioria das pessoas supõe que a vida tem algum significado, embora cientistas e filósofos proeminentes afirmem o contrário. Albert Camus escreveu um romance, *O estrangeiro*, retratando um homem chamado Meursault que põe em prática sua convicção de que a vida não tem nenhum propósito ou destino final. "Você me ama?", pergunta-lhe a namorada, e ele responde que provavelmente não e de fato não vê sentido naquela pergunta. "Você quer se casar comigo?", insiste ela. Ele é indiferente, não se importando com uma possibilidade nem com a outra. A morte de sua mãe também não desperta nele nenhuma reação emocional; de fato, ele vai nadar e assistir a uma comédia no cinema no dia seguinte. Por fim, Meursault assassina um homem sem motivo algum, mais uma vez não mostrando nenhuma emoção. O tribunal o condena à morte, que ele também enfrenta com total indiferença. Não tem absolutamente nenhuma importância se ele faz isso ou o contrário disso. "Só existe um problema filosófico realmente sério, o suicídio", disse o autor Camus,[12] e seu perturbador romance corrobora essa filosofia.

Quem, todavia, vive desse jeito? Instintivamente, nós não vivemos com absoluta indiferença. Julgamos algumas coisas como mais belas que outras, algumas pessoas mais virtuosas que outras, algumas ações mais significativas que outras. Nós nos apaixonamos, cuidamos de crianças desamparadas, choramos quando perdemos parentes, sentenciamos assassinos — de mil maneiras vivemos supondo que a vida tem significado, que o amor, a beleza, a verdade, a justiça e a moral não são apenas conceitos arbitrários, mas são de algum modo reais.

Fazemos escolhas supondo que elas têm importância, apesar de todos os pensadores modernos declararem exatamente o contrário. Esse sentimento no fundo é teológico. "Ou a vida é santa e tem um sentido, ou a vida não significa absolutamente nada", diz o autor Frederick Buechner.[13]

Em áreas cruciais, não cristãos e cristãos ocupam uma grande área de base comum. Como Paulo discursando para os atenienses, podemos afirmar os bons instintos ainda presentes na cultura ao nosso redor enquanto indicamos sua fonte.

Em fevereiro de 2013, o periódico *Christianity Today* publicou o testemunho de Rosaria Champagne Butterfield, que se descreveu, numa fase mais jovem, como uma "professora lésbica de esquerda" que desprezava os cristãos. "Eu me cansei de estudantes que pareciam acreditar que 'conhecer Jesus' significava não conhecer quase mais nada de outros assuntos. Os cristãos em particular eram maus leitores, sempre aproveitando oportunidades para inserir um versículo bíblico numa conversa com o mesmo objetivo de um ponto final: encerrar a conversa em vez de aprofundá-la. Coisa estúpida, que não chegava a ponto algum, mas ameaçava. Era isso que eu pensava dos cristãos e de seu deus Jesus, cuja imagem representada em pinturas era tão poderosa como a de uma modelo de comerciais anunciando um *shampoo.*"[14]

Como professora de inglês e de estudos da mulher, Butterfield se preocupava profundamente com a moral, a justiça e a compaixão. Para orientar-se, recorria a Freud, Hegel, Marx e Darwin — e não a Jesus, principalmente por causa do seu zeloso "bando de guerreiros". Enquanto pesquisava a "direita religiosa" e "suas políticas de ódio contra homossexuais como eu", ela se obrigou a ler a Bíblia, a fonte que, na opinião dela, havia desencaminhado tanta gente. Publicou um artigo crítico num jornal local acerca da organização cristã para homens denominada Promise Keepers [Cumpridores da Promessa] e depois arquivou as cartas dos leitores em duas caixas, uma para as cartas expressando ódio e outra para cartas expressando apoio.

Uma carta, porém, não cabia bem em nenhuma das duas caixas. Numa espécie de espírito inquiridor, um pastor presbiteriano da cidade de Syracuse, no estado de Nova York, a incentivava a explorar mais a fundo suas conclusões. Como ela chegou a elas? Em que se baseou para tomar decisões sobre suas convicções morais? Depois de inicialmente jogar fora essa carta, ela mais tarde

a resgatou do cesto de reciclagem e ficou olhando para ela. No fim, acabou aceitando um convite para jantar com o pastor e ao longo dos dois anos seguintes tornou-se amiga de Ken e de sua esposa, Floy. “Eles entraram no meu mundo”, recorda-se ela. “Encontraram-se com meus amigos. Trocamos livros. Conversamos abertamente sobre sexualidade e política. Não agiam como se essas conversas os estivessem poluindo. Não me trataram como uma lousa em branco.”

Nesse meio-tempo, Butterfield continuou lendo a Bíblia, muitas vezes, em várias traduções. Finalmente, viu-se num banco da igreja do pastor, sentindo-se constrangida com seu corte de cabelo masculino. “Depois, num dia qualquer, cheguei a Jesus, despida e de braços abertos. Nessa guerra de visões de mundo, Ken estava presente. Floy estava presente. A igreja que vinha orando por mim havia anos estava presente. Jesus triunfou. E eu era algo destruído. A conversão foi a colisão de um trem. Eu não queria perder tudo o que amava. Mas a voz de Deus cantava uma confiante canção de amor em meio aos escombros do meu mundo.”

Rosaria Butterfield, hoje ela mesma esposa de um pastor, ainda defende a moralidade, a justiça e a compaixão. Chegou à fé em busca de um fundamento para aquilo que ela valorizava, atraída pela delicada atenção de dois cristãos que generosamente lhe mostraram esse fundamento.

Os não comprometidos compartilham muitos de nossos valores básicos, mas se nós não praticarmos esses valores de modo convincente, não vamos despertar a sede pela Fonte suprema. O melhor que os cristãos podem fazer é seguir o modelo dado por Jesus, que se especializou não em técnicas e argumentos, mas em espírito e no exemplo. Ele levava os céticos a sério, ouvindo-os e dando-lhes respostas de modo direto e, no entanto, com compaixão. O evangelho de Marcos acrescenta um detalhe significativo a uma cena em que um potencial convertido rico rejeita a mensagem de Jesus e vai embora: “Jesus olhou para ele e o amou” (Mc 10.21).

Retomo aqui a conversa entre Jesus e a mulher samaritana que havia descoberto algum consolo numa religião alternativa. Que teria acontecido se Jesus houvesse travado uma discussão com ela

acerca das diferenças a respeito de práticas religiosas? Em vez de fazer isso, ele invocou a sede que já era evidente naquela vida atribulada de cinco casamentos malsucedidos. “Quem beber desta água terá sede outra vez”, disse ele referindo-se à água do poço que ela estava tirando para ele, “mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna” (Jo 4.13).

Nesse breve diálogo, Jesus expôs um modelo de como devemos nos relacionar com uma cultura plural. Não ousamos desdenhar as escolhas que outros fizeram, pois isso não seria mostrar amor. Pelo contrário, devemos nos sintonizar com a sede subjacente.

Beleza e dor

“Se não existe Deus, se Deus nunca existiu, por que sentimos tanta falta dele?”, perguntou um agnóstico judeu europeu ao olhar para trás e contemplar os horrores do século 20.[15] Certas experiências humanas — a beleza, a dor, a maldade, a morte — trazem à tona uma sede profunda.

A aflição e a beleza penetram no coração humano, disse Simone Weil.[16] Vi essas duas sensações agindo como estímulos da fé, atuando de maneira diferente: enquanto a aflição penetra à força, a beleza toca uma corda sensível mais semelhante ao louvor e à gratidão. Quando eu estava perdido, espiritualmente, foi a beleza que me trouxe de volta à fé — a beleza da natureza, da música, do amor — reativando em mim um desejo de conectar-me com o Pai de todas as boas dádivas.

Naqueles imprevistos desvios nas montanhas, às vezes após uma curva, descubro uma exuberância de flores silvestres de tirar o fôlego. Em caminhadas pela região esplendidamente denominada Oh Be Joyful Valley [Alegre-se Vale], minha mulher e eu nos deitamos num campo de flores silvestres alpinas com beija-flores zumbindo ao nosso redor num cenário semelhante ao do prístino jardim do Éden. Paisagens como essa me propiciam outra surpreendente imagem da graça, pois Deus deu a este planeta uma

profusão de beleza que brilha, sendo notada ou não. A natureza vai em frente, a beleza vai em frente, haja ou não alguém para observá-la.

Agradeço a Deus por ter tido, durante duas décadas no Colorado, oportunidades de observar. Certa vez, enquanto pedalava nas montanhas, perturbei uma manada de alces e deparei com um filhote deles que acabara de nascer, ainda reluzindo, olhos esbugalhados de medo, imóvel feito pedra. Noutra ocasião, descendo por uma trilha numa garganta sinuosa e profunda, vi dois muflões de pé sobre as patas traseiras e atacando-se um ao outro a cabeçadas que estralavam como trovões. Durante outra caminhada, fui surpreendido de manhã cedo por um bando de azulões da montanha, que subiram aos ares feito flechas, captando a luz do sol numa explosão de cores como silenciosos fogos de artifício. Você só tem essas visões em ambientes silvestres, e depois percebe que talvez tenha sido a única pessoa no mundo agraciada com esse vislumbre particular da criação de Deus.

Concordo com George MacDonald, que escreveu: “Uma de minhas maiores dificuldades em aceitar pensar na religião era que eu achava que devia renunciar aos meus belos pensamentos e ao amor pelas coisas que Deus fez. Mas percebo que essa súbita beleza que se desprende de todas as coisas em si mesmas inocentes é muito ampliada pela religião. Deus é o Deus do Belo — a Religião é o amor do Belo, e o Céu é a Casa do Belo — a Natureza é dez vezes mais brilhante que o Sol da Justiça, e meu amor pela Natureza intensificou-se depois que me tornei cristão”.[17]

Intriga-me o fato de que lugares de beleza natural não fomentam necessariamente a fé religiosa — como é possível que os estados do Oregon e de Washington apresentem uma frequência à igreja tão baixa? A natureza foi um fator crucial que me trouxe de volta para Deus, pois eu queria conhecer o Artista responsável pela beleza e pelo capricho que nela descobri. Quando me sinto triste por causa da enfermidade ou a morte de uma pessoa amiga, e meu mundo oscila quase parando, instintivamente quero fazer uma longa caminhada como um lembrete de que o mundo maior segue em

frente, terrivelmente belo, apesar de qualquer crise, grande ou pequena. Não foi esse o recado de Deus para Jó?

A dor atua num nível diferente daquele da beleza. Ela destila a vida, acrescenta-lhe urgência. Christian Wiman, editor da revista *Poetry*, percebeu que o mantra "espiritual mas não religioso" lhe trouxe escasso conforto quando enfrentou o terror demasiado concreto de um câncer sem cura. Precisando de um chão mais firme para seus pés, descobriu o caminho de volta para uma fé mais sólida. "Crenças bem definidas nos possibilitam resistir às tempestades de sofrimento que ocorrem a todos os viventes e tendem a destruir qualquer disposição espiritual que não tenha raízes profundas."[18]

O poeta Matthew Arnold escreveu sobre a maré vazante do Mar da Fé nos tempos modernos; um afastamento que deixa o mundo "sem alegria, sem amor, sem luz / sem certeza, sem paz, sem alívio para a dor".[19] Esse vazio final, *sem alívio para a dor*, pode inclinar os indivíduos novamente à fé, mesmo nas sociedades modernas, com seus inúmeros convites ao prazer. Anúncios sensuais e uma rasa cultura da celebridade de alguma forma perdem seu apelo quando seu filho de três anos está morrendo num hospital, ou quando quem está morrendo é você. A quem mais podemos recorrer a não ser a Deus quando toda a vida parece congelada num eterno inverno?

Mortimer Adler, filósofo e editor da coleção *Grandes livros do mundo ocidental*, primeiro passou a abraçar o teísmo, que é uma crença em Deus. Embora atraído pelos textos de Tomás de Aquino durante décadas, resistiu a autodenominar-se cristão, hesitação sem dúvida influenciada por sua herança judaica. Depois, em 1984, após uma viagem ao México, caiu doente contraindo um vírus que o incapacitou durante meses. Entrevado em seu leito, entrou em profunda depressão e às vezes, sem explicação alguma, irrompia em lágrimas. Durante esse período, um clérigo episcopaliano o visitava religiosamente e orava com ele.

Adler só conhecia uma prece, a Oração do Senhor, que ele repetia muitas e muitas vezes, agarrando-se a cada palavra: *Pai nosso, que*

estás nos céus! Santificado seja o teu nome... Certa noite, acordado em seu leito hospitalar, percebeu que havia, inconscientemente, atravessado uma ponte; um salto de fé na direção de um Deus pessoal que ouve nossas orações. Chamou a enfermeira da noite e rabiscou uma nota que incluía estas palavras: “Meu bom Deus, sim, eu creio, não apenas num Deus que minha razão tão fortemente afirma, mas também no Deus a quem o Reverendo Howell está neste momento orando e em cuja graça eu agora alegremente confio”.[20] A aflição lhe havia mostrado o caminho.

A maldade

Num livrinho escrito em homenagem a seu filho morto num acidente de alpinismo, Nicholas Wolterstorff refletiu: “Depois que houvermos superado a ausência com ligações telefônicas, a falta de asas com aeroplanos, o calor do verão com o ar condicionado — depois que houvermos superado tudo isso e muito mais, ainda restarão duas coisas com as quais precisaremos lutar: a maldade em nosso coração e a morte”.[21] A maldade e a morte apresentam questões universais para as quais os cristãos podem oferecer conforto e talvez uma nova perspectiva.

Há alguns anos, tive em Chicago uma conversa com um bondoso pastor que me pôs cara a cara com a maldade. Eu havia lido num artigo dele publicado no boletim de uma igreja que durante a Segunda Guerra Mundial esse pastor havia participado do desmantelamento do campo de concentração de Dachau. Perguntei-lhe sobre essa experiência. Durante os vinte minutos seguintes, ele evocou o que havia visto, os sons e especialmente os cheiros que receberam sua unidade quando eles marcharam portas adentro em Dachau, na periferia de Munique. Nada os havia preparado e nada possivelmente poderia tê-los preparado para o que encontraram lá dentro.

“Um colega e eu fomos mandados para um vagão de carga”, disse-me ele. “Lá dentro havia corpos, empilhados em camadas perfeitas, exatamente como lenha para o fogão. A maioria eram cadáveres, mas alguns ainda tinham um pulso lento. Os alemães,

sempre meticulosos, haviam planejado as camadas — alternando cabeças e pés e acomodando corpos de diferentes tamanhos e formas. Nosso serviço era como o de fazer uma mudança de móveis. Pegávamos cada corpo — tão leve! — e o carregávamos para determinada área. Passei duas horas no vagão de carga, duas horas que para mim incluíram todas as emoções conhecidas: raiva, compaixão, vergonha, repulsa — todas as emoções negativas, deveria dizer. Elas surgiam em ondas, todas exceto a raiva. Esta ficava; era o combustível do nosso trabalho."

Ele me contou sobre um colega soldado chamado Chuck, que aceitou escoltar doze oficiais da SS de Dachau até um centro de interrogatório que ficava na vizinhança. Chuck era de Cicero, uma zona violenta de Chicago, e afirmava que havia trabalhado para Al Capone antes da guerra. Alguns minutos depois, a equipe que trabalhava no vagão de carga ouviu saraivadas de metralhadora em três longas explosões de fogo. Logo em seguida, Chuck veio andando de volta. Do cano de sua arma ainda saía fumaça. "Todos eles tentaram fugir", disse ele com malícia.

Interrompi a narrativa do pastor perguntando se alguém havia feito um relatório do que Chuck fizera ou tomado medidas disciplinares. O pastor sorriu e me olhou como quem dissesse: Fala sério, guerra é guerra.

"Não, e foi isso que me impressionou. Foi nesse dia que me senti chamado por Deus para ser pastor. Primeiro, o horror dos cadáveres no vagão de carga. Não consegui absorver aquele cenário. Eu nem sequer sabia que esse tipo de maldade existia. Mas, quando constatei aquilo, soube acima de qualquer dúvida que devia passar minha vida servindo ao que quer que fosse que se opusesse àquela maldade — servindo a Deus. Depois, veio o incidente com Chuck. Senti um medo nauseante de que o capitão poderia me chamar para que eu escoltasse o grupo seguinte de guardas da SS, e um temor ainda mais aterrorizante de que se isso acontecesse eu poderia agir como Chuck. A fera que estava dentro daqueles guardas também estava dentro de mim."[22]

A realidade da maldade humana insiste em permear sensibilidades seculares. Como foi que a nação mais sofisticada da Europa desceu aos abismos do Holocausto? Como foi que médicos treinados na Alemanha nazista concordaram com experiências grotescas feitas com prisioneiros de campos de concentração? Nos últimos anos, passei algum tempo em cenários de crimes hediondos: na antiga Iugoslávia, onde mais de cem mil pessoas morreram, muitas massacradas de maneiras não muito diferentes do que aconteceu na Alemanha; na Virginia Tech e em Newtown, onde jovens mentalmente perturbados chacinaram alunos aleatoriamente. Enquanto ouvia famílias desoladas cujas vidas foram para sempre transformadas pela absurda violência, as explicações da mídia para esses acontecimentos — velhos ressentimentos, doenças mentais — não me pareciam adequadas. Como o pastor de Chicago, fiquei cara a cara com o mal.

Passei boa parte de minha carreira de escritor explorando a questão do sofrimento e do mal. Por que Deus não age como nós queremos que ele faça, intervindo mais vezes, impedindo essas atrocidades? E por que não agimos nós como Deus quer que façamos? Segundo a Bíblia, as duas questões estão relacionadas. Vivemos num planeta que foi invadido pelas forças da maldade, e os seguidores de Deus são chamados a fazer parte da solução.

Como me disse o pastor de Chicago: “Sem ser melodramático, eu às vezes me pergunto o que poderia ter acontecido se alguém habilidoso, sensível, tivesse se tornado amigo do jovem e impressionável Hitler quando ele caminhava pelas ruas de Viena em sua confusão mental. O mundo poderia ter sido poupado de todo aquele derramamento de sangue — poupado de Dachau. Eu nunca sei quem poderá vir a sentar-se na cadeira em que você está sentado neste exato momento. E mesmo que eu venha a passar minha vida com ‘joões-ninguém’ [...], aprendi naquele vagão de carga que isso não existe. Aqueles sobreviventes com um pulso lento eram o que mais se aproxima de ser um joão-ninguém: meros esqueletos envoltos numa pele com a consistência do papel. Mas eu teria feito qualquer coisa para manter vivas aquelas pobres, míseras pessoas. Nossos médicos trabalhavam a noite inteira para salvá-las;

alguns membros de nossa companhia perderam a vida para libertá-las. Não existem 'joões-ninguém'. Aprendi naquele dia em Dachau o que é de fato 'a imagem de Deus' num ser humano".

A maldade nos proporciona uma prova convincente do estado de "perdição" da espécie humana. Ela também pode originar anseios que conduzem à fé, uma sede de um mundo melhor que este. E a sensação de que alguma coisa errada atinge seu ponto culminante/crítico quando confrontamos a morte.

A morte

Os soldados que libertaram Dachau reagiram com choque e repulsa, reação normal de alguém que se confronta com um cadáver humano. As pessoas fazem o impossível para identificar e reverenciar os mortos. Por quê? Com certa frequência, deparo com raposas mortas na estrada ou com cervos ou alces mortos na floresta atrás de casa, cenas que me causam momentos de tristeza, mas nada parecido com minha reação caso eu deparasse com um corpo humano inerte. Os cristãos acreditam que reagimos dessa maneira não apenas porque alguém da nossa espécie morreu, mas porque algo separa os seres humanos das outras espécies. Nossa reação instintiva sugere a sacralidade da vida humana — "Não existem 'joões-ninguém'", como disse o pastor.

Nossos ancestrais temiam a Deus; nós modernos tememos a morte. Quando minha mulher trabalhava como capelã num hospital para pacientes terminais, ela se encontrava com qualquer paciente que a aceitasse, independentemente da fé ou do histórico pessoal. Todos eles tinham doenças terminais, e poucos naquele hospital viviam mais que algumas semanas. Alguns não queriam saber da capelã, mas ela constatou que esses eram uma nítida minoria. Questões que a maioria de nós deixa de lado ou ignora durante a vida normal afloram à consciência quando a morte nos olha na cara.

Parcialmente influenciada por Janet, minha mulher, uma amiga chamada Susan começou a fazer um curso de capelania hospitalar. Enquanto registrava algumas de suas reflexões num diário, Susan percebeu que ela testara e formara sua teologia passando seu

tempo com pessoas que tinham outra crença ou não tinham crença nenhuma. Percebeu que por confiar que Deus é o “Deus de toda consolação” ela pode entrar numa sala oferecendo genuína compaixão e conforto a quem não tem a mesma fé. “Deus parece estar me ensinando a alargar o coração enquanto mantenho fixo nele o meu olhar”, diz ela. Suas reflexões são um modelo de como apresentar a fé a pós-cristãos, especialmente em tempos de crise.

Quando ela entra num quarto, Susan compreende que, chamado ou não, Deus já está presente. “Nós amamos porque ele nos amou primeiro”, diz ela, citando 1João 4.19, “e eu imagino Deus derramando seu jarro em mim para que eu possa derramá-lo em outros, e depois ficar cheia do amor de Deus. Entro com um sorriso, sentindo-me privilegiada por poder compartilhar o chão sagrado sobre o qual alguém se agarra à vida. Se me esqueço de que Deus me precede e, em vez disso, penso que estou *levando* Deus para aquele quarto, posso ter um ar de presunção. Sinto-me pressionada a dizer a coisa certa, a tentar impressionar o paciente e os funcionários — em suma, eu me levo a sério demais. Preciso do constante lembrete de que Deus me precede naquele quarto e que a pessoa naquele leito tem uma história com a qual posso aprender.”

Susan diz que é útil conceber uma inversão de papéis: ela se imagina no leito, e uma pessoa estranha entra no quarto com uma expressão séria — testa franzida, mãos nervosas — e conselhos para dar. Ela conheceu uma capelã assim quando sua filha foi hospitalizada após um acidente, e não provou nenhum conforto. Com certeza, prefere alguém que mostre um atencioso respeito, que tenha um bom contato visual e transmita uma sensação de tranquilidade, e não de insolência. Como capelã cristã, aprendeu a deixar que os pacientes decidam o rumo das conversas. Descobriu que praticamente todos eles apreciam a oração num momento de crise, mas mesmo nesse caso ela tem de tomar cuidado para que as orações expressem amor e compaixão, e não alguma mensagem disfarçada.

Ela recorda: “Estive com muçulmanos e adeptos da *New Age*, que pareciam estar esperando que eu os convertesse. Quando não o fiz,

eles se aproximaram. Ironicamente, quanto mais eu menos tentar impor minha fé, tanto mais numerosas são as pessoas que parecem interessadas naquilo em que eu creio". O mesmo princípio também se aplica fora de um quarto hospitalar.

4

Divulgação da boa-nova

Entre o momento em que recebemos um presente e o momento em que o passamos adiante, sentimos gratidão.

Lewis Hyde[1]

Quando eu estava no colegial, meu grupo de jovens da igreja assistiu a um filme sobre um menino que sabia que tinha de conversar com o melhor amigo sobre sua fé. Ele foi adiando a conversa até que de repente já era tarde demais: o amigo morreu num acidente de carro seguido de incêndio, com as chamas prenunciando o inferno que o aguardava. Vários dias depois disso, eu acordava suando, pensando nos meus amigos e seu destino, atormentado pela culpa por não lhes ter dado meu "testemunho" sobre a minha crença. Mais tarde, assustaram-me livros como *The Late Great Planet Earth* [A agonia do grande planeta Terra] e a série *Left Behind* [Deixados para trás], que retratavam em detalhes vívidos o que poderia acontecer mais cedo ou mais tarde com os não arrebatados.

Adrenalina pura e simples pode empurrar alguém para uma crise espiritual, mas eu me questiono sobre os efeitos em longo prazo de um apelo baseado na culpa, no medo e na vergonha. Com o passar do tempo, essas técnicas podem facilmente produzir uma reação contrária. Descobri que céticos e pós-cristãos são em grande medida imunes a essa abordagem. Eles precisam do contrário disso: uma dose de graça que contraste com o rigoroso e inclemente mundo que os cerca (que, em alguns casos, envolve encontros com cristãos preconceituosos).

No filme *Uma mente brilhante*,[2] Alicia Nash conta como ela lida com a esquizofrenia de seu marido: “Olho para ele e me esforço para enxergar o homem com quem me casei, e ele então volta a ser esse homem. Ele é transformado em alguém que eu amo. E eu sou transformada em alguém que o ama”. Em outras palavras, ela olha para ele com um olhar imbuído de graça. Fazemos isso intuitivamente com pessoas que amamos, como no caso de um pai ou uma mãe com Alzheimer: enxergamos por trás da pessoa destruída que ali está agora a pessoa sadia de antes.

Jesus tinha a misteriosa capacidade de olhar para *cada pessoa* com olhos movidos pela graça que cura, enxergando não apenas a beleza de quem cada uma foi, mas também o potencial sagrado de quem cada um poderia vir a ser. Nós, seus seguidores, temos o mesmo desafio: “De modo que, de agora em diante, a ninguém mais consideramos do ponto de vista humano”, disse Paulo aos coríntios (2Co 5.16). Evidentemente, não estamos agindo de acordo com isso, pois muita gente acha que a fé, sobretudo a fé evangélica, é uma notícia ruim. As pessoas acreditam que os cristãos as veem através do olhar do julgamento, e não do olhar da graça.

De algum modo, precisamos divulgar a “boa-novidade” do evangelho, e o melhor lugar para começar é redescobrindo a boa-nova para nós mesmos.

Um som diferente

Frederick Buechner escreve: “Mude seu rumo e acredite que a boa-nova de que somos amados é melhor do que jamais ousamos imaginar, e que acreditar na boa-nova, viver por ela, caminhar para ela, estar apaixonado por ela, dentre todas as coisas prazerosas deste mundo é a mais prazerosa”.[3]

Levei anos para redescobrir a boa-nova. Escrevi alhures sobre as igrejas “tóxicas” da minha adolescência que, durante algum tempo, envenenaram minha atitude em relação à fé. E, como escritor, também conheci um bom número de excêntricos e hipócritas na igreja. Para ser justo, porém, também encontrei muitos “humildes” santos que fielmente servem a Deus. O que é um santo? Gosto da

definição de Reynolds Price: é alguém que, apesar de todos os seus defeitos, “nos leva com exemplos, quase nunca com palavras, a imaginar a coisa mais difícil de todas: o inconsútil amor de Deus por toda a criação, inclusive por nós mesmos”.[4]

Parece-me uma nova genuinamente boa o fato de que somos criações de um Deus amoroso que nos quer ver prosperar, e não aleatórios subprodutos de um universo sem sentido; o fato de que Deus entrou no nosso mundo e demonstrou pessoalmente que nada — nem mesmo a morte — pode nos separar do amor dele; o fato de que a história de Jesus tem este tema central: “Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito...”; o fato de que a existência humana não terminará com o iminente aquecimento de nossa atmosfera ou com o gradativo resfriamento do sol, e meu destino particular não terminará com a morte; o fato de que Deus equilibrará os pratos da balança da história humana não pelo carma, mas pela graça, de tal maneira que ninguém poderá acusá-lo de injustiça.

Mark Rutland menciona uma pesquisa na qual se perguntou aos americanos que palavras eles mais gostariam de ouvir. Ele previu a primeira escolha: “Eu te amo”. Em segundo lugar, veio “Eu te perdoo”. A terceira escolha o apanhou de surpresa: “O jantar está servido”.[5] Ficou claro para Rutland que essas três frases afirmativas forneciam um nítido resumo da história do evangelho. Somos amados por Deus, perdoados por Deus e convidados à mesa do seu banquete. Num planeta marcado pela ruptura — violência, desastres naturais, relacionamentos desfeitos —, o evangelho é realmente uma boa-nova. Como quem ouve música pelo iPod e dança numa estação de metrô, o cristão ouve um som diferente, de alegria e riso, de além da dor e da morte.

Às vezes percebo uma imagem mais nítida da boa-nova ao viajar para outros países, especialmente para aqueles sem muita influência cristã. Alguns anos atrás, visitei o Cazaquistão, um país de grande território e poucos habitantes que tende a atrair o tipo errado de publicidade. Sasha Baron Cohen fez dele um motivo de piadas em seu satírico filme *Borat*. Falando sério, esse país foi parar

nos noticiários em 2013 como pátria dos terroristas que explodiram bombas durante a Maratona de Boston.

Passei uma longa semana com dirigentes da organização Campus Crusade for Christ, hoje conhecida como "Cru". Sinceramente, sempre me esquivei dessa organização e de sua dúbia apresentação do evangelho. Continuo querendo adicionar um pouco de realismo à sua abordagem programada. Deus ama você (*Sim, mas Deus é invisível e você vai enfrentar situações que de várias maneiras vão questionar esse amor*) e tem para você um plano maravilhoso (*um plano que, na verdade, inclui sacrifício de si mesmo, provações e disciplina*). Durante o período que passei com os cazaquistaneses, porém, ouvi muitas e muitas histórias de jovens descobrindo o evangelho como uma boa-nova. Praticamente cada uma delas seguia uma trama mais ou menos assim:

"Ingressei na universidade logo depois do colapso da União Soviética. Até então, tínhamos vivido sob o regime comunista, cercados de um lado pela Rússia e do outro pela China. Meu pai era alcoólatra, e a vida em casa era horrível, implicando às vezes maus-tratos. De repente, ninguém acreditava mais na propaganda comunista. De fato, ninguém sabia em que acreditar. A economia estava esfacelada. Eu não fazia ideia do que fazer na vida, do que sonhar para o futuro. Então, alguém me abordou, iniciou uma conversa e me disse que existia um Deus que me ama e tem um plano maravilhoso para a minha vida. Nunca havia pensado muito na existência de Deus. Mas aquilo fazia sentido e, à medida que foi surgindo uma amizade, esse alguém me apresentou Jesus e minha vida mudou completamente. Agora, passo meu tempo compartilhando essa boa-nova com outras pessoas".

Ouvi tantas dessas histórias a ponto de não poder mais descartá-las e tive de enfrentar o esnobismo das minhas formas rotineiras de apresentar a boa-nova. ("Eu gosto do meu jeito de fazer as coisas mais do que do seu jeito de não fazê-las", disse o pregador evangélico Dwight L. Moody, dirigindo-se a alguém que criticava seus métodos.[6]) Num país nominalmente muçulmano, que estava emergindo dos árduos anos do comunismo, o evangelho de Jesus

soava como o toque de um alegre sino anunciando a aurora de um novo dia.

Depois de voltar do Cazaquistão, conferi os primeiros registros da proclamação de mensagem de Jesus por seus seguidores, os doze (ou mais ou menos isso) discursos no livro de Atos. Diferentemente dos assustadores filmes e sermões de minha juventude, nenhum deles enfoca a salvação pessoal como uma forma de livrar-se do inferno na vida futura. Pelo contrário, apresentam o modo pelo qual a boa-nova acerca da eternidade deveria transformar *esta* vida. O cristão vê o mundo como uma morada transitória que precisa muito de restauração, e nós somos os agentes que atuam nesse projeto.

Nesse mesmo espírito, depois de sua ressurreição Jesus não enfatizou a experiência de quem "acaba de voltar de outro mundo"; pelo contrário, ele ordenou que seus seguidores se pusessem a trabalhar imediatamente fazendo discípulos e cuidando do seu rebanho. Eis a paráfrase de Eugene Peterson de João 3.17: "Deus não se deu ao trabalho de enviar seu Filho apenas para poder apontar um dedo acusador e dizer à humanidade como ela é má. Ele veio para ajudar, para pôr o mundo nos eixos outra vez" (*A Mensagem*).

Usando a imagem preferida de Jesus, nós servimos a um *reino* de sombras que atua em meio aos próprios poderes terrenos que tentaram eliminar seu fundador. Os primeiros cristãos pautavam sua vida por normas que destoavam muito da cultura ao redor deles, primeiro chamando a atenção de quem estava fora e no fim conquistando-os. Aqui segue um relato de um simpatizante do Império Romano:

> Eles se casam, como todo mundo, e têm filhos, mas não destroem sua prole. Compartilham uma mesa comum, mas não uma cama comum. Existem na carne, mas não vivem pela carne. Passam os dias sobre a terra, mas são cidadãos do céu. Obedecem às leis estabelecidas, mas o tempo todo vão além dessas leis com sua vida. Amam todos os homens e são perseguidos por todos. São desconhecidos e condenados. São mortos e restaurados para a vida. São pobres, mas enriquecem a muitos. São carentes de tudo, mas têm tudo em abundância. [...]

> São atacados pelos judeus como bárbaros; são perseguidos pelos gregos; no entanto, aqueles que os odeiam não conseguem apresentar nenhuma razão para seu ódio.[7]

Nas palavras de Jesus, os cristãos são criaturas anfíbias, que estando "no mundo [...] não são do mundo" (Jo 17.11,14). E, numa sociedade moderna que funciona à base de competição, autocomplacência e poder, deveríamos nos destacar por seguir um roteiro visivelmente diverso.

Graça sempre disponível

Vivendo "no mundo", podemos procurar oportunidades naturais de ministrar a graça — e não apenas palavras — para os que nos cercam. Gabe Lyons recomenda que se convidem líderes comunitários, cristãos ou não, à igreja a fim de lhes dizer qual é a melhor maneira de envolver-se com a comunidade e seus problemas. Como ele observa, as igrejas afro-americanas têm historicamente feito isso, descobrindo maneiras de homenagear professores, bombeiros, assistentes sociais e políticos — gente que serve aos outros sem receber muito reconhecimento.[8]

Um pastor amigo meu de Chicago opera um *site* de casamentos na internet. Casais que estão à procura de um pastor na *web* e não conhecem nenhum entram em contato com ele. Esse pastor insiste em sessões de aconselhamento antes de aceitar levar a cabo a cerimônia nupcial, e sempre faz duas perguntas: "Por que vocês querem se casar?" (a maioria dos casais já mora junto) e "Por que vocês querem que um pastor se envolva nisso?". Conversas muito interessantes se desenrolam à medida que as partes se esforçam para dar suas respostas. Como disse um casal: "Bem, se existe um Deus, o casamento é tão importante que nós achamos que Deus de algum modo deveria estar envolvido nisso".

Kathleen Norris escreve sobre uma "prostituta usuária de cocaína" numa área rural do estado de Montana que dormia com qualquer um que pudesse lhe proporcionar álcool ou cocaína, ou simplesmente lhe mostrar o menor sinal de atenção. Ela descobriu

primeiro os Alcoólicos Anônimos, depois Deus, depois a igreja. Logo, estava se inscrevendo para todos os grupos de estudo bíblico e se apresentando como voluntária para todos os ministérios assistenciais da igreja, bem como para comissões às quais outras pessoas só aderiam quando insistentemente solicitadas. “A salvação se enraizou nela a tal ponto que, como disse o pastor, ele começou a se perguntar se os cristãos não subestimam a promiscuidade. Isso porque ela ainda era uma pessoa promíscua, que ainda amava sem fazer muita discriminação. A diferença é que ela já não era autodestrutiva, mas sim portadora de vida nova para os outros”.[9] O 12º passo do guia dos Alcoólicos Anônimos rumo à recuperação — ajudar outras pessoas necessitadas — é um ato de gratidão. Nós respondemos à graça que cura passando-a para a frente.

Os pastores, tanto em Chicago como em Montana, começaram com uma coisa boa, o amor, e delicadamente apontaram para algo ainda melhor. O amor romântico pode abrir caminho para a Fonte de todo amor; a paixão canalizada corretamente traz vida, e não ruína.

Conheço um ex-pastor batista da Carolina do Norte que, contra todas as expectativas, hoje dirige um clube exclusivo de fumantes de charutos. Ele tem uma explicação: “Aprendi em meus anos de serviço que, quando os homens conversam a sério e são sinceros uns com os outros, geralmente um charuto está presente. Esse é o momento em que eles conversam sobre o que realmente importa — sentados perto da churrasqueira depois de uma partida de golfe ou relaxando no *deck* de um iate quando as mulheres ficam dentro de casa. Assim, em nosso clube temos voluntários que se predispõem a iniciar amizades e sabem como corresponder quando os homens querem conversar sobre seus casamentos em crise ou sobre a perda do emprego ou sobre adolescentes rebeldes”.

Certa vez, durante uma palestra em Toronto acerca da graça, perguntei à plateia sobre suas experiências em transmitir a graça a outros. Uma senhora nos chocou a todos: “Eu me sinto chamada a servir a operadores de *telemarketing*. Vocês sabem, aquele tipo de ligação que acontece em horas inconvenientes, e lá vem toda

aquela falação antes que a gente possa dizer uma palavra". Imediatamente, lembrei-me das ocasiões em que respondi grosseiramente ou simplesmente cortei a ligação. "O dia inteiro esses operadores de *telemarketing* ouvem xingamentos e telefones batidos na cara deles", continuou ela. "Eu ouço o discurso todo com atenção, depois tento responder amavelmente, embora quase nunca compre o que eles estão vendendo. Em vez disso, pergunto sobre a vida pessoal deles e se eles têm preocupações pelas quais eu possa orar. Muitas vezes eles me pedem para orar ao telefone e às vezes acabam chorando. São pessoas, afinal, provavelmente mal remuneradas, e se surpreendem quando alguém as trata com um gesto comum de cortesia."

Ouvindo histórias como essa, tenho consciência de como muitas vezes deixo passar despercebidas possíveis oportunidades cruciais em minhas interações com outras pessoas. Surpreende-me a reação cheia de graça da senhora de Toronto, e penso nas ocasiões em que me irrito com operadores de *telemarketing* e funcionários de *help desk* na área de informática que não falam bem o inglês. Surpreendo-me tratando caixas de lojas e atendentes de lanchonetes como se fossem máquinas, e não pessoas. Recebo o convite para um casamento e resmungo sobre a chatice de ter de comprar presente e usar traje social. Saio correndo depois de uma partida de golfe em vez de relaxar com meus parceiros. Sutilmente ou nem tanto, dou a entender que fui interrompido e preciso voltar ao trabalho. Nesse processo, deixo de aproveitar oportunidades de ouro de ministrar a graça.

O que seria preciso fazer para que a igreja passasse a ser conhecida como um lugar onde a graça está sempre disponível? Com demasiada frequência, os leigos nos veem como uma espécie de clube de elite dos justos. Um amigo alcoólatra certa vez expressou essa ideia comparando a igreja com os Alcoólicos Anônimos, instituição que para ela substituíra a igreja. "Quando chego atrasado na igreja, as pessoas se viram e olham para mim. Algumas mostram desaprovação, algumas sorriem satisfeitas — Tá vendo, aquele ali não é responsável como eu. — Num encontro dos AA, se eu chego atrasado, há uma pausa na reunião e todos se

levantam para me cumprimentar. Eles percebem que minha desesperada necessidade da ajuda deles levou a melhor sobre a desesperada necessidade de álcool".

Num dia cinzento, visitei em Denver uma igreja urbana que faz da graça o ponto central de seu ministério. A congregação lida com a contenciosa questão *gay*, não escrevendo trabalhos que afirmam sua posição, mas simplesmente acolhendo bem todos os que a procuram. O boletim dessa igreja expressa sua atitude desta forma:

> Aqui casados, divorciados ou solteiros, numa só família convivemos aqui.
> Aqui conservadores ou liberais, todos temos de doar um pouco aqui.
> Aqui grandes ou pequenos, há espaço para todos aqui.
> Aqui duvidando ou acreditando, todos sabemos receber aqui.
> Aqui homossexuais ou heterossexuais, não há ódio aqui.
> Aqui homem ou mulher, podemos todos servir aqui.
> Aqui seja qual for sua raça, para todos nós há graça aqui.
> Imitando o amor absurdo que o Deus todo-poderoso tem por todos e cada um de nós, vamos viver e amar sem rotular ninguém.[10]

Saindo dessa igreja, fui a um churrasco beneficente em prol de uma organização sem fins lucrativos que fornece alimentos para pessoas carentes de Denver. Muitas igrejas que patrocinaram o evento haviam mandado seus representantes, e eu aceitei dizer algumas palavras e distribuir alguns livros. Os organizadores esperavam o comparecimento de trezentas pessoas, mas uma fina chuva fria reduziu o número para menos da metade. O time de futebol Denver Broncos jogava naquele dia, e ocorreu-me, no momento em que estava diante daquela plateia que se abrigava sob guarda-chuvas, que sessenta mil ruidosos torcedores reunidos num estádio haviam pagado com prazer para sentarem-se durante três horas nesse clima lastimável. Em contrapartida, uma causa como a fome havia atraído um reduzido grupo de frequentadores da igreja, estudantes idealistas e sem-teto que sempre sabem onde há comida de graça.

No sermão que eu tinha ouvido na igreja na manhã daquele dia, a pregadora convidada mencionou sua perplexidade sobre a história

da viúva que deu tudo o que tinha, não mais que algumas moedas. Por que Jesus faz dela o objeto de uma lição, contrastando-a com gente rica que orgulhosamente faz grandes contribuições? Por que ele não fez nada para resolver o problema dela, talvez propondo um programa contra a pobreza? A pregadora nos disse qual era a conclusão dela: “Deus deixa para nós a questão da justiça”. Eu tinha ouvido Gary Haugen, fundador da organização International Justice Mission [Missão Justiça Internacional], dizer algo semelhante: “Deus tem um plano para combater a injustiça, e esse plano está em nós — seu povo. Não há plano B”.

Ponderei essa afirmação enquanto estava lá na chuva e observava o pequeno grupo de voluntários recolhendo pacotes de alimentos enquanto uma irmã cantava alto “His eye is on the sparrow” [Ele observa o pardal]. Por uma razão qualquer, Deus parece deixar muitas questões por nossa conta. E a igreja vai em frente. Nós somos, afinal, o canal escolhido para a boa-nova de Deus.

Compartilhamento da sabedoria de Deus

O teólogo Miroslav Volf descreve o evangelismo como o “compartilhamento da sabedoria de Deus”.[11] O Deus que criou os seres humanos sabe que tipo de vida é melhor para nós. Algumas coisas são óbvias — não roubar, não mentir, não matar —, e com isso a sociedade humana funciona obviamente melhor. Algumas coisas vão contra o senso comum: cuidar dos fracos, descobrir a vida servindo aos outros, perdoar quando somos injustiçados, amar nossos inimigos. Contudo, esse modo de vida no fim se mostra mais satisfatório, pois quando o seguimos nos tornamos as pessoas que Deus quis que fôssemos.

À medida que meu corpo com a idade vai precisando de atenção e cuidados, cresce em mim a apreciação de um dos títulos conferidos a Jesus: o Grande Médico. Nenhum médico pode curar se o paciente não lhe apresentar uma queixa. (A grande tragédia da lepra, do diabetes e de outras doenças indolores é que a pessoa afetada não consegue sentir que algo está errado e assim não

procura ajuda.) Ninguém pode ajudar alguém que não vê necessidade alguma de cura. “Você quer ser curado?”, perguntava Jesus a quem vinha até ele com um problema físico, pergunta que se aplica também aos que sofrem espiritualmente.

Cada vez que vou ao médico para um exame completo, ele repassa uma lista de perguntas que em qualquer outro contexto pareceriam invasivas. Eu bebo? Quanto? E café? Fumo? Uso drogas? Sou sexualmente ativo? Exercito-me regularmente? Não me ofende o fato de ele vasculhar minha vida pessoal porque sei que no fundo temos os mesmos interesses: minha saúde.[12]

Quando estou me recuperando de um ferimento, o médico se torna ainda mais autoritário: “Nada de correr ou jogar golfe por um mês”, disse-me ele depois de cirurgias num pé e num joelho. “De jeito nenhum, não dirija!”, ordenou-me ele enquanto eu estava usando uma proteção em razão de uma fratura no pescoço. Aceitei seus conselhos de boa vontade porque reconheci que ele estava prescrevendo o que era melhor para mim, e não apenas me privando de prazeres.

Muitas vezes mal entendido, o conceito cristão de pecado causa desconforto para muita gente. De fato, ele estabelece uma clara linha de responsabilidade — mas para com um Deus que me ama e se preocupa com o que é melhor para mim. Mais uma vez, o paralelo com o médico se aplica. Provindo de um contexto histórico de uma igreja rigorosa, não pude apreciar esse aspecto da boa-nova da sabedoria de Deus. Achava que Deus era um policial cósmico impondo regras em vez de um médico que deseja que eu fique bom. Minhas conversas com os não comprometidos me convencem de que muitas pessoas alimentam um conceito igualmente errôneo sobre o pecado. No cerne do pecado está a falta de confiança de que Deus quer o melhor para nós.

Inácio de Loyola definiu o pecado como a recusa de acreditar que Deus quer nossa felicidade e realização.[13] A rebeldia humana começou no jardim do Éden, quando Deus disse basicamente: “Confiem em mim. Eu sei o que é melhor para vocês”. Adão e Eva não passaram nesse teste, e nós estamos pagando as

consequências desde aquele incidente. Hoje, alguns igualmente insistem que nós humanos devemos decidir por nós mesmos o que é melhor. Um ser humano imperfeito que assim julga é como um alcoólatra decidindo se deve ou não tomar um drinque. Para o nosso bem, devemos confiar em Deus no que se refere à orientação básica sobre o modo de viver.

Sendo pastor de uma próspera igreja de Manhattan, Tim Keller muitas vezes conversa sobre fé com céticos e pós-cristãos, e ele aprendeu a apresentar o pecado não tanto como "fazer coisas ruins", mas sim como "transformar coisas boas em coisas indispensáveis". Ele diz:

> Em vez de lhes dizer que estão pecando porque dormem com a namorada ou o namorado, eu lhes digo que estão pecando porque estão dando atenção a seus relacionamentos românticos para dar sentido à vida, para justificá-los e salvá-los, para ter o que eles deveriam procurar em Deus. Essa idolatria leva à ansiedade, à obsessão, ao ciúme e ao ressentimento. Descobri que quando a gente descreve a vida delas em termos de idolatria, as pessoas pós-modernas não oferecem muita resistência. Então, a essa altura, Cristo e sua salvação podem ser apresentados não tanto como sua única esperança de perdão, mas como sua única esperança de liberdade.[14]

Se não amarmos os bens naturais — sexo, álcool, comida, dinheiro, sucesso, poder — da maneira pretendida por Deus, ficamos escravos deles, como qualquer viciado pode atestar. Jesus demonstrou em sua pessoa como viver de forma livre e plena, e não é surpresa nenhuma que agindo assim ele tenha desestabilizado o sistema religioso de sua época. Não consigo imaginar alguém seguindo Jesus durante dois ou três anos e comentando: "Nossa, pense em tudo o que ele está perdendo". Mais provavelmente esse alguém diria: "Pense em tudo o que eu estou perdendo".

Eugene Peterson ressalta que "o significado etimológico hebraico de *salvação* é ser amplo, ser espaçoso, alargar-se. O termo incorpora o sentido de libertação de uma existência que se tornou comprimida, confinada e presa".[15] Deus quer nos libertar, possibilitar

que levemos uma vida aberta e amorosa com ele e o próximo. “Corro pelo caminho que os teus mandamentos apontam, pois me deste maior entendimento”, escreveu o salmista (Sl 119.32).

Não precisamos nos esconder, como Adão e Eva no jardim do Éden. Fomos perdoados e transformados para que, segundo Pedro, nos tornássemos de fato “participantes da natureza divina e [fugíssemos] da corrupção que há no mundo, causada pela cobiça” (2Pe 1.4)

Quando deixo o consultório do meu médico depois de um exame anual completo, tenho um quadro mais nítido de minha saúde ideal, que incluirá exercício físico, dieta adequada e atenção cuidadosa a algumas indisposições importunadoras. O tempo que passo com Deus também me proporciona um quadro mais nítido de minha saúde espiritual — não um ansioso e carrancudo perfeccionismo, nem um nervoso legalismo, mas uma relaxada confiança no amor de Deus e a certeza de que Deus quer para mim o que realmente é melhor.

Talvez a coisa mais poderosa que os cristãos podem comunicar para um mundo cético é levar uma vida plena, dando provas de que o estilo de Jesus conduz a uma vida muito abundante e muito satisfatória. O fruto do Espírito — amor, alegria, paz, paciência, longanimidade, benignidade, fidelidade, mansidão e domínio próprio — emana de uma alma sadia e nesse processo pode atrair aqueles que julgam essas qualidades evasivas ou inatingíveis.

Praticar o que se diz

Devo, porém, inserir uma advertência sobre uma armadilha que pode anular qualquer coisa que se pregue e solapar o modo pelo qual os outros percebem a boa-nova que afirmamos divulgar. Se os cristãos não demonstram a verdade com sua prática de vida, o que dizemos a respeito daquilo em que acreditamos soará como vazios anúncios de publicidade. Stanley Hauerwas, denominado “o melhor teólogo americano” pela revista *Time*, resumiu o problema: “Cheguei à conclusão de que o desafio para os cristãos não é que não acreditamos naquilo que dizemos, embora isso possa ser um

problema, mas que aquilo que dizemos que acreditamos não parece fazer nenhuma diferença nem para a igreja nem para o mundo".[16]

Quando uma pesquisa entre estudantes universitários pediu: "Escreva a primeira coisa que lhe vem à cabeça quando você ouve a palavra 'cristianismo'", a resposta mais comum foi: "Pessoas que não praticam o que pregam". Pesquisas conduzidas pelo Grupo Barna confirmam de modo alarmante esse parecer:

> Quando solicitados a identificar suas atividades nos últimos trinta dias, os cristãos tendiam simplesmente a citar apostas ou jogos na internet, visitar *sites* pornográficos, pegar coisas que não lhes pertenciam, consultar um médium ou uma pessoa paranormal, envolver-se em brigas ou abusar fisicamente de alguém, consumir álcool em quantidade suficiente para ser considerado legalmente embriagado, usar drogas ilegais ou não prescritas, dizer algo que não era verdadeiro, revidar contra alguém, falar mal de outrem pelas costas [...].
>
> Entre os não cristãos, 84% afirmaram conhecer pessoalmente pelo menos um cristão compromissado. No entanto, apenas 15% julgaram que os estilos de vida desses seguidores de Cristo diferiam significativamente das pessoas comuns.[17]

Os adultos se saem um pouco melhor. Alguns anos atrás, Ronald Sider escreveu o influente livro *The Book of the Scandal of the Evangelical Conscience* [O livro do escândalo da consciência evangélica], lamentando como estamos longe de nos distinguir do resto da cultura. Taxas de divórcios entre cristãos refletem as do resto da sociedade, assim como as taxas de abusos físicos e sexuais; a promiscuidade sexual entre adolescentes cristãos é apenas marginalmente mais baixa; só 9% dos evangélicos pagam integralmente o dízimo sobre seus rendimentos; os evangélicos estão entre os mais racistas de todos os grupos pesquisados por George Gallup; a média de abortos entre os católicos supera a média nacional. "A surpreendente qualidade de vida dos primeiros crentes atraía as pessoas a Cristo", comentou Sider numa entrevista. "Hoje, nossa hipocrisia afasta os descrentes."[18]

Felizmente, o evangelho contém um princípio autocorretivo, e com certa frequência indivíduos proféticos — Bento de Núrsia, Inácio de

Loyola, Francisco de Assis, Martinho Lutero, John Wesley, Madre Teresa — surgem e chamam a igreja de volta à sua missão. Uma minoria essencial de religiosos americanos, que os sociólogos rotulam de “os mais devotos entre os devotos”, realmente mantém taxas reduzidas de abortos, divórcios e filhos fora do casamento; esses também se apresentam como voluntários que apoiam organizações que cuidam dos necessitados. Infelizmente, a mídia prefere enfocar as hipocrisias e falhas morais de celebridades.

Vejo como animador o fato de que em nosso tempo uma geração mais jovem volta seu olhar para os que têm uma atitude mais radical — gente como Francis Chan, David Platt, Jonathan Wilson-Hartgrove e Shane Clairborne — em sua busca de liderança espiritual. Como diz Clairborne: “Estou convencido de que se perdemos nossos filhos para a cultura das drogas e do materialismo, da violência e da guerra, isso acontece porque não os desafiamos, e não porque não lhes damos entretenimento. É porque tornamos o evangelho fácil demais, e não porque o tornamos mais difícil. Nossos filhos querem viver alguma experiência heroica, e é por isso que jogam *video games* e entram no exército. Mas o que fazem eles com uma igreja que lhes ensina a passar pela vida na ponta dos pés a fim de poderem chegar à morte totalmente seguros?”.[19]

Em minhas viagens, encontrei-me com cristãos radicais que respondem a esse chamado: eles combatem o tráfico sexual, prestam assistência a vítimas de desastres, cavam poços, produzem bicicletas que são ambulâncias para regiões onde não há estradas, dirigem instituições para órfãos da aids. Mais perto de casa, David Platt desafiou membros de sua igreja no estado do Alabama a se mudarem para uma zona carente — e perigosa — de Birmingham, e quarenta famílias fizeram isso. Comunidades internacionais semelhantes criaram raízes em cidades importantes e até mesmo em áreas rurais da Georgia. Ironicamente, muitos dos radicais que conheço não se veem de modo algum como radicais. Veem-se simplesmente como seguidores de Jesus.

Dorothy Day costumava dizer que nós deveríamos viver de tal maneira que nossa vida não fizesse muito sentido se o evangelho não fosse verdadeiro.[20] Nem todo mundo se sente chamado para o serviço radical, é óbvio. Todavia, cristãos comuns devem seguir um estilo de vida que destoe da cultura ao seu redor, caso contrário nossa mensagem nunca será ouvida.

Nisso reside o mais solene desafio enfrentado pelos cristãos que desejam comunicar sua fé: se não tivermos um estilo de vida que, em vez de afastar, atrai outros para a fé, nenhuma de nossas palavras terá importância. A cultura secular habilmente promete mais do que pode dar. Criado num ambiente protegido, eu tenho de lutar contra a tendência de pensar que estou perdendo alguma coisa. A luxúria parece mais excitante que a fidelidade. O egoísmo afaga o meu ego: por que deveria eu cuidar dos pobres se posso me isolar e ficar longe deles? Requer-se uma fé ativa para seguir o estilo de vida contracultural de Jesus.

Ao longo do caminho, porém, conheci alguns dentre “os mais devotos entre os devotos” e sem exceção eles me impressionam como pessoas que vivem *mais* intensamente, e não menos. Perto deles, eu também quero beber da Água Viva que mata a sede. E, enquanto tento seguir aos trambolhões o caminho estabelecido por Jesus, percebo a verdade da boa-nova da sabedoria de Deus e tenho um vislumbre do que Deus planejou que eu fosse.

Para os cristãos primitivos na época do Império Romano, que enfrentavam hostilidade ativa e perseguição, Pedro deu este conselho, um modelo de como partilhar da sabedoria de Deus:

> Vivam entre os pagãos de maneira exemplar para que, mesmo que eles os acusem de praticarem o mal, observem as boas obras que vocês praticam e glorifiquem a Deus no dia da sua intervenção. [...] Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês. Contudo, façam isso com mansidão e respeito, conservando boa consciência, de forma que os que falam maldosamente contra o bom procedimento de vocês, porque estão em Cristo, fiquem envergonhados de suas calúnias.
>
> 1Pedro 2.12; 3.15-16

Graça criativa

Jesus certa vez perguntou a seus discípulos: “Pois quem é maior: o que está à mesa, ou o que serve?” (Lc 22.27). Naquela sociedade de Jesus, cheia de escravos e servos, a pergunta provavelmente pareceu retórica, se não ridícula. Ninguém invejava um servo. No entanto, Jesus prosseguiu dizendo: “Mas eu estou entre vocês como quem serve”. Servindo aos outros, nós seguimos Jesus, construindo seu reino passo a passo.

N. T. Wright expõe claramente algumas particularidades: “O que vocês fazem no momento presente — pintando, pregando, cantando, costurando, orando, ensinando, construindo hospitais, cavando poços, fazendo campanhas pela justiça, escrevendo poemas, cuidando dos necessitados, amando o próximo como a si mesmos — perdurará no futuro de Deus. Essas atividades não são simples maneiras de tornar a vida presente menos brutal, um pouco mais suportável, até o dia em que a deixarmos definitivamente para trás. Elas são parte do que podemos descrever como construir o reino de Deus”.[21] Elas também são, acrescentaria eu, essenciais para a nossa missão de mostrar a graça ao mundo.

A igreja que eu frequentei em Chicago, situada perto de uma favela num bairro pobre, começou como um projeto assistencial de uma grande igreja de longa tradição. Com o tempo, porém, a igreja-mãe cortou todo o apoio financeiro. Ela soube que o programa educativo na favela estava ensinando as crianças a ler sem usar exclusivamente a Bíblia. Pior, a igreja-missão havia instalado uma mesa de bilhar no porão do prédio para uso das crianças! A igreja-mãe deixara de entender todo o conceito da graça. Os ministradores da graça distribuem sua abundância, com *gratidão* (palavra que tem o mesmo radical de *graça*) pelo que temos recebido de Deus. Servimos aos outros não com algum esquema oculto que visa converter alguém, mas para contribuir para o bem comum, para ajudar os seres humanos a prosperar como Deus quis.

Michael Cheshire, um amigo meu de uma cidade vizinha, teve a visão de iniciar uma igreja. Mas ele percebeu um problema. Nas palavras dele: “Descobri que ter mais tempo de vida como cristão

significava no meu caso ter menos conhecidos não cristãos. Não é que eu não goste deles; a igreja simplesmente tornou-se o lugar onde estão todos os nossos amigos e colegas, nossa interação social. [...] É inevitável que as pessoas perguntem qual é minha profissão. No instante em que ficam sabendo que sou pastor, olham para mim como se eu fosse passar a sacolinha".[22]

A solução de Michael? "Decidimos frequentar nossa comunidade em vez de pedir que ela frequentasse a igreja." Seus auxiliares começaram a aparecer em eventos da comunidade local tais como competições esportivas e reuniões na prefeitura. Inscreveram um carro alegórico no desfile de Natal. Alugaram um campo de futebol e inauguraram uma Noite de Cinema Grátis nas sextas-feiras do verão, com uma tela gigante e muita pipoca. Abriram um galpão de hambúrgueres, que logo se tornou o ponto de encontro da juventude local; ali há refeições de graça para quem não pode pagar. Quando descobriram como era difícil para os imigrantes tirar uma carteira de motorista, criaram uma autoescola e estabeleceram taxas 50% mais baratas que as normais.

Minha igreja do Colorado iniciou um ministério chamado Mãos do Carpinteiro, que recruta voluntários para fazer trabalhos de pintura, carpintaria e consertos residenciais em geral para viúvas e mães solteiras. Logo descobriu outra carência e abriu o Mãos Automotivas, que oferece trocas de óleo, inspeções mecânicas e lavagem de automóveis para a mesma clientela. Ela financiava o trabalho cobrando taxas de quem pudesse pagar.

Ouvi falar de uma igreja em Minneapolis que monitora parquímetros. Voluntários patrulham as ruas, adicionam dinheiro nos parquímetros cujo tempo expirou e simplesmente deixam um cartão no para-brisa no qual se lê: "Seu parquímetro parecia estar com fome, então nós o alimentamos. Se pudermos ajudar você de alguma maneira, por favor entre em contato conosco". Em Cincinnati, estudantes universitários se apresentam em cada celebração do Natal para embrulhar presentes no *shopping* local — de graça. "As pessoas simplesmente não entendiam por que eu queria embrulhar os presentes delas", escreveu-me um deles. "E eu

respondo: ‘Nós só queremos mostrar o amor de Deus de um modo prático’.”

Num dos mais arrojados projetos da graça criativa, um pastor iniciou uma comunidade denominada Vila do Milagre,[23] na qual metade dos residentes são agressores sexuais fichados. As leis do estado da Flórida exigem que os perpetradores de crimes sexuais morem a mais de trezentos metros de qualquer escola, creche, parque ou *playground*, e alguns municípios aumentaram essa distância para mais de oitocentos metros, acrescentando piscinas, pontos de ônibus e bibliotecas à lista dos locais proibidos. Em consequência disso, os agressores sexuais, uma das mais desprezadas categorias de criminosos, são empurrados para fora das cidades e dispõem de poucos lugares onde morar. Um pastor chamado Dick Witherow abriu a Vila do Milagre como parte de seus Ministérios Mateus 25. Seu pessoal supervisiona de perto os residentes, muitos deles em liberdade condicional, e realiza serviços religiosos na igreja no centro da Vila do Milagre. O ministério também fornece aulas de estudo bíblico e controle da raiva.

Vi pelo mundo afora dezenas desses ministérios que corporificam a graça.[24] Um que sempre se destaca em minha memória é um restaurante denominado Água Viva, em Lima, capital do Peru, que eu conheci por acaso. Bem perto de uma rua principal, numa ruazinha conhecida por seus camelôs e batedores de carteira, num pátio colonial de 1820, entrei num salão de pé-direito alto, decorado com mogno. A gerente cruzou o espaço esvoaçando num sarongue de batique para saudar a mim e meus companheiros, falando um espanhol com um melodioso sotaque francês. A comida era estilo *gourmet*, e foi uma das melhores refeições que experimentei na vida, mas por um preço módico. As garçonetes deslizavam entrando e saindo do salão, cada uma nos trajes típicos de sua terra natal na África ou na Ásia. A gerente explicou que elas eram cristãs — não freiras exatamente, mas uma sociedade de trabalhadoras leigas comprometidas com o cristianismo.

Apenas alguns indícios denunciam a vocação espiritual do restaurante. O interior da capa do menu proclama: “Jesus vive! Por

isso somos felizes". E, a certa altura do jantar de cada dia, as garçonetes aparecem todas juntas a fim de cantar um hino de vésperas para seus fregueses. Além desses indícios, disse a gerente, o próprio trabalho deve apresentar-se como um testemunho. "Não nos perguntem como vai nossa vida de oração; olhem para a comida que servimos. Seu prato está limpo e é apresentado com toques de bom gosto? A garçonete os trata com delicadeza e amor? Vocês sentem serenidade neste lugar? Se for assim, então estamos servindo a Deus."

O restaurante mantém seus preços baixos porque essas mulheres, que fizeram voto de pobreza, realizam todo o trabalho. Cozinham, servem à mesa, esfregam o chão, fazem suas orações, tudo para a glória de Deus. Durante o dia, mães de favelas de Lima lotam esse mesmo salão elegante. As Trabalhadoras Missionárias ministram aulas práticas de higiene básica, criação de filhos e saúde física e espiritual. Quando está de folga, esse pessoal do restaurante se dedica aos pobres, executando serviços financiados pelos lucros do estabelecimento.

Alguns dos fregueses abonados do Água Viva conhecem o programa assistencial, outros não. As Trabalhadoras Missionárias raramente falam sobre seu trabalho, a não ser quando solicitadas. Mas esta amostragem de comentários feitos num livro de visitantes atesta que sua dupla missão tem muito impacto:

- "Agradeço às Trabalhadoras Missionárias por serem um lembrete vivo da simplicidade e alegria no âmago do cristianismo. Agradeço-lhes por terem me ajudado a cruzar para o lado da salvação."
- "Continuem a nos fazer sentir sede dessa Água Viva cujo transparente brilho cintila no rosto de vocês."
- "Vocês são a prova mais eloquente para os que não creem. Vocês são uma dádiva de Deus; o Espírito Santo sopra aqui. Deus também é transmitido por meio de uma boa cozinha. Obrigado por seu raio de sol num céu nublado."

A mesma congregação opera restaurantes na Bélgica, no Vietnã, em Burkina Fasso, nas Filipinas e na Argentina. Todos os restaurantes têm o mesmo nome, cada qual traduzido para sua língua local: Água Viva.

Segunda Parte

MINISTRADORES DA GRAÇA

Durante uma discussão sobre a crescente antipatia pelos cristãos, uma amiga me disse: “Há três tipos de cristãos que ainda são respeitados pelos que não aderiram à fé: os peregrinos, os ativistas e os artistas. Os não comprometidos lhes darão ouvidos muito mais facilmente do que dariam a um pregador do evangelho ou a um apologista”.[1] Embora os que não creem não se oponham à busca espiritual, eles só prestarão atenção aos cristãos que se apresentam como peregrinos colegas de viagem, e não como membros de uma classe superior que já chegou ao seu destino. Os ativistas expressam sua fé do modo mais persuasivo de todos, com suas obras. E a arte obtém êxito quando fala da maneira mais autêntica à condição humana; quando os cristãos fazem isso com habilidade, o mundo também percebe.

5

Peregrinos

Jesus veio anunciando o reino de Deus,
mas o que apareceu foi a igreja.

Wilhelm Dilthey[2]

Gina Welch é uma sofisticada jovem escritora judia que cresceu em Berkeley, na Califórnia, e se formou em Yale. Desejando saber mais sobre os evangélicos, com quem ela topava a toda hora depois de mudar-se para a Virgínia, decidiu frequentar a igreja do falecido Jerry Falwell, na cidade de Lynchburg. Como bônus, esperava que o consequente choque de culturas pudesse lhe proporcionar material para um livro. Ela chegou com um nítido preconceito contra Falwell: "Eu o considerava homófobo, vendedor do medo, manipulador e misógino — uma criatura alienígena saída da mais estagnada cultura evangélica". (Nota: Falwell empregava o termo *fundamentalista*, e não *evangélico*, para descrever a si mesmo, distinção que, na cultura secular, passa despercebida.)

Acerca de si mesma Welch dizia: "Falo palavrões, bebo e não sou virgem. Nunca acreditei em Deus". Então neófita, ela não sabia que se pode simplesmente aparecer na igreja. Achava que era preciso habilitar-se, como quem adere a uma irmandade, e assim matriculou-se num curso denominado "Conexões", oferecido para quem estivesse interessado em tornar-se membro da igreja. Logo, viu-se imersa numa subcultura exótica com regras próprias: nada de falar palavrões, beber, fumar, usar decotes cavados, vestidos colantes, *piercings* no rosto, minissaias ou assistir a filmes pornográficos.

No início, o jargão a deixou confusa, com seus líderes usando expressões próprias de iniciados como *apascentar cordeiros, conquistar almas* e *dons espirituais*. Durante os meses seguintes, jogou de acordo com as regras (na maioria dos casos) e, fingindo-se crente, aderiu a um ministério para solteiros denominado EPIC: Experiência Pessoal de Intimidade com Cristo. Participava de cultos religiosos, aprendendo com o tempo a apreciar os estimulantes cânticos de louvor que no início lhe haviam parecido estridentes e de mau gosto. Com certa apreensão, apresentou-se num domingo para ser batizada e até predispôs-se a fazer uma viagem missionária para o Alasca, tudo como parte de sua encoberta atividade de jornalista e sem revelar sua identidade.

Pondo tudo em pratos limpos

Gina Welch aceitou sem questionar a vida transformada das pessoas que ia conhecendo, tais como as de viciados recuperados que agora atuavam como auxiliares de uma missão de resgate e as de casais que adotavam filhos como parte de seu compromisso em favor da vida. Ela gostava da sensação de calma que a oração produz e da maneira informal com que os evangélicos conversam com Deus. A cordialidade, o otimismo e, por que não dizer, a felicidade das pessoas que passou a conhecer a deixaram surpresa e impressionada.

A teologia cristã resultou ser um obstáculo mais sério. A Trindade a intrigava, assim como a expiação: como poderia Jesus, assumindo nossos pecados, satisfazer a ira de Deus? Ela ouvia seus colegas de missão explicar o evangelho às crianças. “A mensagem era simpática. Não tem problema se você fizer coisas erradas, porque todo mundo faz, e todo mundo pode ser perdoado. Mesmo assim, você deve procurar ser bom o máximo possível. Mas as palavras usadas — Jesus ama você, mesmo que você seja um pecador sujo e nojento — como poderia isso consolar as crianças?”

Numa passagem comovente, Welch descreve o efeito de ouvir um sermão sobre o salmo 139. “O Deus-amor, o amor do salmo, o amor em *Jesus te ama* — esse amor-faixa-de-Moebius,[3] amor sem

começo nem fim, amor que ao mesmo tempo é calmo e completo, inabalável diante de qualquer coisa que você pudesse revelar sobre sua pessoa. Quem não quereria aquilo? Eu certamente iria querer, em especial naquele momento — conhecendo os segredos do meu coração, sabendo que logo eles seriam revelados." Ela termina o momento de anseio e vulnerabilidade com esta frase: "Mas o desejá-lo ainda não me fazia crer nele".

Depois de um abrupto afastamento e de quase dois anos sem nenhum contato com seus amigos da igreja batista da Thomas Road, ela voltou e teve um encontro reservado com seu mentor, o Pastor Ray, e sua antiga amiga chamada Alice, revelando-lhes finalmente seu plano secreto de escrever um livro sobre os evangélicos. Ela admitiu a fraude e a duvidosa ética do que havia feito. Terminou seu projeto depois da viagem para o Alaska em parte porque se sentia desconfortável ao lado de gente que ela estava enganando e em parte porque sabia que era errado fingir acreditar em algo pelo qual outros empenhavam a própria vida. Eles aceitaram bem a confissão dela. O Pastor Ray até orou por ela e pelo livro, que seria provavelmente publicado no ano seguinte sob o título *In the Land of Believers: An Outsider's Extraordinary Journey into the Heart of the Evangelical Church* [Na terra dos crentes: A extraordinária jornada de uma estranha ao centro da igreja evangélica].

Welch reflete sobre sua amizade com Alice: "Gostei muito daquela sensação de comunidade e também daquele sério e regular exame de consciência. Nosso relacionamento me havia mudado; o sentirmo-nos tão felizes em nossa amizade me fizera pensar diferentemente sobre os cristãos. Mas, exatamente como ela, eu nunca poderia me imaginar acreditando em outra coisa que não fosse aquilo em que acreditava. Nesse ponto, eu não tinha escolha".

Desconsiderando a dúbia ética por trás de *In the Land of Believers*, o relato de Welch apresenta um fascinante vislumbre de uma subcultura que é raramente examinada de um modo tão respeitoso de fora para dentro. Lendo o livro dela, lembrei-me do período em que eu crescia naquela mesma subcultura, um contexto oposto ao da autora. Eu não conhecia praticamente ninguém a não

ser fundamentalistas. Também tive de aprender frases cristãs que logo se tornaram clichês; fui adiante perguntando-me muitas e muitas vezes se essa época de minha vida era genuína; pratiquei orar em voz alta de um modo que parecesse espiritual, preocupado com minha falta de emoção durante eventos tão solenes como a celebração de um batismo ou da ceia do Senhor. Quem se cria na igreja e quem a aborda de um viés jornalístico enfrenta o mesmo perigo: a experiência pode tornar-se um comportamento adquirido que desvirtua a realidade em vez de expressá-la.

Por meio da graça de Deus, e depois de um período em que larguei aquela subcultura como se fosse uma roupa sufocante e indesejada, descobri que as palavras e as práticas aprendidas na igreja podem transmitir a verdade e também a hipocrisia. Devo, contudo, discordar da conclusão de Welch sobre não termos escolha em relação ao que acreditamos. Certamente temos alguma escolha, e Welch fez a sua ao afastar-se daquilo que ela encontrou numa igreja específica. Ela sem dúvida foi em frente com outros projetos de livros, e imagino que as palavras que ouviu sentada num banco da igreja em Lynchburg pouco a pouco desaparecerão de sua memória. O mesmo talvez não aconteça com a experiência de ser amada, mesmo por pessoas enganadas por ela.

Embora Welch termine descartando a igreja, sua história mostra o que se comunica melhor para quem está fora dela. A política da igreja batista da Thomas Road, ela achou repelente. A teologia deles a deixou confusa. Apesar dessas barreiras, a força da comunidade que a aceitou exerceu seu magnetismo. Como escreve ela: “O que eu invejei mais em relação aos cristãos não foi essa coisa de Deus — foi ter uma reunião comunitária cada semana, uma base excelente para pessoas que compartilham valores, um lugar seguro para ser franca a respeito de lutas pessoais, um lugar para ser alertado sobre sua bússola moral. Um lugar para proteger-se da solidão, para sentir que há outras pessoas como você”.

A igreja, especialmente em pequenos grupos e equipes de missionários, oferece um lugar onde podemos conversar abertamente sobre o que mais importa, algo que não acontece facilmente no local de trabalho ou em coquetéis.

Peregrinos a caminho

Gina Welch começou seu experimento com uma típica atitude cética, vendo os cristãos sérios como fanáticos santarrões que devem ser evitados a qualquer custo. Ela os vê de maneira diferente agora. Para sua surpresa, as pessoas da Thomas Road a trataram com graça, e não com ares de superioridade ou de juízes, mesmo depois que ela pôs tudo em pratos limpos, revelando sua farsa. Foi uma época em que ela se sentiu como uma viajante entre outros, tentando achar seu caminho.

Visitei igrejas onde figuras autoritárias faziam grandes promessas sobre um plano superior de vida, ou sobre prosperidade e boa saúde, como se uma fé superior alçasse alguém a uma classe privilegiada. Essa mensagem pode conseguir resultados por certo tempo — até que a realidade se manifeste. Mas ela é muito menos eficaz num ambiente cínico pós-cristão, entre "divorciados" espirituais. Welch mostra a comunicação que de fato acontece: à medida que ela foi em frente e passou a conhecer cristãos, eles lhe pareceram menos como membros de um clube particular dos justos e mais como peregrinos comuns, com as mesmas lutas de outras pessoas quaisquer. Um peregrino é um companheiro de viagem na jornada espiritual, e não um guia profissional.

Significativamente, o sermão que se destacou para Welch enfocava o que ela descreveu como "amor-faixa-de-Moebius [...] inabalável diante de qualquer coisa que você pudesse revelar sobre sua pessoa". Um mundo desgastado se identifica com peregrinos porque somos todos humanos e todos cometemos erros. Nós contraímos doenças, perdemos entes queridos, aceitamos empregos insatisfatórios, lutamos contra tentações, gritamos com nossos filhos, ferimos pessoas que prezamos, fazemos escolhas ruins. Os seguidores de Jesus não têm nenhum direito a uma superioridade moral; pelo contrário, nós buscamos Deus movidos pela necessidade e constantemente precisamos pedir socorro.

Os cristãos, todavia, também contam com um Poder Superior que quer o nosso bem e deseja o melhor para nós. O Espírito de Deus nos assiste a fim de nos ajudar a resistir à tentação, e depois

oferece perdão e remédio para aquelas ocasiões em que falhamos. Gina Welch conseguiu não acreditar na doutrina, mas não conseguiu refutar facilmente os testemunhos de vidas mudadas, o poder da história.

John Bunyan escreveu *O peregrino* numa cela de prisão, e sua alegoria calou tão fundo que por duzentos anos nenhum outro livro, exceto a Bíblia, vendeu mais exemplares em inglês. Cristão, o personagem principal, escolhia sistematicamente o caminho errado e os amigos errados. Mas, cada vez que caía, ele deixava que Deus o levantasse e sacudisse dele a poeira. Como muitíssimos de nós, ele progredia não por sempre tomar as decisões certas, mas por reagir apropriadamente às erradas. O autor conhecia a graça: Bunyan intitulou sua autobiografia espiritual de *Graça abundante para o principal dos pecadores*.

A igreja é, acima de tudo, um lugar para receber a graça: ela reúne as pessoas perdoadas com a finalidade de nos equipar para ministrar graça a outros. Em sua viagem à América do Sul, Henri Nouwen aprendeu a paradoxal verdade de que "nós servimos acima de tudo com as nossas fraquezas".[4] Com demasiada frequência, ele observou, os cristãos agem motivados pelo desejo de estar no controle, de dizer aos outros o que fazer e como pensar. Mas Jesus nos chamou para que fôssemos servos, e os servos se despem do privilégio e da sensação de superioridade.

Vezes sem conta, descobri que os não comprometidos reagem melhor à ação de alguém que orienta com base em suas fraquezas, preferindo essa pessoa a quem parece ter tudo sob controle. Constatei essa verdade posta em prática mais profundamente observando meu amigo Brennan Manning, que faleceu quando eu estava escrevendo este livro. Brennan insistia numa melodia de uma nota só, a melodia da graça, e sua vida personificou esse tema. Nossos históricos dificilmente poderiam ser mais díspares — fundamentalista do sul *versus* católico de Nova Jersey — e, no entanto, por rotas divergentes, nós dois descobrimos por acaso um poço artesiano da graça e, desde a descoberta, sempre bebemos dele avidamente.

Num dia de outono, Brennan e eu caminhávamos sobre um tapete de douradas folhas de álamo ao longo de um córrego, e ele me contou detalhes de sua vida: a infância sem amor, a maratona em busca de Deus, o casamento e o divórcio, as mentiras e os disfarces, as intermináveis lutas contra o alcoolismo. A vida dele foi uma sequência de fracassos pontuada pela graça.

Brennan Manning começou a dar palestras principalmente para plateias de protestantes evangélicos depois que sua condição de "padre inativo" divorciado fez dele um indesejado em muitos ambientes católicos. Homem pequeno, elegante, com cabelos de neve, ele geralmente iniciava suas palestras lentamente, até ser tomado por algo semelhante a uma possessão, e com voz forte e o ritmo poético de um artista do *rap* ele deslanchava num discurso sobre o mote da graça de Deus como este, por exemplo:

> Por que Brennan Manning é digno de ser amado aos olhos de Deus? Porque no dia 8 de fevereiro de 1956, numa experiência devastadora e transformadora, eu entreguei minha vida a Jesus. Será que, desde aquela experiência, Deus me ama porque fui ordenado sacerdote em 1963, viajei pelo país todo e depois pelo mundo inteiro proclamando a boa-nova do evangelho da graça? Será que Deus me ama porque eu dou o dízimo em benefício dos pobres? Será que Deus me ama porque lá em New Orleans eu trabalho numa área miserável com alcoólatras, viciados e vítimas da aids? Será que Deus me ama porque todos os dias passo duas horas em oração? Se eu acreditar nisso, sou um fariseu! Então me sentiria no direito de ficar confortavelmente perto de Cristo por causa de minhas boas obras. O evangelho da graça diz: "Brennan, você é digno de ser amado por uma única razão — porque Deus ama você. Ponto".[5]

Tornando-se mais eloquente, ele fascinava suas plateias. Um capelão universitário me disse que nenhum palestrante jamais exerceu mais impacto sobre seus volúveis alunos do que esse idoso e falho sacerdote alcoólatra de Nova Jersey. Apesar de seus defeitos, ou talvez por causa deles, despertava em seus ouvintes a sede junto com a chocante e fantástica revelação de que eles também eram amados por Deus — aquele mesmo amor-faixa-de-Moebius que tanto impressionou Gina Welch. Insistindo na força de

sua história rumo à transformação pessoal, Brennan convidava os peregrinos a juntarem-se a ele em sua aventura.

Partida prematura

A imagem de um peregrino corresponde bem à alta consideração dos céticos pela autenticidade. Como Gina Welch, a maioria das pessoas tira conclusões acerca da fé cristã com base na observação do estilo de vida dos crentes comuns, e não do estudo da doutrina. Mas isso introduz um novo conjunto de problemas, que apenas mencionei no capítulo anterior e agora devo examinar a fundo.

Como esclarece a clássica obra de John Bunyan, os peregrinos facilmente se desviam do caminho. Os seguidores de Jesus nem sempre seguem Jesus. Atraídos por becos sem saída e desvios, nós às vezes viajamos seguindo uma senda muito diferente daquela traçada por Jesus. Uma personagem do filme *Hannah e suas irmãs* resumiu o problema de forma bastante dura: “Se Jesus voltasse e visse o que está acontecendo em seu nome, ele nunca pararia de vomitar”.[6]

Muitas vezes intrigado, perguntei-me por que Deus confiou a seres humanos imperfeitos a tarefa de transmitir a boa-nova. Falando mais sinceramente: por que Jesus nos deixou sós? Ele realmente imaginou que um reduzido bando de discípulos inseguros seria capaz de cumprir a missão do reino de Deus? E que dizer de hoje? A igreja que nós conhecemos — perto da extinção no Oriente Médio, desprezada na Europa secular, formando uma pequena minoria na Ásia, fragmentada em toda parte — que chance tem ela de mudar o mundo definitivamente?

Para responder a essas perguntas, preciso voltar ao tempo em que Jesus encarregou seus seguidores dessa missão. Talvez outro exame de cenas familiares possa lançar luz sobre o que Deus tinha em mente ao dispersar um grupo de peregrinos numa senda tão sinuosa e perigosa. Embora elas possam parecer uma digressão, as poucas páginas a seguir exploram o que para mim é o cerne da questão subjacente.

A história de Jesus atinge seu ápice com a ressurreição: praticamente da noite para o dia, os desanimados discípulos se transformam em arrojados pregadores de rua assim que se dão conta de que seu líder venceu a morte. Essa, pelo menos, é a história tantas vezes repetida. Mas leia os relatos com atenção, e você vai descobrir que o enredo é um pouco mais complexo. Mateus observa que “alguns duvidaram” mesmo depois de ver Jesus ressuscitado em pessoa (Mt 28.17). João inclui uma cena da Galileia, a vários dias de caminhada de Jerusalém, onde seis dos onze discípulos remanescentes foram agora pescar, aparentemente retomando suas antigas profissões, apesar do retorno de Jesus à vida (Jo 21.14).

De fato, durante seis semanas os discípulos vagaram ao léu, confusos, como sobreviventes de uma catástrofe, às vezes retirando-se para lugares conhecidos antes frequentados na companhia de seu amado líder, às vezes agrupando-se atrás de portas bem trancadas. Então, no livro de Atos, a cena muda de novo para Jerusalém, quando Jesus aparece novamente e mais uma vez a esperança palpita. *Talvez agora tenha chegado o tempo em que ele vai desencadear o poder há muito tempo prometido pelos profetas!* Em vez disso, Jesus dá uma diretiva que ficou conhecida como a Grande Comissão, enviando seus discípulos para “os confins da terra” (At 1.8). Enquanto os discípulos continuam lá tentando absorver tudo, ele flutua e vai subindo aos céus como um balão, para nunca mais ser visto.

Imagino Lucas sorrindo enquanto registra, anos mais tarde, aquela cena cômica de onze parceiros zelosos arqueando o pescoço em direção às nuvens enquanto um anjo lhes faz a pergunta óbvia: “Por que vocês estão olhando para o céu?” (At 1.11). Lucas omite a implicação: *Ele não lhes disse para botar o pé na estrada? Então, vamos lá!*

Enquanto pesquisava um livro sobre Jesus, concluí que a ascensão representa minha maior luta de fé — não que eu duvide que ela aconteceu, mas por quê? No fim das contas, a ascensão dispersou aquele grupo heterogêneo de peregrinos coletivamente conhecido como igreja.

Se Jesus não houvesse ascendido aos céus, se houvesse ficado na terra como uma espécie de um super-papa, não haveria necessidade de um livro como este. A graça estaria extravasando, sem correr perigo de extinção. Os cristãos não teriam de se arrepender por trágicos erros cometidos como as Cruzadas e a Inquisição e os *pogroms* contra os judeus, pois Jesus poderia ter impedido essas iniciativas fundamentadas no erro. Quando surgissem questões morais, como a da escravidão, questões sobre o fim da vida ou sobre direitos dos *gays*, a igreja poderia apelar diretamente para Jesus e obter uma decisão que resolvesse o caso de uma vez por todas. Ao contrário disso, como se macaqueássemos os discípulos, com demasiada frequência olhamos boquiabertos para o céu ou saímos andando em total confusão.

Por que Jesus transmitiu sua santa missão a gente como nós? A resposta, no meu modo de entender a trama bíblica, me conduz a um dos maiores mistérios da doutrina cristã.

Três e um

Por este breve resumo da Trindade, peço desculpas de antemão aos teólogos profissionais. Sei que as três pessoas da Divindade estão presentes do início ao fim. Mas acho útil considerar a Bíblia como algo semelhante a uma peça em três atos, com cada ato lançando luz sobre o que aconteceu antes.

Deus Pai domina o Primeiro Ato. Muitas e muitas vezes ele intervém: para punir Adão e Eva e depois Caim, para escolher Noé e depois Abraão e mais tarde Moisés e Davi, para libertar uma tribo da escravidão, para recompensar e castigar reis, para enviar profetas com palavras de reprovação e esperança.

O Segundo Ato lança os holofotes sobre Deus Filho, o principal assunto dos quatro evangelhos. Para os judeus, criados ouvindo histórias de um Deus inacessível, a noção de que um mestre itinerante da Galileia — da *Galileia!* — pudesse fazer afirmações tão esquisitas como “Quem me vê, vê o Pai” era demais para engolir, e isso os levou à sua fatal rejeição dele. Até mesmo os seletos

discípulos de Jesus perderam a esperança, embora mais tarde eles vissem sua chocante morte como parte da trama anunciada com grande antecedência.

Pentecostes introduz o Terceiro Ato, enfatizando um Espírito que passa a residir em agentes humanos. “É para o bem de vocês que eu vou”, assegurou Jesus a seus ansiosos discípulos antes de ser preso (Jo 16.7). “Quando vier o Conselheiro, que eu enviarei a vocês da parte do Pai, o Espírito da verdade que provém do Pai, ele testemunhará a meu respeito. E vocês também testemunharão...” (Jo 15.26-27).

Vistos através da lente dessa trama em três atos, meus questionamentos pessoais se apresentam numa luz diferente. Por que Deus não impediu acontecimentos como o Holocausto? Por que Deus não interfere mais vezes, de modo mais definitivo? Eu agora vejo esses questionamentos ao estilo do Antigo Testamento mais apropriados ao Primeiro Ato, quando Deus Pai tendia a gerenciar mais de perto a história humana (ou pelo menos a história dos israelitas).

Os discípulos de Jesus lhe apresentaram perguntas semelhantes. Se Jesus tinha o poder de curar os enfermos, ressuscitar os mortos e até de acalmar uma tempestade, por que não usar esse poder numa escala muito maior? Eles não perceberam que ele havia rejeitado atalhos no começo do seu ministério quando declinou a oferta de Satanás, que propôs uma solução mágica para os problemas do mundo.

“Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino de Israel?” foram as últimas palavras dos discípulos dirigidas a Jesus, e coube aos anjos providenciar uma resposta indireta: “Por que vocês estão olhando para o céu?” (At 1.6,11). *É pé na estrada, gente! Agora vocês são os protagonistas*.

Embora em três anos Jesus tenha conseguido mudar a história para sempre, enquanto esteve na terra ele afetou apenas alguns milhares de pessoas numa região do tamanho de um pequeno estado da Nova Inglaterra. Ele nada fez pelas necessidades da China ou da Austrália ou da América do Sul ou mesmo da Europa. Tudo isso viria depois, por meio do trabalho dos seus seguidores.

Como Jesus lhes disse, em palavras que eles mal entenderam na época: “Aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas, porque eu estou indo para o Pai” (Jo 14.12).

Nós, desajeitados peregrinos, somos “o Jesus que ficou aqui” depois da ascensão, os herdeiros do Espírito de Deus. Paulo leva esse conceito ainda mais longe, chamando-nos de corpo de Cristo e templo de Deus — referindo-se à presença concreta de Deus no mundo. Nós somos a razão da vinda de Jesus para pôr em movimento um reino sem fronteiras que por fim chegaria à Europa, à China, à Austrália e às Américas. Onde está Deus no mundo de hoje? Em toda parte. O Terceiro Ato, na mais arriscada reviravolta de todas as tramas, soltou Deus por aí, em nós e por meio de nós.

O autor vitoriano Henry Drummond apresentou seu resumo mínimo do Terceiro Ato: “O Espírito Santo é apenas o que Cristo teria sido, houvesse ele ficado aqui. Ele ministra conforto exatamente como Cristo teria feito — só que sem os inconvenientes circunstanciais, sem a restrição espacial, sem as limitações temporais”.[7] Drummond prossegue explicando que o Espírito faz esse trabalho primeiramente servindo-se de pessoas comuns, aquelas que assumem a missão de Jesus. Nossa tarefa, em suma, é mostrar ao mundo outra forma de vida.

Anne Lamott apresenta uma versão mais contemporânea da linha de pensamento de Henry Drummond: “Muitas e muitas vezes eu digo a Deus que preciso de ajuda. E Deus diz: ‘Bem, isso não é fabuloso? Porque eu também preciso de ajuda. Então, você vai pegar um pouco de água para aquela senhora idosa, e eu vou ver o que vamos fazer sobre o *seu* caso’”.[8]

Orgulho patermaternal

Ao que parece, Deus prefere agir através de agentes. Meteoros, geleiras, inundações, movimentos de placas tectônicas, erupções vulcânicas, genes e fitas de DNA — todos esses agentes desempenharam seu papel na formação do planeta em que vivemos. Depois, Jesus delegou a agentes humanos — *nós* — a

tarefa de divulgar a mensagem da boa-nova do amor de Deus, uma mensagem que inclui não apenas palavras, mas também ações práticas. Eugene Peterson parafraseia a instrução de Paulo aos filipenses: “Apresentem-se imaculados para o mundo, como um sopro de ar fresco nesta sociedade poluída. Deem às pessoas um vislumbre de uma vida boa e do Deus vivo” (Fp 2.15, *A Mensagem*).

A teoria é uma coisa, a maneira de pô-la em prática é outra. Os céticos observam a desunião da igreja, as guerras religiosas, a lentidão para sanar injustiças como a escravidão e o *apartheid* e encontram muitas razões para duvidar de um Deus de amor e justiça. É possível que eles injustamente ignorem muitas contribuições cristãs. Todavia, as dúvidas não desaparecem facilmente. Deus designou seres humanos conhecidos por sua falibilidade para a sagrada tarefa de trazer boa-nova e libertação ao mundo.

Contrastando com as pirotecnias da época do Antigo Testamento e com os milagres de Jesus, a era do Espírito parece quase anticlimática. Podem acontecer milagres de vez em quando, mas na maioria dos casos peregrinos comuns fazem o trabalho de Deus mediante a pregação, cuidando de viúvas e órfãos, enfrentando injustiças da sociedade e orientando os fiéis para que eles mostrem ao mundo uma melhor maneira de viver. Deus deve ter tido conhecimento do risco assumido quando confiou essa missão a seres humanos pouco responsáveis.

Na minha carreira no jornalismo cristão, conheci muitos personagens que parecem mais preparados para combates da Federação Internacional de Boxe do que para a liderança espiritual. No entanto, devo reconhecer que alguns dos personagens mais estranhos que conheci, os mais impressionantes por seu ego imenso e pela perceptível falta de sofisticação, são os que mais produziram na construção do reino: organizando obras assistenciais, alimentando famintos, proclamando a boa-nova. Esse padrão simplesmente repete o que a Bíblia mostra de modo muito claro. Deus usou Jacó com sua ética nada confiável, Davi com suas falhas morais, Jeremias com sua morosidade, Saulo de Tarso com seu passado abusivo, Pedro com seus retumbantes fracassos.

Reexaminando os personagens que conheci, bem como os que tiveram papéis importantes no Antigo Testamento, acabei formulando o seguinte princípio: Deus usa a reserva de talentos a seu dispor. Ninguém viveu sem pecar ou sem apresentar falhas embaraçosas. Todavia, Deus de algum modo usou esses talentos para promover a causa do reino.

Observo as pessoas sentadas nas cadeiras de minha igreja local, que se reúnem na lanchonete de uma escola. Um lavador de janelas que levanta pesos e toca bateria. Uma mulher que está se recuperando de uma traumática lesão cerebral, que recentemente perdeu o marido e chora a qualquer hora e sem nenhum motivo aparente. Um advogado casado com uma advogada. Uma mãe solteira cujo carro está sempre com problemas. Depois, ainda mais incrédulo, olho para o espelho. O fardo do reino de Deus repousa sobre os ombros de peregrinos comuns, e não sobre os anjos ou de gigantes espirituais.

Por que escolher um plano com tão poucas probabilidades de sucesso? É como transferir uma das mais bem-sucedidas empresas para uma turma de crianças de seis anos. Encontro uma resposta simples no sempre presente tema bíblico de que Deus é amor. Essa qualidade, mais que qualquer outra coisa, esclarece a razão por trás de toda a criação. O amor não pode realmente existir sem um objeto para recebê-lo.

No início de sua carreira, Madre Teresa de Calcutá ficou impressionada com as palavras de Jesus na cruz: “Tenho sede” (Jo 19.28). Para ela, essas palavras passaram a simbolizar não apenas a sede física, mas a própria sede de Deus de atrair a humanidade para mais perto dele. Ela transformou esse “Tenho sede” no lema para as Missionárias da Caridade, ordenando que a frase fosse estampada em todas as capelas da sociedade. “Carregamos em nosso corpo e em nossa alma o amor de um Deus infinitamente sedento”, escreveu ela a uma irmã. “Deus tem sede de nós, e a humanidade tem sede de Deus.”[9] Deus tem sede não por necessidade, mas pelo desejo, porque a essência de Deus é amor.

Em várias de suas cartas, Paulo fala de nossa adoção como filhos e filhas de Deus, e talvez a imagem do amor patermaternal seja a que mais se aproxima da expressão do amor de Deus de uma forma que conseguimos entender. Um pai desconfortavelmente sentado na arquibancada observa seu filho deslizando num campo de futebol feito um David Beckham; uma mãe atende um telefonema anunciando que sua filha foi aceita na faculdade de medicina. Como eles reagem? *Aquele moleque está tentando me confundir. Vou quebrar a perna dele. Essa garota se acha muito espertinha. Eu vou lhe ensinar, vou desligar o computador dela.* É claro que não é assim. “Você viu que golaço? Aquele lá é o meu menino! Meu filho!” “Você ouviu? Ela conseguiu! Vai ser doutora!”

De alguma forma incompreensível, nós peregrinos comuns temos a capacidade de proporcionar um orgulho patermaternal ao Deus do universo. Essa ideia me enche de assombro e maravilha — e às vezes de remorso. No fim do dia, pergunto a mim mesmo: “Que fiz hoje para agradar a Deus?”. Examino minhas interações com vizinhos, a maneira como atendi um telefonema indesejado, o uso que fiz do meu tempo e dinheiro. Será que “agradei a Deus de todas as maneiras”, como orou Paulo pelos colossenses (1.10)?

Comunidade de peregrinos

Não praticamos nossa fé de peregrinos sozinhos, mas convivendo numa comunidade, e o Novo Testamento descreve uma nova comunidade — o reino de Deus — que deve atrair, em vez de repelir, o mundo ao redor. Com que se parece uma sadia comunidade de peregrinos nesta nossa época?

Houve um ano em que decidi verificar o verbete “Igrejas” na lista telefônica e passei a visitar sistematicamente uma igreja diferente a cada domingo. Mesmo morando numa cidade pequena, descobri representantes de numerosas denominações, bem como várias igrejas sem filiação nenhuma — o total de 24 congregações, se eu ignorasse seitas e certos grupos marginais. Aos domingos, provava um pouco do mesmo desconforto que Gina Welch descreve em sua autobiografia, entrando numa subcultura sem realmente conhecer

as regras e expectativas. Às vezes me perguntava: Por que diabos alguém iria querer frequentar esta igreja?

Algumas igrejas fizeram que eu me sentisse imediatamente em casa. Em outras, sentia-me como um intruso. Voltava-me à memória minha primeira participação em um encontro na Sociedade Audubon. Lá, as pessoas que se conheciam formavam grupos que discutiam obscuros cantos de pássaros e detalhes técnicos de binóculos, usando um jargão de iniciados que eu não conseguia acompanhar. Os demais presentes compartilhavam uma comunidade que parecia me excluir.

Li certa vez uma descrição da igreja como um lugar onde "uma pessoa simpática, agradável e branda se posta de pé diante de pessoas simpáticas, agradáveis e brandas insistindo que elas sejam mais simpáticas, mais agradáveis e mais brandas".[10] Com uma intuição difícil de explicar, eu geralmente conseguia perceber a "vitalidade" de uma congregação em cinco minutos. As pessoas estavam conversando no saguão da igreja? Havia sons de risos? Que atividades e questões eram enfatizadas no quadro de avisos? O fator vitalidade tinha pouco a ver com teologia. Em duas das igrejas mais conservadoras, as pessoas afundavam-se em seus assentos acompanhando sorumbáticas o cerimonial, enquanto os pastores agiam como se seu principal objetivo fosse chegar logo à bênção final do culto.

Uma igreja muito liberal — ela havia reescrito hinos e até mesmo a Oração do Senhor para que os textos fossem politicamente corretos — foi a que mostrou mais energia em programas assistenciais de alcance comunitário e global. A igreja, disse o arcebispo William Temple, é "a única cooperativa do mundo que existe em benefício de seus não membros".[11] Algumas igrejas, especialmente aquelas localizadas em áreas urbanas, dirigem sua atenção para não membros da vizinhança imediata. Outras adotam igrejas irmãs em diferentes países e enviam equipes missionárias para o exterior. Em meu *tour* pelas igrejas, as mais tristes que encontrei foram as que não iam além de suas dependências e estacionamentos.

Depois de visitar todas as 24 igrejas, acabei tendo um quadro mais nítido das qualidades a buscar numa sadia congregação de peregrinos. Todas elas pareciam concentrar-se em nossa obrigação de, nas palavras de Pedro, “servir aos outros, *administrando fielmente* a graça de Deus em suas múltiplas formas” (1Pe 4.10).

Barbara Brown Taylor, líder episcopaliana, decidiu abandonar seu cargo na igreja em parte devido à incapacidade da instituição em administrar a graça:

> Uma coisa que sempre me havia incomodado era a maneira com que as pessoas desapareciam da igreja quando a vida delas estava implodindo. Separação e divórcio eram as explicações mais comuns para longas ausências, mas isso também acontecia em casos de depressão, alcoolismo, perda do emprego e doenças terminais. Uma jovem viúva me contou que não podia vir para a igreja porque começava a chorar no instante em que se sentava num dos bancos. Um rapaz recentemente diagnosticado com aids disse que se havia afastado porque estava assustado demais para responder a perguntas e zangado demais para cantar hinos. Entendi o raciocínio deles, mas lamentei que a igreja não atraísse aquelas almas feridas como um lugar ao qual elas pudessem trazer os sombrios frutos de suas igualmente sombrias noites.[12]

Nas leituras que faço sobre os relatos da igreja do Novo Testamento, nenhuma característica se destaca mais nitidamente que a diversidade, o primeiro terreno para testar a graça. Começando com o Pentecoste — um aglomerado de gente de muitos países —, a igreja cristã desmantelou as barreiras de gênero, raça e classe social que marcavam as congregações judaicas. Paulo, que na condição de rabino havia dado diariamente graças a Deus por não ter nascido mulher, escravo ou gentio, maravilhou-se com a mudança radical: “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gl 3.28).

A diversidade complica a vida, e talvez por essa razão nós tendemos a nos cercar de gente de nossa mesma idade, classe social e visão de mundo. A igreja oferece um lugar onde crianças e avós, desempregados e executivos, imigrantes e aristocratas podem

se reunir. Certa manhã, lá estava eu ensanduichado entre um senhor idoso acoplado a um cilindro de oxigênio de um lado e, do outro lado, um bebê de peito que ficou resmungando alto durante todo o culto. Em que outro lugar podemos encontrar essa mistura? Quando entro em determinada igreja pela primeira vez, noto que, quanto mais seus membros se parecem entre si e comigo, tanto mais desconfortável me sinto.

A diversidade, porém, só acontece num grupo de pessoas que compartilham uma visão comum. Em sua oração em João 17, Jesus enfatizou um pedido mais que todos os outros: “para que sejam um” (v. 11). As cartas de Paulo repetidamente pedem a unidade e o fim de divisões. A existência de tantas denominações pelo mundo afora mostra como os cristãos foram malsucedidos no cumprimento desse objetivo. Grandes cisões religiosas aconteceram em igrejas sobre questões como que tipo de pão usar na celebração da ceia do Senhor e sobre se o sinal da cruz deve ser feito com dois ou com três dedos. Não fomos, de fato, bons administradores da graça de Deus.

Idealmente, a igreja deveria ser um lugar que nos lembra verdades eternas: que Deus quer o melhor para nós; que o pecado e o fracasso são inevitáveis, mas o perdão está garantido; que uma comunidade que oferece apoio carrega pesados fardos e conforta os necessitados. Um pastor amigo meu fez uma série de sermões sobre a expressão “uns aos outros” e suas variações.[13] Ele descobriu 29 empregos dessa expressão no Novo Testamento, e todas essas ocorrências, em seu conjunto, mostram como seria uma verdadeira comunidade. Elas incluem o seguinte:

Amem-se uns aos outros.
Perdoem uns aos outros.
Orem uns pelos outros.
Levem os fardos pesados uns dos outros.
Dediquem-se uns aos outros.

Considerem os outros superiores a si mesmos.
Não falem mal uns dos outros.
Não julguem uns aos outros.

Suportem-se uns aos outros.
Sejam bondosos uns para com os outros.
Falem a verdade uns para os outros.
Edifiquem-se uns aos outros.
Consolem-se uns aos outros.
Tenham igual cuidado uns pelos outros.
Incentivem-se uns aos outros.

Eu imagino como seria diferente a igreja aos olhos do mundo, sem falar em como a história seria diferente, se os cristãos em toda parte seguissem esse modelo.

Em minhas visitas, nunca encontrei uma igreja perfeita. Nem deveríamos esperar encontrar, se o Novo Testamento significa alguma coisa. Algumas quase me faziam dormir, ao passo que outras tanto tentavam ser tão vanguardistas que eu me esquecia do motivo de estar lá. Tentado a julgar, eu simplesmente lembrava a mim mesmo que a igreja remonta ao próprio ousado "experimento" de Deus: permitir que pessoas comuns como nós encarnássemos a presença de Deus na terra, como peregrinos.

Embora os peregrinos possam falhar ou desviar-se do caminho, uma coisa importa mais que todas as outras: o destino. Fixe seus olhos em Jesus, diz o livro de Hebreus. Ele é o pioneiro e o aperfeiçoador da fé que suportou uma grande tribulação, "pela alegria que lhe fora proposta" (Hb 12.2).

Numa alusão à obra *O peregrino*, de John Bunyan, o filósofo John Hick descreve dois viajantes que empreendem juntos uma jornada. Suas experiências de vida têm muito em comum, uma vez que ambos enfrentam as mesmas dificuldades e desfrutam dos mesmos prazeres. Um viajante, porém, acredita que está a caminho da Cidade Celestial, ao passo que o outro vê sua viagem como uma simples expedição, sem ter em mente nenhum objetivo concreto. Em consequência disso, eles experimentam a jornada de modos diferentes.

Hick escreve: "Um vê os prazeres que a viagem proporciona como prenúncios da alegria maior que o aguarda, e seus sofrimentos como algo que vale a pena suportar por causa da felicidade final. O

outro aceita o bom e o ruim conforme eles se apresentam, desfrutando ao máximo essa jornada que, em última análise, não faz sentido. [...] A jornada acabará se revelando ou o ‘progresso de um peregrino’, ou ‘simplesmente a ocorrência maluca de uma coisa depois de outra’”.[14]

6

Ativistas

Conduzimos bem nossa vida quando amamos a Deus de todo o nosso ser e quando amamos o próximo como amamos (apropriadamente) a nós mesmos.

Miroslav Volf[1]

Apesar de todas as suas proveitosas percepções, a alegoria de John Bunyan apresenta um quadro incompleto de como devemos viver. O peregrino de sua narrativa caminha pela vida procurando uma fuga do mundo. Ao contrário disso, os peregrinos são chamados a envolver-se com o mundo atuando para o saneamento de suas mazelas.

Ouvi certa vez Bono, da banda U2, descrever sua missão de ajuda humanitária num orfanato da Etiópia. Durante um mês ele e sua mulher, Ali, seguraram bebês em seus braços, ajudaram a cuidar deles e a alimentá-los devolvendo-lhes a saúde, e depois doaram dinheiro para equipar o orfanato. Enquanto estava lá, Bono também escrevia e cantava para os órfãos canções sobre o consumo de verduras sadias e a necessidade de lavar as mãos.

Bono disse que depois de seu retorno à Irlanda suas orações mudaram, assumindo um tom indignado, desafiador. “Deus, você não se importa com aquelas crianças da África? Elas não fizeram nada de errado e, no entanto, por causa da aids, logo poderá haver quinze milhões de bebês sem pai nem mãe naquele continente. Você não se importa?!”[2]

Pouco a pouco, Bono ouviu em resposta que Deus se importa, sim. De fato, de onde ele pensa que lhe veio a ideia de uma viagem missionária para a África? As perguntas que ele havia gritado para

Deus voltaram cortando os ares como uma espécie de censura. *Mexa-se. Faça alguma coisa.* O papel de liderar uma campanha mundial contra a aids teve inicialmente pouco apelo para Bono — "Sou um astro do *rock*, e não um assistente social!" —, mas no fim ele não pôde ignorar o que, com absoluta certeza, ele sentia como uma vocação.

Nos vários anos seguintes, políticos tão diferentes como o presidente Bill Clinton e o senador Strom Thurmond, e depois Tony Blair e Kofi Annan e George W. Bush depararam com um músico vestido todo de preto e usando seus inconfundíveis óculos de sol acampado junto à porta de seus escritórios, aguardando para conversar com eles. Numa época de cortes econômicos, de algum modo Bono conseguiu persuadir esses líderes a desembolsar quinze milhões de dólares para combater a aids.

Com a garantia do apoio político, Bono partiu em seguida para um *tour* de ônibus pelos Estados Unidos, fazendo palestras em grandes igrejas e faculdades, porque acreditava que os cristãos eram um fator crucial para lidar especificamente com esse problema mundial. Ele convidou outros peregrinos a participar do que Deus queria ver realizado no mundo, e muitos aceitaram o convite.

Agentes de mudança

Jesus apresentou sua plataforma já em seu primeiro pronunciamento público: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos" (Lc 4.18). Aqueles dentre nós que seguem Jesus necessariamente adotam esse mesmo programa de trabalho. Em consequência disso, muitas das perguntas que atiramos contra Deus voltam para nós como um bumerangue.

Considere, por exemplo, a excelente pergunta: "Por que Deus não faz alguma coisa em relação à fome global?". As palavras dos anjos depois da ascensão de Jesus ecoam através dos séculos: "Por que vocês estão olhando para o céu?". Nós, os seguidores de Jesus, somos os agentes encarregados de pôr em prática a vontade de

Deus sobre a terra. Com demasiada facilidade, esperamos que Deus faça alguma coisa *por* nós quando, em vez disso, Deus quer agir *por meio de* nós.

O ativista cristão, porém, tem de caminhar numa corda bamba: como enfrentar os problemas do mundo sem imiscuir-se com os próprios poderes que os criaram? Nós temos de viver "no mundo... não [...] do mundo", como disse Jesus durante sua última refeição com os discípulos (Jo 17.13,16). Ao longo da história, os cristãos procuraram o equilíbrio certo, às vezes aproximando-se demais da cultura ao seu redor e às vezes afastando-se a ponto de se tornarem irrelevantes.

Aprendi muito sobre essa questão com o teólogo Miroslav Volf, um croata que viveu a experiência da Guerra dos Bálcãs na década de 1990 e depois passou a lecionar no Fuller Seminary, instituição cristã pluridenominacional situada em Pasadena, Califórnia, e na Divinity School da Universidade Yale, no estado de Connecticut. Filho de um pastor pentecostal, Volf cresceu sentindo-se parte de uma "minoria das minorias", membro de um grupo periférico numa região com um passado religioso problemático.[3] Em seus primeiros anos de vida, a então Iugoslávia era oficialmente ateísta: o pai de Volf foi confinado num campo de trabalhos forçados, e o próprio Miroslav foi submetido a longos interrogatórios policiais. Após a queda do comunismo, ele viu o país esfacelando-se junto com os engajamentos religiosos, marcando o início de uma violenta guerra civil.

Quem sustenta sua fé enfrenta dois perigos opostos, concluiu Volf. Alguns se afastam da cultura que os cerca, perdendo com isso o direito a qualquer influência potencial. Os pentecostais de sua juventude assim fizeram, enfatizando a vida privada e a filiação à igreja e preparando-se para a vida futura. Eles mal estavam "no mundo". No entanto, Jesus havia deixado instruções claras para seus discípulos numa oração que lhes legava autoridade: "Assim como me enviaste ao mundo, eu os enviei ao mundo" (Jo 17.18)

Durante a guerra, Volf constatou exatamente o oposto, uma abordagem "do mundo", quando grupos religiosos se alinharam com

quem estava no poder. Católicos croatas, ortodoxos sérvios e muçulmanos bósnios desmembraram seu país e começaram uma campanha de limpeza étnica contra grupos minoritários.

A história da igreja cristã contém embaraçosos exemplos dessa abordagem. Nas Américas, pastores e sacerdotes abençoavam os conquistadores que exploravam as tribos nativas. Na África, os missionários muitas vezes trabalhavam mancomunados com potências coloniais. (O bispo Desmond Tutu observa: “Quando os missionários vieram para a África, eles tinham a Bíblia, e nós a terra. Eles disseram ‘Vamos orar’. Nós fechamos os olhos. Quando os abrimos, nós tínhamos a Bíblia, e eles tinham a terra”.[4])

Volf propõe um modelo diferente para pessoas de fé. Liderar com aquilo em que acreditamos, diz ele, tende a provocar oposição — testemunho disso é a trágica história dos Bálcãs. Enfatizando a doutrina, separamo-nos do “outro” e podemos ser tentados a impor nossas crenças pela força. Ao contrário, guiados pela Regra de Ouro, deveríamos nos concentrar em pôr em prática nossas crenças, progredindo da *mão* para o *coração* para o *intelecto*. Atos práticos de misericórdia (como estender a mão) vão expressar nosso amor (o coração), que por sua vez pode atrair outros para essa fonte de amor (as crenças do intelecto).[5]

Eu creio que Volf talvez tenha formulado a melhor maneira de comunicar nossa fé nos tempos modernos, especialmente para pós-cristãos. Os protestantes, especialmente aqueles que aceitariam bem o rótulo de *evangélicos*, enfatizaram tradicionalmente a “proclamação da palavra” num apelo direto ao intelecto. Nós pregamos sermões, escrevemos livros de apologia, conduzimos campanhas de evangelização que abrangem cidades inteiras. Para os que se afastaram da igreja, essa abordagem já não tem o mesmo poder de cativar. E, para os que são realmente necessitados, as palavras por si sós não satisfazem. “Um homem faminto não tem ouvidos”, conforme me disse um assistente social.

Um mundo cético julga a verdade do que dizemos com base nas provas de como vivemos. Os ativistas de hoje talvez sejam os melhores evangelizadores.

Ciladas e desvios

Até mesmo atos de misericórdia devem ser realizados com cuidado. Soho Machida, monge zen-budista japonês que leciona na Universidade de Princeton, mostra como os que não seguem o cristianismo veem os cristãos. “Nenhuma outra religião jamais produziu figuras como Albert Schweitzer ou Madre Teresa, cujas vidas se tornaram monumentos à boa vontade humana”, diz ele com apreço. “O cristianismo contribuiu imensamente para um maior reconhecimento dos direitos humanos pelo mundo afora. Há muitas histórias impressionantes acerca de pacientes com doenças fatais ou de detentos que recuperam a esperança na vida através da conversão ao cristianismo.”[6]

Machida admira a ênfase dos cristãos na transformação do mundo, em contraste com algumas religiões asiáticas que pregam uma aceitação passiva do destino. Em seguida, acrescenta uma observação cautelosa acerca dos crentes: “Se eles alimentam a mais leve convicção de serem superiores ajudando inferiores, ou fiéis salvando infiéis, eles imediatamente perdem sua dignidade cristã”. Alguns cristãos, observa ele, transmitem um espírito de superioridade em relação aos outros e podem até projetar certa hostilidade em relação ao resto da sociedade.

Vou enfocar os evangélicos, o ramo da fé que conheço melhor. Muitas e muitas vezes ouço uma queixa semelhante à de Machida acerca dos evangélicos que estão praticando boas obras. Um amigo meu de Chicago que administra um abrigo para viciados e cidadãos sem-teto e que é extremamente difícil de situar em qualquer mapa teológico certa vez me disse: “Amo os evangélicos. Eles são os melhores voluntários. Realmente se preocupam com os necessitados, e a gente consegue que eles façam qualquer coisa”. Fez uma breve pausa antes de acrescentar com um sorriso irônico: “A questão é que a gente precisa suavizar suas atitudes críticas para que eles possam ser efetivos”.

Quando leio reportagens nas revistas *Time* e *Newsweek* sobre os evangélicos, com frequência me retraio porque, como o meu amigo de Chicago, a mídia vê os evangélicos como gente intolerante e

propensa a criticar. Eles deixam escapar a vibração e o entusiasmo, a boa-novidade que a palavra representa em grande parte do mundo e que eu constatei pessoalmente. Nos Estados Unidos, tudo eventualmente se reduz à política, um esporte competitivo, e os americanos tendem a ver os evangélicos como sendo “do mundo” — um monolítico bloco obcecado com umas poucas questões morais.

Certa vez, realizei uma pesquisa informal com passageiros sentados ao meu lado em viagens aéreas e outras pessoas estranhas dispostas a entabular uma conversa. “Quando pronuncio a palavra *evangélico*, o que lhe vem à mente?”, perguntava eu. Em resposta, geralmente ouvia a palavra *contra*: os evangélicos são contra o aborto, contra a pornografia, contra os direitos dos *gays*, contra um sistema de saúde para todos, contra a evolução, contra a imigração. Quem está de fora vê os evangélicos como moralistas que querem impor as crenças do seu “intelecto” a uma sociedade com outras características. Como notou Miroslav Volf, quando uma religião — qualquer que seja — tenta se impor à força a outros que não compartilham suas crenças, ela cria uma reação violenta e provoca oposição.

Nos últimos tempos, proeminentes evangélicos dos Estados Unidos recorreram à política fazendo dela um meio de expressar seu ativismo e promover seu programa de ação. Entretanto, olhando para a história, não consigo evitar a impressão de que os evangélicos têm tido uma reputação irregular na política. Evangélicos lideraram a luta pelo voto feminino e pela abolição da escravidão — e também lideraram a luta contra esses dois movimentos. Pastores afro-americanos, muitos deles evangélicos, conduziram o movimento pelos direitos civis, ao mesmo tempo que evangélicos brancos do sul amplamente se opuseram a ele. Na década de 1980, Jerry Falwell instava a que os cristãos comprassem moedas de ouro da África do Sul, conhecidas como *krugerrands*, e promovessem investimentos americanos naquele país, numa tentativa de reforçar o regime do governo branco. Atualmente, evangélicos desempenham um papel importante

apoiando uma legislação contra o aborto, embora defendam a pena de morte, o direito do uso de armas e intervenções militares.

Resumindo, os evangélicos têm tomado posições políticas que às vezes parecem impulsivas, às vezes heroicas e às vezes contraditórias. Deveria causar alguma surpresa o fato de que o resto do mundo nos veja com suspeita e que a mensagem da boa-nova se perca?

(Para turvar ainda mais as águas, muitos evangélicos em lugares como a Europa e a Nova Zelândia se alinham com partidos políticos liberais, acreditando que sua fé lhes impõe o apoio a programas sociais em favor dos pobres e a oposição à guerra. E, na China, muitos cristãos não veem nenhuma contradição em seu apoio ao maior governo comunista do mundo. Até pouco tempo atrás, Querala, o estado da Índia com a média mais alta de cristãos, votava com o partido comunista.)

Kevin Roose, estudante da Universidade Brown, decidiu investigar os evangélicos e assim se matriculou para cursar um semestre na Universidade Liberty, conservadora escola cristã. Como ele explica em *The Unlikely Disciple* [O discípulo improvável]: “Meu círculo social na Brown incluía ateus, agnósticos, católicos relapsos, budistas, adeptos da bruxaria e mais judeus não praticantes do que seria possível acomodar numa sinagoga, mas exatamente nenhum representante dos cristãos renascidos. O mundo evangélico, a meu ver, era uma comunidade enclausurada, ligeiramente assustadora, cujos valores e costumes eu logicamente não iria entender. Por isso eu o ignorava”.[7]

Todavia, depois de passar um período na Liberty, as opiniões de Kevin mudaram. Os estereótipos da mídia nem sempre se aplicavam. “Esse não é um grupo de zelotes furiosos. Eu tinha consciência de que veria um lado diferente dos estudantes da Liberty quando resolvi viver no meio deles, mas pensava que seria um lado mais rígido. Tinha comigo essa paranoia secular/liberal de que quando os estudantes evangélicos estavam isolados em seu grupo, eles passavam o tempo fechados em suas salas escuras,

organizando protestos contra o aborto e tramando invasões teocráticas. Mas isso de modo algum é verdadeiro".[8]

Roose aprendeu que, contrariando o estereótipo da mídia, muitos evangélicos não se envolvem em atividades políticas. De fato, os evangélicos americanos passam doze vezes mais tempo em missões estrangeiras e atividades internacionais de ajuda humanitária do que passam realizando atos políticos.

Desafiando o estereótipo

Há várias décadas venho escrevendo sobre a subcultura evangélica. Ao longo do caminho, conheci muitos evangélicos, muitas vezes desconhecidos e longe dos holofotes, que servem como ativistas de vanguarda de uma espécie diferente. Não sendo prioritariamente ativistas políticos, eles são reformadores práticos que lutam pelo bem comum. Em minhas pesquisas para o livro *Para que serve Deus?*, observei alguns deles estendendo uma mão compassiva em vários continentes.

Na África do Sul, passei um tempo com Ray McCauley, um sujeito extraordinário que em sua juventude competia com Arnold Schwarzenegger em concursos de Mister Universo. Ray fundou em Joanesburgo uma igreja baseada na filosofia carismática "pedir é conseguir", igreja que acabou se tornando a maior da África do Sul, com 35 mil membros. Quando o governo do *apartheid* começou a ruir, as atitudes raciais, a política e a rígida teologia de Ray começaram a abrandar-se. Alguns de seus adeptos brancos sentiram-se insatisfeitos com a nova abordagem e afastaram-se. Pouco a pouco, a estruturação da igreja mudou de tal modo que passou a refletir o espectro racial do país. Hoje, os programas dessa igreja incluem assistência a aidéticos, um projeto habitacional e uma fazenda para a recuperação de viciados.

No outro extremo do país, na Cidade do Cabo, encontrei-me com Joanna Flanders-Thomas, uma dinâmica senhora mestiça. Em sua época de estudante, ela havia promovido manifestações contra o governo do *apartheid*. Depois da vitória de alcance nacional contra esse sistema racista, voltou-se para um problema local: a mais

violenta penitenciária da África do Sul, onde Nelson Mandela havia passado oito anos de confinamento. Joanna começou a visitar diariamente os detentos desse presídio, levando-lhes uma simples mensagem evangélica de perdão e reconciliação. Conquistou a confiança deles, convenceu-os a falar sobre abusos sofridos na infância e mostrou-lhes um jeito melhor de resolver conflitos. No ano anterior às visitas de Joanna, a penitenciária registrou 279 atos de violência contra internos e guardas; no ano seguinte, aconteceram apenas dois.

Alguns meses mais tarde, viajei para o Nepal, o único reino hindu do mundo, um país de extrema pobreza onde prevalece o sistema de castas. Lá me encontrei com agentes da saúde de quinze nações, na maioria europeias, que atuam sob a supervisão de uma missão evangélica especializada em atendimento a leprosos. A maioria dos avanços no tratamento da lepra surgiu graças ao trabalho de missionários cristãos — sobretudo porque, como disse meu amigo de Chicago, “A gente consegue convencê-los a fazer qualquer coisa”. Conheci cirurgiões, enfermeiros e enfermeiras e fisioterapeutas bem treinados que dedicam sua vida a cuidar de vítimas da lepra, muitas delas da casta mais baixa. Durante seu tempo livre, alguns desses missionários escalam as altas montanhas do Nepal, outros se concentram na vida dos pássaros e pelo menos um médico francês estuda as mariposas do Himalaia. Vários deles tinham participado da maratona de Katmandu, e dois haviam feito um passeio maluco de motocicleta atravessando montanhas e rios do vizinho Tibete. Nenhum deles se encaixa na imagem de “inflexível evangélico de direita”, e no entanto todos reivindicam o termo *evangélico*.

A ONU estima que três milhões de mulheres e crianças são traficadas anualmente no mundo inteiro. Participei de uma conferência de várias dezenas de organizações cristãs que trabalham para libertar mulheres da prostituição, que em países pobres constitui uma forma moderna de escravidão. Participantes de quarenta nações trouxeram consigo algumas das mulheres que haviam sido resgatadas. Elas contaram histórias dolorosas de abusos sofridos e atribuíram às organizações cristãs a sua

libertação e a ajuda recebida para encontrar novas carreiras. Uma única organização abriga quinhentas jovens libertadas da escravidão sexual nos bordéis de Mumbai, na Índia.

Também na Índia, os cristãos foram pioneiros no acolhimento aos dálits (outrora denominados intocáveis) e a outras castas inferiores por meio da construção de escolas e clínicas a serviço deles. Milhões de cidadãos das classes mais baixas deixaram depois disso a fé hindu, que os exclui de seus templos, e encontraram abrigo entre os cristãos.

Graças a esse tipo de atividade, em outros países o termo *evangélico* tem uma conotação muito diferente da americana. No Oriente Médio, por exemplo, a mídia enfoca choques entre muçulmanos e cristãos. No entanto, um amigo meu que dirige um ministério naquela região afirma: “Os evangélicos no Oriente Médio são vistos como o povo da Boa Notícia, a exata definição do termo *evangélico*. Eles têm atuado na vanguarda do desenvolvimento, do treinamento profissional, dos direitos humanos e da liberdade religiosa. Também têm atuado na vanguarda da medicina e formação médica em todos os níveis e são conhecidos por cuidarem dos pobres”.[9] Hospitais e escolas criados por missionários estão entre os melhores nos estados do golfo Pérsico.

Vivendo à altura do nosso nome

Alguns dos meus amigos acreditam que deveríamos abandonar o termo *evangélico*. Eu prefiro que mantenhamos essa designação e vivamos à altura do seu verdadeiro significado (em grego, *euangelion* significa “alvíssaras” ou “boa notícia”).

Numa viagem ao Brasil, conheci um conterrâneo americano que havia acompanhado um pastor local numa visita a um bairro de São Paulo. Ele começou a se sentir ansioso quando notou os cupinchas de um chefão do tráfico patrulhando a vizinhança com armas automáticas. A rua foi ficando estreita até virar um caminho de terra. Canos de plástico pendiam acima da cabeça deles, o esgoto corria pelas ruelas e um emaranhado de fios roubava energia de linhas de alta tensão. A ansiedade transformou-se em medo quando ele

percebeu que as pessoas do interior de seus barracos estavam olhando feio para ele, um gringo suspeito de invadir seu território. Era um traficante? Um policial disfarçado? Depois o chefão do tráfico notou nas costas de sua camiseta o logotipo de uma igreja pentecostal local. Ele se abriu num largo sorriso. “Ah, evangélicos!”, gritou ele, e as carrancas subitamente se tornaram sorrisos. Ao longo dos anos, aquela igreja havia oferecido ajuda prática ao bairro, e agora os visitantes estrangeiros eram muito bem-vindos.

Mais recentemente, fiz uma palestra num encontro cristão estranhamente denominado Wild Goose Festival [Festival do Ganso Selvagem], que me foi descrito como “uma espécie de Woodstock de esquerda, cristão, *hippie* e ativista”. Mais de duas mil pessoas estavam presentes, acampadas num terreno encharcado pela chuva, para ouvir grupos musicais e oradores que as exortavam a pôr em prática a sua fé. Alguns estandes promoviam direitos humanos: “Quem Jesus torturaria?”, lia-se numa grande faixa. Um cartaz citava Shane Clairbone: “Como posso adorar um sem-teto no domingo e ignorar outro na segunda?”.[10] Outros estandes visavam acabar com a “hobofobia”, oferecendo dignidade bem como ajuda prática aos sem-teto. Um veterano do movimento dos direitos civis, apoiado numa bengala, fez um retumbante sermão num estilo retórico que lembrava Martin Luther King Jr.; ele acabara de cumprir pena na cadeia por liderar um protesto contra a reacionária legislatura do estado.

Os ativistas que conheci, dos dois extremos do espectro político, têm uma coisa em comum: a crença de que servindo aos necessitados eles estão seguindo Jesus. Os cristãos dividiram-se outrora acerca de diferentes entendimentos de nosso papel no mundo: os cristãos mais liberais enfatizavam as necessidades humanas, ao passo que os conservadores enfocavam o evangelismo. Os evangélicos aprenderam depois disso que as duas tendências, a da conversão e a da mudança social, de fato atuam juntas.

Pesquisas feitas na América Latina documentam como a transformação pessoal pode levar à melhoria social.[11] Um homem

se apresenta para receber Cristo num encontro evangélico. Ele adere à igreja local, que o aconselha a deixar de embebedar-se nos fins de semana. Com o apoio e a ajuda da igreja, ele faz isso. E começa a apresentar-se para o trabalho nas manhãs de segunda-feira e no fim consegue uma promoção para um cargo de chefia. Animado por sua fé e uma renovada sensação de autoestima, ele para de bater na mulher e se torna um pai melhor para seus filhos. Por sua vez, sua recém-empoderada esposa assume um emprego que lhe permite providenciar educação para os filhos. Multiplique-se isso por várias dezenas de pessoas convertidas, e logo a economia de toda a vizinhança cresce.

Além disso, os conservadores cristãos passaram a aceitar que o evangelho de Jesus se aplica à totalidade da pessoa, e não apenas à sua alma. Acaso Jesus não inaugurou seu ministério com uma declaração de boas notícias para os pobres, os oprimidos, os prisioneiros e os cegos? Hoje, médicos que trabalham para a ONG Mercy Ships [Navios da Misericórdia] fazem cirurgias de graça para cegos em países carentes de assistência sanitária, e a ONG Habitat for Humanity [Moradia para a Humanidade] persegue seu elevado objetivo de providenciar moradias dignas para os pobres. Numa retomada do movimento de assentamento que ocorreu há um século, os evangélicos estão se mudando para as grandes cidades a fim de ajudar a estabilizar áreas urbanas carentes. Eles providenciam pessoal para trabalhar em abrigos em prol dos sem-teto, para programas de viciados e centros de assistência a mulheres grávidas porque acreditam que esse tipo de atividade ajuda a promover o reino de Deus, uma resposta prática à oração de Jesus pedindo que a vontade de Deus seja feita “na terra como no céu” (Mt 6.10).[12]

Esperança sem palavras

Em países como o Paquistão e o Afeganistão, os cristãos precisam se manter em silêncio em relação à sua fé. Às vezes, como aconteceu com dez profissionais da saúde no Afeganistão em 2010, eles são martirizados por ela. Os ativistas vêm enfrentando novos

desafios para os quais não há nenhum manual de instruções e vão tateando por um território desconhecido. Hoje em dia, equipes de socorro em países muito sensíveis têm de assinar um código de conduta que as proíbe de usar as atividades de socorro “para promover determinada posição política ou religiosa”. Cristãos compartilhando alimentos e remédios é uma coisa; compartilhando ideias é outra totalmente diferente.

Durante uma das secas periódicas que devastam a África Oriental, visitei um vasto campo de refugiados num deserto da Somália para ver como é o trabalho de ajuda humanitária dos evangélicos num país “fechado”. Eu queria saber por que essas pessoas se apresentam como voluntários para tarefas tão árduas. O que os motiva, e que impacto elas exercem sobre eles?

Pouco tempo antes de minha visita, a ONG cristã World Concern [Preocupação Mundial] foi quase completamente dominada pelo caos no local remoto para o qual seus voluntários foram designados na Somália. Os suprimentos médicos encomendados com meses de antecedência ainda não tinham chegado e não havia mais comida. Sessenta mil refugiados estavam prontos para amotinar-se. Um velho foi em direção dos socorristas, brandindo um bastão e gritando: “Nós não precisamos de uma clínica! Precisamos de comida! Vocês não percebem que nossos bebês estão morrendo de fome?”. Pelo menos trinta bebês morriam diariamente no campo improvisado.

Do ponto de vista médico, o campo era um inferno. Havia surtos de disenteria, coqueluche, sarampo, difteria e tuberculose, e os sintomas dessas doenças eram complicados pela subnutrição. Bastaram apenas seis meses de trabalho das equipes de ajuda humanitária para transformar o campo de refugiados à beira de uma catástrofe na comunidade ordenada que eu visitei. Com exceção de uma pausa durante o calor da tarde, as equipes de socorro atendiam em clínicas e estações de distribuição de alimentos das sete da manhã às sete da noite.

À noite, os trabalhadores se reuniam ao redor de uma fogueira, comentavam o que acontecera e falavam sobre seus países de origem e suas experiências em outras zonas em crise. De maneiras

diferentes eu repetia minha pergunta básica: Por que alguém se inscreve para um regime de trabalho diário mal remunerado sob um sol escaldante com tão poucas amenidades da vida moderna?

O dr. John Wilson, um pediatra da Carolina do Norte com voz suave e cabelos brancos, mencionou um senso de dever. “Às vezes me sinto aqui como Jonas — eu vim para cá porque achei que devia, independentemente de querer ou não vir. Meu pai foi médico missionário na Coreia, iniciando seu trabalho em 1907. Era o único médico para atender cinco milhões de pessoas. Profissionalmente, tentei um pouco de tudo: atender numa clínica particular com muitos pacientes, lecionar numa universidade, trabalhar com mineiros de carvão. Ao longo dos anos, passei a acreditar que devo dar a Deus o dízimo não só do meu dinheiro, mas também do meu tempo.”

O dr. Wilson acrescentou que praticar a medicina em áreas subdesenvolvidas tem seus atrativos. “Depois de ver centenas de crianças que podem não ter mais que um problema de coriza ou uma dor de garganta, alguma coisa acontece comigo por vir aqui e exercer um papel de salvar vidas.” O doutor que precedeu Wilson certa vez fez uma apendicectomia à luz de lanternas no interior de uma tenda durante uma chuva torrencial, usando colheres como retratores e panos de prato como esponjas. Aqui os profissionais da saúde têm a oportunidade de praticar a medicina pura, sem visar nenhum pagamento de seguros, nenhum lucro exorbitante e sem se preocupar com processos por erro médico.

A idade do dr. Wilson (ele se aposentou após minha visita) era uma exceção entre os profissionais de saúde na Somália. A grande maioria tinha pouco mais de vinte anos: jovens na flor da idade, idealistas que poderiam posar para um cartaz da agência de voluntários Corpo da Paz. Lois, uma loira de 21 anos que usava um penteado maria-chiquinha, minimizava as dificuldades da vida no campo de refugiados. “Eu penso nas minhas colegas na escola de enfermagem”, disse-me ela. “Quando chegou a graduação, todas nós comparamos os postos que logo iríamos ocupar: um novo hospital, um cargo na aeronáutica na Grécia, um famoso hospital-escola em San Diego, uma escola particular em Minneapolis. Lembro-me da expressão na cara de minhas amigas quando eu

disse que iria prestar ajuda humanitária num país muçulmano assolado pela guerra no Chifre da África. ‘Isso é definitivamente uma loucura!’, disse uma das garotas.”

Lois prosseguiu: “Muitas vezes, sentada numa espreguiçadeira à noite, relembro aquele dia da graduação. Aqui no deserto, sob um céu equatorial sem poluição, a Via Láctea cintila, dividindo os céus como uma rodovia de luz. Sentada sozinha, ouço o gorgolejo do rio Juba e penso em meus amigos lá na minha terra. Sob alguns aspectos, acho que vir para cá realmente parece ter sido uma loucura. No entanto, nunca me senti tão satisfeita e realizada em minha vida. A maioria das minhas amigas da escola de enfermagem está trabalhando em seu rotineiro turno das quinze às vinte e três horas em algum hospital. Elas é que estão perdendo. Eu estou vivendo a grande aventura de minha vida. Como alguém poderia sentir pena de mim?”

“Um espírito de esperança infecta todo mundo neste campo de refugiados, tudo porque doadores do Ocidente e equipes de ajuda humanitária aqui se sacrificaram e se doaram. Não posso verbalizar a fonte de minha esperança aqui porque o governo proíbe que se fale da fé cristã. Mas posso demostrar com a minha presença e o meu espírito que há esperança neste lugar, um conceito que alguns acham difícil de entender porque a religião deles é tão fatalista. Para mim, o que fala mais alto é o fato de que vinte agências cristãs de ajuda humanitária, inclusive a World Concern, altruisticamente trouxeram a cura a uma nação muçulmana.

“Talvez um dia eu volte aos Estados Unidos e trabalhe no turno da noite num confortável hospital de um bairro nobre. Então provavelmente irei lutar com novas questões, tais como buscar ser altruísta e grata numa terra de abundância. Mas eu sei que sempre serei grata por minha atividade de enfermeira ter começado aqui, onde minha presença pode fazer uma diferença de vida ou morte. De fato, quase sinto pena das pessoas que nunca tiveram a oportunidade de servir a Deus desse jeito. Acredito que estou começando a aprender o que Jesus tinha em mente quando disse: ‘Quem perder a sua vida a encontrará’.”

Presença fiel

Em 2010, o sociólogo James Davison Hunter publicou um livro intitulado *To Change the World* [Mudar o mundo]. Ele começa citando declarações de missões de muitas entidades cristãs: redimir a cultura, transformar a sociedade e "mudar o mundo para Cristo". Observando as evidências, ele conclui pesaroso que isso não está acontecendo, pelo menos não da forma visualizada pelos criadores dos *slogans*.[13]

O evangelho de fato transformou algumas culturas pagãs da história, e em certas partes do mundo continua tendo um impacto em sociedades inteiras. Apesar disso, quando a fé enfrenta uma ferrenha resistência, como acontece em países islâmicos, ela pode sucumbir ou tornar-se insignificante. Pense nas igrejas mencionadas no Novo Testamento, hoje ruínas arqueológicas na Turquia, na Síria e no Iraque. E não há nenhum sinal de que os gestos de piedade realizados em regiões como a Somália ou em áreas afetadas pelo *tsunami* da Indonésia tenham refreado a oposição ao cristianismo. Os médicos e enfermeiros que entrevistei na Somália mencionaram um impacto duradouro em sua fé pessoal, e não na fé dos que eles ajudaram.

Nos países ocidentais, como já mostrei, uma fé fervorosa pode provocar uma espécie diferente de oposição, dos céticos e dos pós-cristãos. Hunter sugere que se abandone o discurso da redenção da cultura e transformação do mundo, porque essa linguagem implica conquista e ocupação. Em vez disso, ele propõe um objetivo diferente, o de manter "uma presença fiel no seio de" um contexto cultural. Melhor exemplo disso é o sacrifício por amor. Ele cita o renomado pastor Rick Warren, que em *Uma vida com propósitos* diz: "Estou no aguardo de uma segunda reforma. A primeira reforma da igreja quinhentos anos atrás se deu acerca de crenças. Esta será acerca de obras. Não tratará do que a igreja acredita, mas sim do que ela está fazendo".[14]

Cada vez mais os evangélicos começam a falar sobre "o bem comum", expressão tomada emprestada dos católicos. A igreja trabalha melhor não como um centro de poder, mas sim como uma

comunidade contracultural — no mundo mas não do mundo — que mostra aos outros como levar uma vida mais realizada e significativa aqui na terra. Na sociedade moderna, isso significa rejeitar os falsos deuses da independência, do sucesso e do prazer e substituí-los pelo amor a Deus e ao próximo. Como testemunharam as equipes de ajuda humanitária na Somália, o que inicialmente parece um sacrifício pode na realidade trazer a maior satisfação.

Um estudante de Harvard me contou ter participado de um encontro no qual Madre Teresa discursou. Um por um, luminares do mundo inteiro se apresentam naquela escola, muitas vezes sem conseguir impressionar os cínicos estudantes. Dessa vez, uma mulher mirrada e enrugada num hábito de freira, tão diminuta que precisou ficar de pé sobre um caixote para alcançar o microfone, nem sequer tentou conquistar sua plateia. Com suavidade mas com firmeza, informou seus ouvintes de que eles viviam numa cultura da morte; que estavam cercados pelos falsos deuses da riqueza material e do prazer sexual; e que a maioria deles provavelmente perderia a vida em busca do sucesso. Quando ela terminou, os estudantes de Harvard, apesar de terem acabado de receber uma sonora censura, puseram-se de pé e proporcionaram-lhe um prolongado aplauso.

Com o exemplo concreto de sua vida, Madre Teresa havia mostrado outra maneira de viver, como se acendesse uma lâmpada para expor uma sala cheia de quinquilharias. Albanesa de nascimento, havia abandonado uma carreira de professora de geografia numa refinada escola católica para garotas em Calcutá, preferindo trabalhar entre os pobres e os moribundos, quase todos eles hindus. Ela pôs em prática uma presença fiel numa cultura diferente, servindo em prol do bem comum e conquistando com isso o respeito do mundo inteiro.

Gabe Lyons, produto da subcultura evangélica e também um graduado da Universidade Liberty, relembra um tempo em que os cristãos se empenhavam em “cuidar daqueles que acreditavam como nós acreditamos. [...] Mas o bem comum exige que cuidemos de todas as pessoas — amando nosso próximo independentemente

da crença dele".[15] Lyons está simplesmente ecoando o que o Novo Testamento diz sobre um ambiente hostil. Segundo o livro de Hebreus, nós somos "estrangeiros e peregrinos na terra" (Hb 11.13), e Pedro insiste que "cada um exerça o dom que recebeu para servir aos outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas" (1Pe 4.10).

Uma apologética visível

John Marks, um dos produtores do programa de televisão *60 Minutos*, fez uma pesquisa que durou dois anos para investigar os evangélicos, grupo no qual ele se criou e depois rejeitou. Escreveu um livro sobre suas descobertas: *Reasons to Believe: One Man's Journey Among the Evangelicals and the Faith He Left Behind* [Razões para crer: A jornada de um homem entre os evangélicos e a fé que ele abandonou]. A resposta da igreja ao furacão Katrina provocou para ele uma reviravolta e se tornou uma forte razão para crer. Uma igreja batista de Baton Rouge alimentou 16 mil pessoas por dia durante semanas; outra abrigou 700 que tiveram de deixar suas casas. Mais outra igreja funcionou como ponto de distribuição para 56 igrejas, e igrejas de estados vizinhos enviaram regularmente equipes de ajuda humanitária para a reconstrução de casas durante anos, muito tempo depois que a ajuda federal se havia esgotado.

Fato mais impressionante para Marks, todos esses esforços passaram por cima das divisões e barreiras raciais do extremo sul. Como lhe disse um dos voluntários: "Tínhamos brancos, negros, hispânicos, vietnamitas, os bons e velhos *cajuns*... Nós simplesmente tentávamos dizer 'Ei, vamos ajudar esta gente. É o nosso estado. Vamos deixar que os outros todos organizem as outras coisas. Nós precisamos preparar algumas paneladas de arroz'". Marks conclui:

> Eu afirmaria que esse momento histórico foi um divisor de águas no cristianismo americano. [...] Nada falou mais alto para os crentes, e para os não crentes que prestavam atenção, que o sucesso de uma população de

> voluntários imbuídos de fé unidos contra o massivo e quase total colapso dos esforços de um governo secular. A tempestade pôs a nu uma verdade inconfundível. Cada vez mais cristãos concluíram que a única maneira de reconquistar os Estados Unidos passa pelo serviço. A fé já não viaja levada pela palavra. Ela convence pelo fato.[16]

Jesus mencionou as boas obras como uma espécie de apologética visível: “Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus” (Mt 5.16) Às vezes, embora não sempre, os de fora notam. Joe Klein, o editor político da revista *Time*, enquanto se oferecia como voluntário para consertar casas destroçadas por um tornado em Oklahoma, observou as numerosas equipes de igrejas provenientes de todos os cantos do país e comentou numa reportagem de capa: “Engraçado, mas a gente não vê humanistas seculares distribuindo comida quente por aí”.[17]

As obras também impressionaram outro jornalista de Nova York, Nicholas Kristof. Detentor de dois prêmios Pulitzer e colunista do *The New York Times*, Kristof publicou, na página em que aparecem as colunas de opinião, uma homenagem a John Stott, o pároco britânico que levou uma vida admiravelmente simples, doando os proventos dos direitos autorais de suas obras de teologia a uma instituição de caridade que distribui bolsas de estudo em países em desenvolvimento. Por meio de seus trabalhos nas Conferências de Lausanne, Stott contribuiu mais que qualquer outro indivíduo para levar evangélicos na direção de uma abordagem holística da fé.

Kristof reconhece abertamente que “quase todos nós que trabalhamos na mídia estamos completamente dissociados de um grupo que inclui 46% dos americanos”, os integrantes daquela parcela da população que, numa pesquisa do Instituto Gallup, se autodescrevem como cristãos evangélicos ou nascidos de novo. Ele admite o estereótipo da mídia: “O movimento evangélico em sua totalidade tem sido muitas vezes execrado entre os progressistas que o acusam de ser reacionário, míope, anti-intelectual e, no mínimo, imoral”.

Prestando sua homenagem, Kristof apresenta um ótimo contraponto, usando John Stott como modelo: “No entanto, esse descarte é profundamente injusto para com o movimento em sua totalidade. Reflete uma espécie de intolerância invertida, às vezes um fanatismo invertido, contra dezenas de milhões de pessoas que na verdade estão se envolvendo cada vez mais com questões de pobreza e injustiça globais”.

> O sr. Stott não pregou fogo e enxofre numa rede cristã de televisão. Ele foi um humilde intelectual, e seus mais de cinquenta livros aconselharam os cristãos a imitar a vida de Jesus — especialmente sua preocupação com os pobres e oprimidos — e a enfrentar mazelas sociais como a opressão racial e a poluição ambiental.
>
> É desproporcional a fração de evangélicos propensos a doar 10% de suas rendas para instituições de caridade, a maioria delas vinculada a uma igreja. Mais importante ainda, muitos deles vão para a frentes de combate, em seu país e no exterior, lutando contra a fome, a malária, o estupro em presídios, a fístula obstétrica, o tráfico de seres humanos ou o genocídio, e algumas das pessoas mais corajosas que a gente conhece são cristãos evangélicos (ou católicos conservadores, semelhantes sob muitos aspectos) que realmente vivem sua fé.
>
> Eu mesmo não sou particularmente religioso, mas tenho uma grande admiração por aqueles que vi arriscando a própria vida dessa forma — e me sinto muito mal quando vejo que essa fé é objeto de escárnio em coquetéis de Nova York.[18]

Jesus nos ensinou a orar pedindo que a vontade de Deus seja feita “assim na terra como no céu”. Um cético pode rir-se dessa miragem, mas com certeza já sonhou com um mundo no qual não houvesse sem-teto, nem pobreza, nem divórcios, nem filhos indesejados, nem discriminação, nem violência, nem abusos sexuais, nem furtos ou trapaças, nem vícios, nem abuso do meio ambiente; um mundo no qual os governos administrassem com justiça e as instituições financeiras operassem com integridade e os políticos trabalhassem juntos para o bem comum. Para isso é que os seguidores de Jesus estão lutando.

Os cristãos não são meros viajantes a caminho da vida futura, mas são, isto sim, os ocupantes pioneiros do reino de Deus, um sinal do que há de vir em seguida. Pondo em prática uma vida de graça num ambiente deteriorado, nós indicamos um tempo futuro de restauração. Um pregador do Harlem nos compara às colheres de plástico coloridas de uma sorveteria: nós proporcionamos ao mundo uma degustação do que nos aguarda, a visão dos profetas bíblicos.[19] Num mundo desorientado, devemos demostrar ativamente aqui e agora a vontade de Deus para o planeta.

7

Artistas

O Senhor que criou deve querer que nós criemos
E empreguemos nossa criação de novo a seu serviço.

T. S. Eliot[1]

Por mais que eu admire os ativistas, não sou um deles. Na maioria de meus dias, fico sentado em meu escritório em casa olhando para a tela de um computador, enquanto vou pressionando teclas plásticas que produzem ruídos como os de insetos.

Isso costumava me incomodar. Certa vez, escrevi um artigo intitulado: “Também servem os que apenas sentam e teclam”, comparando minha rotina com a rotina de minha mulher como assistente social.[2] Cada noite no jantar ela me contava sobre suas visitas a idosos acamados e as refeições que organizava para os sem-teto. “Como foi seu dia?”, perguntava ela, e normalmente eu tinha de quebrar a cabeça para descobrir alguma coisa digna de menção. Poucas coisas acontecem durante o dia de um escritor: chega o carteiro, recebo a carta de um leitor, descubro um bom advérbio.

Quando viajo a serviço, encontro-me com o tipo de pessoas mencionadas no capítulo anterior, ativistas que arregaçam as mangas e enfrentam problemas importantes. Eles reanimam minha fé e me lembram da importante obra do reino. Mais uma vez, porém, desempenho um papel vicário escrevendo sobre eles. Enquanto eles trabalham nas linhas de frente, eu passo meu tempo distribuindo elétrons numa tela de computador, ordenando-os em palavras e frases, na esperança de que algum dia eles estabeleçam um diálogo com alguém.

Numa viagem ao Líbano em 1998, conheci uma mulher que me disse que havia lido meu livro *Decepcionado com Deus* durante a guerra civil libanesa. Ela o guardava num abrigo subterrâneo antibomba. Quando o ataque da artilharia se intensificava ao redor de seu alto prédio de apartamentos, ela descia a escadaria escura, acendia uma vela ou uma lamparina a querosene e lia meu livro. Não consigo descrever como aquele relato provocou em mim um sentimento de humildade, considerando que quando cristãos estavam morrendo por sua fé, quando a mais linda cidade do Oriente Médio era reduzida a escombros, naquele mesmo momento palavras que eu escrevi em meu apartamento em Chicago de algum modo levavam conforto àquela mulher.

Nessa mesma viagem, outra mulher me disse que meu livro sobre a graça a ajudou a ter uma atitude melhor em relação aos guerrilheiros palestinos que confiscaram seu apartamento e a forçaram a sair. “O que realmente me descontrolou foi que eles me obrigaram a continuar pagando as contas dos serviços públicos!”, disse ela. Senti-me envergonhado, pois quando escrevi aquele livro eu estava pensando em vizinhos que tocam música num volume muito alto ou que deixam seus cachorros soltos por aí, e não em guerrilheiros que se mudam para a minha casa sem convite algum. São muitas as vezes em que sinto um vão entre o que escrevo em reclusão e as formas com que outros aplicam aquelas palavras no mundo real. Só com alguma dificuldade (e com a idade) aprendi a aceitar um papel longe das frentes de combate, realmente acreditando que também servimos nós que apenas sentamos e teclamos.

A maior parte dos meus escritos gira em torno de tópicos que interessam a leitores que compartilham minha fé. Tenho, contudo, amigos que labutam durante anos num romance ou filme que, esperam eles, possa influenciar uma cultura mais ampla, e depois abandonam o projeto porque não conseguem achar um editor ou distribuidor disposto a aceitá-lo. “Será que perdi meu tempo?”, perguntam-se eles. Ganhar o sustento por meio da criação, de livros ou de filmes ou de artes visuais é um empreendimento solitário e cheio de riscos.

No entanto, nos tempos modernos, especialmente para os pós-cristãos, as artes podem ser o caminho mais convincente para a fé. Comunicando-se num nível mais sutil, elas derrubam mecanismos de defesa e despertam a sede. Alguém que nunca pensaria em frequentar uma igreja visita um museu de arte ou assiste a um filme ou a uma peça de teatro. Para mencionar apenas um exemplo, Peter Hitchens, irmão do ateu Christopher, credita a um quadro do *Juízo Final* de quinhentos anos o estímulo que o despertou para o retorno à fé.[3] Contemplar o quadro, com suas figuras nuas despojadas dos trajes de outras épocas, provocou nele uma súbita sensação de que a religião era uma coisa do presente, e não apenas do passado. Ele sentiu um apropriado e santo medo daquele outro mundo que pronuncia julgamento sobre este em que vivemos.

Houve um ano em que assisti a um musical em Londres intitulado *Os mistérios*. Um grupo da África do Sul se havia apropriado das peças de mistérios da Idade Média e delas havia feito uma adaptação cultural. A nova peça começava, como a Bíblia, com Adão e Eva completamente nus num palco vazio. Depois apareciam Noé, Abraão, José, Moisés, Davi e muitos outros, representando a trama da história bíblica inteira até chegar a Jesus. Os atores cantavam em cinco línguas diferentes, acompanhados por músicos que batucavam em pneus, tambores de óleo e tampas de latas de lixo em vez de usar instrumentos musicais. Na versão deles, policiais africânderes, e não soldados romanos, foram os que crucificaram Jesus. No fim da peça, a plateia da sofisticada Londres secular se pôs subitamente de pé depois da jubilosa cena da ressurreição. O ciclo estava completo, pensei eu enquanto olhava ao redor vendo os lenços agitados dos espectadores que gritavam “Bravo!”. Missionários ingleses haviam levado o evangelho para a África do Sul. Agora os africanos o traziam de volta, embalado em seus termos culturais, para pessoas que, na maioria das vezes, o haviam esquecido.

As artes se tornaram um púlpito para a cultura em geral, um púlpito muitas vezes esquecido pelas pessoas de fé. N. T. Wright diz

que as artes “são as rodovias para o centro de uma realidade que não podemos vislumbrar, muito menos capturar, de nenhuma outra forma”.[4] Joseph Ratzinger, que mais tarde se tornou o Papa Bento XVI, vai mais longe: “A única apologia realmente eficaz do cristianismo se resume a dois argumentos, a saber, os santos que a Igreja produziu e a arte que se desenvolveu no seio dela”.[5]

Aguilhões

Eu estava examinando o papel dos artistas quando descobri uma passagem no livro de Eclesiastes que se aplica à minha profissão de escritor. “Ele escutou, examinou e colecionou muitos provérbios. Procurou também encontrar as palavras certas...” (Ec 12.9-10). Claramente, o Mestre de outrora sabia alguma coisa do que faço quando decido compor ou organizar palavras.

Numa confusão de metáforas misturadas, o Mestre acrescenta: “As palavras dos sábios são como aguilhões, a coleção dos seus ditos como pregos bem fixados, provenientes do único Pastor” (Ec 12.11). Num típico estilo de contraponto, ele depois apresenta este sinal de alerta: “Cuidado, meu filho; nada acrescente a eles. Não há limite para a produção de livros, e estudar demais deixa exausto o corpo” (v. 12).

Para escritores e outros que buscam comunicar sabedoria, diz o Mestre, há um tempo para ser aguilhão e um tempo para ser prego bem fixado.

Um aguilhão, como aquele que um camponês usa com seus bois, estimula à ação. Os aguilhões causam suficiente desconforto para que os animais — ou as pessoas — façam determinada coisa que sem o estímulo deles talvez não fizessem. A história testemunhou muitos exemplos de artes criativas usadas como aguilhões, e elas muitas vezes incomodam os poderes governamentais.

Victor Jara foi um músico chileno que com sua mistura de música popular e ativismo político acendeu as esperanças dos pobres. No dia seguinte ao golpe militar promovido por Augusto Pinochet, os cupinchas do general prenderam Jara e quebraram os ossos de suas mãos de violonista. Enquanto Jara estava deitado no chão,

eles zombavam dele pedindo-lhe que tocasse algumas de suas canções sobre paz e amor. Esse aguilhão o novo regime não podia tolerar, e três dias depois os soldados crivaram 44 balas no corpo dele.

As artes visuais também irritam os regimes autoritários. Segundo Pablo Picasso, um oficial fascista vociferou-lhe: “Foi você que fez isto?”, e apontava para uma foto do enorme quadro *Guernica*, que representa graficamente o bombardeio de civis. “Não, foram vocês que fizeram”, respondeu-lhe o artista.[6] Ele enviou sua tela para o exílio, onde ela ficou até o retorno da democracia à Espanha quatro décadas mais tarde.

Ocorre-me que os profetas da Bíblia serviram de aguilhões. Falando às vezes numa linguagem campesina e às vezes em magníficos arroubos poéticos, todas as palavras deles se reduzem a uma mensagem de uma única linha: Arrependam-se e mudem seu estilo de vida, caso contrário o julgamento virá.

Harriet Beecher Stowe, uma cristã radical, buscou comunicar sua mensagem contra a escravatura a muita gente que havia fechado os ouvidos a sermões e jeremiadas. Escolhendo outra forma, escreveu o romance *A cabana do Pai Tomás*, que vendeu duzentos mil exemplares no seu primeiro ano e, tanto quanto qualquer outra força, impeliu a nação rumo à mudança. Quando Stowe se encontrou com o presidente Abraham Lincoln em 1862, ele teria exclamado: “Então você é a pequena mulher que escreveu o livro que começou esta grande guerra!”.[7]

Não muito tempo atrás, o mundo passou por um realinhamento sísmico. No espaço de um ano, seiscentos milhões de pessoas ganharam a liberdade, praticamente sem que nenhum tiro fosse disparado. Como aconteceu isso? Os historiadores levarão anos para identificar todos os motivos do colapso do comunismo. Como alguém que viveu durante toda a década de 1960 — uma década em que barricadas surgiram nas ruas de Paris, quando esquerdistas e não direitistas bombardearam prédios públicos nos Estados Unidos —, eu identifico a origem da falha sísmica num russo solitário com sua coragem cimentada no *gulag*, que ousou

proclamar: “É mentira!” A vasta documentação reunida por Alexander Soljenítsin apresentou testemunhos contrários a uma suposta verdade, e um a um os membros da elite da Europa abandonaram a ilusão da utopia marxista.

Muitos cristãos lutam nas artes criativas para serem aguilhões fustigando os flancos da sociedade. Eu os aplaudo e às vezes associo-me a eles. Como mostram os exemplos anteriores, não devemos subestimar o poder das artes na promoção da mudança. Mesmo assim, passei a perceber as limitações de uma arte instigante. Os profetas ocupam tantas páginas do Antigo Testamento porque, com poucas exceções, eles foram espetacularmente ineficazes. Houve Natã, claro, que por meio do simples poder de sua narrativa feriu o coração de Davi. E houve Jonas, o aguilhão relutante que, para sua consternação, acendeu um reavivamento em Nínive. Mas poucos dos outros profetas exerceram grande impacto. Jeremias 36 registra uma resposta absolutamente típica: o rei ofendido simplesmente cortou o rolo de Jeremias e o queimou.

Soljenítsin prestou homenagem aos seus colegas que morreram anônimos no *gulag*, com seus trabalhos memorizados e levados para a sepultura com seus autores, ou clandestinamente escritos mas hoje perdidos, enterrados em esconderijos na tundra que nunca serão descobertos. Seiscentos milhões podem ter chegado a um novo padrão de liberdade em 1989, mas um bilhão de chineses passaram a viver sob repressão naquele mesmo ano, depois dos protestos da Praça da Paz Celestial. Aguilhões têm um alcance limitado.

Pregos

Há um tempo para ser aguilhão, e um tempo para ser prego bem fixado. Enquanto um aguilhão estimula à ação imediata, um prego vai mais fundo, como um marco duradouro indicando “as coisas permanentes”, para tomar emprestada uma frase de T. S. Eliot.[8]

Perto do final da vida, Paul Gauguin pintou um enorme tríptico apainelado. Numa atitude visivelmente ostensiva, ele rabiscou estas

palavras em francês num canto da tela: “Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos?” — perguntas que ele havia aprendido na infância numa aula de catecismo, para as quais ele ainda não tinha respostas. O quadro, situado no Taiti, representa o nascimento, o início da idade adulta, e uma senhora idosa enfrentando a morte e “o Além” (também rotulado por Gauguin). Logo depois de completar a obra, e convencido de que nunca poderia superá-la, o artista tentou o suicídio.

Esse tríptico, agora exposto no Museu de Arte de Boston, apresenta um imponente resumo das questões que assombram a modernidade. Loren Eiseley, um indivíduo extraordinário que transformou ciência em arte, dá a sombria resposta às perguntas de Gauguin proporcionada pela ciência secular:

> Num universo cujo tamanho ultrapassa a imaginação humana, onde nosso mundo flutua como uma partícula de pó no vazio da noite, os homens se tornaram inconcebivelmente solitários. Analisamos a escala do tempo e os mecanismos da vida em busca de portentos e sinais do invisível. Sendo os únicos mamíferos do planeta — talvez os únicos animais pensantes em todo o espaço sideral —, o peso da consciência se tornou excessivo para nós. Contemplamos as estrelas, mas os sinais são incertos. [...] Apesar de tudo, na natureza da vida e nos princípios da evolução, tivemos nossa resposta. De homens presentes em outros mundos, e no além, não haverá nunca uma resposta.[9]

Nós somos como sapos num charco coaxando “Tô aqui! Tô aqui! Tô aqui!”. Eiseley prossegue dizendo: Não sabemos por que coaxamos, ou se alguém está nos ouvindo. Como sapos, coaxamos movidos por um instinto cego.

A civilização outrora via a arte como o meio de passar adiante a sabedoria, de uma geração para outra. A própria escrita foi inventada em parte para transmitir o sagrado: coisas permanentes mereciam um lugar permanente, e isso explica os hieróglifos nas tumbas egípcias. Mas uma civilização moderna que já não acredita em coisas permanentes, uma civilização que não aceita nenhuma narrativa de significado certo, recorre à desconstrução, e não à construção.

O editor da revista *The New Yorker*, David Remnick, contrasta os escritores contemporâneos da Rússia com a longa tradição dos Grandes Escritores Russos, figuras como Tolstói, Gogol e até Soljenítsin, que representaram ao mesmo tempo sagacidade e idealismo. Hoje em dia, os escritores liberados, livres para se juntarem ao decadente coro da modernidade, estão desmantelando aquela tradição tijolo por tijolo. Remnick cita uma história que começa com uma cena emblemática conhecida de todos os russos: um velho contando a um menino suas memórias do cerco nazista de Leningrado. A história termina, todavia, com o velho estuprando o menino. Nenhuma memória está a salvo de um ataque.[10]

Conforme nos relembraram vozes de autores como T. S. Eliot, Walker Percy e Flannery O'Connor, no mundo moderno os cristãos resistem praticamente sozinhos em sua visão da necessidade de pregos bem fixados (ou até mesmo na crença dessa necessidade). Na estéril paisagem da civilização ocidental, os cristãos ainda se agarram a uma visão que atribui significado e valor a cada um dos seres humanos. O romancista Reynolds Price diz que há uma frase que, acima de todas, as pessoas ansiosamente buscam nas histórias: *O Criador de todas as coisas me ama e me quer*.[11] Os cristãos ainda acreditam nessa verdade.

"O escritor católico", observou O'Connor, "na medida em que tem a mentalidade da Igreja, sentirá a vida do ponto de vista do mistério cristão central: que esta vida, apesar de todo o seu horror, foi considerada por Deus digna de morrer por ela."[12] A humanidade moderna não percebe o mundo como digno da morte de Deus. Nós cristãos devemos demostrar isso. Talvez o poder misterioso da arte — seu valor duradouro bem como seu eco da Criação original — possa funcionar como um eco da transcendência, um indicador de um magnífico Artista. Nós somos "subcriadores"; nas palavras de J. R. R. Tolkien: "Através de nós a luz refratada, derivando de um único Branco, é estilhaçada em muitos matizes".[13]

A intuição me diz que quando a história fizer uma retrospectiva do século 20, o mais caótico de todos os séculos, alguns artistas cristãos resistirão por terem martelado e fixado muito bem alguns

pregos. Este mundo carrega o carimbo do gênio, a mancha da ruína e o sinal de uma possível redenção. Essa intuição trina da fé cristã nos dá um gabarito do significado que pelo menos tenta responder às perguntas de Gauguin. Quem mais nos apresenta tão somente um gabarito?

Frei Luis Ponce de León, um dos mestres da literatura do Século de Ouro Espanhol, a duras penas sobreviveu à Inquisição. Tendo ofendido as autoridades por traduzir o Cântico dos Cânticos para o espanhol e por criticar o texto latino da igreja, Frei Luis foi tirado à força de sua sala no meio de uma aula na Universidade de Salamanca. Quatro anos de cárcere e tortura se seguiram, até que a histeria religiosa foi diminuindo, e o alquebrado professor obteve permissão para voltar à sua sala. Entrou arrastando os pés, abriu o caderno de anotações e proferiu uma frase que se tornaria lendária na Espanha: *Como decíamos ayer*. “Como dizíamos ontem”, começou ele, retomando sua aula no ponto em que ela havia sido interrompida.[14]

Palavras semelhantes podem ser ouvidas em partes da Rússia e do Leste Europeu hoje. Uma ideologia que tentou mais tenazmente que qualquer outra matar e eliminar Deus terminou, em vez disso, cometendo suicídio. O Ocidente também pode vir a descobrir que a prosperidade e o comodismo não são suficientes para satisfazer as necessidades humanas. Algum dia no futuro, à medida que a civilização, como uma estrela que se extingue, continuar implodindo num vácuo intelectual e moral, outras vozes podem retomar o refrão de Frei Luis. *Como decíamos ayer*.

O poder da arte

Que autores modernos sobreviverão? Com certeza poetas como T. S. Eliot e W. H. Auden estarão na lista. Soljenítsin talvez, embora mais pela força bruta de suas palavras que por sua arte. Talvez J. R. R. Tolkien também seja lido daqui a um século, com seu mundo imaginário ainda refratando luz para este mundo. (Em pesquisas separadas na virada do século, leitores britânicos bem como

clientes da Amazon.com classificaram *O senhor dos anéis* de Tolkien como o melhor livro do milênio.)

Um desses artistas, T. S. Eliot, é um caso interessante. Enfrentando as crises políticas do comunismo e do nazismo, ele escreveu poucos poemas durante anos, preocupando-se em vez disso com as questões mais prementes da política, da economia e esquemas para melhorar a sociedade. Resumindo, ele se afastou dos pregos bem fixados e se voltou para os aguilhões. No entanto, quem lê hoje suas obscuras obras daquele período? Eu só as vejo em seções de obras raras de bibliotecas universitárias. A poesia de Eliot, à qual ele acabou voltando, mostrou-se muito mais duradoura que sua prosa utilitária. Talvez a melhor forma de transmitir os valores que acalentamos não seja falar deles o tempo todo, ou tentar impô-los como leis, mas sim criar uma literatura e arte em que eles se encaixem como pregos bem fixados.

A música também pode expressar coisas permanentes. De modo muito semelhante ao de Gauguin, o compositor Gustav Mahler era assombrado por questões existenciais. “De onde viemos?”, perguntou ele numa carta. “Para onde nosso caminho nos conduz? Por que devo sentir que estou livre se, no entanto, me sinto constrangido interiormente como numa prisão? Qual é o objetivo da labuta e do sofrimento? Como devo entender a crueldade e malícia nas criações de um Deus bondoso? O significado da vida será finalmente revelado pela morte?”[15]

O amigo de Mahler, Anton Bruckner, não demonstrava essa angústia. Ele procurava em vez disso expressar por meio da música sua convicção de que Deus é bom e tudo o que fazemos deve honrá-lo. Enquanto trabalhava em sua décima sinfonia, observou dirigindo-se a Mahler: “Agora tenho de trabalhar muito. [...] Caso contrário, não serei aprovado diante de Deus, perante o qual logo terei de me apresentar. Ele dirá: ‘Por que outro motivo eu lhe dei talento, se não para que você cantasse meus louvores e minha glória? Mas você realizou pouco demais’”.[16] Em sua sala de aula na universidade, Bruckner interrompia de repente suas preleções,

quando os sinos da igreja tocavam e, ignorando as zombarias de seus alunos, ajoelhava-se no chão para orar.

A música sacra produziu nos compositores clássicos suas maiores conquistas artísticas. Dentre suas centenas de obras, Beethoven compôs apenas duas missas. No entanto, ele considerou uma delas, a *Missa Solemnis*, sua melhor composição. Em seus oratórios, Händel e Mendelssohn atuaram quase como evangelizadores, apresentando histórias e temas da Bíblia em peças épicas exibidas em palcos multicoloridos. Mozart e Hayden foram levados para temas religiosos principalmente por motivos econômicos, pois encomendas para eventos religiosos eram muito bem remuneradas. Mesmo assim, Mozart ficou tão obcecado com a *Missa de Réquiem*, que a duras penas tentava terminar antes de sua morte, que seu médico tentou tirar dele o manuscrito para obrigá-lo a repousar.

Até mesmo hoje os credos doutrinais adotados pelos primeiros concílios da igreja são repetidos, nas obras de Mozart e Hayden e Beethoven, por habilidosos profissionais em todas as principais cidades do mundo. Empedernidos críticos de música ainda são suscetíveis à força dessas obras. Resenhando uma gravação do *Réquiem Alemão*, de Brahms, Heuwell Tircuit, do jornal *San Francisco Chronicle*, escreveu: “A execução é tão divina (em vários sentidos) que constitui uma experiência irresistível. Ela não é apenas técnica e estilisticamente perfeita, mas é também comovente de uma maneira misteriosa/religiosa. Quando o coro canta sobre ‘O Cristo vivo’, até mesmo um ateu consegue acreditar nele”.[17]

A música sacra fluiu das penas de compositores que viveram de forma absolutamente irreligiosa. Johannes Brahms, criado em bordéis e não sendo um homem piedoso, compôs o *Réquiem Alemão*, que envolve frases extraídas da Bíblia de Lutero em música tão adequada que até parece que as palavras foram criadas justamente para esse contexto melódico. A inspiração provém necessariamente dos próprios temas cristãos. Bela música pode originar-se de pequenos pensamentos — às vezes uma boa peça

emerge de todas as bobagens que exaltam o amor adolescente, por exemplo —, mas dê a Beethoven um conceito como “Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro”, ou entregue a Händel o cenário surrealista de “Digno é o Cordeiro” de Apocalipse 5, e então você pode entender o que alimentou grande parte da música através dos séculos. (Por ocasião do seu 25º aniversário, a ONU encomendou uma peça intitulada “À posteridade”, o melhor tema genérico sobre o qual eles conseguiram concordar.)

Quando os grilhões do comunismo foram rompidos na Tchecoslováquia em 1989, a nação celebrou o evento com um concerto na Catedral de São Vito, em Praga. Cidadãos em júbilo juntaram-se com heróis da resistência, entre eles o dissidente dramaturgo Václav Havel, para ouvir a *Missa* e o *Te Deum* de Antonín Dvorák. Executadas pela Filarmônica Tcheca, as palavras daquela antiga liturgia pareceram ser a maneira mais apropriada para homenagear a grande dádiva da liberdade. O arcebispo de Praga, aos noventa anos de idade, que havia sobrevivido à opressão nazista e à comunista, sentou-se ao lado de Havel, um ex-detento que acabava de ser eleito presidente da nação recém-independente.

A tentação da propaganda

Eu poderia apresentar muitos outros exemplos do poder da arte na comunicação da fé. Ao mesmo tempo, não posso deixar de perguntar-me que diferença fazem os cristãos por meio da arte nos Estados Unidos de hoje. Todas as palavras jorrando de nossas revistas e livros — elas estão exercendo um efeito visível numa cultura que tende a se afastar da fé? Será que não vamos acabar conversando sobretudo entre nós mesmos?

Um jornalista da mídia de Nova York me disse que os editores não tinham nenhum escrúpulo de contratar um judeu para fazer uma reportagem judaica, um budista para uma reportagem budista, ou um católico para uma reportagem católica, mas nunca contratariam um evangélico para uma reportagem evangélica. Por que não? “Eles já vêm com o programa de trabalho deles.”

Os evangélicos assumiram muita culpa nos últimos anos por sua falta de influência. Contrastando com isso, James Davison Hunter (o sociólogo que desconsidera o sucesso dos evangélicos em relação ao declarado objetivo deles de “mudar o mundo”) aponta para duas minorias que têm tido um impacto cultural muito além do que seus números indicariam.[18] Para os dois grupos, a explicação está nas artes. Os judeus americanos compreendem menos de 4% da população total e, no entanto, exercem uma influência extraordinária em Hollywood, na mídia de Nova York, na literatura, nas artes visuais e na música. De modo semelhante, através do seu acesso à mídia, a minoria de *gays* e lésbicas ajudou a mudar atitudes populares, especialmente por meio de programas televisivos típicos da tendência atual, tais como *Ellen*, *Modern Family* e *Will and Grace*.

Usando esses modelos, Hunter sugere uma forma mais estratégica de atingir a elite cultural. Alguns cristãos estão fazendo exatamente isso. Incentivados por organizações como o Movimento de Artes Internacional, eles compartilham a visão de restaurar o lugar da igreja como ambiente que alimenta a criatividade.

Uma das razões pelas quais nós fazemos tão pouca diferença é que a igreja institucional, como o governo, não confia nos artistas e quer tê-los sob controle. Os puritanos ingleses puseram objeções ao *Messias* de Händel porque ele foi executado em teatros seculares e empregou músicos e solistas não cristãos. A mesma igreja que contratou Michelangelo para pintar a Capela Sistina mais tarde empregou um sujeito apelidado “o Calceiro” para vestir as figuras nuas.

Por meio da imposição de limites aos nossos artistas, nós construímos muros ao redor da subcultura. Os defensores cristãos da correção política avançam em sua marcha: artigos sobre o aborto publicados na revista *Christianity Today* trinta anos atrás jamais poderiam ser publicados hoje; um autor que se mete a escrever literatura fantástica é rotulado de *New Age*; um romance que contém um único palavrão é retirado das estantes; líderes cristãos arriscam a carreira falando favoravelmente de Barack Obama; Tony Campolo

perde contratos de palestras dadas as opiniões de sua mulher sobre a homossexualidade.

Lembro-me de uma cena marcante da biografia de Soljenítsin, *O carvalho e o novilho*. Durante um breve período, até o governo comunista da União Soviética reconheceu o valor de Soljenítsin e pensou que ele talvez pudesse ser um aguilhão sob seu controle. Convidando o ex-prisioneiro a frequentar seus salões, os governantes o instigavam a escrever literatura moral e edificante e a evitar todo "pessimismo, aviltamento, crítica sub-reptícia".[19] Soltei uma risada quando li essa cena.

Todos os poderes, cristãos ou seculares, preferem literatura moral e edificante — desde que eles possam definir o que constitui o moral e edificante.[20] O conselho que Soljenítsin recebeu dos formadores de opinião comunistas é surpreendentemente semelhante àquilo que às vezes ouço de editores evangélicos, que em sua preocupação de dar aos leitores um recado de bem-estar não parecem se dar conta de que tanto os aguilhões como os pregos são inúteis se não forem pontudos e aguçados.

Não podemos esperar que a arte sempre edifique e inspire. Nas palavras de Alan Paton: "A literatura iluminará a estrada, mas não abrirá o caminho com uma lanterna. Ela exporá a fenda, mas não proporcionará uma ponte. Ela lancetará o furúnculo, mas não purificará o sangue. Não se pode esperar que ela faça mais que isso; e, se nós pedirmos que faça mais, estamos pedindo demais".[21]

Uma agente literária que trabalha com uma variedade de artistas me disse: "Nossa principal barreira provém da própria igreja. São muitos os cristãos que veem a arte como uma forma de disfarçar a mensagem que eles realmente querem comunicar. Eles veem os artistas como uma espécie inferior de pregador ou apologista".

Quanto mais ela falava, mais veemente ia ficando. "Muitos cristãos têm medo de ouvir artistas porque se sentem incomodados pelo estilo de vida deles e pelos temas que decidem enfocar. Em vez de mostrar empatia e compaixão — ninguém conhece melhor que os cristãos a desolação da vida de quem acredita que Deus é imaginário ou indiferente —, eles se opõem diretamente numa

disputa sobre quem está certo ou errado acerca de como a vida funciona."

Perguntei se ela poderia me dar alguns conselhos específicos sobre como a igreja, que já foi uma força dominante na promoção da expressão artística, precisa mudar. Ela me respondeu da seguinte forma:

- Tratamos a arte como mercadoria de consumo para satisfazer nosso desejo ardente de comprar e para decorar com ela nossa casa em vez de enxergar as obras de arte como ícones para observar o mundo e formar nossa vida interior.
- Falta-nos um entendimento do artista como alguém diferente do professor ou do pastor ou do apologista.
- Deveríamos cultivar um respeito pela singularidade da voz e visão do artista e reconhecer o motivo de precisarmos de toda uma cultura de artistas individuais que incutem verdade e beleza e advertências proféticas em nossa vida e cultura.
- Devemos estar dispostos a deixar que nossos artistas sejam seres humanos em vez de heróis espirituais e permitir que o mistério e a incerteza coexistam lado a lado com a clareza e a convicção.[22]

A arte religiosa ganhou uma reputação por errar do lado da propaganda. Em consequência disso, romances e especialmente filmes com temas explicitamente cristãos provocam uma aceitação indulgente, quando não são ridicularizados em certos círculos. Grande parte da resistência secular é hipócrita, pois os cristãos não são os únicos propagandistas em ação. Eu poderia mencionar muitas obras artísticas indisfarçadamente propagandísticas nos campos da ciência e da política: os Novos Ateus não lutam pela objetividade; Michael Moore sem nenhum escrúpulo faz documentários com uma mensagem para um alvo específico; e um dos filmes de maior sucesso de todos os tempos, *Avatar*, não é nada sutil. É óbvio que alguns tipos de propaganda encontram maior aceitação que outros.

O termo *propaganda* originariamente não tinha uma conotação negativa. Ele foi cunhado por um papa que criou a *Sacra Congregatio de Propaganda Fide* (“Sacra Congregação para a Propagação da Fé”) no século 17 a fim de divulgar o cristianismo. Como escritor cristão, admito que luto pela propaganda nesse sentido. Quando escrevo, quero que os leitores considerem um ponto de vista que eu vejo como verdadeiro e suponho que o mesmo se aplica àqueles que escrevem da perspectiva de outra religião ou simplesmente de religião nenhuma. Fazendo isso, quero expressar meu ponto de vista de uma forma que comunique a graça, o que significa compaixão e empatia por aqueles sobre quem escrevo e também respeito por aqueles que rejeitam aquilo em que creio.

Em algum ponto no campo magnético entre a propaganda e a arte, o artista da fé tem de trabalhar. Uma força nos tenta a proclamar aos brados a mensagem em que verdadeiramente acreditamos, enquanto outra nos tenta a alterar a mensagem em benefício da estética. O aparente sucesso muitas vezes está nos extremos: por exemplo, um autor pode obter êxito na subcultura religiosa mediante o erro do lado da propaganda — mas, sempre muito lentamente, a fenda entre os mundos cristão e secular se alargará, e nós nos veremos escrevendo e vendendo livros só para nós mesmos.

A poetisa e romancista May Sarton escreveu sobre a arte como um dom, em palavras que se aplicam igualmente à graça: “Só existe uma privação real, concluí esta manhã, e ela consiste em não ser capaz de dar o dom que se tem àqueles que mais amamos. [...] O dom voltado para dentro de si mesmo, não podendo ser doado, torna-se um fardo pesado, às vezes até mesmo uma espécie de veneno. É como se o fluxo da vida tivesse sido invertido”.[23]

Rabiscos na areia

Há um tempo para ser aguilhão e um tempo para ser prego. Para que o aspirante a escritor não se infle sentindo-se importante, o Mestre de Eclesiastes acrescenta com um suspiro: “Não há limite para a produção de livros...” (Ec 12.12).

Até os mais aguçados aguilhões e os mais resistentes pregos se perdem em meio ao pesado acúmulo de palavras e imagens. Tenho essa sensação todas as vezes que entro numa livraria ou passeio pela Amazon.com para examinar dezenas de novos títulos que apareceram na semana anterior. A seção de “autoajuda” me promete uma centena de novos métodos para salvar meu casamento, diminuir minha cintura, ter sucesso em meus negócios. Se eles funcionam, por que há tantos divórcios, tantos obesos e tantos fracassos comerciais?

Não há limite para a produção de livros. Como alguém que ganha o pão escrevendo, confesso que uma espécie de orgulho ronda toda a atividade. A arte é um ato ostensivo de satisfação do ego. Escrevo a frase seguinte com a petulância de acreditar que ela merece ser lida. Eu, uma pessoa com quem você provavelmente nunca se encontrou, aqui lhe peço para considerar minhas palavras e meus pensamentos sem a expectativa de reciprocidade. Como me disse um amigo: “Todos têm direito à minha opinião”. O Mestre me traz de volta ao chão da realidade.

Numa impressionante meditação sobre João 8, o poeta irlandês laureado com o prêmio Nobel, Seamus Heany, sugere outra metáfora para a arte: rabiscos na areia. Jesus falou com tal economia e precisão que a maioria de suas palavras podem servir ao mesmo tempo como aguilhões e pregos. O evangelho regista apenas uma ocasião, porém, em que Jesus escreveu. Aconteceu num momento tenso, quando fariseus lhe trouxeram uma mulher apanhada cometendo adultério. Eles exigiam que Jesus pronunciasse a sentença de morte. Ele não disse nada, mas abaixou-se e desenhou na areia.

Naquela cena, Seamus Heaney descobre uma metáfora para a poesia:

> O desenho daqueles caracteres [na areia] é como um poema, uma interrupção da vida normal, mas não uma evasão dela. A poesia, como a escrita, é arbitrária e marca o tempo em todos os sentidos possíveis da frase. Ela não diz à multidão que acusa ou à impotente acusada: “Agora uma solução surgirá”. Ela não se apresenta como algo instrumental ou

> eficaz. Em vez disso, na fissura entre o que vai acontecer e o que gostaríamos que acontecesse, a poesia prende a atenção por um espaço de tempo.[24]

Tanto para a poesia como para a prosa há um tempo para estimular a agir, um tempo para instruir com sabedoria — e também um tempo para simplesmente abrir um espaço, para suspender a implacável passagem do tempo.

O Filho de Deus, que havia participado no projeto da criação, não deixou para a posteridade nenhuma imagem visual para nossa admiração de sua estada na terra. Ele escolheu como seu meio artístico não lâminas de ouro ou fragmentos de papiros, que poderiam ser preservados e reverenciados como relíquias; preferiu uma paleta de areia palestina. A pancada de chuva seguinte obliterou todos os traços das palavras escritas por Jesus.

Jesus visava transformar vidas, escrever suas palavras no coração de seus seguidores. Seguindo essas pegadas, o apóstolo Paulo diria mais tarde aos coríntios: “Vocês mesmos são a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos” (2Co 3.2). Ambos, Jesus e Paulo, sabiam que a alma dos seres humanos individuais viverá muito mais tempo que suas criações. Nós nos iludimos com conversas enganosas sobre a “permanência da arte”. Seis dentre as sete maravilhas do mundo antigo não sobreviveram nem para entrar na Idade Média.

Eu já lhes contei sobre minha mulher, que trabalhou como assistente social entre idosos e como capelã de um hospital para pacientes terminais. Muitos dias, enquanto eu estava sentado em casa lutando com adjetivos e advérbios, ela servia a moribundos. Consolava os familiares, ouvia a aflição deles, oferecia palavras de conforto. Comparada com esses atos, minha profissão se encolhe. Estou, como disse Seamus Heaney, fazendo rabiscos na areia: enchendo espaços, marcando o tempo. Walt Whitman aprendeu essa verdade quando interrompeu seus escritos para cuidar de soldados feridos durante a Guerra Civil. “É abençoado por seu trabalho quem a ele se dedica na medida em que o objetivo dele

exige", escreveu a um amigo.[25] O trabalho lhe ensinou a diferença entre o importante e o trivial.

Embora a arte alimente a alma e possa ser parte essencial de nossa humanidade, ela representa apenas uma oferta entre muitas. A sociedade moderna eleva a arte, investindo bilhões em sofisticados leilões, museus e filmes de entretenimento, porque ela destronou muitas outras coisas.

Num momento de desespero, um dos mais refinados poetas do século 20 escreveu esta sombria avaliação de sua arte: "A história social política não seria diferente se Dante, Michelangelo, Byron nunca tivessem existido. Nada do que escrevi contra Hitler impediu que um judeu fosse morto. No fim das contas, a arte é café pequeno". Auden exagera.[26] Apesar disso, eu aceito seu corretivo imposto à costumeira arrogância da arte. Há um tempo para aguilhões e um tempo para pregos; também há um tempo para reconhecer que os artistas estão rabiscando na areia, preenchendo interstícios da vida: suas criações logo serão pisadas e lavadas pelas gotas da chuva.

Embora plenamente consciente do papel limitado da arte, continuo convencido de que precisamos dela mais que nunca — do tipo de arte que humildemente abre espaços em nossa vida. Numa comparação com qualquer outro período da história, nós modernos levantamos a voz gritando uns contra os outros, e a mídia de entretenimento enche telas com imagens grosseiras e grotescas. O mundo de hoje é pouco sutil, sem silêncio, com poucos espaços. No ano em que passou na Bolívia, o padre Henri Nouwen viu um filme popular pouco antes do Advento. Sentiu-se arrasado. "O filme era tão repleto de imagens de ganância e luxúria, manipulação e exploração, sensações de medo e dor, que enchia todos os espaços vazios que poderiam ter sido abençoados pelo espírito do Advento", disse ele.[27]

Espaços precisam ser preenchidos. Conheço um homem que soube que estava ficando cego. Quando sua vista começou a falhar, ele comprou uma passagem aérea para Amsterdã e passou uma semana no museu de Van Gogh. Queria que aquelas imagens

fossem absorvidas por seu cérebro como suas últimas memórias visuais.

Para aqueles dentre nós que tentam a arte em algum nível e que também acreditam na transcendência, aqui está um lugar para começar. Alguns são chamados para ser aguilhões proféticos, e alguns gigantes podem martelar e conseguir alguns pregos bem fixados. Mas o resto de nós pode, sem nenhuma ponta de vergonha, alimentar a aspiração de rabiscar na areia.

Para contrabalançar os sete pecados capitais, a igreja da Idade Média criou sete obras de misericórdia: dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; vestir os nus; dar pousada aos peregrinos; assistir os enfermos; resgatar os cativos; enterrar os mortos. Mais tarde a igreja acrescentou uma lista suplementar de obras de misericórdia *espirituais*: instruir os ignorantes, aconselhar os que duvidam; admoestar os pecadores; suportar pacientemente as injustiças; perdoar deliberadamente as injúrias; consolar os aflitos; rogar a Deus pelos vivos e os mortos. Encontro consolo na lista suplementar, pois aqueles dentre nós que trabalham com palavras, música, pintura ou outras artes também podem promover uma forma de misericórdia, dispensar uma espécie de graça.

Michelangelo, que podemos considerar o maior artista que já existiu, acabou confessando que sua obra não havia deixado espaço para a sua fé. Quando o fim da vida se aproximava, ele redigiu estes versos num soneto:

> Assim agora, desta louca paixão
> Que me fez ver a arte como ídolo e monarca,
> Aprendi o peso do erro que ela trouxe. [...]
> As frivolidades do mundo me roubaram o tempo
> Que me foi dado para refletir sobre Deus.[28]

Talvez. Mas Michelangelo e outros como ele, mediante seus esforços — às vezes atuando como aguilhões, às vezes como pregos, às vezes como rabiscadores da areia —, nos ajudaram a deixar de lado as frivolidades e nos proporcionaram espaço para essa reflexão.

Jamais me esquecerei do dia em que fiquei numa galeria um pouco abaixo da abóboda que Michelangelo projetou para a Basílica de São Pedro, ouvindo um coro alemão cantando a *cappella*. Algumas das palavras eram em latim, algumas em alemão. Não importava. Sob a proteção daquela cúpula magnífica com sua acústica perfeita, eu me sentia virtualmente suspenso na música do coro. Tinha a sensação de que, se eu tirasse os pés do chão, o som em si me sustentaria. Minhas outras lembranças da Itália envolvem poluição, longas filas, nós no trânsito e roncos de motocicletas. Durante aquele único momento, porém, eu havia habitado um espaço glorioso não terreno, um momento no tempo fora do tempo. A arte tinha feito o seu trabalho.

Terceira Parte

É DE FATO UMA BOA-NOVA?

Levando ao palco um conto de H. G. Wells, Simone Weil traçou uma analogia com um país habitado por cegos no qual os cientistas pudessem criar um sistema completo de física excluindo o conceito de luz. Sem peso, sem pressão, sem poder ser detectada pelos sentidos — por que acreditar na luz? Para os cegos, ela não existe. Ocasionalmente, porém, perguntas poderiam surgir entre os cegos. O que faz as plantas crescerem para o alto, desafiando a lei da gravidade? O que amadurece as frutas e sementes? O que aquece a noite, anunciando que chegou o dia? A luz num país de cegos, diz Weil, se assemelha ao papel de Deus na terra. Alguns de nós percebem traços do sobrenatural; no entanto, como podemos prová-lo para gente que não o pode detectar?[1]

8

A fé é realmente importante?

Eu quero que meu advogado, meu alfaiate, meus empregados e até minha mulher acreditem em Deus, porque então eu serei muito menos roubado e traído.

Voltaire[2]

Um monólogo vem circulando no espaço cibernético, atribuído às vezes a George Carlin, às vezes a um aluno da Escola Secundária Columbine e às vezes ao Dalai Lama. Acontece que, de fato, “O paradoxo do nosso tempo” foi concebido pelo dr. Bob Moorehead, um pastor aposentado de Seattle.

> Nós temos prédios mais altos, mas níveis de paciência mais baixos; rodovias mais largas, mas pontos de vista mais estreitos; gastamos mais, mas temos menos; compramos mais, mas desfrutamos menos; temos casas maiores, e famílias menores; mais facilidades, mas menos tempo; temos mais diplomas, e menos sensatez; mais conhecimento, mas menos juízo; mais peritos, e mesmo assim mais problemas; temos mais parafernália tecnológica, mas menos satisfação; mais medicina, e menos bem-estar; tomamos mais vitaminas, mas vemos menos resultados. Bebemos demais, fumamos demais, gastamos imprudentemente demais; rimos demasiado pouco; dirigimos demasiado rápido, nos irritamos com demasiada facilidade; vamos dormir tarde demais; levantamos cansados demais; lemos pouco demais; vemos TV demais e oramos demasiado pouco.
>
> Multiplicamos nossas posses, mas reduzimos nossos valores; voamos em aviões mais velozes para chegar mais rápido ao destino, a fim de fazer menos coisas e voltar mais cedo; assinamos mais contratos, só para constatar menos lucros; falamos demais; fazemos amor pouco demais; e mentimos com demasiada frequência. Aprendemos como ganhar a vida,

> mas não como ganhar uma vida; acrescentamos anos à nossa vida, mas não vida aos nossos anos.[3]

Os comentários de Moorehead tocaram um ponto sensível nos leitores da internet. Ele diagnostica um ligeiro descontentamento, uma sensação de que, apesar de todas as maravilhas, a ciência e a tecnologia não mitigaram a sede humana. Citando Al Gore: "O acúmulo de bens materiais está num nível nunca atingido, mas o mesmo acontece com o número de pessoas que sentem um vazio em sua vida".[4] E embora eu não queira parecer um velho resmungando sobre o declínio da civilização, as tendências culturais dos Estados Unidos revelam uma sociedade que de fato vem descambando numa direção errada. De acordo com uma pesquisa do Instituto Gallup, 73% dos americanos dizem que os valores morais estão piorando, enquanto apenas 14% julgam que estão melhorando.[5]

Durante meu tempo de vida até agora, a taxa de divórcios dobrou, as taxas de suicídios adolescentes e crimes violentos triplicaram, e os partos fora do casamento multiplicaram-se por seis. Com menos de 5% da população mundial, os Estados Unidos têm quase um quarto dos detentos do mundo (o mesmo número da Rússia e da China juntas). Acostumamo-nos com sem-teto dormindo em parques e embaixo de pontes, coisa praticamente desconhecida na minha infância. As principais causas de morte são autoinfligidas: os efeitos colaterais do fumo, a obesidade, o álcool, as doenças sexualmente transmissíveis, as drogas e a violência. Enquanto isso acontece, os políticos de Washington discutem mais, porém aprovam menos projetos de lei que em qualquer outra época da história, o que reflete a polarização da nação.

Meus amigos seculares observam esses fatos e concluem que devemos trabalhar mais intensamente na educação infantil e implementar novos sistemas sociais. Eu observo os mesmos fatos e duvido da capacidade dos políticos de solucionar nossos problemas. Precisamos de algo mais que novos sistemas; precisamos de uma

transformação, do tipo de renovação pessoal e social em que a igreja pudesse desempenhar um papel crucial.

Infelizmente, a maioria dos meus amigos seculares concordaria com Bill Gates, que considera a religião uma perda de tempo: “Há muitas outras coisas que eu poderia fazer num domingo de manhã”, disse ele numa entrevista.[6] Eles veem a igreja não como um agente de mudança que pode afetar toda a sociedade, mas como um lugar que pessoas que pensam igual frequentam para se sentir melhor acerca de si mesmas. Essa imagem da igreja contrasta fortemente com a visão de Jesus, que pouco falou sobre como os cristãos deveriam comportar-se em suas reuniões e falou muito sobre como podemos impactar o mundo ao nosso redor.

A fé não é simplesmente um assunto privado, ou algo que praticamos uma vez por semana na igreja. Pelo contrário, ela deveria ter um efeito contagiante no mundo mais amplo. Jesus usou estas imagens para ilustrar seu reino: um pouco de fermento que faz crescer toda a massa de um pão, uma pitada de sal que preserva um naco de carne, a menor das sementes na horta que cresce e se transforma numa árvore onde as aves vêm fazer seus ninhos.

Um ciclo constante

Dois livros do sociólogo Rodney Stark, *O crescimento do cristianismo* e *O triunfo do cristianismo*, esclarecem como os primeiros crentes do Império Romano levavam a sério o programa proposto por Jesus. Os cristãos organizavam projetos assistenciais para os pobres e resgatavam seus amigos das mãos de bárbaros captores. Alguns espontaneamente libertavam seus escravos. Quando havia um surto de peste, os cristãos cuidavam dos enfermos — inclusive de seus vizinhos não cristãos —, ao passo que os pagãos os abandonavam assim que os primeiros sintomas apareciam. (De fato, muitos líderes da igreja morreram depois de contrair a doença daqueles que estavam tratando.) Quando os romanos abandonavam seus bebês indesejados ao relento, expondo-os às feras, os cristãos organizavam equipes de amas de

leite a fim de mantê-los vivos para que fossem adotados por famílias da igreja.

Durante o declínio do império, o mundo ficou alerta prestando atenção. As pessoas corriam para as igrejas, que se destacavam como comunidades assistenciais. Um imperador romano do quarto século, conhecido como Juliano, o Apóstata, queixava-se amargamente dos cristãos de seu tempo: “Esses ímpios galileus não apenas alimentam os seus pobres, mas também os nossos. [...] Enquanto os sacerdotes pagãos negligenciam os pobres, os odiados galileus se dedicam a obras de caridade”.[7] Sua campanha contra os cristãos fracassou, e o evangelho continuou se espalhando enquanto o poder de Roma se enfraquecia.

De repente, quando os cristãos prosperaram e se tornaram a força cultural dominante, o contraste entre eles e o resto da sociedade diminuiu. Abandonando sua vocação de peregrinos, deitaram raízes e se associaram à estrutura política existente. Líderes da igreja estabeleceram hierarquias muito semelhantes às do estado, completas com elaborados costumes e todas as armadilhas do poder. Numa trágica virada, eles inverteram os papéis: não sendo mais perseguidos, passaram a perseguir outros como hereges.

Um ciclo semelhante vem recorrendo ao longo de toda a história da igreja. Os cristãos apresentam uma atraente contracultura até se tornarem a cultura dominante. Então eles se afastam de sua missão, juntam-se à estrutura de poder e, nesse processo, provocam a oposição da sociedade. Rejeitados, recolhem-se numa subcultura minoritária, e o ciclo recomeça tudo de novo. Viajando pelo mundo afora, constato diferentes estágios desse ciclo acontecendo exatamente hoje.

Houve um ano em que visitei o Brasil e as Filipinas, países onde a igreja está experimentando um forte crescimento. Essas nações estão desfrutando uma espécie de lua de mel durante a qual o evangelho ainda soa como boa-nova. Gente pobre da periferia que nunca ouviu termos como “justiça social” ou “teologia da libertação” aumenta seu bem-estar econômico à medida que os recém-convertidos começam a agir como cidadãos responsáveis. Conheci

brasileiros que adotam detentos e lhes dispensam cuidados — como voluntários, não seguindo nenhum programa organizado. Nas Filipinas, conheci uma mulher que seguiu literalmente a ordem de cuidar dos órfãos: ela havia convidado *34* crianças para morar na casa dela, para as quais estava pagando a escola. Como os primeiros cristãos romanos, esses crentes apresentam uma contracultura atraente a seus vizinhos.

Outras nações, como as da Europa Ocidental, entraram decididamente num estágio pós-cristão. Agulhas de torres de igrejas perfuram os céus da Europa, mas na maioria são os turistas que se preocupam em entrar nos velhos templos. Naquela parte do mundo que outrora foi o centro da fé, muitos líderes veem o cristianismo como coisa do passado ou irrelevante. No entanto, uma pequena minoria de cristãos prospera de um modo diferente. Vejo sinais sadios de criatividade e unidade entre cristãos em lugares como a Grã-Bretanha e a Nova Zelândia. Sem oferecer nenhuma vantagem social para quem crê, as igrejas atraem pessoas que levam sua fé a sério — e isso é plantar uma semente para um crescimento futuro.

Em outras regiões, encontros com cristãos provocam uma verdadeira hostilidade. Aqui está como o editor de uma revista caracterizou para mim os cristãos que ele encontra numa área que é pós-cristã há mais de um milênio.

> Com base em minha experiência de observar no Oriente Médio muitos expatriados de várias religiões, cheguei à triste conclusão de que os cristãos poderiam ser considerados as pessoas com quem é mais difícil conviver onde quer que seja. Eles parecem se encaixar em três categorias: 1) aqueles que preferem viver num gueto cristão onde seus amigos são de preferência pessoas que pensam como eles; 2) aqueles que seguem os modelos da igreja cristã ocidental como sua única preferência, com uma teologia rígida que faz deles pessoas muito religiosas e críticas em relação aos inovadores; 3) aqueles que têm certeza de que estão “servindo em tempo integral”, convencidos de que são os verdadeiros servos do Altíssimo, ao passo que os plebeus comuns que trabalham das nove às cinco ocupam um lugar mais baixo no totem religioso.

O editor estava falando de cristãos que visitam o Oriente Médio a serviço ou, em alguns casos, como missionários disfarçados. Os traços que ele julga insuportáveis — isolamento, espírito crítico, superioridade — refletem queixas que eu ouço da boca de céticos do meu próprio país.

Tenho a impressão de que os Estados Unidos ocupam um ponto entre os extremos: nem cristãos em lua de mel, nem pós-cristãos. Quase metade de nós frequenta a igreja, e os cristãos têm uma presença ativa nos *campi* universitários e em todas as principais profissões. Mesmo assim, igrejas e instituições de caridade podem operar mais como indústrias que como organismos vivos. Contratamos outros para cuidar dos órfãos e visitar os detentos; pagamos profissionais para dirigir o culto.

Ponderando esses vários estágios, tenho de refrear um sentimento de resignação. O que impedirá que os Estados Unidos sigam o caminho da Europa, com a igreja perdendo pouco a pouco sua influência e derivando para as margens? E como reagirão os crentes à medida que a cultura se tornar cada vez mais pós-cristã? Será que nos encolheremos e acabaremos isolados e servindo a nós mesmos? Ou será que, como os primeiros cristãos romanos, descobriremos maneiras engenhosas de servir a um poder global em declínio?

G. K. Chesterton identifica cinco momentos na história, tais como a queda do Império Romano e o período da conquista islâmica, quando o cristianismo enfrentou um aparente esfacelamento. Em cada um desses momentos, um novo sopro de renovação emergiu da crise e a fé voltou à vida. Como diz Chesterton, quando “a Fé, pelo que tudo indicava, se deu mal pra cachorro... foi o cachorro que morreu”. Ele acrescenta: “O cristianismo morreu muitas vezes e ressuscitou de novo, pois tinha um Deus que sabia como sair do túmulo”.[8] Talvez uma nova era enfatizando as obras, e não as palavras, possa introduzir agora essa renovação.

Revertendo a tendência

Quando criança, na escola dominical, eu costumava cantar esta canção:

A porta é uma só,
Porém dois lados há.
Eu já estou dentro,
Você onde está?

A canção captava a identidade da igreja. Nós nos víamos como uma minúscula minoria que possuía A Verdade. Uma longa lista de regras e crenças nos separava de quem estava do lado de fora da porta. Nunca me ocorreu que minha fé tinha alguma contribuição a dar aos "de fora". Minha principal obrigação era convencê-los a se juntarem a nós no lado certo da porta. Agora, porém, vejo que o reino de Deus existe principalmente em prol dos "de fora", como uma expressão tangível do amor de Deus por todos.

Nós podemos aprender com uma época do Antigo Testamento em que o povo de Deus enfrentou uma situação análoga. A Babilônia havia destruído Jerusalém e tomado dezenas de milhares de seus cidadãos como cativos, que agora viviam como uma minoria sitiada formando uma sociedade "pós-Israel". Como eles deveriam responder a essa nova realidade? Falando em nome de Deus, o profeta Jeremias aconselhou-os a construir casas, estabelecer-se, fazer hortas, casar e ter filhos. "Busquem a prosperidade da cidade para a qual eu os deportei e orem ao Senhor em favor dela, porque a prosperidade de vocês depende da prosperidade dela" (Jr 29.7).

Mencionei três estilos de vida — peregrino, ativista, artista — pelos quais nós podemos fazer exatamente isso, demostrando com nosso exemplo como uma pessoa e uma sociedade podem prosperar da melhor forma possível. Em vez de travar uma luta de retaguarda contra os opositores seculares, podemos comunicar nossa mensagem da boa-nova pondo-a em prática em nossa vida em meio aos não comprometidos. Nossa fé, com efeito, tem muitos benefícios a oferecer ao mundo, como alguns improváveis porta-vozes recentemente começaram a reconhecer.

O filósofo alemão contemporâneo Jürgen Habermas observou: “A democracia exige de seus cidadãos qualidades que ela não pode oferecer”.[9] Embora governos autoritários possam impor a moralidade de cima para baixo, as sociedades livres têm de depender de cidadãos que agem com responsabilidade. Como pode a democracia fomentar qualidades como compaixão e honestidade? O agnóstico Habermas foi mais longe, empregando palavras que chocaram alguns de seus colegas, dizendo que o legado ocidental de consciência, direitos humanos e democracia é um “herdeiro direto da ética judaica de justiça e da ética cristã do amor”. E acrescentou: “Nós continuamos nos servindo da substância dessa herança. Tudo o mais é conversa fiada pós-moderna”.

Outro filósofo, Alain de Botton, pede com insistência que seus colegas ateus tomem empréstimos da religião. Ele admira o sucesso das igrejas na promoção da moral e cita exemplos provando que a crença em Deus pode oferecer conforto durante períodos difíceis. De Botton não está propondo um reavivamento cristão — ele zombaria dessa perspectiva —, mas desafiando colegas ateus a aprender com as igrejas que alimentam um espírito de comunidade. Artistas e educadores modernos, queixa-se ele, não comunicam mais aquela sabedoria prática da qual o povo tanto precisa.[10]

Esses pensadores estão lutando com a antiga questão: “Como podemos convencer as pessoas a serem boas?”. Eles concordam que o cristianismo produziu alguns benefícios ao longo dos séculos, dando-nos uma fundamentação para os direitos humanos e para a assistência aos carentes. Mas onde os céticos religiosos vão procurar orientação moral e esperança nos dias de hoje? Eu gostaria que eles pudessem ver nos seguidores de Jesus uma possível cura para os males sociais com a qual todos nós concordássemos. O que seria necessário para isso?

Nós ficamos tão acostumados aos sinais do declínio cultural que é difícil imaginar algum movimento em qualquer outra direção. Deparei recentemente com um exemplo da historiadora judia Gertrude Himmelfarb, que passou boa parte de sua carreira explorando exatamente essa renovação na Inglaterra do século 19.

A obra de Himmelfarb *The De-moralization of Society* [A desmoralização da sociedade] começa com uma cena que envolve Margaret Thatcher, a Dama de Ferro da política britânica. Quando um entrevistador acusou a sra. Thatcher de defender valores vitorianos, ela respondeu: “Sim, exato. Exatamente isso. Aqueles eram os valores quando nosso país se tornou grande”.[11] Seus opositores políticos exultaram e passaram a atacar a citação, e os valores vitorianos se tornaram o tema principal de manchetes de jornais. Thatcher não recuou, insistindo que aqueles valores incluíam coisas como compromisso com a família, trabalho duro, poupança, asseio, autoestima e boa convivência.

As estatísticas da época vitoriana mostram uma imagem oposta às tendências modernas. A alfabetização aumentou e a pobreza diminuiu. As taxas de filhos ilegítimos e de crimes despencou. No fim do século 19, as taxas de filhos ilegítimos eram de 3%, contrastando com os 70% de hoje nas áreas mais desfavorecidas dos Estados Unidos. A taxa de criminalidade na Inglaterra caiu pela metade durante a era vitoriana.

O que causou essa reviravolta? Como muitos outros historiadores, Himmelfarb atribui os méritos disso a uma campanha conduzida por cristãos evangélicos. Os metodistas pressionaram pedindo reformas no movimento operário, na habitação, nas prisões, na educação pública, no saneamento básico e na saúde. Seu fundador, John Wesley, ensinava que o evangelho de Cristo implicava mais coisas que a salvação das almas. Ele devia exercer um impacto sobre toda a sociedade, e seus seguidores trabalharam para conseguir exatamente isso. Eles distribuíram a graça para um mundo mais amplo, e nesse processo seu espírito ajudou a mudar uma nação, preservando-a do caos revolucionário que se espalhara pela Europa.

O retrato dos valores vitorianos feito por Himmelfarb contradiz a sufocante imagem que esses valores evocam hoje em dia — e isso, argumenta ela, é parte do problema. Os Estados Unidos adotaram tal atitude contra a moral pública que um recente porta-voz da saúde pública desse país hesitou em desaprovar a promiscuidade sexual

entre *pré-adolescentes*. “Todo mundo tem padrões morais diferentes”, disse ele. “Você não pode impor os seus padrões a nenhuma outra pessoa.”[12] Himmelfarb discorda frontalmente: “Agora nós estamos enfrentando as consequências dessa política de neutralidade moral”.[13]

Os valores são uma coisa, mas a pergunta continua: Esses valores precisam de uma *religião* para fundamentá-los? Céticos como Jürgen Habermas, relutando, concluíram que precisam. Ao ponderar a perda da fé religiosa na Europa (fato que ele antes aplaudira), George Orwell lamentou as consequências: “Durante duzentos anos havíamos serrado, serrado, serrado o galho em que estávamos sentados. E no fim, muito mais de repente do que alguém havia imaginado, nossos esforços tiveram sua recompensa, e lá fomos nós para o chão. Mas, infelizmente, houve um pequeno erro. A coisa no chão não era um canteiro de rosas; era uma fossa de arame farpado. [...] Parece que a amputação da alma *não é* apenas uma intervenção cirúrgica, como a retirada de seu apêndice. A ferida tende a infeccionar”.[14]

O poeta W. H. Auden, que deixou a Europa na década de 1930 para fugir da guerra iminente, percebeu que toda a sua visão de mundo ficou abalada quando entrou num cinema em Manhattan e viu os noticiários sobre as atrocidades da Alemanha. Sua crença na bondade dos seres humanos colidia com as provas da estarrecedora maldade cintilando diante de seus olhos. Ele concluiu: “Para dizer que aquilo era maldade, eu precisava ter um padrão no qual pudesse me basear. Não tinha nenhum. [...] Eu havia passado toda a minha vida adulta, como intelectual, destruindo os absolutos, e agora de repente eu precisava de um para poder dizer que aquilo era errado”.[15]

Auden saiu do cinema e foi em busca de um algum absoluto, algo mais forte que o humanismo liberal, que condenasse os nazistas e também defendesse suas vítimas. Logo achou seu caminho rumo à fé cristã. Só Deus poderia pedir ao ser humano, como disse ele mais tarde num poema, que “ame o teu próximo desonesto com o teu desonesto coração”.[16]

Para o nosso bem

Volto mais uma vez a pensar na minha infância, por mais legalista que ela tenha sido, e no ambiente moral no qual fui criado. Os bons cristãos não fumavam, não bebiam, não usavam drogas, não se divorciavam e não se envolviam levianamente em atividades sexuais. A igreja concordava que dinheiro, sexo e poder podiam ser dádivas de Deus, mas enfatizava seus perigos: como voláteis explosivos, essas dádivas tinham de ser manipuladas com cuidado e disciplina. Cresci ouvindo muito mais incentivos negativos — *você vai pagar por seus pecados!* — que positivos. Naquele ambiente antiquado, a revolução dos anos 1960 entrou como uma rajada de ar fresco, prometendo liberdade e libertação, e muitos de meus amigos se desfizeram de bom grado da camisa de força de sua subcultura.

Aconteceu, porém, que o tempo mostrou que a subcultura deles estava certa em relação a muitas daquelas questões. Na esteira da revolução sexual vieram os problemas de gravidez de adolescentes, de rompimentos familiares, de filhos sem pai. A promiscuidade conduziu diretamente às doenças sexualmente transmissíveis, à epidemia de aids e a inúmeros problemas de saúde. E são atualmente ativistas seculares que chamam a atenção para os perigos à saúde associados com o fumo, a ingestão excessiva de bebida e o uso de drogas.[17]

Em vez de impedir que se leve uma vida boa, a fé religiosa pode positivamente mostrar o caminho. Um estudo publicado no *American Journal of Psychiatry* apresentou um relatório sobre alunos de graduação de Harvard que experimentaram uma conversão religiosa nos seus tempos de estudantes. Eles passaram por uma "mudança radical no estilo de vida", caracterizada por uma diminuição no uso de drogas, álcool e cigarros. Não apenas isso, seu desempenho acadêmico também melhorou e eles se mostraram menos propensos à depressão, à preocupação com a morte e a crises "existenciais".[18]

Muitos não cristãos acreditam que Deus de algum modo está contra eles e que os cristãos estão determinados a impedir que eles

desfrutem de uma boa vida. Ironicamente, levei comigo ao sair de uma igreja legalista uma versão diferente da mesma mensagem: *Deus está impedindo que eu tenha acesso a algo melhor e mais excitante*. É um sussurro tão antigo quanto o Éden. Passei depois a acreditar exatamente no contrário: que Deus deseja para nós a melhor vida, "uma vida plena", nas palavras de Jesus (Jo 10.10). Duvido que algum daqueles alunos de Harvard tenha saudade de seus velhos tempos de angústia e vício.

De algum modo, precisamos comunicar aos não comprometidos que Deus quer que prosperemos, que vivamos com alegria, e não sob repressão; com confiança, e não com medo. Levei anos para entender que o estilo de vida apresentado na Bíblia visa o nosso bem. As imagens de Jesus sobre o reino mostram o bem-estar se espalhando gradativamente pelo resto da sociedade. Nós prosperamos mais, a sociedade funciona melhor, quando o sexo vem acompanhado do compromisso, quando cuidamos de nosso corpo, quando os fortes cuidam dos fracos.

Testemunhei muitos exemplos de cristãos comuns que alegremente servem ao bem comum, fato que é ignorado pela mídia quando ela trata de cristãos e política. Robert Putnam, autor do inovador ensaio "Bowling Alone" [Boliche solitário], comprova que os americanos religiosos tendem mais a dar dinheiro a um sem-teto, a restituir o troco excessivo ao caixa da loja, a doar sangue, a ajudar um vizinho doente fazendo compras ou serviços de casa, a passar algum tempo com quem está deprimido, a oferecer o assento a um estranho, ou a ajudar alguém a achar um emprego. Quem frequenta a igreja regularmente doa quase quatro vezes mais dinheiro para obras de caridade que seus vizinhos seculares, e o dobro deles faz trabalho voluntário entre os pobres, os enfermos ou os idosos.[19]

A administração do governo de Clinton, não muito aliada aos cristãos conservadores, primeiro começou a promover agências baseadas na fé porque percebeu a eficiência de grupos como a ONG Prison Fellowship [Fraternidade Prisional], o Exército de Salvação e a Teen Challenge [Desafio para Adolescentes] no tratamento dispensado ao crime, ao alcoolismo e ao vício das

drogas. Programas que incluem uma dimensão espiritual muitas vezes apresentam taxas mais positivas que suas contrapartidas seculares. Como observou Joseph Califano, ex-secretário do Departamento de Saúde, Educação e Bem-Estar: “Todos os indivíduos que conheci que largaram as drogas ou o álcool com sucesso indicaram a religião como a chave de sua reabilitação”.[20]

“A religião é um poderoso antídoto contra o crime”, argumenta o respeitado criminalista Byron Johnson em seu livro *More God, Less Crime: Why Faith Matters and How It Could Matter More* [Mais Deus, menos crime: Por que a fé é importante e como poderia ser ainda mais importante].[21] Ela ajuda a reduzir as taxas de reincidência de encarceramentos, de uso de drogas, de atos de violência e de atividades de gangues. Por essa razão o pastor Eugene Rivers, do Brooklyn, sugere que deveríamos investir em mais programas de igrejas, e não em mais prisões, se é que queremos ajudar os jovens desfavorecidos da sorte. “De duas, uma: ou arame farpado e mais jovens negros superpredadores, ou uma sociedade civil e mais igrejas fortes de negros. Isso é tão simples.”[22]

Por que funcionam os programas baseados na fé? Aqueles que os administram atribuem tudo ao poder transformador da conversão e dependência de Deus. Há, porém, outro fator. A motivação para a mudança geralmente acontece por causa do amor: alguém vê um transgressor não como ele é, mas como ele poderia ser. John Dilulio, que em outros tempos dirigiu o escritório da Casa Branca para programas baseados na fé, descreve o processo. Os assistentes sociais começam avaliando os déficits de um cliente, diz ele.

> Você chega órfão, vítima de abusos; você é analfabeto, e eles dizem: “Nós vamos ajudar você. Você vai ser alfabetizado, e você vai ser orientado, e você vai conversar com o funcionário que vai acompanhar você. Enquanto isso, nós não exigiremos nada de você. Você tem todos esses déficits, vai fazer todo esse progresso, vai levar um tempo antes de nós exigirmos alguma coisa de você.
>
> Coloque-se isso ao lado da abordagem de assistência espiritual. É semelhante à abordagem das artes marciais. Ela toma toda a força

> negativa que você tem e a vira na direção oposta. Como? Ela diz ao rapaz: "Pode ser verdade que você não tinha ninguém, mas deixe-me lhe dizer uma coisa: Deus amava você, mesmo quando você não sabia disso. Quando o mundo odiava você, Deus o amava. E eu vou lhe dizer outra coisa: eu amo você e estou à sua disposição. Vou estar presente para você. E onde fico eu? Exatamente ali, naquele porão ali. Logo atrás da porta, 24 horas por dia, 7 dias por semana, 365 dias por ano, é ali que você vai me encontrar".[23]

Para que serve o cristianismo?

No início de 2014, a revista *Christianity Today* numa reportagem de capa traçou o perfil de um sociólogo chamado Robert Woodberry, que se perguntara por que alguns países se encaminham tão bem para a democracia enquanto vizinhos de fronteira chafurdam na corrupção de um governo ruim. Uma paciente pesquisa o levou a concluir que os missionários haviam feito a diferença. Eles ensinaram o povo a ler, construíram hospitais e lhe deram uma fundamentação bíblica para os direitos humanos básicos. Ele concluiu:

> As áreas onde missionários protestantes tiveram uma presença significativa no passado são hoje em dia as mais desenvolvidas economicamente, desfrutando de uma saúde comparativamente melhor, com um índice de mortalidade infantil inferior, com menos corrupção, mais alfabetização, mais resultados na educação de nível superior (especialmente para mulheres), e uma participação mais robusta em associações não governamentais.[24]

Isso não condiz com o estereótipo de Hollywood de missionários arruinando culturas, eu sei, mas até agora ninguém conseguiu refutar as descobertas de Woodberry.

Eu gostaria que os que perguntam "Para que serve o cristianismo?" pudessem passar algum tempo com algumas daquelas notáveis pessoas que dedicam sua vida ao serviço humilde. Visitei escolas para os dálits (intocáveis) na Índia onde a primeira geração dessa casta em quinhentos anos está recebendo uma educação de boa qualidade. Fiz reportagens sobre hospitais

para leprosos na Ásia, clínicas de aids e orfanatos na África, e sobre um famoso hospital para pacientes de fístula obstétrica na Etiópia, todos eles frutos do trabalho missionário.

Penso em Bill Leslie, meu pastor durante dez anos em Chicago. Bill levou sua família para o Zaire a fim de visitar uma aldeia onde o avô dele havia trabalhado como missionário médico, e acabou descobrindo que uma régia recepção o aguardava, a ele e à sua família. O avô de Bill, descobriu ele, havia tratado não apenas do corpo, mas também da alma de muitos daquela aldeia. “Nós queremos que você veja os frutos do ministério do seu avô aqui”, disseram seus anfitriões.[25] Primeiro eles pediram que todos os pastores se pusessem de pé, e cerca de quarenta se levantaram. Em seguida todos os médicos se levantaram, depois os enfermeiros, depois os professores, pedreiros e trabalhadores da construção civil. No fim, várias centenas de pessoas estavam de pé sob o brilhante sol africano junto a uma mesa de banquete, uma prova viva do serviço fiel de seu avô.

Filósofos como Jürgen Habermas e Alain de Botton debatem a possibilidade de produzir esses efeitos independentemente da fé religiosa. É claro que há muitos exemplos de indivíduos e organizações seculares que também atuam em prol do bem comum. Outro cético, porém, sugere uma espécie de transformação muito mais rara. Matthew Parris, jornalista e ex-membro do Parlamento do Reino Unido, cresceu na África. Em 2008, ele voltou para a casa de sua infância depois de 45 anos e escreveu um artigo para o jornal *The Times*, de Londres, com o seguinte subtítulo: “Missionários, e não ajuda monetária, são a solução para o maior problema da África — a esmagadora passividade da mentalidade do povo”.

> Sendo agora ateu confesso, eu me convenci da enorme contribuição que o evangelismo cristão faz na África: nitidamente distinta do trabalho de ONGs seculares, projetos governamentais e esforços de ajuda internacional. Esses por si sós não resolvem. Educação e treinamento por si sós não resolvem. Na África, o cristianismo muda o coração do povo. Ele traz uma transformação espiritual. O renascimento é real. A mudança é boa.

Eu costumava evitar essa verdade aplaudindo — como vocês podem fazer — o trabalho prático de igrejas missionárias na África. É uma pena, dizia eu, que a salvação faça parte do pacote, mas os cristãos brancos e negros, trabalhando na África, de fato curam enfermos, de fato ensinam as pessoas a ler e escrever; e somente o tipo mais rigoroso de secularista poderia ver o hospital ou a escola de uma missão e dizer que o mundo seria melhor sem aquilo. Eu concordaria que a fé foi necessária para motivar missionários a ajudar, sem problema: mas o que contou foi a ajuda, e não a fé.

Mas isso não se encaixa com os fatos. A fé faz mais que sustentar o missionário; ela é também transferida para o seu rebanho. Esse é o efeito imensamente importante, que não posso deixar de observar. [...]

Os cristãos sempre foram diferentes. Longe de ter intimidado ou confinado seus convertidos, sua fé pareceu-me tê-los liberado e abrandado. Constatei uma vivacidade, uma curiosidade, um engajamento com o mundo — uma objetividade em seus relacionamentos com os outros — que me pareciam faltar na vida africana tradicional. Eles se sentem orgulhosos.

Quando eu tinha 24 anos, uma viagem pelo continente reforçou essa impressão. De Argel para o Níger, a Nigéria, Camarões e a República Centro-Africana, depois atravessando o Congo para Ruanda, a Tanzânia e o Quênia, quatro amigos estudantes e eu conduzimos nosso velho Land Rover até Nairóbi.

Dormíamos sob as estrelas, por isso ao chegarmos às regiões mais povoadas e sem lei da África subsaariana era importante descobrir, todos os dias, algum lugar seguro ao anoitecer. Muitas vezes perto de uma missão.

Sempre que entrávamos num território assistido por missionários, tínhamos de reconhecer que alguma coisa mudava no rosto das pessoas com quem cruzávamos e conversávamos: alguma coisa nos olhos delas, no modo direto com que abordavam a gente, de igual para igual, sem desviar os olhos ou abaixar a cabeça. Elas não se haviam tornado mais respeitosas para com estranhos — de algum modo até menos —, mas mais abertas. [...]

O que essas pessoas eram foi, por sua vez, influenciado por uma concepção do lugar do ser humano no universo, ensinada pelo cristianismo.[26]

Em outras partes de seu artigo, Matthew Parris faz relatos do fracasso de intensos programas assistenciais que distribuem roupa e alimento sem afetar a mentalidade do povo. A África rural tem uma

visão fatalista da vida: as pessoas se veem como peões de um jogo de xadrez que enfrentam as forças de maus espíritos, de ancestrais, da natureza e de dirigentes prepotentes. O cristianismo, escreve Parris, “com seus ensinamentos de uma ligação direta, pessoal, de mão dupla entre o indivíduo e Deus, sem a mediação da coletividade, sem nenhuma subordinação a outro ser humano, elimina completamente a estrutura filosófica/espiritual que acabo de descrever. Ele oferece algo a que se agarrar aos que estão ansiosos por descartar a sufocante mentalidade tribal”.

Parris confessa que não chegou a essa conclusão com facilidade: “Ela confunde minhas crenças ideológicas, teimosamente se recusa a encaixar-se em minha visão de mundo, e embaraçou minha crescente convicção de que não existe nenhum Deus”.

Algo novo na história

Eu posso prever como críticos da igreja responderiam a este capítulo. Eles citariam exemplos de países europeus como a Dinamarca, onde poucos reivindicam qualquer compromisso cristão, e no entanto a sociedade parece funcionar de modo admirável, proporcionando uma alta qualidade de vida. Tendo visitado a Dinamarca e seus igualmente seculares vizinhos escandinavos, eu teria de concordar — embora, para ser justo, vamos admitir que a região era povoada por beligerantes e saqueadores *vikings*, até a chegada do evangelho. O evangelho transforma a cultura permeando-a como um fermento, e muito tempo depois que abandonam a crença as pessoas tendem a viver seguindo hábitos da alma. Depois que uma cultura foi salgada e fermentada, fica difícil retirar dela o sal e o fermento.

Os críticos deveriam visitar também países com pouca ou nenhuma história envolvendo o cristianismo e comparar o cuidado deles pelos oprimidos, a extensão de suas liberdades, o tratamento que eles dispensam às mulheres e sua moralidade básica. Eu viajei por regiões onde você precisa usar um sistema duplo de fechadura para suas malas e verificar o troco depois de cada transação comercial, onde detentos inocentes apodrecem em cadeias sem

nenhum recurso legal, onde converter-se a outra religião — ou a qualquer religião — constitui uma transgressão grave, até mesmo capital. É difícil ignorar o efeito do fermento do evangelho: nove dentre dez nações que a ONG Freedom House [Casa da Liberdade] rotula como “livres” são identificadas como cristãs, e o mesmo padrão se aplica a nações que a ONG Transparency International [Transparência Internacional] classifica como menos corruptas, e o World Giving Index [Índice Internacional de Donativos] avalia como generosas, e o Fórum Econômico Mundial cita como sendo as melhores do ponto de vista de igualdade de gêneros.

Não me entenda mal. Não desejo de modo algum fazer um balanço comparando os benefícios líquidos da fé com os da abordagem secular. Os cristãos devem se esforçar para servir a Deus, e não a algum ideal abstrato de melhorar a sociedade. Nós agimos de acordo com a oração de Jesus para que a vontade de Deus seja feita aqui na terra como no céu, pois esse é o grandioso objetivo que Deus prometeu atingir. Contudo, se fizermos isso num espírito de humildade, nós inevitavelmente contribuiremos para o bem comum, como inegavelmente aconteceu ao longo dos séculos. Andy Crouch emprega a expressão *evangelho da posteridade* para descrever o processo de bondade e saúde se espalhando pelo mundo afora, graças ao serviço da igreja.[27]

Ao mesmo tempo, devemos aceitar nossas deficiências. Vivemos na sombra de erros do passado, como os críticos com muita frequência nos relembram. Aprendi a apreciar a absolutamente importante distinção entre a força inerente do evangelho e a errática história da igreja que o transmite. Deus confiou a seres humanos imperfeitos uma mensagem tão poderosa que ela às vezes faz seu trabalho apesar de nós. Como um rio que vai fluindo, o evangelho continuamente corrói o mal mesmo que a igreja escolha um lado errado — como fez algumas vezes — e mesmo depois que a sociedade abandona a fé.

Gil Bailie mostra uma tendência moderna que nós consideramos normal, mas que na verdade não tem precedentes na história: a empatia pelos marginalizados. “Hoje a vítima está numa posição

moral mais alta em todas as partes do mundo ocidental", diz Bailie.[28] Ele constrói seu raciocínio baseando-se na obra do historiador francês René Girard para argumentar que a crucificação de Jesus surge como o evento central da história. A cruz inverteu as antigas categorias de vítimas fracas e heróis fortes, pois naquele momento a vítima emergiu como o herói. O evangelho pôs em movimento algo novo na história, que Bailie chama de "a mais chocante inversão de valores na história humana". Onde quer que o cristianismo tenha criado raízes, o cuidado dispensado às vítimas se espalhou. Para mencionar apenas um exemplo, na Europa da Idade Média a ordem dos beneditinos sozinha dirigia 37 mil mosteiros dedicados aos enfermos.

Além disso, aqueles que condenam a igreja por seus pontos fracos fazem isso seguindo princípios do evangelho, argumentando em defesa dos próprios valores morais que o evangelho originariamente espalhou pelo mundo. Direitos humanos, direitos civis, direitos das mulheres, direitos das minorias, direitos dos *gays*, direitos dos deficientes, direito dos animais — o sucesso desses movimentos modernos reflete a amplamente difundida empatia em prol dos oprimidos que não tem nenhum precedente no mundo antigo; os filósofos clássicos consideravam a misericórdia e a compaixão defeitos de caráter, sentimentos contrários à justiça. Essa atitude só mudou com a chegada de Jesus.

Quando o resto do mundo nos critica por nossas falhas, nós deveríamos responder com humildade e arrependimento, qualidades que não são tipicamente exibidas por grupos de lobistas e ativistas. Os cristãos sabem que a igreja de 2100 voltará seu olhar para a igreja de 2000 e sacudirá a cabeça com um sentimento de triste incompreensão. Como foi que não compreendemos o que aos olhos deles parecerá tão óbvio?

Como seguidores de Jesus, nosso desafio é nos sintonizar com o verdadeiro evangelho e recuperar a força que ele desencadeou para um mundo desesperado e carente. George Orwell estava parcialmente certo quando declarou: "O problema do nosso tempo é restaurar a consciência do absolutamente certo e do absolutamente

errado quando a fé na qual essa consciência se baseava [...] foi destruída".[29] Ele não mencionou uma alternativa: uma robusta renovação dessa fé.

Três mortes

Três importantes figuras públicas morreram com intervalos de quatro dias entre elas em dezembro de 2011. Kim Jong-il, o Querido Líder da Coreia do Norte, representava o último bastião de resistência de um estado marxista totalitário com sua moralidade arbitrária imposta de cima para baixo. Ele denominava sua nação "um Paraíso do Povo", embora qualquer pessoa que tenha a seu dispor um mapeamento via satélite do Google possa ver os campos de concentração, os locais de execução e as fazendas arruinadas que desmentem seu Paraíso Potemkin.

O segundo notável que morreu foi o ateu Christopher Hitchens, que escreveu alguns dos mais amargos comentários contra a tirania de Kim Jong-il. No entanto, o código moral de Hitchens também não tinha nenhuma autoridade transcendente. Em que se basearia ele para julgar sua moral superior à de Kim Jong-il? Peter Hitchens, irmão mais novo de Christopher, afastou-se do ateísmo para tornar-se cristão depois de constatar pessoalmente os efeitos de um vazio moral em países como a Somália, a União Soviética e a Coreia do Norte.

O terceiro, Václav Havel, havia vivido sob um regime comunista mais suave, e emergiu com uma forte convicção acerca das raízes da crise moderna. A crise, disse ele, se "deve ao fato de termos perdido a certeza de que o universo, a natureza, a existência e a nossa vida são a obra de uma criação guiada por uma intenção definida, que tem um significado definido e segue um objetivo definido". Usando sua plataforma de primeiro presidente da Tchecoslováquia livre, Havel fez uma advertência profética para "a primeira civilização ateia na história da humanidade", o moderno Ocidente. Ele lamentou a perda da fé: "Assim que o homem começou a considerar a si mesmo a fonte do mais alto sentido do mundo e a medida de todas as outras coisas, o mundo começou a

perder sua dimensão humana, e o homem começou a perder o controle dela".[30]

Como se podia prever, o pronunciamento de Havel provocou uma enorme gritaria. Como poderia um intelectual pedir a volta à religião? Será que ele não sabe que a religião dá origem à violência, ao racismo, à censura e à intolerância?

Havel, porém, havia vivido sob um regime ateu que suplantou qualquer religião mal orientada nessas categorias. Como disse ele ao Congresso dos Estados Unidos: "A salvação deste mundo humano não se encontra em nenhum outro lugar que não seja o coração humano. [...] A única espinha dorsal de nossas ações, se elas quiserem ser morais, é a responsabilidade. Responsabilidade em relação a algo superior à minha família, à minha firma, ao meu país, ao meu sucesso — responsabilidade em relação à ordem do ser onde todas as nossas ações são indelevelmente registradas e onde, e somente lá, elas serão apropriadamente julgadas".

A fé tem alguma importância, para um indivíduo ou para uma sociedade? Aparentemente, sim.

9

Existe mais alguém?
A questão de Deus

> Se quisermos estar preparados para depositar nossa esperança no que não nos decepcione, precisamos primeiro perder a esperança em tudo aquilo que nos decepciona.
>
> George Bernanos[1]

Em certo fim de semana, o parágrafo a seguir foi considerado a postagem mais popular de todas as da rede social do Google.

> Filosofia é como estar num quarto escuro procurando um gato preto. Metafísica é como estar num quarto escuro procurando um gato que não está lá. Teologia é como estar num quarto escuro procurando um gato preto que não está lá e gritar "Eu o achei!". Ciência é como estar num quarto escuro procurando um gato preto usando uma lanterna.[2]

A "analogia do gato preto" encerra uma opinião comum dos dias de hoje, segundo a qual a religião é sobretudo fantasia. Como um placebo, a fé religiosa pode fazer que você se sinta melhor, mas ela não contém nenhuma substância real. Para chegarmos à verdade sobre a realidade, precisamos buscar a ciência.

O vão entre a ciência e a fé atualmente se escancara. A ciência domina, em parte porque ela resolveu alguns dos problemas humanos mais angustiantes: podemos curar muitas enfermidades, mitigar os efeitos do clima, controlar pragas, comunicarmo-nos superando vastas distâncias. Enquanto isso, muitos cidadãos do mundo moderno julgam que os crentes são "contra a ciência" —

com bons motivos, se levarmos em conta as batalhas travadas sobre questões de ciência e fé.

Sendo honesto, acho difícil não ser afetado por esse ponto de vista. No fim das contas, não temos nenhuma prova certa de que existe um Deus invisível e dispomos apenas de alguns indícios insignificantes de uma vida após a morte. Sabemos que existe o mundo material das rochas e das árvores, do sol e da lua; qualquer outra coisa exige fé.

Em certos momentos, porém, percebo que há alguns "quartos" onde a ciência não tenta acender sua lanterna. Eles se situam fora dos domínios dela, e os próprios cientistas concordam com isso. Entre eles estão as questões do sentido que às vezes intrigam a todos nós, questões que qualquer fé séria deve ponderar.

Já mencionei anteriormente um dos mais importantes cientistas americanos, que esteve à frente do Projeto Genoma Humano e depois passou a dirigir os Institutos Nacionais da Saúde. Ateu de criação, o dr. Francis Collins praticava a medicina no início de sua carreira quando uma senhora idosa que sofria de uma doença incurável lhe perguntou: "Em que você acredita acerca de Deus e da vida após a morte?".[3] Aquela conversa foi um ponto decisivo para Collins porque ele não fazia ideia de como responder a algumas das perguntas mais importantes em relação à vida. Ele atribui sua conversão a esse momento crucial com uma paciente, que motivou uma busca espiritual.

Embora como cientista ele sempre houvesse insistido na rigorosa coleta de dados, Collins percebeu que em questões de fé ele nunca havia sequer procurado dados. Depois de consultar um ministro cristão, fez a leitura do evangelho de João e depois dos escritos de C. S. Lewis, começando por *Cristianismo puro e simples*. Como o próprio Lewis disse certa vez, um ateu tem de tomar muito cuidado com o que lê;[4] o relutante jovem médico logo caiu nos braços da fé.

Eu tive minha experiência com a ciência e com questões de sentido numa conferência onde fui escalado para participar de um painel sobre "Ciência e Fé". Uma vez que um intelectual da Faculdade de Teologia de Harvard me ajudaria a sustentar as

questões de fé, eu me sentia seguro. Isso durou até o momento em que li no programa da conferência que cada um dos três representantes da ciência havia recebido o prêmio Nobel de física. Meu colarinho ficou muito apertado, e a sala ficou perceptivelmente mais quente.

Quando chegou minha vez de falar, citei *Sir* William Bragg, um pioneiro no campo da cristalografia de raios X, que, perguntado se a ciência e a teologia se opunham entre si, respondeu: “Elas se opõem, no sentido de que o polegar e os dedos de minha mão se opõem entre si. É uma oposição por meio da qual é possível apreender qualquer coisa”.[5] Durante grande parte da história, os grandes cientistas — Copérnico, Kepler, Galileu, Newton, Leibniz — acreditavam que suas descobertas no “livro da natureza” continham uma forma de revelação, mostrando-nos indícios acerca de um Deus criador.

Sugeri aos integrantes do painel que, embora a ciência houvesse contribuído muito para a vida moderna, há pelo menos três questões importantes para as quais ela não tem respostas porque essas questões se situam além dos limites da ciência: 1) Por que existe algo em vez de nada? 2) Por que esse algo é tão bonito e ordenado? 3) Como deveríamos nos comportar num mundo como o nosso? Depois de alguma discussão, os outros participantes do painel concordaram que as respostas se situavam além da ciência.

No entanto, nós não podemos evitar essas questões básicas. Elas nos ajudam a captar o sentido do que é ser uma criatura humana e do propósito de nossa existência. Durante séculos, o mundo ocidental acalentou um genérico consenso cristão. Hoje em dia, sem nenhum consenso claro, muitas respostas vão sendo apresentadas. Eu sinto uma necessidade, que é minha se não for de mais ninguém, de considerar como algumas das respostas se opõem a uma alternativa cristã. A menos que possamos entender nossas crenças como sendo realmente uma boa-nova, não podemos facilmente comunicá-las a um mundo sedento.

Vou aqui reformular as questões do painel, dedicando um capítulo a cada uma delas.

- Existe mais alguém? A questão de Deus.
- Por que estamos aqui? A questão humana.
- Como deveríamos viver? A questão social.

Respostas da ciência

Estamos sozinhos neste vasto universo de uma centena de bilhões de galáxias e inúmeros sistemas solares, ou existe mais alguém? Há mais de cinquenta anos os cientistas vêm tentando determinar exatamente isso por meio de um empreendimento dispendioso denominado Search for Extraterrestrial Intelligence (SETI) [Busca de Inteligência Extraterrestre]. No auge de seu poderio, os soviéticos varreram o céu com enormes antenas à escuta de possíveis mensagens. Alguns cientistas calcularam que o universo revelaria cem mil, talvez um milhão de civilizações avançadas. O entusiasmo esfriou à medida que, um por um, os projetos deixaram de apresentar qualquer prova de vida inteligente.

Os cientistas mais famosos excluem sumariamente a existência de Deus. O falecido Carl Sagan, um grande entusiasta do SETI, começava suas palestras para a televisão com a presunçosa declaração: “O cosmo é tudo o que existe, tudo o que já existiu e tudo o que poderá vir a existir”.[6] Mais recentemente, Novos Ateus como Richard Dawkins e Daniel Dennett têm insistido que o universo passou a existir por si mesmo, sem nenhum agente externo — apesar das assustadoramente poucas probabilidades de um evento dessa natureza.

Os próprios cientistas que calculam as probabilidades de o universo ter passado a existir por acaso sugerem números tão intrigantes como um em 10^{60}. O físico Paul Davis explica: “Para conferir algum significado a esses números, imagine que você quisesse disparar uma bala para atingir um alvo de 2,5 centímetros de diâmetro situado do lado oposto do universo observável, a uma distância de 20 bilhões de anos-luz. Sua mira teria de ser precisa na mesma proporção de 10^{60}”.[7] Stephen Hawking admite que se a razão da expansão 1 segundo após o *big bang* houvesse variado

em apenas uma fração de 100 mil milhões de milhões, o universo teria entrado em colapso.[8] Isso é apenas o começo: se a energia nuclear em certos átomos variasse em apenas alguns pontos percentuais, então o sol e outras estrelas não existiriam. A vida na terra depende de uma igualmente delicada sintonia fina; uma mínima mudança da gravidade, uma ligeira diferença de inclinação do eixo da terra, ou um pequeno espessamento de sua crosta impossibilitaria as condições de vida.

Diante dessas estonteantes probabilidades contra uma existência aleatória, Richard Dawkins simplesmente dá de ombros e diz: “Bem, nós estamos aqui, não estamos?”.[9] Ele, juntamente com muitos outros, não vê nenhuma necessidade de supor um Projetista por trás dessa aparente evidência de um projeto cósmico (embora, numa conversa com Francis Collins, Dawkins tenha admitido que a sintonia fina do universo é, para os não crentes, o argumento mais difícil de refutar). Os cientistas dos Estados Unidos estão igualmente divididos, com 51% deles acreditando em alguma forma de divindade.

Ocorreu-me, quando mais tarde refleti sobre o painel “Ciência e Fé” do qual eu havia participado, que se as probabilidades fossem invertidas nós provavelmente não teríamos tido nenhuma discussão. Se alguém calculasse as probabilidades da existência de Deus à razão de 1 em 10^{60}, duvido seriamente que algum cientista perderia seu tempo discutindo questões de fé com quem acreditasse num Deus tão improvável. No entanto, os cientistas aceitam facilmente essas probabilidades de um universo aleatório passar a existir por si só.

Conversando mais tarde com os laureados com o prêmio Nobel, perguntei-lhes sobre suas crenças ou descrenças em relação a Deus. Os três mencionaram uma rigorosa criação judaica contra a qual eles depois reagiram. Martin Perl, descobridor da partícula subatômica Tau da família dos léptons, disse singelamente: “Dentre os americanos, 10% afirmam que foram abduzidos por alienígenas, 50% são criacionistas e 50% leem o horóscopo diariamente. Por que deveríamos nos surpreender se uma maioria acredita em Deus?

Eu me oponho a todas essas superstições, e pela minha experiência a religião é extremamente perniciosa. Limito minhas crenças à observação, excluindo a revelação".

O mais famoso cientista dos tempos modernos, Albert Einstein, era mais receptivo para com a fé: "O cientista deve observar todas as delicadas e sábias conexões do universo e reconhecer que elas não são uma invenção humana. Ele deve se sentir em relação àquilo que a ciência ainda não explicou como uma criança tentando entender as obras e a sabedoria de um adulto. Em consequência disso, todo cientista realmente sério deve necessariamente ter um sentimento religioso".[10]

Einstein achava maravilhoso que nossa mente fosse capaz de juntar padrões de significado. Disse ele a um amigo: "*A priori*, nós deveríamos esperar um mundo caótico que não pode de modo algum ser compreendido pela mente". O fato de que isso não se confirma, de que o cosmo é compreensível e obedece a leis é uma prova da existência de um "Deus que se revela na harmonia de tudo o que existe". Contudo, Einstein não conseguiu chegar a crer num Deus pessoal como a Bíblia o retrata. Ele percebia no universo um espírito unitário, certamente um espírito criativo, embora qualquer coisa além disso — um espírito amoroso, por exemplo — estivesse além do seu entendimento. Para dar esse salto, como diz Martin Perl, nós precisamos da revelação, e não apenas da observação.[11]

Indícios, mas não provas

Outros cientistas compartilham o deslumbramento pueril de Einstein. Alexander Tsiaras, professor do Departamento de Medicina de Yale, arrebatou uma sofisticada plateia numa conferência da fundação TED [Tecnologia, Entretenimento, *Design*] mostrando um vídeo dos estágios fetais, da concepção ao parto. Ele havia criado o *software* para a utilização da técnica de imagem por ressonância magnética, invenção que valeu o prêmio Nobel para seu autor. O vídeo condensa nove meses de crescimento e desenvolvimento num filme de nove minutos e está disponível no YouTube.

O corpo humano consiste em grande parte em colágeno — cabelo, pelo, unhas, ossos, tendões, vísceras, cartilagem, vasos sanguíneos —, explica Tsiaris em sua introdução. Uma proteína semelhante a uma corda, o colágeno muda sua estrutura em apenas um lugar, na córnea ocular, onde espontaneamente forma um padrão transparente em grade. À medida que o vídeo do acelerado desenvolvimento fetal avança, o matemático abandona sua objetividade, assombrado ante um sistema "tão perfeitamente organizado que é difícil não atribuir a ele um caráter divino, [...] a mágica dos mecanismos dentro de cada estrutura genética dizendo exatamente aonde deve ir aquela determinada célula nervosa".[12]

Todos os óvulos e todo o esperma que resultaram no total da população deste planeta poderiam caber em dois frascos de um litro, e daquelas minúsculas células emergiram sete bilhões de seres humanos. Durante o lapso temporal da evolução de um feto condensada no vídeo, cerca de cem mil quilômetros de vasos capilares e sanguíneos se formam onde se fazem necessários, obedecendo ao código genético inscrito numa única célula. Consciente da intrincada codificação exigida para dirigir um projeto dessa natureza, o programador Tsiaras observa: "A complexidade dos modelos matemáticos que demostram como essas coisas se concretizam ultrapassa a compreensão humana. Mesmo sendo um matemático, sinto-me estupefato diante disso: como é possível que esses conjuntos de instruções não cometam erros enquanto constroem o que somos nós? É um mistério; é magia; é divindade".

Ao contrário dos cientistas, a maioria das pessoas comuns intui a resposta à pergunta *Existe mais alguma coisa?* simplesmente olhando ao seu redor. Vemos a frágil beleza de uma mariposa, o intrincado *design* de um pato-carolino, a maravilha de um parto humano, e simplesmente imaginamos que Alguém deve estar por trás de tudo isso. Nadia Bolz-Weber, mordaz pastora luterana de Denver, fala de sua atividade de capelã de um hospital durante seu treinamento no seminário. Ela entrou no quarto de uma senhora idosa que se recuperava de uma cirurgia, esperando ser convidada a orar ou a ler a Bíblia. "Ah, isso é tudo bobagem, querida. Eu sou

ateia", disse a mulher. Nadia escreve: "Antes de me dar conta do que dizia, eu deixei escapar com admiração: 'Bom para a senhora, madame. Eu gostaria de poder ser assim'".[13]

Há muitos séculos, o apóstolo Paulo escreveu aos romanos: "Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis" (Rm 1.20). Até mesmo numa cultura secular, muitos concordariam com isso.

Apesar de tudo, a prova da existência de um Criador não é irresistível, caso contrário todo mundo acreditaria em Deus. Talvez, como sugere Dorothy Sayers em *The Mind of the Maker* [A mente do Criador], nós erremos ao imaginar Deus como engenheiro quando, em vez disso, a criação mostra mais provas de Deus como artista.[14] Logo depois da conferência com os cientistas, visitei um museu de borboletas. Depois de observar os requintados padrões de arte viva esvoaçando pelo recinto cercado de vidro, examinei sob a lente de um microscópio as crisálidas douradas que pareciam joias. Delas haviam irrompido as borboletas. A beleza das crisálidas parecia supérflua — um estágio que poderia ter sido realizado por um casulo, que na verdade proporcionaria uma camuflagem melhor —, e cada crisálida era descartada assim que emergia a borboleta adulta. O que ou Quem esbanjou essa beleza gratuita em nosso planeta?

Durante uma caminhada pelas Montanhas Rochosas, eu viro numa curva e vejo um luxuriante tapete de flores silvestres: columbinas, piloselas-alaranjadas, pediculárias, tampões-de-bispo. No nosso planeta, a beleza existe em abundância, proclamando aos brados louvores sem palavras. Os cientistas Alexander Tsiaras e Francis Collins veem a mão de Deus na codificação da dupla espiral do DNA. E, com base na natureza, escritores como John Muir, Henri Fabre, Loren Eiseley e Lewis Thomas chegaram à apreciação de um Artista magistral no qual eles talvez nem sequer acreditem; no entanto, suas precisas e reverentes observações ajudam a inflamar minha gratidão e meu louvor.

Apesar disso, a ciência se limita ao que se pode verificar empiricamente, e um Deus invisível está fora dessa esfera. Numa troca de cartas com Robert Seiple, na época presidente da organização evangélica World Vision [Visão Mundial], nos Estados Unidos, Carl Sagan esclareceu que até mesmo ele permanecia aberto a uma crença em Deus. Ele via com espanto a maravilha e simplicidade das leis que regem o cosmo. Resumindo, ele escreveu: "Como cientista, eu sustento que a crença deveria vir depois das provas, e a meu ver as provas da criação do universo estão longe de ser convincentes. Eu não acredito nem desacredito. Minha mente está, penso eu, aberta, aguardando dados melhores".[15]

Um amigo meu que é físico e também cristão comprometido perguntou-se se celebrar a criação pode ser uma forma de adoração, mesmo por parte daqueles que não reconhecem o Criador. Ele me contou sobre uma conversa com alguém que elogiou um de seus livros, admitindo ao mesmo tempo que não se lembrava do nome de quem o escrevera — ignorando totalmente que estava falando com o próprio autor. "O elogio era estranhamente mais genuíno em razão do não pretendido anonimato. Eu suspeito, como especulou C. S. Lewis certa vez, que Deus pode estar mais vinculado a ateus honestos do que muitos imaginam".[16]

Os cristãos podem aprender muito com a ciência, enquanto ao mesmo tempo prestam atenção ao que está além das fronteiras dela. Como admitiu o pioneiro da teoria quântica Erwin Schrödinger: "O quadro científico do mundo que me cerca é muito deficiente. Ele me dá muita informação factual, põe toda a nossa experiência numa ordem magnífica e lógica, mas se mantém assustadoramente calado acerca de tudo o que é de fato caro ao nosso coração, tudo o que é de fato importante para nós. Ele não consegue dizer uma palavra sobre a sensação do vermelho ou do azul, do amargo ou do doce, dos sentimentos de prazer e de pesar. Ele não sabe nada da beleza e da fealdade, do bom e do ruim, de Deus e da eternidade".[17]

Outro cientista expressa um pensamento semelhante: “Tudo o que se pode contar necessariamente não conta; tudo o que conta não se pode necessariamente contar”.[18]

Respostas *New Age*

Existe mais alguém? Embora cientistas e leigos possam apreciar as maravilhas da criação, esse respeito não conduz necessariamente à fé tradicional. Pelo contrário, nos últimos tempos uma comporta de outras crenças se abriu. Em razão do reavivamento do interesse por bruxas, pela mediunidade e pelos anjos, aconteceu uma forte retomada do mundo dos espíritos bem no meio de nossa época materialista.

Na década de 1980, Shirley MacLaine introduziu milhões de pessoas ao mundo dos sensitivos, médiuns e guias espirituais. “Deus está dentro de nós”, disse ela, “portanto somos, cada um de nós, parte de Deus.”[19] Ela chegou a esta impressionante conclusão: “Eu criei minha própria realidade. [...] Eu havia criado tudo o que enxergava, ouvia, tocava, cheirava, degustava. [...] Eu era meu próprio universo. [...] Era isso que se quis dizer com a afirmação Eu Sou o que Sou?”.[20] Carlos Castaneda, Oprah Winfrey, Eckhart Tolle, Marianne Williamson, *A profecia celestina*, o druidismo, a adoração da deusa, *Conversando com Deus*, cabala, wicca, *Um curso em milagres*, a Igreja da Unificação — cada uma dessas pessoas, obras e instituições apresenta um entendimento da realidade diferente daquele proposto pelo cristianismo ou pela ciência.

Roberta Bellah entrevistou uma jovem enfermeira chamada Sheila, que praticava uma fé tão personalizada que ela lhe atribuiu seu próprio nome. “Minha fé me levou longe”, disse ela. “É o sheilismo. Simplesmente minha pequena voz. [...] É apenas tentar amar a si mesmo e ser gentil consigo mesmo. Sabe como é, cuidar uns dos outros.”[21]

Elizabeth Gilbert fez um relato de sua própria busca espiritual em *Comer, rezar, amar*, que ficou quase quatro anos na lista dos livros mais vendidos do *The New York Times* e virou um filme estrelado por Julia Roberts. Diferentemente de Sheila, Gilbert fez um grande

esforço para achar a verdade, procurando na Itália, na Índia e na Indonésia. Ela, porém, foi parar num ponto muito perto de Sheila. “Você tem todos os direitos de fazer escolhas favoráveis quando se trata de mudar seu espírito e achar a paz em Deus”, conclui ela. E sua suprema sabedoria espiritual? “Deus mora dentro de você como você mesma, exatamente do jeito que você é.”[22]

Admito ter pouco interesse na religião *New Age*, que me parece tão escorregadia como um sabonete molhado. Estremeço ao pensar num universo administrado por um Deus que se parece comigo, exatamente do jeito que eu sou. Mesmo assim, decidi que deveria ouvir com mais cuidado, uma vez que muitos pós-cristãos acham as crenças da *New Age* atraentes. Minha curiosidade de jornalista me fez visitar uma Igreja da Unificação, e embora gostasse do espírito otimista e sorridente dos participantes, não conseguiria jamais entender no que seus seguidores acreditam ou por quê.

Em seguida, paguei 48 dólares por um ingresso para ouvir Wayne Dyer, um guru destacado com frequência pela rede de televisão PBS, autor de livros com títulos como *Como conseguir o que você realmente, realmente, realmente quer*. Cheguei cedo para o encontro com Dyer. Enquanto uma harpa e um violino tocavam uma música tranquilizante, o próprio Dyer circulava por entre a multidão, acenando para conhecidos e distribuindo apertos de mão. Depois um admirador local o apresentou com palavras lisonjeiras e Dyer tomou o microfone.

“A frase mais profunda que já ouvi”, começou ele, “é ‘Eu sou Deus’.” Dyer prosseguiu e falou durante noventa minutos sem parar. Ele apresentou o objetivo de conectar-se com o Todo, pois cada um de nós faz parte da única fonte universal. A pior coisa é aquilo que exclui, seja lá o que for. A religião exclui. Portanto, precisamos nos elevar, por nós mesmos, a um nível superior de consciência.

“Eu tenho dentro de mim um conhecimento”, disse Dyer. “Nasci perto do céu e simplesmente preciso me lembrar desse estado.” Salpicando sua palestra com palavras como *energia, vibração* e *harmonia*, ele apresentou uma fé que é positiva, autossuficiente e cristalina. Mencionou Jesus com respeito; no entanto, não pude

deixar de notar quanto o seu programa diferia do estreito caminho de sacrifício que Jesus descreveu. Dyer tomou seu conceito de Jesus não dos quatro evangelhos, que ele considera como algo escrito muitos anos após a morte de Jesus, mas sim do Evangelho de Maria Madalena, que ele afirma referir-se ao Bem, mas nunca a Deus.

Num estilo de testemunho pessoal que lembrava o serviço religioso de uma igreja do sul dos Estados Unidos, Dyer nos contou sobre sua escalada da ala de um orfanato que ele dividia com outros onze meninos até atingir uma posição de fama e riqueza. “Deus me deu o dom”, disse orgulhosamente, e narrou como havia usado aquele dom para conseguir seu sucesso e tornar-se a primeira pessoa que não era do ramo da medicina a receber o prêmio Einstein. Ao longo de sua jornada, aprendera a mensurar sua consciência em relação a Deus. Jesus situa-se no topo, sozinho, com uma contagem de 900 pontos; Madre Teresa tem 700 pontos; a filha de Dyer atinge surpreendentes 640 pontos quando canta determinada canção.

Confesso que enquanto ouvia Wayne Dyer tive de me esforçar para não descartá-lo imediatamente. Suas teorias da conspiração da história da igreja ao estilo de *O Código Da Vinci* não eram convincentes. Seu Deus parecia demasiado dócil para governar um universo; eu nem sequer saberia dizer se ele acreditava num Deus separado dos seres humanos. Exatamente quando eu estava quase assumindo um ar de superioridade, lembrei a mim mesmo que estava lá para ouvir, e não para julgar. Corri os olhos pelo recinto e vi setecentos admiradores radiantes, interrompendo Dyer com aplausos, acenando com a cabeça em entusiástica aprovação. Todos haviam pagado pelo menos 48 dólares pelo ingresso, e os mais devotados, mais 50 dólares pelo privilégio de participar de um jantar com ele.

O folheto no meu colo explicitava a mensagem essencial: “Deus é amor. Amor é vida. Eu sou vida. Eu sou”. Amor, vida, sentido, Deus — naquele salão de conferências do hotel eu estava testemunhando uma manifestação de profunda sede. Para mim, o vago misticismo, a gritante autopromoção e até a qualidade da música não estavam à

altura do que eu normalmente ouvia na igreja. No entanto, muitas pessoas daquela plateia haviam, segundo elas mesmas admitiram, procurado a igreja e não encontraram nenhum remédio para sua sede. Seria fácil culpá-las por preferirem a realização pessoal ao discipulado radical, mas eu tinha ouvido um número demasiadamente grande de histórias de pessoas feridas pela igreja e afastadas por cristãos que distorcem a mensagem de Cristo.

Perguntei-me como essas pessoas responderiam a Jesus, que conseguiu confundir o sistema religioso de seus dias apresentando exigências inflexíveis e oferecendo ao mesmo tempo uma Água Viva que satisfaz plenamente. Ouvi certa vez um rabino dirigindo-se a um grupo de capelães do Exército: “Onde outros veem rebelião, nós vemos sede”, disse ele. “Onde outros veem apatia, nós vemos anseio. Onde outros veem alienação, nós vemos busca.” Suas palavras, descrevendo o papel de um capelão na sociedade pós-moderna, ecoam as de outro rabino que viveu dois mil anos antes.

Respostas da religião

Existe mais alguém? Os pesquisadores até hoje não descobriram nenhuma sociedade neste mundo, por mais “primitiva” que fosse, que não tivesse algum sistema de crença religiosa. Em seu relato da viagem exploratória a bordo do *Beagle*, Charles Darwin fala de sua perplexidade por encontrar crenças muito desenvolvidas até mesmo entre tribos no ponto extremo da Argentina conhecido como Tierra del Fuego, que para ele parecia ser o fim do mundo. A religião está fixada na psique humana, afirmam alguns cientistas. Não podemos deixar de fazer perguntas fundamentais sobre a vida, a morte e o significado de tudo — exatamente as perguntas que se situam além das fronteiras da ciência.

“É óbvio que essas perguntas são importantes”, disse-me um conhecido. “Mas cada religião tem suas respostas, e a maioria das pessoas simplesmente aceita a religião na qual foi criada. Como pode alguém decidir o que é verdadeiro?”

Quando a Willow Creek Community Church fez um levantamento, descobriu que alguns membros de sua congregação, e

especialmente seus amigos pós-cristãos, acreditavam que todas as religiões do mundo são essencialmente a mesma coisa. Se suas doutrinas são semelhantes e apontam para a mesma direção, por que é importante escolher a "certa"? Em resposta a essa pesquisa, a igreja convidou um representante erudito de cada uma das principais crenças para um culto religioso. Um hindu, um budista, um muçulmano, um judeu e um cristão sentaram-se lado a lado sobre a plataforma e responderam a perguntas feitas pelo mediador Bill Hybels. Vou resumir aqui alguns dos pontos principais:

Qual é o seu entendimento de Deus?

Hindu: Deus era Consciência total, antes da criação, e para sua diversão ele criou o universo. Assim Deus é, de certa forma, a criação; e também, para conferir-lhe vida, ele entrou na criação, inúmeras vezes. De fato, qualquer um pode atingir a condição de divindade seguindo as normas estabelecidas.

Budista: Nós não nos concentramos em Deus ou nos deuses, mas nos ensinamentos de Gautama Buda, que viveu no quinto século a. C. Como Buda, nós nos esforçamos para nos tornarmos seres humanos iluminados, que servem aos outros movidos pela compaixão e tentam acabar com o sofrimento do mundo.

Muçulmano: Deus é um distribuidor de misericórdia. Ele é paz. Ele é o primeiro e último. Ele é o senhor do Dia do Julgamento. Ele é o senhor do universo. Ele é o guia. Ele é a luz. Ele é a misericórdia.

Judeu: Eu suspeitaria que todos aqui reconheceriam o Deus do judaísmo observando as religiões que são filhas dele, o cristianismo e o islamismo: ambas moldaram sua teologia de acordo com a religião-mãe, que é o judaísmo.

Cristão: Deus é todo-poderoso, onisciente e está presente em toda parte. Deus é espírito e existe eternamente em três pessoas, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Deus é também pessoal, o que significa que ele me convida a conhecê-lo e a desenvolver com ele um relacionamento profundo e amoroso.

O que você pensa de Jesus Cristo? De acordo com sua tradição, quem foi Jesus de Nazaré?

Hindu: Este mundo é um teatro de Deus. Ele criou muitas religiões; queria variedade para o próprio prazer. Quando Jesus Cristo apareceu e surgiu o cristianismo, isso foi Deus se manifestando em Jesus Cristo. Nós somos tolerantes com todos os deuses, e pedimos a todo mundo que ore a seu deus, se acreditar nisso, e continue fazendo o que faz.

Budista: Jesus foi um ser humano, um ser humano sábio e compassivo preocupado com o sofrimento da humanidade. E a tradição budista também reconheceria a perspectiva de que Jesus é o filho de Deus, embora não sendo o único caminho para Deus.

Muçulmano: Nós acreditamos nos profetas de Deus, o que inclui Jesus, que a paz esteja com ele. Mas não acreditamos que ele morreu na cruz. O Alcorão diz que ele não foi morto nem crucificado. Ele foi levado para o alto por Deus e voltará um dia para guiar toda a humanidade de acordo com o islamismo.

Judeu: Quanto à primazia de Jesus em relação a qualquer figura central de outra religião, nós deixamos que qualquer um decida isso por si mesmo. Temos a nossa Bíblia e os nossos profetas, e outros têm sua Bíblia e seus profetas, e não discutimos nada além disso.

Cristão: Jesus Cristo é o único Filho de Deus, plenamente humano e plenamente divino, sem pecado, o único digno e qualificado para perdoar o pecado. Ele provou que era Deus quando foi ressuscitado e também provou que podia vencer a morte e perdoar o pecado.

Uma pergunta final: E a vida depois da morte? Se você tivesse de morrer depois deste ato religioso, o que aconteceria?

Hindu: Os hindus acreditam na reencarnação, uma continuação da vida. Antes do meu nascimento, devem ter ocorrido milhares de outros nascimentos meus. Com base em minhas ações e em meu próximo nascimento, eu poderia reencarnar-me numa criatura mais vil, ou poderia elevar-me, pelo menos até atingir o estado de plena consciência.

Budista: A vida após a morte é problemática. Se a iluminação ocorreu antes da morte, então haverá uma libertação completa, ou um completo nirvana, que não se pode descrever ou explicar; não é

nem consciência eterna nem eterna aniquilação; não está ao alcance de nossa capacidade intelectual compreendê-lo.

Muçulmano: Todos os seres humanos têm um lugar reservado no céu e no inferno. Os anjos perguntarão a você o que aconteceu na sua vida, quem era o seu Deus, quem era o seu profeta, qual era a sua religião, qual era o seu livro. Assim, na hora da morte, aos que vão para o céu será mostrado o lugar reservado para eles no inferno — e o que aconteceu pela graça de Deus para que eles fossem salvos de ir para o inferno — e em seguida eles serão enviados para o céu. No caso oposto, as pessoas terão o tratamento inverso. Temos todos de estar preparados.

Judeu: Os rabinos têm dito que a qualidade da vida de um indivíduo após a morte depende da natureza de sua vida na terra. “Os justos de todas as nações do mundo terão sua participação no mundo futuro.”

Cristão: A alma viverá para sempre na eternidade, e as escolhas que fazemos aqui e agora determinarão nosso destino eterno. Se escolhemos ignorar ou rejeitar Deus, ou ignorar o problema da separação de Deus, isto é, o pecado, passaremos a eternidade separados de Deus, num lugar chamado inferno. Em contrapartida, se escolhemos resolver o problema da separação de Deus recebendo Jesus Cristo em nossa vida e permitindo que ele perdoe nossos pecados e supere o vão que nos separa, passaremos a eternidade com Deus no céu.

Está claro que nem todas as religiões ensinam as mesmas respostas para as questões fundamentais. (Eu deveria observar que, naturalmente, outros representantes das mesmas religiões citadas poderiam ter expressado suas crenças de modo diferente.)

“Vivemos num mundo muito diversificado, e temos de aprender a aceitar e respeitar pessoas que representam religiões diferentes e mostrar deferência e amabilidade a elas”, disse Bill Hybels no fim do ato religioso. “Espero que, ao deixar este lugar, vocês saiam tendo em mente as palavras de Jesus: a suprema lei ou o supremo valor do reino é a lei do amor. Embora possamos discordar acerca da direção de nossas convicções e crenças, somos chamados a ser

compassivos, compreensivos e respeitosos em relação aos que acreditam diferentemente."[23]

Como decidir?

Cada uma das principais religiões trata de questões importantes — Quem é Deus? Como devo viver? O que acontece após a morte? — e apresenta suas próprias respostas. Como cristão, minha principal preocupação é não aviltar as crenças dos outros e examinar a minha. Nós não temos Provas Finais a apresentar, nada que convencesse um cientista que observa apenas dados empíricos. E, num ambiente religioso diverso, argumentos da Bíblia não funcionam bem porque nem todo mundo aceita a autoridade dela. Em vez disso, as pessoas fazem suas escolhas baseando-se na fé que melhor corresponde ao modo como elas percebem a realidade.

Mais de um século atrás, William James observou que todas as religiões giram em torno de um núcleo comum que consiste em "um desconforto" acerca da vida e "a solução dele".[24] O mundo contém beleza, mas também violência e morte. Os seres humanos sentem amor e alegria, e também anseio e desespero. Quais crenças refletem melhor esse sentimento de incompletude e imperfeição? Que solução oferece esperança e mata a sede? Falando mais racionalmente, quais seguidores de uma religião praticam melhor a realidade na qual eles alegam acreditar?

Em minha busca pessoal de respostas, eu parto do quadro maior, visualizando o todo da criação. Embora nem todo mundo concorde, para mim o universo, a terra, a vida e os seres humanos mostram demasiadas "coincidências" para serem produtos do acaso. Sendo assim, como vou escolher entre as opções religiosas? Para mim a *New Age* tem pouco apelo porque o universo exige um Deus muito diferente de mim; um Deus que inspire reverência e adoração. Elenco as principais alternativas. Como observou C. S. Lewis, de um lado estão o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, que compartilham uma herança comum. Do outro lado estão o hinduísmo e seu primo, o budismo. Por muitas razões que exigiriam

outro livro para explicar, o cristianismo tem para mim o apelo mais convincente.

É óbvio que não devemos decidir sobre questões fundamentais baseando-nos naquilo que nos faz sentir bem. Mas, quando tento analisar minhas próprias crenças do estrito ponto de vista de um observador de fora, o evangelho cristão realmente parece corresponder à realidade, e em certo sentido isso se destaca como sendo verdadeiramente uma boa-nova. Ele começa com a certeza de que o universo passou a existir não por meio de forças impessoais, aleatórias, mas sim por meio de um Criador amoroso que projetou uma esplêndida moradia para nós seres humanos. No entanto, toda a criação dá sinais de ter sido deteriorada, e os seguidores de Deus têm a missão de trazer *shalom* — um estado de justiça, paz e saúde — para um mundo deteriorado. Também temos a promessa de uma restauração final de acordo com o plano original do Criador. “Vou preparar-lhes lugar”, assegurou Jesus aos que ele deixou na sua partida (Jo 14.2).

A essência da fé cristã nos foi dada na forma de uma história, a história de um Deus que fará tudo o que for necessário para ter de volta sua família. A Bíblia se refere a pessoas imperfeitas — gente exatamente como eu — que fizeram escolhas absurdamente erradas e, mesmo assim, ainda se veem procuradas por Deus. Quando recebem a graça e o perdão, elas naturalmente querem dar isso a outros, e um fio de esperança e transformação tece seu caminho atravessando todos os relatos bíblicos.

Um Deus amoroso gostaria de relacionar-se com aqueles que carregam a imagem dele, o que conduz a um feito inimaginável de condescendência: a decisão de juntar-se a nós aqui na terra. A boa-nova atinge seu ápice no Filho de Deus, que nos mostrou simultaneamente como é Deus e como nós deveríamos ser. Na história de Jesus, temos a prova do indefectível amor de Deus (“Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito...”) e um modelo de como Deus pode extrair vida da morte e bem do mal.

Aqui segue a paráfrase de *A Mensagem* que expressa o resumo de Paulo em Efésios:

> Muito antes que ele estabelecesse os fundamentos da terra, ele já pensava em nós e nos escolheu como alvo do seu amor, para nos fazer completos e santos por meio desse amor. Há muito tempo ele decidiu nos adotar em sua família, por meio de Jesus Cristo. (E que prazer ele teve em planejar tudo isso!) [...]
>
> Foi em Cristo que descobrimos quem somos e porque vivemos. Muito antes de ouvirmos falar de Cristo e de depositarmos a esperança nele, ele já pensava em nós e tinha planos de nos dar uma vida gloriosa, que é parte do propósito geral que ele está executando em tudo e em todos.
>
> Efésios 1.4-5,11-12

Como o próprio Novo Testamento admite, Jesus é ao mesmo tempo a pedra angular da criação e também a maior pedra de tropeço para os que não creem. Todos os participantes do painel de Willow Creek concordaram que Jesus representa um ponto de base comum: ele é um estimado rabino para o judeu, um deus para o hindu, um iluminado para o budista, um grande profeta para o muçulmano. Ao mesmo tempo, Jesus é um divisor. Ninguém, a não ser os cristãos, o vê como um membro da Divindade com uma missão exclusiva: a de consertar o mundo deteriorado.

Para nós, seus seguidores, a boa-nova se concentra em Jesus, como a luz solar concentrada por uma lupa de ampliação. Ele perdoou pecadores, amou inimigos, curou enfermos, distribuiu a graça a indignos e triunfou como vítima. Em suma, demostrou uma forma diferente de ser humano. Esse modelo representa uma surpreendente boa-nova, embora ninguém ache que o modo de ser de Jesus seja fácil de abraçar. E ninguém achará, a não ser que nós cristãos pratiquemos na vida aquilo em que acreditamos.

Para os pós-cristãos, Jesus continua sendo a figura central, aquela que é difícil de descartar e de refutar. Alguns anos atrás, um *rap* de Jeff Bethke, “Por que odeio a religião, mas amo Jesus”, tornou-se viral, sendo acessado quase trinta milhões de vezes no YouTube.[25] Uma reportagem de capa da *Newsweek* na semana da Páscoa de 2012 expressou a mensagem de modo simples: “Esqueça a igreja, siga Jesus”.[26] Esses *slogans* indicam que uma igreja feita de

moralismo, julgamento e rotulação espiritual deixou de representar Jesus.

No fim, cabe aos seguidores de Jesus transmitir a boa-nova. A sede perdura. Será que nós ajudamos a mitigá-la? Somos nós os que devem responder de modo convincente à pergunta “Existe mais alguém?”.

O teste da realidade

Fui submetido a um teste da realidade em 2012, quando convidado a fazer um pronunciamento em Newtown, Connecticut, pouco depois do tiroteio na Escola Elementar Sandy Hook que matou 23 alunos e 6 professores e funcionários. Sim, as pessoas perguntavam: “Como poderia Deus permitir uma tragédia dessa?”. Maior, porém, era a urgência desta pergunta: “Será que um dia verei de novo essas crianças? Será que aquelas vidas de seis ou sete anos têm um significado duradouro?”. Em outras palavras, há alguma boa notícia à qual possamos nos agarrar num momento tão terrível como este?

Eu pude postar-me diante da comunidade aflita e oferecer esperança. Incapacitado de suavizar a dor, pude pelo menos afirmá-la: a afronta que eles sentiam contra um massacre calculado era uma afronta verdadeira e justa contra a vil maldade. Também pude afirmar que Deus está do lado dos sofredores, pois temos o exemplo claro de Jesus, que demostrou isso pessoalmente. Mais importante ainda, pude mostrar a esperança de que aquelas jovens vidas não terminaram naquele dia terrível, e que os pais e as mães poderiam um dia reunir-se com as crianças das quais foram roubados todos exceto alguns breves anos neste planeta.

Nossa fé se apoia não apenas no exemplo de Jesus, mas também em sua ressurreição. Como disse o apóstolo Paulo: “Se não há ressurreição dos mortos, nem Cristo ressuscitou; e, se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa pregação, como também é inútil a fé que vocês têm. Mais que isso, seremos considerados falsas testemunhas de Deus [...]. Se é somente para esta vida que temos

esperança em Cristo, somos, de todos os homens, os mais dignos de compaixão" (1Co 15.13-15,19).

Recebi no meu *site* uma mensagem de uma senhora que vê o cristianismo menos como um adversário e mais como uma decepção:

> Há pouco enquanto jantava folheei seu livro *Decepcionado com Deus*. Chorei um pouco, coisa que não faço com frequência. Sou uma enfermeira com 51 anos de idade, criada numa família cristã. Chorei porque acabo de me informar sobre você na internet, e parece que todos esses anos desde que escreveu o livro você não conseguiu enfrentar a verdade — de que realmente Deus não existe. Chorei por entender o motivo de você não ter sido capaz de enfrentá-la; chorei porque você está conduzindo as pessoas ladeira abaixo rumo a um beco sem saída por pensar que está lhes trazendo conforto quando de fato as está desviando do rumo; chorei porque você conduziu meu pai e minha mãe pelo caminho errado e assim os inspirou a me ensinar que existe um Deus pessoal que se preocupa comigo, o que definitivamente distorceu minha visão de mundo quando de fato eu poderia ter sido mais feliz do que jamais imaginei ser possível com a verdade — que nós não sabemos realmente por que estamos aqui, mas assim é a natureza, um enorme cosmo que estamos explorando, e que, se realmente houvesse um Deus que se preocupasse conosco, ele não iria nunca jamais, jamais, jamais revelar-se a nós de um modo que pudéssemos compreendê-lo porque isso simplesmente não faz sentido. Eu lhe suplico que abra sua mente para a possibilidade de, sem culpa alguma de sua parte, você estar errado. Eu lhe suplico para o bem da humanidade. Eu lhe suplico para o seu bem e o de sua família que simplesmente analise o que está fazendo e dizendo. Se você se preocupa com alguém, por favor explore a possibilidade de que você poderia estar de fato causando o mal em vez de ajudar. Por favor.[27]

Fiquei olhando para aquela carta por um longo tempo. Ela estava me suplicando que eu reavaliasse minha fé, a parte mais importante de minha vida. Não posso negar que já lutei com a dúvida; que às vezes me perguntei exatamente acerca das questões que ela levantava. O que me chocou foi o tom de extrema preocupação, um anseio por uma realidade nua e crua. Segui a sugestão dela de ler alguns dos livros recomendados de autores ateus. Um deles, Jean-

Paul Sartre, admitiu: “Que não existe Deus, eu não posso negar. Que todo o meu ser clama por Deus, eu não posso esquecer”.[28]

Aqui está parte de minha resposta enviada à enfermeira:

> Sinto-me grato por sua compaixão, sinceramente. Entendo a sua posição talvez melhor do que você possa imaginar. Li [alguns dos livros mencionados por ela]. Tenho certeza de que você está ciente de que outros examinaram as mesmas provas como você fez e chegaram a uma conclusão diferente. Muitos de nós acreditamos que Deus de fato se revelou: por meio da natureza, da Bíblia e de Jesus. É claro que podemos estar errados — como de fato você também pode estar.
>
> Lembro-me da “aposta” apresentada por Blaise Pascal. “O eterno silêncio desses espaços infinitos me assusta”, disse ele. Apesar de tudo, ele não conseguia entender a atitude de satisfação com a qual os céticos proclamavam a descrença deles em relação a Deus e à imortalidade. Uma breve vida num universo sem sentido e depois a aniquilação — alguém pode de fato acolher cordialmente uma perspectiva dessa natureza? Não seria antes “uma coisa que se deveria dizer com tristeza, como a coisa mais triste do mundo”?
>
> Experimentamos a descrença como uma espécie de libertação. Para muitos de nós, a fé é um consolo. Eu tive o privilégio de conhecer muitas pessoas maravilhosas e escrever sobre elas — pessoas motivadas a fazer o bem altruisticamente — não prejudicadas — por suas crenças. Algum dia saberemos com certeza; até lá fazemos nossas escolhas. Eu respeito a sua e lhe agradeço pelo trabalho que vem fazendo num estado onde outrora morei.

Existe mais alguém? Se não existir, nós que acreditamos estamos tristemente enganados. Se existir, conheceremos finalmente o fim de todo o desconforto, saciando completamente todos os desejos.

10

Por que estamos aqui?
A questão humana

Você nasceu sem nenhum propósito, você vive sem nenhum sentido, o sentido da vida é viver. Ao morrer, você se apaga. Será transformado do ser para o não ser.

Ingmar Bergman[1]

Mensalmente, 250 mil americanos, usando o sistema de busca Google, indagam: “Qual é o sentido da vida?”. Quando eu fiz isso, o Google me apresentou 640 milhões de resultados em menos de meio segundo. Examinando algumas das primeiras páginas, encontrei respostas que variavam da filosofia ao cinismo. Uma citação do filme de Monty Python, *O sentido da vida*, era típica: “Bem, não é nada especial. É... tente ser legal com os outros, evite comida gordurosa, leia um bom livro de vez em quando, acrescente umas caminhadas e procure conviver em paz e harmonia com gente de todos os credos e nações”.

Vários colaboradores sugeriram respostas como estas: “Realizar meu potencial”, “Buscar a sabedoria”, “Fazer o bem”, “Amar a Deus e ao próximo”, “Ser feliz”. Alguém postou um videoclipe da série *Os Simpsons* no qual Deus promete iluminar Homer sobre o significado da vida: só que começam a rolar os créditos e há uma interferência musical exatamente quando Deus se predispõe a falar.

As respostas da ciência e das comunidades da fé à pergunta *Por que estamos aqui?* não poderiam ser mais díspares. O Catecismo de Baltimore dá a clássica resposta cristã: “Deus me criou para eu conhecê-lo, amá-lo e servi-lo neste mundo, e ser eternamente feliz

com ele no céu".[2] Na outra extremidade do espectro, Richard Dawkins vê o universo dotado "exatamente com as propriedades que deveríamos esperar se, no fundo, não há nenhum plano, nenhum propósito, nenhum mal nem bem, nada a não ser uma indiferença cruel, cega".[3] A ciência pode ajudar a responder perguntas do tipo "Como?". mas não do tipo "Para que propósito?".

Tudo tem a ver comigo

Como se estivesse respondendo a essa crise de identidade, o recente campo da psicologia evolucionária apareceu com uma abordagem ousada. Nós precisamos olhar para baixo, e não para cima; para a natureza, e não para o Criador. Aprender mais sobre nós mesmos estudando outras espécies, sondando indícios de por que a seleção natural preferiria certos tipos de comportamento. Autores de psicologia evolucionária recheiam suas obras com vívidas descrições de formigas e chimpanzés, propondo teorias para a origem de certos traços como infidelidade, instintos maternais, fofoca e violência. Revistas como a *Time* contratam esses autores para explicar o comportamento de gangues em áreas urbanas deterioradas ou a indiscrição sexual em capitais. Os novos behavioristas se esforçam para nos ajudar a entender a nós mesmos e o nosso papel no cosmo.[4]

Eu acho fascinantes os relatos dos psicólogos evolucionários sobre comportamento animal. Mas, quando eles aplicam os mesmos princípios a seres humanos, meu sistema de alarme dispara. Restringindo-me apenas ao problema mais importante, destituir Deus também tira a espécie humana de seu pedestal. Se os seres humanos não foram criados à imagem de Deus, como podemos reivindicar quaisquer direitos especiais ou privilégios? O zoólogo Paul Shepard admite: "'Direitos' implicam alguma espécie de norma cósmica, [...] algo intrínseco ou conferido por Deus ou pela natureza".[5] Ateus ingênuos concordam que qualquer discussão sobre direitos humanos ou animais é inútil — o que tem um impacto enorme sobre a visão que temos de nós mesmos e do mundo.

“Não existe realmente nenhum motivo racional para dizer que um ser humano tem direitos especiais”, diz Ingrid Newkirk, cofundadora da ONG People for the Ethical Treatment of Animals (PETA) [Pessoas pelo Tratamento Ético dos Animais].[6] “Um rato é um porco é um cão é um menino.”[7] Em 2013, o grupo Non-human Rights Project [Projeto dos Direitos dos Não Humanos] moveu uma série de processos jurídicos numa tentativa de convencer os juízes a declarar que os grandes símios são juridicamente pessoas. Eticistas sérios atualmente argumentam que os direitos de um animal deveriam às vezes vir antes dos direitos de um ser humano. Peter Singer, de Princeton, sugere que um chimpanzé adulto pode ter mais valor que um infante humano, especialmente no caso de uma criança “deficiente”.[8] O infanticídio deveria ocorrer o mais cedo possível depois do nascimento, diz ele, embora fosse aceitável matar crianças de um ano de idade com deficiências físicas ou mentais. Essa proposta foi feita por um homem que a revista *The New Yorker* chama de o mais influente filósofo vivo.

Levada à sua conclusão lógica, a pergunta “Por que estamos aqui?” torna-se “Deveríamos afinal estar aqui?”. Um colaborador da revista ambiental *Wild Earth* reflete sobre um mundo sem seres humanos: “Se você nunca pensou na extinção humana voluntária, a ideia de um mundo sem nenhuma pessoa pode lhe parecer estranha. Mas, se der uma oportunidade a essa ideia, você provavelmente vai concordar que a extinção do *Homo sapiens* significaria a sobrevivência para milhões, se não bilhões, de outras espécies que moram no planeta. [...] A eliminação da raça humana resolverá todos os problemas da terra, sociais e ambientais”.[9] O movimento mantém um *site* na internet em onze idiomas e, sob o lema “Que tenhamos vida longa até a extinção”, defende o fim de todos os novos nascimentos. O fundador prevê um tempo em que “os últimos seres humanos poderiam desfrutar de seus derradeiros crepúsculos em paz, sabendo que vão devolver o planeta parecido, no grau máximo possível, com o jardim do Éden”.

Felizmente, pouca gente está disposta a levar as conclusões sobre a ausência de sentido da vida humana a esse extremo. Psicólogos

evolucionistas têm uma abordagem diferente. Qualquer indício em relação ao significado da vida, dizem eles, deve ser encontrado em algo chamado o gene egoísta, que explica o comportamento humano. Nós existimos pelo único propósito de perpetuar nossos genes; assim, cada decisão que eu tomo deve de algum modo beneficiar meu reservatório genético. Alguns teóricos evolucionistas proclamam essa noção como sendo o mais importante avanço isolado em sua teoria desde Darwin. Como diz Richard Dawkins: "Nós somos uma máquina de sobrevivência — veículos robôs programados cegamente para preservar as moléculas egoístas conhecidas como genes. Essa é uma verdade que ainda me enche de assombro".[10]

Os críticos levantaram objeções à teoria do gene egoísta. Que dizer dos homossexuais ou dos casais sem filhos, que não perpetuam seus genes — como explicar o comportamento deles? Como se encaixa o movimento da extinção humana voluntária na teoria do gene egoísta? Ou considere-se o caso de Robertson McQuilkin, um sujeito que eu conheço bem. Presidente de um colégio cristão, ele se demitiu no auge de sua carreira para cuidar de sua mulher acometida pelo mal de Alzheimer. Como explicar esse comportamento altruísta? Como se estivessem explicando álgebra a uma criança, os psicólogos evolucionistas tratam desses problemas espinhosos um por um em termos do gene egoísta.

Se Robertson McQuilkin afirma, como de fato faz, que ele ficou ao lado de sua mulher motivado por seu amor por ela e por causa de seu comprometimento com padrões bíblicos de fidelidade — ora, é óbvio que ele apresentaria esses argumentos. Ele ganha a vida como escritor e palestrante cristão, não ganha? Ele está simplesmente divulgando as ideias que lhe foram muito úteis. Desafiado a explicar o comportamento de Madre Teresa, Edward O. Wilson declarou que ela se sentia segura servindo a Cristo e crendo na imortalidade; em outras palavras, ela agiu baseando-se na "egoísta" antecipação da recompensa.[11]

O mesmo se aplica a mim: eu estou, sem dúvida, escrevendo este capítulo em resposta ao meu gene egoísta a fim de propagar

minhas crenças cristãs. Se você se vir discordando de mim, você deve estar respondendo a um gene egoísta que o incentiva a reagir contra os cristãos. Estamos ambos, você e eu, obedecendo a um roteiro determinista que pode não ser evidente para nós ou para quem quer que seja — exceto talvez para os psicólogos evolucionistas.

Natureza sombria

Ao ler esses pensadores modernos, não consigo deixar de ver anomalias. Eles pedem que protejamos espécies ameaçadas e respeitemos direitos de animais sem admitir nenhuma base para esses "direitos". Depois de descreverem estarrecedores exemplos de estupros coletivos, assassinatos e canibalismo na natureza, eles nos estimulam a nos alçarmos acima dessas práticas. Eles nos convocam para valores "mais altos" de não violência e respeito mútuo mesmo que não haja nenhuma base para valores mais altos ou mais baixos e, de qualquer forma, não tenhamos aparentemente nenhuma liberdade de ação. Mais grave, porém, é que eles têm dificuldade para julgar o que quer que seja como certo ou errado, uma vez que nós estamos simplesmente agindo baseados em nossos genes.

Robert Wright defende a libido como um exemplo do princípio do gene egoísta em ação. A libido se desenvolveu como a maneira da natureza de "nos convencer a agir como se quiséssemos muitos descendentes e soubéssemos como tê-los, não importando se de fato isso acontece".[12] Se um homem se sente excitado depois que uma mulher lhe deu alguns filhos, por que ele não poderia propagar mais amplamente seus genes juntando-se a outra mulher?

Desprovidos de qualquer categoria do mal, os psicólogos evolucionistas se superam na explicação de crimes hediondos. Lyall Watson toma o caso de Susan Smith, que, para levar adiante um caso amoroso com um homem rico, empurrou para o fundo de um lago seu Mazda sedã dentro do qual estavam seus dois filhos infantes, apelidados de Precioso e Pé-de-açúcar. O infanticídio, diz Watson, não é nenhuma novidade, sendo praticado em muitas

espécies animais. Em seu livro *Dark Nature* [Natureza sombria], Watson até procura encaixar numa estrutura racional de comportamento genético as atrocidades de Ruanda e de Auschwitz.[13] É lógico que ele deve fazer isso, pois pressupõe que *todo* comportamento humano deriva de anseios inatos escolhidos por meio da seleção natural.

Não contando com um código moral externo que determine o certo e o errado, muitos cientistas modernos oscilam à beira da contradição. A autobiografia de Edward O. Wilson mostra um homem com os melhores dotes de um cientista: curiosidade, imparcialidade e compromisso com a verdade.[14] Contudo, se ele herdou essas qualidades geneticamente, elas foram de fato determinadas para ele, e isso as torna superiores às qualidades da preguiça, da desonestidade e da superstição contra as quais ele lutou com extrema bravura? Por que escolher um conjunto de valores preferindo-o a outro, especialmente quando não se acredita na livre escolha?

Alguns psicólogos evolucionistas admitem tranquilamente o problema. Robert Wright conclui: “Assim, a difícil questão de saber se o animal humano pode ser um animal moral — questão que o cinismo moderno tende a enfrentar com desespero — pode parecer cada ver mais esquisita. A questão talvez seja a de saber se, depois que o novo darwinismo criar raízes, a palavra *moral* poderá ser algo mais que uma piada”.[15]

Randolph Nesse, outro estudioso, sente-se mais desconfortável em relação a fundamentar todo comportamento no egoísmo:

> Quando inicialmente captei seu significado, dormi mal por muitas noites, tentando encontrar alguma alternativa que não desafiasse de modo tão grosseiro minha percepção do bem e do mal. O entendimento dessa descoberta pode minar o compromisso com a moral — parece tolice controlar-se a si mesmo se o comportamento moral é apenas outra estratégia para promover os interesses dos genes que a pessoa tem. Alguns alunos, sinto-me embaraçado ao dizê-lo, saíram do meu curso com uma noção ingênua da teoria do gene egoísta que lhes parecia justificar um

> comportamento egoísta, apesar de todo o meu esforço para explicar a falácia naturalista.[16]

A ciência nos bombardeia cada vez mais com uma sombria mensagem acerca do que significa ser humano. *Você é o resultado da seleção natural. Você não tem nenhum valor intrínseco.* Numa comparação com qualquer outro momento na história, os seres humanos de hoje perderam a percepção de um destino único, que foi substituído por um complexo de inferioridade cósmico. Cientistas, educadores e políticos se esforçam para descobrir alguma resposta convincente à pergunta “Por que estamos aqui?”.

O caminho amplo

Gente comum evita as questões filosóficas e as mais recentes tendências na ciência evolucionista. A maioria vai seguindo na correnteza cultural, comprando os mais recentes aparelhos eletrônicos, assistindo a filmes e vendo televisão, pagando contas, levando as crianças para treinos de futebol. Vivemos seguindo o “caminho amplo”, para usar a expressão de Jesus, o que raramente se aplica a questões tão imponentes como “Por que estamos aqui?”. Pelo contrário, a cultura popular oferece uma enxurrada de banalidades — notícias, jogos, esportes, fofocas de Hollywood — que têm um efeito tranquilizante.

Vivi minha adolescência na década de 1960, época em que um movimento da juventude rebelou-se contra a superficialidade da cultura popular. Zombávamos abertamente do sonho de ter uma casa num bairro bom, no meio de um gramado bem aparado, abrigando uma família com crianças bem educadas e bem cuidadas. O que dizer das questões globais do racismo, da pobreza e da guerra? O que dizer do sentido da vida?

Mal suspeitávamos que os mais brilhantes dentre nós logo estariam se candidatando para operar fundos de investimento em vez de se tornarem poetas ou assistentes sociais. As grandes questões existenciais, as pessoas simplesmente deixaram de se preocupar com elas. O filho de Kurt Vonnegut, Mark, perguntou

certa vez a seu pai: “Para que servem as pessoas?”. Ele então sugeriu a única resposta com a qual a cultura moderna consegue concordar: “Estamos aqui para ajudar uns aos outros a superar essa coisa, seja lá o que for”.[17]

A sociedade moderna, impulsionada pela propaganda consumista, sobressai na oferta de soluções escapistas que nos impedem de indagar os grandes “Por quês”. *Banners* e *pop-ups* infestam a internet. A televisão dedica dezoito minutos de cada hora a comerciais que nos induzem a comprar os produtos mais recentes — sapatos e *jeans* de marca, aparelhos de ginástica, *video games*, *smartphones* — com tal urgência que em dias em que acontece uma promoção especial multidões ficam na fila a noite inteira e se atropelam quando as portas finalmente se abrem. Uma economia consumista atiça uma sede que só seus produtos podem saciar.

Sinto uma onda de choque cultural sempre que, no fim de uma viagem ao mundo em desenvolvimento, volto para uma cultura “avançada” que de certo modo me parece menos real. Em vez de conversar ao redor do poço de uma aldeia ou de compartilhar uma refeição com uma grande família, entro na esfera dos “amigos virtuais” que se comunicam por meio de sucintas mensagens ou de tuitadas de 140 caracteres. E, se eu consultar a cultura moderna em busca de uma resposta à pergunta “Por que estamos aqui?”, só posso inferir que cada um de nós está aqui para rir, ganhar dinheiro, ficar famoso e ter a melhor aparência possível.

Vivemos numa cultura da celebridade que glorifica o sexo, a riqueza e o sucesso. Cantores populares atingem os píncaros da fama tanto por sua boa forma física como pela qualidade de sua voz. Atribuímos tal valor ao entretenimento que, em certas cidades, o atleta preferido pode ganhar mais dinheiro que várias centenas de professores locais. Meu primeiro instinto é desprezar uma cultura tão superficial que em 2009 levou a revista *Time* a selecionar um jogador de futebol e Lady Gaga junto com Bill Clinton como figuras para a capa de seu número sobre as “100 pessoas mais influentes do mundo”.[18] Mais uma vez, reprimo meu reflexo arrogante e me obrigo a prestar atenção à sede subjacente. O que é que ela revela?

Estamos todos procurando significado. Como disse John Updike: “Não importa de quantas maneiras se demostre que nossa vida é insignificante; nós só podemos vivê-la como se não fosse”.[19] Num mundo de sete bilhões de habitantes, queremos de algum modo sobressair, deixar nossa marca, conseguir algo digno — e nossa cultura exibe aos nossos olhos os ideais de beleza, riqueza e poder. Aqui está o segredo do sucesso, proclama a mídia: ter dentes mais brancos, um corpo atlético e um portfólio diversificado. E, se não conseguirmos estar à altura disso, podemos pelo menos contemplar nossos ídolos na telona de uma televisão em HD/3D e desfrutar do prazer vicário projetando neles o sucesso que nunca conseguiremos.

Algumas agências oferecem os serviços de seus fotógrafos que você pode contratar por uma noite para acompanhá-lo com os *flashes* de suas câmeras para impressionar multidões de gente não fotografada ao seu redor. Por determinada taxa, você pode fingir que está qualificado para desempenhar um papel no programa “Entertainment Tonight”, ou pelo menos conseguir um papel num *reality show*. Você pode levar a multidão a murmurar: “Quem é aquele?”.

“Eu sou importante”, gritamos nós. Minha vida é *importante* para o mundo; ela faz diferença. Será que alguma sociedade na história do mundo descobriu maneiras tão eficazes para explorar a sede humana de importância?

Ilusões desmascaradas

Nós cristãos muitas vezes seguimos o mesmo caminho, criando nossa própria versão de uma cultura baseada na celebridade e no entretenimento. O sociólogo Alan Wolfe observa: “A cultura transformou Cristo, assim como todas as outras religiões presentes neste país. Sob todos os aspectos da vida religiosa, a fé americana se conjugou com a cultura — e a cultura americana triunfou”.[20] Não deveríamos apresentar uma alternativa para a cultura predominante em vez de simplesmente imitá-la? Como seria vista uma igreja que criasse um espaço para o silêncio, que se opusesse à tendência à

celebridade e se desligasse da ruidosa mídia, que ativamente resistisse à nossa cultura consumista? Como seria o culto religioso se o dirigíssemos mais para Deus que para a nossa diversão?

Quando aderi a um novo provedor de televisão, consegui mais de quinhentos canais de TV a cabo para testar gratuitamente durante três meses. Nos noventa dias seguintes, passei tempo demais clicando o controle remoto e zapeando por cenas de entretenimento obcecadas em sexo e *glamour*, recheadas de perseguições automobilísticas e de humor irresponsável. Essa deslumbrante ostentação facilmente sobrepuja a mensagem contracultural de Jesus de que os pobres, e não os ricos, são realmente abençoados, assim como os mansos, os perseguidos e os que choram. De que adianta a uma pessoa ganhar o mundo inteiro? Adianta muito, insinuavam os *shows* televisivos.

Devo admitir que durante aqueles noventa dias de TV grátis eu senti a sedutora atração do prazer egoísta, o convite das sereias da cultura moderna. Todavia, como seguidor de Jesus, eu tinha recorrentes dúvidas, perguntando-me se uma cultura de consumo e entretenimento realmente satisfaz a sede mais profunda. Tomás de Aquino sugere exatamente o contrário: uma pessoa que não sente o prazer espiritual vai em busca de prazeres inferiores.[21] Será que, prometendo mais, o caminho amplo realmente entrega mais?

Assim que meu contrato com o provedor de televisão voltou aos programas básicos a cabo, e depois de um período de afastamento, passei algum tempo refletindo sobre a mensagem que eu tinha absorvido. Parece-me que o caminho amplo deixa de satisfazer em pelo menos três níveis. Primeiro, a cultura da mídia está construída sobre a ilusão. Segundo, suas diversões são temporárias. Finalmente, ela tem pouco espaço para os perdedores.

Numa estranha reviravolta, exatamente aquela mesma mídia que idolatra os poucos felizardos passa em seguida a dissecar com fofocas suas vidas cheias de defeitos, desmascarando a ilusão. A fama por si só não satisfaz a sede: casamentos hollywoodianos fracassam, ganhadores de loteria dissipam suas fortunas, atletas privilegiados afundam-se nas drogas e no crime. Lindsay Lohan,

Barry Bonds, Whitney Houston, Michael Jackson, Amy Winehouse, Lance Armstrong, Paris Hilton, John Edwards, os Kardashians, Tiger Woods, Charlie Sheen — assim que escrevo os nomes eles se tornam ultrapassados, e um novo lote de celebridades surge, só para cair depois. Mesmo assim, não somos dissuadidos; a fama se torna um fim em si mesma, algo a buscar por si mesmo sem considerar as consequências.

Inventamos uma sociedade com duas camadas, a de observados e a de observadores, como os sessenta mil espectadores num estádio de futebol que se concentram nas minúsculas figuras em campo num plano inferior. Walker Percy escreveu um romance sobre uma pequena cidade que de repente se torna *importante* quando um diretor a escolhe para ser o cenário de seu próximo filme. Anúncios de revistas proclamam "Como aparece na TV!", como se esse fato por si só validasse o produto.[22] Os *reality shows* criam uma irrealidade instantânea ao registrarem a vida de supermães e donas de casa de New Jersey ou de Orange County ou de Atlanta — como se alguém pudesse viver sem ser afetado pela presença de uma equipe de filmagem durante as 24 horas de cada um dos 7 dias da semana. Continuamos sendo enganados pela falsa realidade criada pela mídia.

Todas as sociedades exaltaram os ricos e poderosos: os burocratas chineses rastejavam pelo chão como vermes na presença do imperador, e os servos da Rússia abaixavam a cabeça reverentemente quando a carruagem do czar passava em disparada. O que é novo é a ilusão de intimidade. Justin Bieber ou Miley Cyrus tuítam, e no mesmo instante uma mensagem pessoal aparece em trinta milhões de celulares. Queremos saber tudo sobres eles, e quase conseguimos. Conhecemos suas rotinas de exercícios físicos, suas dietas, suas roupas preferidas, e uma breve navegação pela internet os exporá em vários estágios de nudez.

O famoso radialista Garrison Keillor contou certa vez uma história sobre Elizabeth June, o Balão Humano — uma senhora solitária, obesa, "meio ruim da cabeça", muitas vezes alvo de piadas locais. Ela procurava um lugar descampado, estendia uma toalha de

piquenique e servia coquetéis (ela os chamava “day queeries”, pronunciando errado o nome *daiquiris*) a seus amigos imaginários, que havia escolhido num catálogo da Sears Roebuck. No fim de seu monólogo, Keillor disse, com um toque de rara honestidade para um humorista: “Adeus, meus amigos de Radiolândia — e quando digo isso, lembrem-se de que vocês são meus amigos do mesmo jeito que os amigos imaginários de Elizabeth June eram amigos dela”.[23]

A ilusão de intimidade permite que eu me sinta perto de meus heróis, mesmo sabendo que, se eu de fato me aproximasse deles e puxasse uma conversa, os guarda-costas rapidamente me tirariam de cena. Minha única esperança é de algum modo juntar-me àquele grupo de elite e tornar-me um dos observados, e não dos observadores — e a própria mídia alimenta essa ilusão com uma enorme quantidade de produtos cosméticos que me deixarão mais desejável e mais bem-sucedido.

Nós que seguimos Jesus conhecemos outra esperança: a boa-nova que ele trouxe. O mais espantoso é que ele possibilitou uma intimidade com o Deus do universo que pode saciar a sede de ser importante. A uma mulher envergonhada por uma enfermidade embaraçosa, a um marginalizado da sociedade afetado pela lepra, a um ladrão pendendo da cruz horas antes da morte, a uma prostituta comum — a todas essas pessoas e a muitas outras, ele fez a bela declaração de que a importância individual não é algo que se conquista; antes, é algo concedido por um Deus bondoso. E assim nós que seguimos Jesus devemos tratar aqueles que ocupam uma posição baixa na escala social — “os meus menores irmãos”, na expressão de Jesus — como ele fez, proclamando com nossos atos aquilo em que acreditamos acerca da imagem de Deus em cada pessoa.

Como jornalista, conheci pessoas realizadas e piedosas nos lugares mais improváveis: um leprosário no Nepal, uma cela de prisão na África do Sul, uma igreja domiciliar na China, um cortiço em Chicago, um mosteiro em Sarajevo. Cada uma delas procura um sentimento de dignidade não na cultura que as cerca; procura em Deus. Essa é de fato uma boa notícia para alguém que não

consegue aprovação no teste de sucesso da cultura — e talvez até mesmo para quem consegue sucesso. O escritor John Cheever, cujas histórias retratam as camadas superiores da sociedade, certa vez comentou: “A principal emoção do adulto americano que desfruta de todas as vantagens da riqueza, da educação e da cultura é a decepção”.[24]

Segue aqui a confissão honesta de uma testemunha, o escritor e jornalista da televisão Malcolm Muggeridge, que passou a maior parte de sua vida galgando a escala social:

> Posso, penso eu, considerar-me um homem relativamente bem-sucedido, ou ser visto como tal. As pessoas às vezes olham para mim na rua — isso é fama. Posso com certa facilidade ganhar o suficiente para ser incluído nas categorias mais altas do Imposto de Renda — isso é sucesso. Tendo dinheiro e um pouco de fama, até mesmo os idosos, se assim quiserem, podem participar de diversões da última moda — isso é prazer. Poderia acontecer ocasionalmente que alguma coisa que eu disse fosse suficientemente considerada para eu me persuadir de que isso representava um sério impacto sobre a nossa época — isso é realização. Todavia, eu lhe digo, e peço que acredite em mim: multiplique cada um desses pequenos triunfos por um milhão, some todos os resultados, e eles não são nada — menos que nada, são um verdadeiro impedimento — comparados com um gole da água viva que Cristo oferece aos que se sentem espiritualmente sedentos, sejam eles quem ou o que forem.[25]

Por que estamos aqui? Deus quer que prosperemos, e paradoxalmente prosperamos mais obedecendo que nos rebelando, mais dando que recebendo, mais servindo que sendo servidos. Seis vezes nos evangelhos Jesus repetiu a verdade mais profunda de que nós temos êxito não adquirindo cada vez mais, mas “perdendo” a vida a serviço de Deus e do próximo. Séculos mais tarde, o convertido traficante de escravos John Newton escreveu num hino sobre a “sólida alegria e eterno tesouro” que superava em grande medida o “prazer mundano”.[26]

Jesus deu uma vívida lição objetiva na última noite com seus discípulos lavando-lhes os pés, como um servo. Os pais conhecem por instinto o princípio da doação pessoal quando despejam suas

energias em seus egocêntricos filhos. Voluntários que trabalham em refeitórios sociais e hospitais para pacientes terminais e projetos missionários aprendem essa lição na prática.[27] O que parece sacrifício torna-se pelo contrário uma espécie de nutrição, porque a distribuição da graça enriquece o doador bem como o receptor.

A morte subjugada

A morte expõe a segunda fraqueza de nossa cultura: todas as suas promessas são efêmeras. Jesus disse isso sem rodeios: “Pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder-se ou destruir a si mesmo?” (Lc 9.25).[28] Seu discípulo Tiago reformulou o pensamento: “O rico deve orgulhar-se caso passe a viver em condição humilde, porque o rico passará como a flor do campo” (Tg 1.10).

Se aceitarmos os vinte, quarenta, oitenta ou sabe-se lá quantos anos de vida que cada um de nós terá aqui na terra como a soma total de tudo o que jamais experimentaremos, então a cultura consumista obcecada pelo individualismo faz muito sentido — mesmo sabendo que a mimada carne se deteriorará e os artigos de luxo serão deixados para trás. Em contrapartida, se aceitarmos que não temos nenhuma garantia de mais uma hora sobre a terra, e acreditarmos que a vida vai além de tudo o que experimentamos aqui, então tudo muda.

O materialista tende a ver a vida como o objetivo, ao passo que Jesus apresentou uma visão diferente, vendo esta vida como uma preparação para uma existência muito mais longa: “Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna” (Jo 4.14). A cultura moderna desvia nossa atenção de qualquer possibilidade de vida além desta que temos — até que algo a interrompe violentamente. Duas altas torres implodem num monte de escombros num lindo dia de outono em 2001 e, em consequência disso, eventos esportivos, espetáculos cômicos e até anúncios comerciais são cancelados. Um *tsunami* varre aldeias inteiras no Japão, e os cidadãos de uma cultura *high-tech* e secular caminham atordoados sem rumo, incapazes de evitar a pergunta:

“Por que estamos aqui?”. Um atirador chacina vinte crianças numa escola em Connecticut, e naquele momento nossa cultura baseada no sexo e na violência parece obscena.

Não posso deixar de notar que em momentos de crise nacional até ícones seculares como o *The New York Times* cedem espaço na página de opinião a sacerdotes, rabinos e pastores. Os ateus e os psicólogos evolucionários mantêm um discreto silêncio, por um bom motivo: com que palavras de conforto e esperança poderiam eles contribuir? Tenho um amigo cujo irmão agnóstico tentou confortar a mãe deles moribunda. “O universo ama a senhora”, disse ele, acariciando-lhe um braço. Mais tarde, meu amigo refletiu: “De certo modo aquilo não adiantou muito para ela”.

O problema da morte nenhum cientista, político, filósofo ou celebridade conseguiu resolver. Desde o dia em que nascemos, vivemos na certeza de sua sentença. Todos os animais morrem, mas o ressentimento contra a morte é unicamente humano. Observei um leão atacando uma gazela na África: depois de se afastarem até uma distância segura, as outras gazelas retomam despreocupadas sua atividade de pastar enquanto o leão devora uma parente delas. A natureza sente pouca indignação contra a morte, não tem nenhuma percepção escandalizada de que algo está errado — exceto entre nós seres humanos.

O apóstolo Paulo apostou sua fé na boa-nova de que Deus um dia resolverá o problema da morte. De muitíssimas formas a fé tornou a vida de Paulo mais difícil, e não mais fácil: sua biografia mostra uma assustadora sucessão de espancamentos, motins, períodos de prisão e fugas complicadas. No entanto, sua confiança latente num destino eterno mudou tudo. Depois de relatar essas agruras aos coríntios, ele fez uma avaliação: “Embora exteriormente estejamos a desgartar-nos, interiormente estamos sendo renovados dia após dia, pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles” (2Co 4.16-17).

A crença em algo além desta vida transitória propagou-se com o evangelho. As igrejas gradativamente mudaram os locais dos sepultamentos, indo dos assustadores cemitérios para relvados ao

redor do templo e até mesmo para o interior dele. “Os fiéis se postavam sobre o corpo de seus entes queridos enquanto oravam”, observa um historiador do período, e, em consequência disso, “uma definitiva página da história da morte havia sido virada.”[29]

Quando o missionário Paulinus apresentou pela primeira vez o evangelho à feroz tribo dos anglo-saxões da Grã-Bretanha, ele explicou a visão cristã da morte e o que acontece depois dela. Segundo o historiador Paul Johnson:

> Houve um breve silêncio, e depois um sábio e idoso conde falou. A vida, disse ele, era breve. Era como um pardal, no inverno, atravessando em seu voo o salão do rei. “Ele vai da escuridão para a luz, depois novamente para a escuridão — isso é a vida.” A vida humana, acrescentou, “parece um breve espaço, mas sobre o que aconteceu antes e o que vai acontecer depois não sabemos nada. Se, portanto, esse novo ensinamento nos dá certezas, nós devemos segui-lo”.[30]

Os anglo-saxões prontamente se converteram. Johnson conclui: “Sem Deus, a morte é horrenda. Com Deus, a morte ainda é medonha, mas ela pode ser vista como tendo sentido e propósito e esperança. A grande força do cristianismo sempre tem sido o fato de que ele leva homens e mulheres a aceitarem a morte de tal forma que lhes oferece conforto e explicação”.

Os defensores dos incapacitados às vezes usam a expressão “temporariamente capacitado” para descrever pessoas não afetadas por nenhuma carência física, enfatizando a ideia de que a saúde de que desfrutamos é um empréstimo com prazo fixo. Meu amigo Tim Hansel viveu sentindo uma dor lancinante e implacável depois de um acidente durante a escalada de uma rocha, embora isso não o impedisse de levar uma vida produtiva como palestrante e escritor. Quando ele morreu, sua mulher, Anastasia — o nome dela em grego significa “ressurreição” — pediu que as cinzas de seu corpo cremado fossem entregues a ela no recipiente menos dispendioso. O crematório presenteou-a com uma caixa de papelão etiquetada em grandes letras “Recipiente Temporário”. Ela enviou uma foto caprichada dela mesma segurando a caixa contendo tudo o que

havia sobrado do corpo torturado de seu marido, o negativo da imagem do corpo novamente ressuscitado que ele havia muito antes previsto. Tim considerou a vida uma preparação, e não um fim, e para ele também isso mudou tudo.

Para uma cética sociedade pós-cristã, a promessa da ressurreição não tem o mesmo apelo de novidade que já teve outrora. Ela evoca a antiga crítica contra os cristãos que garantem um prêmio especial no céu, em recompensa por uma vida satisfatória. Na verdade, ter em mente nosso destino apropriado deveria transformar a vida aqui e agora. Nas palavras de C. S. Lewis: “Lendo a história, você vai descobrir que os cristãos que mais fizeram em benefício deste mundo foram precisamente aqueles que mais se fixaram no mundo futuro”. E acrescentou: “Mire para o céu, e você ‘de quebra’ ganhará a terra. Mire a terra, e você não vai ganhar nem uma coisa nem outra”.[31]

Um mundo sem perdedores

Concluindo, a cultura moderna tem pouco espaço para os perdedores, aqueles que nunca estarão capacitados para realizar os ideais dela. De pé junto ao caixa de uma revistaria, ao lado de um monte de revistas exibindo belos corpos de celebridades e atletas, eu observo meus colegas fregueses. Dois terços deles estão acima do peso, poucos parecem estar nadando em dinheiro, e nenhum parece ser um bom candidato para a revista *America’s Top Model*. Com base nos padrões da cultura popular, eles têm pouco a oferecer.

O romancista canadense Robertson Davies fala abertamente de outro tipo de perdedor: “O maior bestalhão idiota pode ser salvo, reza a doutrina, porque Cristo o ama do mesmo modo que ama Albert Einstein. Não acho que isso seja verdade. Penso que a civilização — a vida — reserva para as pessoas inteligentes que tentam nos tirar um pouco mais para fora do lodaçal primevo um lugar diferente daquele que ela reserva para os bobos que simplesmente vêm se arrastando atrás”.[32]

Repito, Jesus tem um conjunto diferente de qualificações para o seu reino que difere daquele da civilização. Suas histórias consistentemente transformaram o personagem errado em herói: o filho pródigo e não seu responsável irmão mais velho, o bom samaritano e não o bom rabino, um mendigo coberto de chagas e não o ricaço. Entre as pessoas que mais o atraíam estavam os indesejáveis, tais como uma mulher mestiça com um passado condenável, um mendigo cego, um coletor de impostos corrupto, uma prostituta, um soldado romano — todos marginais pelos padrões da sociedade judaica decente. Os religiosos profissionais, os estudiosos da lei, um rei e um governador: esses foram os que tramaram a morte de Jesus.

Para espanto da elite moderna, a fé cristã continua crescendo, e os valores invertidos de Jesus podem explicar por quê. Uma escrava afro-americana chamada "Velha Elizabeth", que narrou a história de como se converteu aos 97 anos, disse que recebeu de Jesus a percepção de "ser alguém".[33] Em áreas rurais da Índia e da China e nas esparramadas favelas da América do Sul e nas Filipinas, as pessoas reagem a um evangelho que confere dignidade a perdedores da sociedade. Até mesmo em sociedades prósperas que calculam o valor das pessoas por seu apelo sexual, talento natural e condição de celebridade, a maioria percebe que jamais terá essas qualidades indispensáveis. Às vezes todos nós nos sentimos como "os bobos que simplesmente vêm se arrastando atrás", e nessas ocasiões brota uma sede de uma satisfação mais duradoura, sede de Água Viva.

A boa-nova do evangelho significa que cada um de nós tem um senso de destino, um papel a desempenhar na grande história de Deus. Somos mais que um conjunto de neurônios, mais que um organismo orientado por um programa de genes egoístas. Um recepcionista, um motorista de caminhão, um professor do jardim da infância, um pai ou uma mãe trabalhando em casa podem realizar esse destino: não adotando padrões de riqueza e fama, mas amando a Deus e ao próximo. É a diferença entre simplesmente viver e viver para Deus.

Por que estamos aqui? Bem, todos nós estamos aqui por causa do amor do Criador, que visa tanto a nossa prosperidade quanto a nossa retribuição de amor e gratidão. “Aprendam a discernir o que é agradável ao Senhor”, disse Paulo aos efésios (Ef 5.10). Estamos aqui para agradar a Deus. Agrada a Deus nos ver prosperar, e nós prosperamos vivendo como Deus planejou.

A resposta cristã à pergunta “Por que estamos aqui?” apresenta um forte contraste com aquela proporcionada pela ciência e pela cultura popular. Robertson Davies apontou uma distinção mesmo discordando dela: Cristo ama o maior idiota e bestalhão tanto quanto ele ama Albert Einstein. Os primeiros seguidores de Jesus entenderam que cada pessoa — escravo ou liberto, judeu ou gentio, homem ou mulher — tem um valor absoluto, uma concepção radical que não existia antes do cristianismo. Platão avaliava uma pessoa pelo comportamento dela. Aristóteles via muitos homens como “escravos por natureza”. Segundo os cristãos, porém, Deus nos criou como seres eternos, feitos à imagem do próprio Deus, e isso se aplica aos que são brilhantes e aos deficientes mentais, aos cidadãos virtuosos e aos criminosos.

Escrevo essas palavras e depois penso em como é pobre meu modo de praticá-las. Ainda ontem, perdi a paciência com um atendente de telefone que me fez esperar uma hora e depois, acidentalmente, deletou o pedido virtual que eu a duras penas havia digitado. Na semana passada, na igreja, ouvi a história de uma família que havia distribuído cobertores para os sem-teto. O filho de seis anos fez o comentário mais emocionante. “Eu acho que os sem-teto querem mesmo é conversar com alguém”, disse ele — e eu pensei em quantas vezes desvio meus olhos e acelero o passo quando me encontro com algum sem-teto.

Na medida em que pomos em prática a mensagem na qual afirmamos acreditar, tratando todo mundo com dignidade e valor e avaliando o sucesso pelos padrões de Jesus, e não pelos da cultura em geral, apenas nessa medida seremos bem-sucedidos na distribuição da boa-nova a um mundo sedento.

11

Como devemos viver?
A questão social

Num palco destroçado e vazio, sem *script*, sem diretor, sem ponto, o ator está livre para improvisar seu papel.

Jean-Paul Sartre[1]

Tive um vislumbre dos pós-modernos em questões morais quando meu grupo de leitura enfrentou a extensa obra em três volumes, a *Trilogia do Cairo*, de Naguib Mahfouz, o egípcio agraciado com o prêmio Nobel de literatura. Os escritos de Mahfouz enfureceram tanto os extremistas islâmicos que, em 1994, assassinos o atacaram perto de sua residência, apunhalando esse escritor de 82 anos no pescoço e deixando nele sequelas para o resto da vida (ele morreu em 2006, aos 94 anos). Lendo a trilogia, entendi por que até cidadãos moderados poderiam estremecer perante o retrato da cultura deles.

Os romances giram em torno de um patriarca hipócrita que passa todas as noites bebendo e correndo atrás de mulheres e, no entanto, administra sua casa como um tirano repressor. Ele se recusa a permitir que sua mulher jamais ponha o pé fora de casa, e, quando pela insistência dos filhos ela desobedece a essa regra por uma única vez, ele a bota no olho da rua. Da mesma forma, ele controla cada aspecto da vida de suas duas filhas, confinando-as em casa e proibindo-as de estudar. Ataca sexualmente suas empregadas. Em suma, encarna a pior espécie de opressão machista chauvinista, na qual os homens fazem tudo o que quiserem e tratam as mulheres como objetos de sua propriedade.

Algumas vezes tive de me forçar a continuar a leitura, tamanhas eram as injustiças que Mahfouz descrevia, e assim fui ao encontro do grupo de leitura esperando ouvir palavras de indignação moral da parte das mulheres, na maioria delas feministas. Para minha absoluta surpresa, elas praticamente nem sequer reagiram. “É uma cultura diferente”, disseram. “Não podemos impor a ela nossos valores.”

“Espera aí”, protestei. “Trancar uma mulher em sua casa por trinta anos e depois expulsá-la quando ela sai um único dia é mais que uma diferença cultural. É uma coisa errada! E o que dizer da hipocrisia dele controlando sua família com pulso férreo enquanto sai para a farra com prostitutas?” Recebi a mesma resposta distanciada.

Mais tarde, li *The Siege* [O cerco], de um autor albanês. Situada no século 15, essa obra narra uma invasão armada de turcos otomanos. Em determinada cena, combatentes muçulmanos capturam centenas de mulheres albanesas como prisioneiras. Não estando acostumados a ver mulheres sem seus véus cobrindo-lhes o rosto, eles acham que elas estão rindo quando na verdade estão soluçando. Com sistemática crueldade, os invasores passam a estuprar as mulheres repetidas vezes, até que algumas delas morrem. Certamente o grupo de leitura condenará essa selvageria, pensei eu. Todos acharam a cena censurável, embora parecessem não se ter surpreendido com aquilo. Uma das mulheres, uma cientista com Ph.D., disse dando de ombros: “Isso é genético, é a propagação dos genes — sociobiologia. Numa palavra, *homens*”.

Saí de lá perturbado por aquela visão sombria da natureza humana. Ela me fez lembrar um comentário que li num romance feminista de Marilyn French: um dos personagens proclamou: “Em seus relacionamentos com mulheres, todos os homens são estupradores, e nada mais que isso”.[2] Mas os homens do nosso grupo de leitura nunca estupraram ninguém e, até onde eu sabia, eram fiéis à esposa. Será que nós animais humanos somos impotentes vítimas de nossos genes codificados? Certamente temos

alguma capacidade de resistir aos nossos instintos básicos e tomar decisões morais.

Os membros do grupo de leitura estavam tentando evitar o imperialismo cultural ocidental. Sem dúvida, estavam reagindo aos tempos imperiais quando nações europeias dividiram o mundo entre si como se estivessem jogando Banco Imobiliário, e talvez tivessem visto trechos de filmes de missionários obrigando os "nativos" a usar roupas e cantar hinos. Bastante justo, mas será que nunca podemos julgar práticas culturais — inclusive as nossas? Que dizer da imolação pelo fogo de mulheres casadas, da escravidão, do sacrifício de crianças, do canibalismo, do suborno, da pederastia, do espancamento de esposas, do tráfico sexual, do genocídio, da poluição tóxica, da tortura, da mutilação dos genitais femininos, da exploração infantil? Duvido que meus amigos do grupo de leitura tivessem usado aquela lógica deles com Martin Luther King Jr. nos anos1960: "O sul tem uma cultura diferente, e nós não temos nenhum direito de impor a ele nossos valores".

Hoje, juízos acerca do certo e do errado têm uma natureza inconstante. Embora as pessoas continuem usando a terminologia moral — é *errado* ter escravos, abusar de crianças, prejudicar o meio ambiente, explorar os pobres, discriminar as mulheres ou os homossexuais —, elas podem ter dificuldades para explicar por quê. Um professor de uma universidade do Texas me disse que seus alunos, quando perguntados, acharam difícil condenar a escravidão que ocorre hoje no Sudão, ou até mesmo o holocausto nazista, baseando-se apenas em argumentos morais. Alguns dentre esses mesmos alunos, porém, condenaram o abuso de crianças por parte de um famoso treinador de futebol, e alguns se juntaram ao movimento Occupy Wall Street porque achavam errado que uns poucos explorassem os muitos.

Em seu livro *Lost in Transition* [Perdido na transição], o sociólogo Christian Smith documenta a dificuldade dos jovens adultos em fazer julgamentos morais. "Isso é pessoal", disse um entrevistado. "Fica por conta do indivíduo. Quem sou eu para julgar?" Outro ecoou esses sentimentos: "Quero dizer, acho que o que torna algo certo é como me sinto em relação a isso. Mas pessoas diferentes

sentem de maneiras diferentes, de modo que eu não poderia falar em nome de ninguém a respeito do que é certo ou errado”.[3]

Confusão natural

Como devemos viver? A consciência moral do que é certo ou errado é tradicionalmente transmitida por meio de uma religião ou uma cultura, a sabedoria coletiva de um grupo em vez de um indivíduo. Até recentemente, o Ocidente via a Bíblia como uma fonte primária, daí a expressão “ética judaico-cristã”. Não é mais assim.

Os pós-cristãos já não se voltam para a religião em busca de orientação. “Eu não acho que o conceito de *mal* seja útil”, disse um senhor, um advogado, numa reunião de meu grupo de leitura. “Penso em termos de comportamento inadequado, e não de comportamento errado.” Essas questões fundamentais como a diferença entre o bem e o mal — ou até mesmo a pergunta sobre essas categorias serem adequadas — ficam suspensas no ar, sem respostas. Onde, então, vão os modernos seculares procurar orientação?

A cientista do meu grupo de leitura cita a sociobiologia, o estudo do comportamento animal. A ciência moderna procura indícios na natureza porque ela pressupõe que não existe outra fonte. Como explica um dos proponentes:

> Mas existe algum modo pelo qual nós podemos decidir, com certeza, quais ações são corretas? A visão de [Daniel] Dennet, com a qual eu concordo, diz que não existe, a menos que se acredite que algum livro, a Bíblia por exemplo, é a palavra de Deus, e que os seres humanos estão aqui para cumprir ordens divinas. Se uma pessoa é simplesmente o produto de sua constituição genética e história ambiental, inclusive todas as ideias que ela assimilou, simplesmente não existe nenhuma fonte de onde a moralidade absoluta poderia brotar.[4]

Charles Darwin foi igualmente direto ao ponto: “Um homem que não tem nenhuma crença convicta e constante na existência de um Deus pessoal ou de uma existência futura com retribuição ou recompensa pode adotar como regra de sua vida, até onde eu

posso ver, apenas seguir aqueles impulsos e instintos que são os mais fortes ou que lhe parecem ser os melhores".[5]

Todavia, *quais* dentre esses impulsos e instintos nós de fato seguimos? Para nossa orientação moral, a natureza nos proporciona mensagens decididamente confusas. Às vezes os animais podem mostrar um comportamento admirável: baleias e golfinhos arriscando a vida para salvar companheiros feridos, chimpanzés indo em socorro dos machucados, elefantes recusando-se a abandonar companheiros abatidos. Sim, mas tudo depende da direção para a qual você aponta seus binóculos.

Onde se aprende o comportamento apropriado entre os sexos, por exemplo? Cada outono, perto da minha casa, no Colorado, um alce macho reúne mais ou menos sessenta fêmeas, obriga-as a formarem um rebanho e, valendo-se de seu avantajado par de chifres, afasta todos os outros machos rivais. Deveria um macho humano imitar o alce impondo-se a um harém de fêmeas conquistadas por meio da violência? Embora os alces se destaquem em seu domínio masculino, a natureza de fato apresenta poucos modelos de monogamia e até menos de igualdade de gênero. Deveriam nossos vizinhos resolver suas disputas como fazem os chimpanzés bonobos, envolvendo-se numa rápida orgia durante a qual todos eles fazem sexo uns com os outros? Deveriam nossas fêmeas, como as do louva-a-deus, devorar os machos que estão se acasalando com elas?

Há muita violência na natureza. Os zoólogos, que outrora pensavam que o assassinato é típico da espécie humana, investigando mais a fundo tiveram de revisar suas teorias. Os esquilos do solo habitualmente comem seus filhotes; patos silvestres do hemisfério norte praticam o estupro grupal e afogam outros patos; as larvas de vespas parasitoides consomem sua presa paralisada de dentro para fora; peixes ciclídeos africanos alimentam-se comendo os olhos de outros ciclídeos. As hienas levam o prêmio de canibalismo cruel, pois no espaço de uma hora depois de nascer o mais forte dos dois filhotes luta com seu irmão recém-nascido até matá-lo.

O biólogo Lyall Watson admite achar “perturbador” que os filhotes de hienas pareçam geneticamente programados para atacar e matar seus irmãos à primeira vista.[6] De modo semelhante, pesquisadores que estudam chimpanzés e gorilas reagem com espanto quando indivíduos dos quais eles passaram a gostar são assassinados por outros de sua espécie. Por quais motivos?, eu me pergunto. Os símios por sua vez parecem indiferentes; eles estão se comportando naturalmente, respondendo a seu código genético.

Robert Wright estabelece um paralelo entre o comportamento de gangues urbanas e o dos primatas em seu meio selvagem, que assassinam e estupram seus vizinhos. “A violência dos centros urbanos deteriorados não deveria ser rotulada como ‘patologia’”, escreve ele; “a violência é extremamente funcional — algo que as pessoas são programadas para praticar.”[7] Lyall Watson vai mais longe: embora desconcertado pelas hienas assassinas, ele admite que não poderia facilmente condenar os caçadores de cabeças humanas porque sua prática mantém certas tribos em equilíbrio ecológico.

Essas ideias despertam óbvios sinais de alerta. Em resposta, os estudiosos da sociobiologia argumentam: “Não passe do *é* ao *deve*”. Simplesmente porque outras espécies são violentas isso não significa que devemos fazer o que fazem outras espécies. Como, então, decidirmos sobre o *deve*? Mais especificamente, de onde veio toda essa noção de *deve*? Quando uma pessoa faz algo monstruoso, empregamos palavras como *bestial* e *brutal* para descrever o fato, palavras que expressam nossa profunda crença de que os seres humanos se comportam de modo diferente.

E, muitas vezes, nós de fato nos comportamos de modo diferente. Cônjuges resistem à tentação sexual e permanecem juntos. Pessoas totalmente desconhecidas às vezes doam um rim para salvar a vida de outro. Cuidamos de pacientes afetados por doenças terminais, adotamos crianças com deficiências especiais, abrigamos sem-teto, concedemos benefícios aos pobres. O filósofo australiano David Strove, um ateu que aceita a evolução biológica, concorda que a premissa da seleção natural e da sobrevivência dos mais

adaptados não explica todo comportamento humano. Cuidando dos mais fracos e dos enfermos, em vez de eliminá-los, nós renunciamos a um reservatório genético mais sadio. Strove denominou esse paradoxo “Dilema de Darwin” — pessoas supostamente governadas por um gene egoísta muitas vezes escolhem comportar-se de maneiras altruístas.[8]

Apesar do que os psicólogos evolucionistas possam nos dizer, nem todos nós agimos motivados por mero egoísmo. Já mencionei que o filósofo Peter Singer, autor do principal artigo sobre ética na Enciclopédia Britânica, sugeriu que recém-nascidos “deficientes” e alguns adultos que não mais se qualificam como pessoas poderiam ser submetidos à eutanásia. Entretanto, até mesmo ele deu apoio financeiro à sua mãe depois que ela mostrou sinais de demência. “Acho que isso me fez ver como as questões de um indivíduo com esses tipos de problemas são realmente difíceis”, revelou Singer a um entrevistador. “Talvez sejam mais difíceis do que eu imaginava antes, porque é diferente quando se trata de sua mãe.”[9]

Embora as pesquisas mostrem que os americanos modernos continuem se comportando altruisticamente, poucos dos pesquisados conseguem articular por que eles fazem isso. Agem assim, na opinião de Robert Bellah, com base nos “hábitos do coração” arraigados primeiramente em nossa herança cristã.[10] Se esses hábitos do coração forem removidos, a verdadeira confusão da cultura pós-cristã virá à luz.

Escolha pessoal

Todos nós fazemos escolhas morais, elaborando nossa resposta pessoal à pergunta “Como devemos viver?”. Como nossa fonte principal, nós cristãos aceitamos o código moral revelado no Novo Testamento, por mais imperfeitamente que o interpretemos e o sigamos. Mas numa cultura pós-moderna secular não há um código comum, e julgamentos morais tornam-se subjetivos.

Marilyn vos Savant, listada no *Hall* da Fama de *O livro Guinness dos recordes mundiais* como possuidora do mais alto QI jamais medido, responde a perguntas na coluna semanal “Pergunte a

Marilyn” de *Parade*, um encarte dominical de mais de setecentos jornais americanos. Geralmente ela resolve enigmas matemáticos para os leitores, mas houve uma semana em que um leitor apresentou uma pergunta mais séria: “Qual é, na sua opinião, a fonte da autoridade moral?”. Savant respondeu: “A maioria das pessoas encontra a fonte da autoridade moral em suas religiões, mas eu não faço isso”.[11] Ela prefere voltar seus olhos para as lições da história, que tem uma vantagem sobre a religião no sentido de que permite que nós façamos nossas escolhas. Na essência, a fonte da autoridade moral para Marilyn vos Savant é ela mesma, e esse, em resumo, é o dilema da sociedade pós-cristã.

Hoje em dia, a paisagem moral repousa sobre areia movediça. Christina Hoff Sommers conta a história de uma professora de Massachusetts que tentou ensinar “a clarificação de valores” a seus alunos da sexta série.[12] Um dia, seus espertos pupilos anunciaram que eles valorizavam a cola e queriam ter a liberdade para colar na sala de aula. A professora só pôde responder que, uma vez que se tratava de *sua* aula, ela exigia honestidade; eles teriam de praticar a desonestidade deles em outros lugares. Evidentemente eles fazem isso, pois pesquisas mostram que metade dos alunos cola. Eu me pergunto o que detém a outra metade.

Pensadoras feministas foram pioneiras no desafio às normas de ordem sexual, e algumas delas defendem o adultério como cura de desejos reprimidos. Barbara Ehrenreich sugere: “A única ética que pode funcionar num mundo superpovoado é uma ética insistindo que [...] o ato sexual — preferivelmente entre adultos consensuais e carinhosos — se situa decididamente na esfera da diversão”.[13] Mas por que limitar o sexo a adultos que consentem? Se se trata apenas de diversão, por que não sancionar a pederastia, como fizeram os gregos e os romanos? Por que escolher a idade de 18 anos como um limite arbitrário entre abuso de menores e diversão? Por que toda essa indignação contra clérigos que abusam de crianças? E se sexo é apenas diversão, por que acusamos de crime e processamos quem praticou o incesto?

O autor de *Perv: The Sexual Deviant in All of Us* [Perversão: O depravado sexual em todos nós], depois de examinar práticas como o estupro, a pedofilia e o fetichismo sexual, conclui assumindo uma posição moralmente neutra: “Percebo um conforto crescendo lentamente em consequência do pensamento racional e da introspecção honesta em relação a nossos gostos ocultos. Na minha opinião, qualquer mudança social que resulta de um raciocínio moral cuidadoso — fundamentado em conhecimentos e entendimentos científicos obtidos à custa de muito esforço, e não em ‘sentimentos instintivos’ ou prescrições religiosas — é um progresso moral”.[14]

James Davison Hunter especula que rumo poderia tomar uma sociedade que perdesse todo consenso moral. “Pessoalmente, gosto de sacrifícios ritualísticos de animais”, diz um cidadão. “É mesmo?”, diz outro. “Eu por acaso gosto de relacionamentos entre homens e meninos.”[15] O fim lógico desse pensamento, sugere Hunter, pode ser verificado no romance *Juliette*, de Marquês de Sade. Ali se declara: “Nada é proibido pela natureza”. No romance, um bruto acusado de estuprar, sodomizar e matar mais de vinte rapazes, moças, homens e mulheres defende-se dizendo que todos os conceitos de virtude e vício são arbitrários: “Não existe nenhum Deus neste mundo, nem existe nenhuma virtude, nem existe nenhuma justiça; não existe nada que seja bom, útil ou necessário exceto nossas paixões”.

Para não parecer um moralista excêntrico, devo dizer que para mim a verdadeira questão não consiste em saber por que os secularistas modernos se opõem à moral tradicional; consiste em saber em que se baseiam eles para defender *qualquer* moral. O sistema jurídico americano defende vigorosamente o direito de uma mulher a optar pelo aborto — mas por que limitar-se a isso? Historicamente, tanto o infanticídio como o abandono foram os meios preferidos para livrar-se de filhos indesejados. Os romanos fizeram isso, os gregos fizeram isso, e alguns séculos atrás um terço dos bebês de Paris eram simplesmente abandonados. No entanto, se hoje uma mãe abandonar seu bebê numa ruela de Chicago, ou se dois adolescentes deixarem seu bebê recém-

nascido numa lata de lixo, eles são presos e enfrentam um processo judicial.

Sentimo-nos indignados quando ouvimos num noticiário o relato de um casal da classe média que abandonou o pai com mal de Alzheimer de quem eles já não queriam mais cuidar, ou quando rapazes empurram uma criança de cinco anos para fora de uma janela do alto de um prédio, ou alguém com dez anos é estuprado na entrada de outro prédio, ou uma mãe afoga seus dois filhos porque eles estão interferindo em seu estilo de vida. Por quê? Por quais razões, se realmente acreditamos que a moralidade é autodeterminada? Evidentemente, as pessoas que cometeram os crimes não sentiram nenhuma compunção, exatamente como muitos comandantes da SS de Hitler não tiveram escrúpulos em relação aos fornos de extermínio.

E, se a moral não é autodeterminada, quem a determina? Como disse o poeta W. H. Auden: “Se, como estou convencido, os nazistas estão errados e nós estamos certos, o que valida os nossos valores e invalida os deles?”.[16]

Uma resposta cristã

Pintei um quadro sombrio e unilateral da ética pós-cristã para mostrar que o Ocidente moderno vai tateando em busca de um sentimento básico de certo e errado. Em consequência disso, enfrentamos uma constante crise moral que afeta o estado de direito. Quando seis renomados filósofos da moral argumentaram perante o Supremo Tribunal de Justiça dos Estados Unidos em defesa do suicídio assistido, ou “o direito de morrer”, eles sustentaram que as pessoas devem tomar as próprias decisões, “sem submeter-se à imposição de qualquer ortodoxia religiosa ou filosófica”. Quando se decidem questões como o casamento, a vida e a morte, apenas um único critério é aceitável, disseram eles: “Deve-se permitir que os indivíduos tomem essas decisões por si mesmos, movidos por sua fé, consciência e convicções”.[17]

Os líderes cristãos tendem a denunciar a nova realidade. *Está vendo, isso acontece quando a sociedade perde suas raízes cristãs!*

Precisamos voltar a uma época em que a sociedade olhava para nós em sua busca de orientação moral. O que eles dizem faz sentido. De acordo com os historiadores Will e Ariel Durant: “Não há nenhum exemplo significativo na história, antes do nosso tempo, de uma sociedade mantendo um comportamento moral com êxito sem a ajuda da religião”. Os Durants acrescentam uma observação de mau agouro: “A maior questão do nosso tempo é a de saber se os homens podem viver sem Deus”.[18]

Em meio a essa confusão, os cristãos deveriam posicionar-se para prover a orientação da qual a nossa sociedade precisa. Lamento ter de dizer que duvido que isso venha a acontecer. Dado o nosso fracasso em pôr em prática nossas crenças, a nossa falta de clareza moral e o nosso envolvimento com políticas partidárias, a cultura ocidental já não considera o cristianismo sua fonte de moral. Como devemos nos relacionar com aqueles que veem o mundo de um modo tão diferente? E como devemos nos comunicar com eles?

As desesperadas tentativas conservadoras de “recuperar para a América suas raízes cristãs” podem prejudicar exatamente o espírito da graça que, pela nossa vocação, temos de distribuir para um mundo sedento. Pouco adianta sacudirmos a cabeça preocupados e sentir saudades dos tempos de Eisenhower da década de 1950, quando os EUA desfrutavam mais de um consenso cristão (pelo menos na superfície). Devemos, em vez disso, perguntar a nós mesmos: Por que tanta gente vê os cristãos como portadores de más notícias, e não da boa-nova que poderia ajudar o mundo nessas questões complexas?

Uma razão que leva o mundo mais amplo a deixar de buscar orientação no cristianismo é que nós cristãos não nos temos manifestado com uma voz digna de crédito. As igrejas na minha infância enfocavam questões de estilo de vida como o comprimento dos cabelos e das saias, cinema, dança, cigarro e bebida. Enquanto isso, igrejas conservadoras pouco falavam sobre pobreza, racismo, guerra, consumismo, imigração, o tratamento dispensado às mulheres e ao meio ambiente. Com algumas exceções

significativas, as igrejas mantinham-se à margem de movimentos que tratavam dessas causas importantes.

Alguns turvam ainda mais a mensagem da graça julgando a sociedade como se fossem santos. Ouvi um exemplo bem típico enquanto estava escrevendo este capítulo. Em consequência de históricas enchentes no Colorado que prejudicaram dezoito mil casas, uma personalidade do rádio atribuiu a culpa das cheias — e também dos incêndios ocorridos no mesmo verão — a legisladores que "incentivam atividades homossexuais, votam a favor da matança do maior número possível de bebês e criam leis que aprovam idolatrias abomináveis como a maconha". Ouvindo essas palavras enquanto observava a água a poucos centímetros de inundar meu escritório no andar térreo, facilmente entendi como os cristãos afastam as pessoas. Eu poderia listar dezenas desses pronunciamentos morais, que criam uma mentalidade de "nós contra o mundo" em vez de "nós trazendo a graça para o mundo".

Críticos do cristianismo com razão notam que a igreja se mostrou um portador inconfiável de valores morais. A igreja certamente cometeu erros, como espero ter deixado claro. Contudo, ela também tem um potencial inato de autocorreção porque acredita numa autoridade superior. Nos últimos anos, denominações protestantes como os Batistas do Sul dos Estados Unidos e a Igreja Reformada Holandesa da África do Sul confessaram seu arrependimento por seu anterior apoio à escravidão e ao *apartheid*. A Igreja Católica admitiu seus erros por ter se oposto à ciência e pediu desculpas por injustiças cometidas contra judeus e muçulmanos. O papa Francisco reconheceu que a fixação da igreja em questões sociais referentes à homossexualidade, ao aborto e à contracepção interferiu na mensagem principal do amor de Deus para com todos.

Em que grau seria diferente a visão que o mundo tem dos cristãos se nós nos concentrássemos em nossos defeitos, e não naqueles da sociedade? Lendo o Novo Testamento, fico impressionado ao ver a pouca atenção que ali se dispensa às falhas da cultura ao seu redor. Jesus e Paulo nada dizem sobre os violentos espetáculos de gladiadores ou sobre o infanticídio, duas práticas comuns entre os romanos. Numa passagem reveladora, o apóstolo Paulo responde

com veemência a um relato de incesto no seio da igreja de Corinto. Ele insiste que se tomem medidas rígidas contra os envolvidos no caso, mas esclarece logo em seguida: “Com isso não me refiro aos imorais deste mundo. [...] Pois como haveria eu de julgar os de fora da igreja? Não devem vocês julgar os que estão dentro? Deus julgará os de fora” (1Co 5.10,12-13).

Hoje em dia, os cristãos dedicam muita energia julgando “os de fora da igreja”. Para dar um único exemplo, muitos dos que pertencem à geração do milênio relatam que se afastaram da igreja em parte por causa de sua veemência contra os homossexuais. Eu ouvi muito pouco sobre homossexualismo enquanto crescia, embora os pastores e os líderes sem dúvida tivessem notícia do assunto. Como foi que essa questão de repente se tornou a principal obsessão de cristãos proeminentes?

Um amigo meu documentou o surgimento da retórica anti*gay* precisamente na mesma época em que o comunismo caiu. Até então, os televangelistas e os grupos do *lobby* cristão haviam angariado fundos baseados no temor do inimigo comum — o comunismo ateu. “Movimentos de massa podem surgir e prosperar sem crer em um Deus, mas nunca sem a crença num demônio”, escreveu Eric Hoffer em *True Believer* [O verdadeiro crente],[19] e meu amigo teoriza que a retórica anti*gay* cresceu como uma estratégia para levantar fundos, e isso exigia um novo demônio. Não sei se essa teoria é correta, mas sei que de fato escolhermos um único modo de comportamento como “pecado”, e enfatizá-lo sobre todos os outros nos proporciona um modo conveniente de esconder nossa carência de graça. O moralismo convicto e as estridentes condenações podem ajudar a angariar fundos, mas solapam o evangelho da graça.

Os opositores muitas vezes acusam os cristãos de serem “hipócritas”. Numa discussão sobre Romanos, John Stott nos faz lembrar que somos exatamente o oposto disso. O próprio apóstolo Paulo confessou: “Sei que nada de bom habita em mim. [...] Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo. [...] Miserável homem que sou!” (Rm 7.18,24). (Ele escreveu essas

palavras após sua conversão. Antes disso, ele se orgulhava de ser “o mais fariseu dos fariseus”.) Nossa única bondade, insiste Stott, provém da humilde dependência de Deus, o único que é justo.[20] Contrastando com isso, os não crentes são efetivamente *farisaicos*, pois não têm nenhuma fonte moral a que recorrer a não ser a si mesmos.

No Sermão do Monte, Jesus propõe ideais tão elevados que ninguém de nós consegue atingir. Eu não cometi adultério — será que nunca alimentei pensamentos libidinosos? Eu nunca matei — será que nunca odiei? Eu amo meus inimigos? Eu doo a todos os que me pedem? O que inicialmente parece ser má notícia, um padrão moral que ninguém consegue atingir, passa por uma dramática mudança, pois no mesmo sermão Jesus estende a rede de segurança da graça. Em seu ministério, Jesus deu provas de que ninguém precisa cair num nível abaixo do alcance da graça de Deus, nem uma prostituta, um ladrão, um assassino ou um traidor. De fato, o traidor Pedro e o violador de direitos humanos Paulo, ambos agora perdoados e transformados, passaram a atuar como pioneiros na divulgação desse evangelho da graça.

Lamentavelmente, os seguidores de Jesus tendem a adotar a abordagem inversa. Algumas igrejas vão gradativamente baixando o nível de seus ideais, acomodando-se aos padrões morais de uma cultura mutante. Outros elevam a barra da graça, e assim os necessitados se sentem indesejados: “Nós não queremos esse tipo de pessoa em nossa igreja”. Em ambos os casos, deixamos de comunicar a espetacular boa notícia de que todos falham e mesmo assim um Deus bondoso a todos oferece perdão.

Indicando o caminho

Ouvi um pastor australiano dizer que os cristãos geralmente se dirigem à cultura mais ampla usando a mesma forma adotada pelos profetas para se dirigir a Jerusalém, chamando-a de volta para um reavivamento espiritual. Na verdade, disse ele, nós deveríamos pensar nela como sendo mais semelhante à cultura de Atenas, uma sociedade cosmopolita secular que nos vê como um culto marginal.

Sabemos como o apóstolo Paulo discursou para a Atenas do seu tempo, procurando uma base comum e despertando uma sede já presente em sua plateia. Ele usou uma estratégia semelhante com os pagãos de Roma e de Corinto, encorajando os crentes a se tornarem uma comunidade de contraste que exibe ao mundo um estilo de vida melhor.

Eu certamente concordo que os cristãos devem às vezes, especialmente durante um período de confusão moral, entrar na refrega e combater o erro — o assunto do próximo capítulo. Sim, os cristãos têm um papel a desempenhar: o de trazer clareza para questões morais. Contudo, isso só acontecerá se ouvirmos bem, vivermos bem e lidarmos bem com o restante da sociedade.

Vou mencionar dois modelos diferentes de cristãos que lidaram bem com a situação. O primeiro se popularizou mais de um século atrás. Francis Galton, um primo de Charles Darwin, procurou aplicar princípios evolucionários ao progresso humano por meio da remoção dos seres humanos “inferiores” ou “deficientes” do reservatório genético. O consequente movimento da eugenia recebeu entusiástico apoio de cientistas, filósofos e de políticos tais como Winston Churchill e Theodore Roosevelt.

Nos Estados Unidos, “famílias mais fortes” com seus traços desejáveis eram expostas em feiras estaduais ao lado de exposições de gado. Os estados do sul criaram leis contra casamentos inter-raciais numa tentativa de preservar as linhagens genéticas “puras”, e muitos estados começaram a impor a esterilização de criminosos, mães solteiras e portadores de doenças mentais. Outros países rotularam como “degenerados” ou “inaptos” grupos como pobres, homossexuais, mulheres promíscuas e vítimas de cegueira ou surdez hereditárias.

Até mesmo o famoso juiz do Supremo Tribunal Oliver Wendell Holmes Jr. legislou a favor da eugenia. Em apoio à esterilização forçada, ele disse: “Não vejo razão nenhuma para atribuir uma importância de ordem diferente daquela que cabe a um babuíno ou a um grão de areia. [...] A sacralidade da vida é um ideal meramente municipal, sem nenhuma validade fora de sua jurisdição”.[21] Holmes

corretamente viu a questão como algo teológico em sua essência. Se qualquer indivíduo humano — "deficiente" ou não — não é sagrado, então a eugenia representa um passo positivo na evolução humana. Porta-vozes católicos, notadamente o papa e G. K. Chesterton, se opuseram com veemência à eugenia, mas ela transformou-se numa importante indústria, apoiada por departamentos acadêmicos de universidades e por uma série de conferências internacionais.

O movimento pela eugenia caiu em descrédito principalmente por causa de Adolf Hitler, que o levou a suas conclusões lógicas mediante o extermínio sistemático de grupos considerados por ele indesejados: ciganos, judeus, homossexuais, opositores políticos, mendigos, criminosos. Hitler também lançou uma campanha de propaganda visando preparar os alemães para o extermínio médico de "crianças inaptas" e de portadores de doenças mentais. Num cinema, assisti a um filme nazista de época mostrando um político munido de gráficos orçamentários. São necessários cem mil marcos do Reich para manter vivo cada um desses deficientes, explica ele. "Companheiros alemães, esse dinheiro é também de vocês!" Os seres humanos deveriam seguir o exemplo da natureza e permitir a morte dos fracos: "A raposa caça a fraca lebre, e o caçador abate o fraco cervo".[22]

Apesar de seus filmes e propaganda apelativos, os nazistas fracassaram em seus esforços de eliminar a maioria dos deficientes físicos e mentais. A reviravolta na política remonta a uma mulher corajosa, uma enfermeira cristã que trabalhava numa instituição para doentes mentais. Quando viu as instalações da instituição sendo transformadas em câmaras de gás, ela não conseguiu se manter calada. Documentou cuidadosamente os fatos e os relatou a seu bispo, que os tornou públicos. O grito de indignação que isso causou — da parte da igreja — forçaram os nazistas a recuar.

Como a história mostra, as sociedades civilizadas têm a capacidade de fazer todos os tipos de coisas por causa da confusão moral. Numa carta endereçada ao jornal *The New York Times*, o romancista Walter Percy escreveu que talvez o livro mais influente

publicado na Alemanha antes do começo da Segunda Guerra Mundial tenha sido *The Justification of the Destruction of Life Devoid of Value* [A justificativa da destruição da vida desprovida de valor]. Percy alertou que a sociedade moderna tem alguns dos mesmos pontos moralmente cegos. Se o certo e o errado são determinados por pesquisas de opinião, raciocinou ele, "não é difícil imaginar um eleitorado ou um tribunal daqui a dez, cinquenta anos, que favoreça a eliminação de idosos inúteis, crianças retardadas, negros antissociais, hispânicos ilegais, ciganos, judeus... Por que não? — se esse é o desejo da maioria, a opinião pesquisada, a política da época".[23]

Em retrospectiva, vemos com horror a campanha nazista para matar deficientes mentais. Mas não faz muito tempo que um boletim da Mensa, a organização para pessoas com alto QI, publicou um artigo propondo que eliminemos cidadãos indesejados como os retardados e os sem-teto. A China moderna sanciona o aborto de fetos defeituosos, inclusive os diagnosticados como retardados, bem como os bebês não autorizados, ou seja, além do limite de uma criança para cada casal. Em alguns dos estados americanos, o índice de crianças com síndrome de Down caiu à razão de 90%; os restantes não chegam a nascer: são abortados.[24] Meu vizinho, que gerencia instituições comunitárias para indivíduos com síndrome de Down, considera essa política um horror. "Essas pessoas são maravilhosas!", diz ele. "Vivem felizes, têm vida plena, e muitas delas têm um emprego produtivo. Eu mal posso acreditar que uma sociedade civilizada incentiva a eliminação delas."

Os americanos gostam de resolver questões morais baseando-se em razões utilitárias. Mas Aristóteles argumentou em defesa da escravidão usando esse mesmo raciocínio. Em sua cruzada pela abolição da escravatura, William Wilberforce teve de se opor a filósofos utilitaristas como David Hume, que considerava os negros como inferiores, e também a líderes empresariais e a políticos que viam os escravos como um benefício para a economia. Os cristãos aliados a Wilberforce preferiram fazer um apelo moral, enfocando o

valor essencial dos escravos como seres humanos criados por Deus.

Os cristãos têm um papel importante a desempenhar argumentando que nenhuma vida humana é “desprovida de valor”. Nós podemos agir assim por meio de protestos destemidos, como aconteceu na Alemanha, bem como por meio do compassivo cuidado dos membros mais vulneráveis da sociedade, como fez Madre Teresa. Nas duas abordagens a teologia — o que alguém acredita acerca de Deus e da vida humana — tem importância. O mundo precisa desesperadamente dessa boa notícia.

Responsabilidade final e esperança

Num exemplo diverso, mais recente, o bispo Desmond Tutu viu-se arrastado para o centro de uma grande confusão moral na África do Sul. Nomeado por Nelson Mandela para dirigir a Comissão de Verdade e Reconciliação, ele ouvia diariamente testemunhos de perversos ataques perpetrados pelos dois lados durante o conflito. Enquanto ouvia, Tutu percebeu que suas crenças cristãs afetavam tudo o que ouvia e via.

> A teologia me fez lembrar que, por mais diabólico que fosse determinado ato, ele não transformava seu perpetrador num demônio. Nós tínhamos de distinguir entre o ato e o perpetrador, entre o pecado e o pecador, para odiar e condenar o pecado e para, ao mesmo tempo, nos enchermos de piedade pelo pecador. O fato é que, se era para abandonar os perpetradores considerando-os monstros ou demônios, então com isso estávamos deixando fugir pela janela a responsabilidade pelos atos que eles cometeram. Muito mais importante ainda, aquilo significava que nós abandonávamos toda esperança de eles serem capazes de mudar para melhor. A teologia dizia que, apesar da atrocidade de seus atos, eles ainda continuavam sendo filhos de Deus, com a capacidade de ainda se arrepender e mudar. Caso contrário, nós deveríamos, como comissão, ter encerrado nossas atividades.[25]

O que começou como um julgamento político tornou-se em vez disso, para Tutu, um curso avançado de teologia. A experiência o

convenceu de que os seres humanos vivem num universo moral e devem ser considerados responsáveis por seus atos, “pois o universo foi construído de tal maneira que, se não vivermos de acordo com suas leis morais, pagaremos um preço por isso”. Ao mesmo tempo, a comissão proporcionou um caminho: aqueles que “se arrependessem” admitindo honestamente seus crimes e pedindo desculpas às vítimas seriam postos em liberdade.

A Comissão de Verdade e Reconciliação afirmou para Tutu que o bem e o mal são reais e o nosso estilo de vida tem consequências duradouras. Ele concluiu: “Apesar de todas as provas que parecem dizer o contrário, não há como o mal e a injustiça e a opressão e as mentiras possam ter a última palavra”. Ao mesmo tempo, ninguém é irredimível: “Nessa teologia, não podemos nunca desistir de ninguém, porque o nosso Deus foi alguém que teve uma forte queda pelos pecadores”.

Depois de presidir a comissão por dois anos, o bispo Tutu deixou o cargo com sua fé fortalecida, e não estilhaçada. A África do Sul precisa de uma mensagem de responsabilidade e ao mesmo tempo de esperança, e sua comissão proporcionou exatamente isso.

Martin Luther King Jr. gostava de citar um abolicionista que dizia que o arco moral do universo é amplo, mas se curva na direção da justiça.[26] O presidente Barack Obama citou essa mesma frase no funeral de Nelson Mandela. A África do Sul e os Estados Unidos perceberam a verdade duradoura daquela frase no meu próprio tempo de vida.

Os indivíduos e as sociedades não são vítimas desamparadas da hereditariedade. Nós temos o poder de mudar — olhando não “para baixo” enfocando a natureza, mas “para cima” enfocando Deus, que consistentemente nos convida a avançar até nos tornarmos as pessoas que fomos projetados para ser. Um mundo confuso precisa desesperadamente de um modelo de como isso se apresenta. Se os cristãos deixam de prover esse modelo, quem o proverá?

Quarta Parte

FÉ E CULTURA

De pé sobre as ruínas de sua pátria Alemanha depois da Segunda Guerra Mundial, o pastor Helmut Thielickle perguntava: “Poderemos a longo prazo preservar o Ocidente cristão, se perdermos essa Figura que o sustenta, anima e inspira? Será possível preservar certas ideias cristãs acerca da humanidade, como amar o próximo, e a fé, se a figura do próprio Cristo desaparecer e nós tivermos em nossas mãos apenas cópias de cópias em vez do original?”.[1]

12

Parceiros incômodos: os cristãos e a política

As pessoas dizem que nós precisamos de religião, quando o que elas querem dizer que precisamos de polícia.

H. L. Mencken[2]

Em 2012, fiz uma turnê pela Croácia e a Bósnia-Herzegovina, dois dos países balcânicos em que se dividiu a antiga lugoslávia em meio a uma guerra brutal. A religião desempenhou um grande papel na violência quando católicos, ortodoxos e muçulmanos se enfrentaram uns aos outros. Para minha surpresa, quando cheguei lá meu editor disse que havia marcado um encontro com o presidente da Croácia, Ivo Josipović.

Guarda-costas de cabeça raspada, com fones de ouvido e *walkie-talkies*, nos receberam no portal do recinto arborizado e nos levaram em BMWs pretos para o palácio presidencial. Lá esperamos numa sala adornada, estilo Versalhes, que se abria para árvores esplêndidas em sua folhagem outonal sobre a cidade de Zagreb. Um escândalo de escuta telefônica apelidado de "Watergate Croácio" mantinha o presidente ocupado naquele dia, e assim por uma hora ficamos lá bebericando café forte e admirando a vista e as obras de arte nas paredes. Finalmente, fomos introduzidos no gabinete presidencial, onde ele nos saudou e desculpou-se pelo atraso.

Antes de ingressar na política, Josipović havia combinado uma carreira jurídica com um *hobby* de compor música clássica que ele levava muito a sério. Durante a campanha eleitoral, deixou claras

suas convicções religiosas agnósticas, o que atiçou a oposição da hierarquia católica. No entanto, durante seu mandato havia conseguido reunir representantes de todas as religiões da região — católicos, protestantes, judeus, ortodoxos orientais, muçulmanos — para trabalhar em prol da paz. Nesse processo, ele percebeu o sopro de antagonismo entre a religião e a política, bem como seu potencial de cooperação.

Meu editor local explicou o propósito de minha visita à Croácia (lançar traduções de dois livros meus) e falou de nossa visita a Sarajevo, onde Josipović havia recentemente feito um apelo pela paz e pela unidade entre líderes religiosos. Enquanto conversávamos, mencionei a observação do agnóstico filósofo alemão Jürgen Habermas: "Uma democracia liberal exige de seus cidadãos qualidades que ela não pode proporcionar".[3] No mesmo sentido, Martin Luther King Jr. disse que o governo pode exigir que um homem branco receba negros em seu restaurante e pode impedir que brancos linchem negros, mas nenhum governo pode forçar uma pessoa branca a *amar* uma pessoa negra. Isso exige uma transformação do coração, o terreno da religião.

Mencionei então pesquisas feitas nos Estados Unidos que mostravam um índice alto de trabalho voluntário e de doações de caridade e um índice baixo de crimes entre os que têm um robusto compromisso religioso. O presidente sorriu e perguntou-me maliciosamente: "Você está dizendo que os cristãos são melhores que os não cristãos como eu?". Não, repliquei, mas eles podem ser alguns de seus melhores cidadãos.

Alguns dias mais tarde, voltei para casa, onde acontecia a campanha da eleição presidencial de 2012 entre Barack Obama e Mitt Romney, a mais acirrada da história recente dos Estados Unidos. Os republicanos estavam fazendo fortes apelos aos evangélicos como uma base essencial (eles no fim conseguiram 80% dos votos evangélicos), às vezes caluniando o presidente em exercício. O âncora de um programa de entrevistas, um evangélico com um milhão de seguidores, declarou que Obama "despreza a Constituição" e "alimenta um ódio contra os brancos".[4] Seu

programa postou uma fotografia do rosto do presidente alterada com bigodes de Hitler e sobreposta a um fundo de suásticas.

O presidente Obama continuou falando de sua fé cristã ao mesmo tempo que 20% da nação o considerava muçulmano. Num longo artigo, o editor de religião da CNN explorou como Obama foi gradativamente recorrendo a evangélicos tais como Joel Hunter e T. D. Jakes como seus mentores espirituais.[5] Todas as manhãs ele começa o dia lendo meditações cristãs em seu celular e ora com líderes cristãos antes dos eventos mais importantes. No entanto, a caixa do meu *e-mail* continha mensagens de cristãos explicitando a crença de "devoto muçulmano" de Obama e seu marxismo secreto: "Ele está deliberadamente acabando com a economia dos EUA para criar uma falência sistêmica, uma crise econômica e um caos social — destruindo com isso o capitalismo e o nosso país de dentro para fora".

Eu não podia deixar de perguntar-me que volume dessa exagerada oposição dos evangélicos chegava à escrivaninha do presidente Obama.[6] Será, pois, de admirar que o Partido Democrata e os principais meios de comunicação lancem um olhar de suspeita sobre os cristãos? Apesar de tudo, minha visita aos Bálcãs fez as turbulentas disputas de meu país parecerem briga de família. Pelo menos não estávamos nos bombardeando e massacrando uns aos outros!

Com a cabeça cheia de pensamentos sobre a Croácia e os Estados Unidos, voltei novamente às questões sobre fé e política que há tanto tempo me interessam. Preocupo-me com essas questões em parte porque os não cristãos julgam a fé pela política, enfocando os evangélicos como sendo apenas outro estridente grupo de lobistas. A mídia com frequência usa a expressão "de direita" como um qualificativo inseparavelmente ligado aos evangélicos. James Davison Hunter diz: "É possível argumentar que, ao mesmo tempo que a Direita Cristã conseguiu e exerceu seu maior poder — culminando na eleição presidencial de 2004 —, esse movimento também gerou, contra a fé cristã, uma grande hostilidade, maior do que jamais aconteceu antes na história do

país".[7] Hunter acrescenta que os evangélicos da esquerda seguem um curso paralelo de envolvimento político, esperando que o governo ponha em vigor as políticas que lhes são caras.

Como deveriam os cristãos envolver-se com uma democracia que inclui uma diversidade de crenças e que se torna cada vez mais pós-cristã? E como viveremos na prática nossas convicções de uma forma que ainda transmita a graça?

Cristo e cultura

O próprio Jesus mostrou pouca preocupação com a política secular, referindo-se a Herodes como "aquela raposa" (Lc 13.32), provocando espanto em Pôncio Pilatos ao não fazer sua própria defesa e deixando-nos uma regra enigmática: "Deem a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Lc 20.25). Contrastando com isso, o apóstolo Paulo se valeu do pleno privilégio de sua cidadania romana. Enfrentou a cultura com a nova mensagem de Jesus, mostrando ao mesmo tempo respeito pela autoridade política. Prestou declarações perante autoridades imperiais e às vezes confiou em militares romanos para protegê-lo de seus inimigos religiosos. Já detido, apelou para que seu caso fosse julgado num degrau mais alto do sistema de justiça de Roma, onde teve seu interrogatório final com um desfecho trágico.

Resumindo, o Novo Testamento apresenta o governo como necessário, até ordenado por Deus, mas não certamente como um patrocinador ou amigo da fé. No fim das contas, Jesus, Paulo e a maioria dos doze discípulos morreram como mártires, e os primeiros cristãos enfrentaram ondas periódicas de perseguição promovidas por imperadores romanos.

Dois séculos mais tarde, os cristãos viram com gratidão e alívio a conversão do imperador Constantino, o qual conferiu *status* de proteção ao cristianismo, que logo se tornou a religião oficial do estado. Ao longo do milênio seguinte na Europa, a igreja e o estado interagiram como um par de dançarinos, ora presos num forte abraço, ora jogando um ao outro no salão do baile. A propagação

global do cristianismo introduziu novas variações no relacionamento igreja/estado em lugares como a África e as Américas.

Nos anos 1950, durante os mandatos de Eisenhower, mais ou menos na época em que se acrescentou na moeda dos EUA a inscrição “In God We Trust” [Em Deus confiamos], o teólogo H. Richard Niebuhr publicou um livro que se tornou clássico. *Cristo e cultura* descreve cinco abordagens diferentes de como religião e governo, ou igreja e estado, poderiam se relacionar entre si.

Niebuhr chamou à primeira abordagem “Cristo *acima* da cultura”, referindo-se a épocas em que a igreja exercia o poder real.[8] O Sacro Império Romano da Europa aperfeiçoou esse modelo: a realeza se ajoelhava diante do papa, e não vice-versa. No lado oposto do espectro, os anabatistas e outros grupos se separaram da cultura que os cercava; “Cristo *contra* a cultura” foi o rótulo que Niebuhr apôs a essa abordagem. A recusa dos dissidentes a prestar juramentos, tirar o chapéu para autoridades e servir no exército e em tribunais enfureciam seus governos, e em consequência disso os países europeus os perseguiram cruelmente. A América do Norte serviu de abrigo para muitos desses grupos, inclusive os quacres, os *amishs*, os menonitas e os huteritas.

O modelo de João Calvino, adotado pelos puritanos na América, exige Cristo para *transformar* a cultura, sintonizando a sociedade com os valores cristãos o máximo possível. Por volta dessa mesma época, os luteranos desenvolveram uma doutrina de Cristo “*em oposição*” à cultura. Na terra estamos sujeitos a dois reinos, disse Martinho Lutero: o reino de Deus e o reino do mundo.[9] (Obviamente, às vezes o governo pode pedir que os cristãos pratiquem o que vai contra as convicções deles, estabelecendo um conflito entre os dois reinos: na terra natal de Hitler, os soldados usavam a escusa: “Estávamos obedecendo ao reino secular”.)

Finalmente, um quinto grupo identifica Cristo *com* a cultura. Essa abordagem pode assumir muitas formas, tais como os grupos étnicos (os ortodoxos sérvios e os católicos croatas) que misturam religião e cultura. Niebuhr usou o movimento do Evangelho Social como um exemplo americano: enquanto trabalham para reformar a

sociedade, essas pessoas tendem a absorver a cultura que as cerca e com o tempo as características de sua fé podem desaparecer.

A leitura do livro de Niebuhr no meu tempo de faculdade fez que eu me sentisse iluminado, embora ainda confuso como sempre. Todas as cinco abordagens parecem ter algo a contribuir, e de fato eu poderia destacar exemplos bíblicos para cada uma, especialmente no Antigo Testamento. Reis como Davi e Salomão na prática combinaram igreja e estado. Os profetas denunciaram a cultura que os cercava — no entanto, mesmo na época em que o profeta Elias se opunha violentamente ao regime de Acabe, um "homem que temia muito o Senhor" chamado Abadias administrava o palácio desse rei ali abrigando, além disso, os verdadeiros profetas (1Rs 18.3). Amós e Oseias vociferaram contra o estado; Isaías atuou como uma espécie de profeta da corte. Daniel ocupou altos cargos em dois governos pagãos diferentes, e Neemias conduziu um destacamento da cavalaria persa.

O teólogo John Howard Yoder observou que os cristãos nunca abraçarão ou rejeitarão sinceramente a cultura.[10] Devemos, em vez disso, distinguir suas diversas partes. Rejeitaremos categoricamente alguns elementos (a pornografia, a tirania, o tráfico humano), aceitaremos outros dentro de certos limites (o comércio, o transporte, os impostos) e proporcionaremos uma nova motivação a outros (a vida em família, a educação, a promoção da paz). Usaremos alguns aspectos da cultura (a música, a arte, a linguagem), embora à nossa maneira, e promoveremos sinceramente certas atividades (hospitais para pacientes terminais, o cuidado dos órfãos, abrigos para os sem-teto, refeitórios sociais).

Há uma maneira que seja a melhor para os cristãos se relacionarem com a política e a cultura, especialmente numa democracia na qual temos voz por direito? Deveríamos nos confinar numa contracultura e devotar nossas energias ao reino de Deus, ou deveríamos trabalhar ativamente para transformar a sociedade? E, se nós escolhermos a segunda via, podemos fazê-lo de um modo que não sufoque nossa mensagem central de amor e graça? Assim Lesslie Newbigin formulou a pergunta: "Alguém que segue o

caminho da Cruz pode sentar-se na cadeira de Pilatos quando ela ficar vaga?”.[11]

Escrevo na esteira de um ano eleitoral em que candidatos cortejaram avidamente o voto evangélico. Com toda a conversa de Deus na política de hoje, os eleitores mais jovens podem ficar surpresos ao saber que o caso de amor entre os evangélicos e a política é um fenômeno recente. Na minha infância, igrejas conservadoras pouco se “misturavam” com a política, enfatizando em vez disso o comportamento pessoal e a preparação para a outra vida. Nos termos de Niebuhr, éramos na maioria Cristo-*contra*-a-cultura, e apenas na década de 1980 alguém começou a falar sobre uma *Maioria* Moral.

Nas décadas seguintes, emergiu um nítido padrão, como atestam muitas pesquisas: quanto mais se manifestaram os cristãos na arena política, tanto mais negativamente passaram a ser vistos. Até pouco tempo, uma grande maioria dentre os não comprometidos ainda via favoravelmente os cristãos. Agora, como já mencionei, uma minoria cada vez mais reduzida de jovens “de fora” tem uma impressão favorável do cristianismo, e apenas 3% têm uma impressão positiva dos evangélicos. Teriam os cristãos obscurecido a boa-nova com seus esforços de restaurar a moral para a cultura mais ampla?

O estado tem uma preocupação preponderante, a de controlar o mau comportamento: como impedir que os cidadãos se matem uns aos outros, arrombem casas, enganem clientes no mercado e cedam a uma licenciosidade sexual capaz de minar as famílias? O mundo moderno enfrenta um dilema. Em questões importantes, como as discutidas no capítulo anterior, a sociedade precisa muito de orientação moral. A religião parece um recurso óbvio, mas é uma fonte rejeitada por grande parte da sociedade secular. A mídia já trata as pesquisas de opinião como o árbitro principal em questões como comportamento sexual, aborto, pena de morte e suicídio assistido.

Em nações onde há um consenso religioso, a igreja e o estado podem se dar as mãos no incentivo de valores morais sobre os

quais ambos concordam. Por exemplo, em épocas mais religiosas, o rei britânico expediu um anúncio em prol do “Incentivo à Piedade e à Virtude, e pela Prevenção e Punição do Vício, da Profanidade e da Imoralidade”.[12] Mas o mundo mudou. Diversas sociedades mantêm hoje muitas religiões diferentes. A Iugoslávia rompeu-se em sete países por sua incapacidade de lidar exatamente com essa complicada situação.

O presidente Obama aborreceu alguns cristãos quando, numa visita à Turquia, disse que, embora os Estados Unidos tenham uma grande população cristã, “nós não nos consideramos uma nação cristã ou judia ou muçulmana; nós nos consideramos uma nação de cidadãos que estão ligados por ideais e por um conjunto de valores”.[13] Bastante justo, mas se os cristãos compõem a maioria, como acontece nos Estados Unidos, não deveriam eles exercer uma forte influência na determinação desses ideais e valores?

Cinco sugestões

A mudança na sociedade americana, que depois de admirar os cristãos passou a temê-los e a criticá-los, oferece uma oportunidade de autorreflexão. Como *temos* apresentado a mensagem em que acreditamos? Poderia haver uma forma mais imbuída de graça para isso?

Alguns querem concentrar-se na moral pessoal e deixar a moral pública ao cuidado dos políticos seculares. Outros procuram maneiras de guiar a cultura mais ampla e ao mesmo tempo comunicar a graça. Em vez de propor apenas um caminho, prefiro fazer uma série de observações e sugestões para consideração dos cristãos enquanto interagimos com um mundo que nem sempre compartilha nossos pontos de vista.

1. Choques entre Cristo e a cultura são inevitáveis

John Howard Yoder contou 51 situações distintas em que o próprio Jesus enfrentou injustiças,[14] e durante toda a história os seguidores dele percorreram o mesmo caminho. Os primeiros cristãos ajudaram a acabar com as práticas romanas das lutas de gladiadores e do

infanticídio e, a partir dessa época, eles lideraram campanhas morais contra abusos como a escravidão e o tráfico sexual. Até mesmo grupos separatistas precisam se envolver com a cultura — o pacifismo dos anabatistas, por exemplo, se impõe como uma poderosa declaração moral.

Os cristãos devem sempre discernir quais injustiças merecem um embate, mas uma retirada completa é ruim tanto para a igreja como para o estado. A Alemanha nazista submeteu ao mais rigoroso teste a doutrina dos dois reinos proposta por Lutero, um teste em que a igreja na sua maior parte fracassou. Praticando uma fé pessoal, sem nenhuma tradição de oposição ao estado, os líderes da igreja alemã esperaram até que fosse tarde demais para protestar. De fato, muitos líderes protestantes de início saudaram os nazistas como uma alternativa ao comunismo, e alguns adotaram um lema que hoje parece obsceno: "A Suástica no peito, a Cruz no coração".[15]

No fim, alguns cristãos tomaram consciência da ameaça. Martin Niemöller publicou uma série de sermões desafiadoramente intitulada *Christus ist mein Führer* ("Cristo [*e não Hitler*] é meu Guia").[16] Niemöller passou sete anos num campo de concentração; num outro, Dietrich Bonhoeffer foi executado. Acabou que cristãos fiéis integravam um dos poucos grupos dentro da Alemanha a opor-se a Hitler. Sindicatos, parlamento, políticos, médicos, cientistas, professores universitários, advogados — todos capitularam. Uma pequena mas determinada minoria de cristãos conscientes de sua lealdade a um poder superior resistiu, e sua corajosa atitude atraiu a atenção do mundo: de 1933 a 1937 o jornal *The New York Times* publicou cerca de mil reportagens sobre a luta da igreja alemã.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o lado oriental da Alemanha viu-se sob uma espécie diferente de governo totalitário: foi o início de quatro décadas de dominação soviética. Alguns anos atrás, entrevistei um pastor da Saxônia que relembrou as dificuldades que os cristãos enfrentaram sob o comunismo. Naquele tempo, seus filhos tinham limitadas oportunidades de educação, e ele precisava trabalhar como encanador para suplementar seu parco salário de pastor. Com a queda do muro de Berlim, tudo mudou. Embora

menos de 20% dos cidadãos da Saxônia fizessem agora parte da igreja, o pastor estima que 70% dos parlamentares são cristãos ativos, praticantes. Tendo vivido sob o nazismo e depois sob o comunismo, os cristãos rapidamente ocuparam um vácuo cultural para ajudar a recém-libertada sociedade a lançar os fundamentos da moral e do direito. Eles conhecem a fundo o que pode ocorrer quando os cristãos são excluídos da esfera pública.

Como o pastor aprendeu, trabalhar no seio da democracia apresenta uma espécie diferente de desafio. Implica trabalho cansativo e compromissos complicados. Stephen Monsma, um cristão que prestou serviços a uma legislatura do estado de Michigan, escreveu sobre as penosas lutas para aprovar em seu estado uma lei sobre dirigir embriagado — uma questão que pede um claro consenso moral. Ele compara sua visão original de fazer o bem a ficar sentado junto a uma aconchegante lareira em sua sala de estar escolhendo deliciosas verduras e lindas flores num catálogo de sementes; o verdadeiro trabalho, disse ele, se parece mais com as atividades do jardineiro cavando a terra, arrancando ervas daninhas e combatendo insetos.[17]

Há várias maneiras de envolver-se com a cultura. Alguns cristãos expressam suas convicções pró-vida fazendo piquetes; outros, fazendo trabalho voluntário em casas de saúde e em centros de orientação para grávidas; ainda outros trabalham para a organização Mothers Against Drunk Driving [Mães Contra Dirigir Alcoolizado] ou fazem campanhas contra a pena de morte. Alguns debatem questões éticas no seio da academia, enquanto outros assumem a tediosa tarefa de redigir leis.

A democracia sempre exige negociação e compromisso. Enquanto ocupava a chefia do Departamento de Saúde dos Estados Unidos, C. Everett Koop foi alvo da ira de colegas conservadores que defendiam a abordagem tudo ou nada em questões morais e se opunham a qualquer acordo sobre o aborto. Koop, que compartilhava com eles a férrea convicção de que todo aborto é errado, chegou a esta conclusão: “Um dos problemas do movimento pró-vida é que seus defensores são ‘cem porcentistas’.

Historicamente, é verdade que se o movimento pró-vida se tivesse sentando à mesa em, digamos, 1970 ou 1972, com os defensores do movimento pró-escolha, nós poderíamos ter chegado a um acordo sobre o aborto em casos de riscos de morte da mãe, de bebês defeituosos, estupros e incestos, e nada além disso; o que teria evitado 97% dos abortos cometidos desde aquela época".[18] Foi só depois de perder a batalha absoluta que o movimento pró-vida mudou de tática visando restringir em vez de abolir o aborto; depois disso, centenas dessas leis foram aprovadas em legislaturas estaduais.

A democracia moderna, que cresceu em solo cristão, nos obriga a reconhecer direitos de outros mesmo quando discordamos frontalmente das posições deles. Procuramos persuadir, mas não coagir. Mais ainda, o evangelho manda que eu ame o meu inimigo bem como o meu próximo. Nós cristãos podemos trabalhar com instituições, mas sendo sempre cautelosos com as limitações e sempre conscientes de nossa obrigação primária de amar. As instituições não podem realmente expressar amor; justiça é o máximo que elas conseguem.

2. Os cristãos deveriam escolher suas batalhas com sabedoria

O sociólogo Peter Berger escreveu sobre duas funções da religião: "manter o mundo" e "sacudir o mundo".[19] Os fundadores dos Estados Unidos reconheceram que a democracia, com menos controle de cima para baixo e mais liberdade, precisa de uma fundamentação religiosa para orientar e motivar seus cidadãos. Nas palavras de John Adams: "Nossa constituição foi feita apenas para um povo moral e religioso. Ela é totalmente inadequada para o governo de qualquer outro povo".[20] Os líderes da nação contavam com a igreja para o papel de manter este mundo, ensinando e equipando os cidadãos para um comportamento responsável.

Entretanto, quando a igreja assume a função de *sacudir* o mundo, ela deve fazê-lo com sabedoria e cuidado. Infelizmente, os cristãos envolvidos com a política tenderam a sair pela tangente. Nas décadas de 1840 e 1850, o apropriadamente denominado

“movimento do Não-Sei-Nada” demonizou os católicos e despertou histéricos temores contra eles. O historiador Mark Noll escreveu sobre a onda de protestos que surgiu em 1844 quando um bispo católico solicitou que as escolas católicas tivessem a permissão de ler sua própria versão da Bíblia em vez da versão King James; vândalos da Filadélfia queimaram várias igrejas católicas e mataram mais de uma dezena de pessoas.[21] Já em 1960, a Associação Nacional de Evangélicos incentivou todo o clero evangélico a proclamar, no Dia da Reforma Protestante [31 de outubro], os perigos de ter um presidente católico. Faltavam poucos dias para a eleição de John F. Kennedy.

A campanha moral da igreja que marcou sua época foi a lei da proibição da venda de bebidas alcoólicas, a Lei Seca, que absorveu dos cristãos protestantes mais energia que qualquer outro esforço político. Os líderes entendiam bem como funciona a democracia e como se consegue um consenso público. Seus defensores persuadiram o grande público de que o álcool tinha altos custos em termos de saúde, expectativa de vida, pobreza, colapso da família, trabalhadores ineficientes e deterioração social. A Lei Seca obteve êxito por causa da rígida educação e do habilidoso trabalho nos bastidores. As primeiras feministas juntaram-se à causa, engrossando as fileiras do movimento. Um partido da Lei Seca chegou a apresentar candidatos à presidência, e em duas décadas os Estados Unidos, que inicialmente contavam com cinco estados em que vigorava a Lei Seca, aprovaram uma emenda constitucional para toda a nação, que apenas dois estados deixaram de ratificar.

Durante cinco anos, a nação em geral obedeceu. Depois, o consumo de bebidas começou a aumentar, junto com o crime organizado e a corrupção. A legislação era severa demais e indispunha outros grupos religiosos, como os judeus e os católicos, que não viam nenhum problema na ingestão moderada de bebida. Em última análise, opina o historiador Paul Johnson, “o que inicialmente pareceu a maior vitória para o evangelicalismo americano transformou-se em vez disso em sua maior derrota”.[22] O fracasso dessa cruzada moral tirou os protestantes da arena

política, e somente no final do século 20 eles voltariam em grande número.

Quanto mais os cristãos se concentram em questões tangenciais, tanto menos seremos ouvidos em questões verdadeiramente importantes. Pouco ouço falar, da parte dos evangélicos, sobre o impacto da proliferação de armas em crimes violentos; menos ainda sobre uma questão como o desarmamento nuclear. Não ouço quase nada sobre serviços de saúde para os pobres e proteção de viúvas e órfãos, coisas ordenadas pela Bíblia. Apenas recentemente os evangélicos assumiram a causa do cuidado para com a criação. Os evangélicos alardeiam valores da família, mas quando uma administração propôs uma lei permitindo que mães tirassem licenças *não remuneradas* depois do parto, grupos religiosos conservadores se opuseram a ela.

Com demasiada frequência, a pauta de grupos religiosos se assemelha muito à de políticos conservadores — ou liberais —, e não às prioridades da Bíblia.

3. Os cristãos deveriam travar suas batalhas com sensatez

Mais uma vez os evangélicos não têm o melhor histórico. Certa ocasião, um engenheiro que trabalhava para a Christian Broadcasting Network [Rede de Televisão Cristã] usou um equipamento de transmissão via satélite para interromper o Canal da Playboy durante sua apresentação do filme *American Ecstasy* [Êxtase americano] com a seguinte mensagem: “Assim diz o Senhor seu Deus. Lembrem-se do dia de sábado para santificá-lo. Arrependam-se, pois o reino de Deus está próximo!”.[23] (Ele foi depois processado num tribunal federal.) O chefe dele, Pat Robertson, fez várias declarações estranhas ao longo dos anos, inclusive uma citação famosa sobre a agenda feminista: “o movimento político social contra a família que incentiva as mulheres a deixar o marido, matar os filhos, praticar a bruxaria, destruir o capitalismo e tornar-se lésbicas”.[24]

Para sermos ouvidos por uma sociedade pós-cristã já cética em matéria de religião, será necessária uma estratégia cuidadosa.

Devemos, nas palavras de Jesus, ser astutos como as serpentes e inocentes como as pombas. Temo que nossos descabidos pronunciamentos, nossos xingamentos e nossa gritaria — em suma, nossa falta de graça — se mostraram tão perniciosos que a sociedade já não nos procurará em busca da orientação de que ela precisa. Essas táticas, sem falar nos comentários acerca de furacões e atos terroristas como manifestações do julgamento de Deus,[25] minam a credibilidade de cristãos que se envolvem em questões de cultura.

Numa tática inteligente e digna de louvor, os cristãos protestantes formaram alianças com católicos, judeus e muçulmanos em torno de algumas questões. Todos esses grupos compartilham a crença num único Deus que revelou princípios morais que deveriam nortear nossa vida, e cada grupo tem alguma contribuição a fazer envolvendo a cultura. Tim LaHaye, que se apresenta como fundamentalista, concorda que "temos mais coisas em comum entre nós do que jamais teremos com os secularizadores deste país".[26] Não é nenhuma novidade ver rabinos ortodoxos, sacerdotes católicos e pastores evangélicos de braços dados em protestos diante de clínicas de aborto.

Cinquenta evangélicos e católicos romanos se encontraram com cinquenta judeus para identificar áreas de interesse mútuo: reforma da adoção, reforma do divórcio, oposição ao sexo e à violência gratuitos, educação do caráter nas escolas. E rabinos judeus provocaram alguns dos mais estridentes alarmes acerca dos perigos de uma sociedade puramente secular. O rabino Joshua Haberman escreveu um artigo muito discutido na revista *Policy Review* no qual ele, um sobrevivente da Alemanha de Hitler, disse: "Como judeu, eu divirjo daqueles que acreditam na Bíblia no que se refere à teologia, à agenda social de nosso país e a questões de políticas públicas. Às vezes me repugnam ataques de fanatismo e mesquinhez, assim como o rígido dogmatismo entre extremistas fundamentalistas. No entanto, muito maior que essas diferenças e objeções é o quadro comum de referência espiritual e moral que eu compartilho com os cristãos, inclusive com os fundamentalistas. A Bíblia deu à nossa

nação sua visão moral. E hoje o cinturão bíblico dos Estados Unidos é nosso cinto de segurança, a garantia permanente de nossos direitos e liberdades fundamentais".[27]

Um amigo meu da Inglaterra agitou um ninho de marimbondos entre os internos quando contratou um capelão para uma escola particular voltada para a formação do caráter. Muçulmanos e hindus saíram em sua defesa, embora o capelão fosse cristão. Esses líderes religiosos estão dispostos a deixar de lado suas diferenças em prol de uma causa comum porque sentem uma desesperada necessidade de uma visão moral compartilhada.

4. Ao envolver-se ativamente com a cultura, os cristãos deveriam distinguir o imoral *do* ilegal

O presidente Bill Clinton tentou estabelecer essa distinção. Como cristão, disse o presidente, ele procurava na Bíblia sua orientação em questões morais. Como presidente dos Estados Unidos, todavia, não podia propor automaticamente que tudo o que fosse imoral fosse declarado automaticamente ilegal. Um conhecido colunista americano aproveitou esse comentário e dedicou uma coluna inteira para atacar a "ética situacional e a falsa religiosidade" de Clinton.

Mas o presidente, sem dúvida nenhuma, estava certo. "Não cobiçarás" é uma questão moral que tem seu lugar como um dos dez mandamentos. Que municipalidade ou que governo nacional poderia impor uma lei contra o ato de cobiçar? A soberba é um pecado, é até mesmo a raiz do pecado, mas podemos nós torná-la ilegal? Jesus resumiu a lei do Antigo Testamento neste mandamento: "Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento" — que autoridade humana poderia policiar um mandamento dessa natureza?

Embora os cristãos tenham a obrigação de obedecer aos mandamentos de Deus, isso não significa que devemos *ipso facto* decretar esses mandamentos como leis. Nem mesmo a Genebra de João Calvino ousaria transformar o Sermão do Monte num código legal. O satírico autor americano já falecido Kurt Vonnegut escreveu:

“Por alguma razão, os cristãos que mais se pronunciam nunca mencionam as bem-aventuranças. Mas — muitas vezes com lágrimas nos olhos — eles exigem que os dez mandamentos sejam afixados em prédios públicos. E obviamente isso é Moisés, e não Jesus. Eu não ouvi nenhum deles exigindo que o Sermão do Monte, o das bem-aventuranças, fosse afixado em algum lugar”.[28]

Um presidente do Supremo Tribunal do Alabama ganhou as manchetes em 2001 quando desafiou as autoridades instalando em seu tribunal um monumento de granito de quase três toneladas que exibia os dez mandamentos. Os dez mandamentos são um fundamento pétreo no qual as leis devem se basear, explicou ele. Sendo cristão, eu também aceito os dez mandamentos como uma regra de vida estabelecida por Deus, especialmente desde que Jesus os reafirmou. Mas, enquanto contemplo a fotografia do juiz de pé ao lado do seu monumento, ocorre-me que apenas dois dentre os dez (“Não matarás” e “Não furtarás”) foram decretados como leis. Os outros oito, independentemente de sua importância, não podem ser codificados como leis por nenhuma sociedade pluralista.

Os cristãos atualmente debatem os prós e os contras dos direitos dos homossexuais — uma questão moral, como concordam os dois lados. Algumas décadas atrás, a Igreja da Inglaterra debateu uma questão com paralelos muito semelhantes: o divórcio. A Bíblia tem muito mais a dizer sobre a santidade do matrimônio e o erro do divórcio do que diz sobre a homossexualidade. C. S. Lewis chocou muita gente de sua época quando saiu em defesa da permissão do divórcio, considerando que nós cristãos não temos o direito de impor nossa moral a uma sociedade em todo o seu conjunto. Embora continuasse a se opor ao divórcio por razões morais, ele sustentou a distinção entre moral e legalidade.[29]

5. A igreja deve ser cautelosa em suas negociações com o estado

O historiador Edward Gibbon disse que na Roma antiga todas as religiões eram igualmente verdadeiras para o povo, igualmente falsas para os filósofos e igualmente úteis para o governo.[30] A

sociedade precisa do comedimento que a religião proporciona, e o estado a acolhe muito bem — desde que ele possa dar as cartas.

Os cristãos que apoiaram Hitler assustaram-se um dia ao saber que o governo alemão passaria então a indicar as autoridades da igreja. Logo se exigiu que todos os pastores prestassem um juramento de lealdade a Hitler e seu governo. Na Rússia, Stalin obrigou a igreja a ceder ao partido o pleno controle da instrução religiosa, a educação seminarística e a indicação de bispos. Na China de hoje, o governo comunista paga os salários dos pastores oficiais da Igreja das Três Autonomias, uma forma de mantê-los sob seu controle, e nomeia bispos católicos "ilícitos", que não têm a aprovação do Vaticano.

A igreja funciona melhor como uma força independente, sendo uma consciência para a sociedade que se mantém a uma distância segura do estado. Quanto mais perto ela chegar, tanto menos efetivamente ela pode desafiar a cultura ao seu redor e tanto mais perigosamente corre o risco de perder sua mensagem central. Jesus deixou aos seus seguidores a ordem de fazer discípulos em todas as nações. Nós não temos a obrigação de "cristianizar" os Estados Unidos ou qualquer outro país — o que, de qualquer modo, é um objetivo impossível.

Quando a igreja aceita como seu objetivo principal a reforma da cultura mais ampla, nós corremos o risco de obscurecer o evangelho da graça, tornando-nos mais um dos comerciantes de poder. É assim que muitos do mundo secular nos veem atualmente: como uma conspiração de direita decidida a aprovar leis contra eles. Nesse processo, eles perdem a boa-nova do evangelho de que Cristo morreu para salvar *pecadores*, para nos libertar da culpa e da vergonha a fim de que pudéssemos prosperar da maneira planejada por Deus

O estado com frequência usará a religião visando seus propósitos, mas quando isso acontece o próprio evangelho muda. A religião civil nos convida a compartilhar a glória militar; o evangelho nos chama para tomarmos a cruz. A religião civil nos oferece prestígio e influência; o evangelho nos convida a servir. A religião civil recompensa o sucesso; o evangelho redefine o sucesso e perdoa o

fracasso. A religião civil valoriza a reputação; o evangelho nos chama para sermos “loucos por causa de Cristo”.

Durante a época de Brezhnev, no ápice da Guerra Fria, Billy Graham visitou a Rússia e teve um encontro com o governo e os líderes da igreja. Os conservadores ocidentais o criticaram acerbamente por tratar os russos com tanta cortesia e respeito. Ele deveria ter assumido um papel mais profético, disseram eles, falando claramente contra os abusos dos direitos humanos e a liberdade religiosa. Um dos críticos disse: “Dr. Graham, o senhor fez a igreja retroceder cinquenta anos!”. Graham abaixou a cabeça e respondeu: “Sinto-me profundamente envergonhado. Eu estava tentando fazê-la retroceder dois mil anos”.[31]

13

Santa subversão

> Todo autor que se respeita e tem alguma importância é um sabotador: ele inspeciona o horizonte perguntando-se sobre o que escrever. Na maioria das vezes, escolherá algum tema proibido.
>
> Andrei Sinyavsky (dissidente russo)[1]

Pouco antes de sua morte, o romancista Graham Greene sentiu-se desiludido, chegando ao ponto do desespero. Ele vivera uma vida longa e dissoluta, tendo o tempo todo uma relação de amor e ódio com a Igreja Católica. Assombrado por Deus, contemplou um mundo moderno correndo o perigo de perder sua alma, uma perspectiva que lhe parecia a mais sombria de todas. Nesse estado de espírito melancólico, escreveu um de seus últimos contos, “A última palavra”, que se passa no futuro quando um governo do mundo terá exterminado todos os cristãos exceto um, o Papa João XXIX.

O papa, um patético velho aposentado, tem poucas lembranças de sua vida pregressa excetuando-se um crucifixo de madeira com um braço partido, que de algum modo ele manteve escondido das autoridades. Um dia, recebe uma intimação para apresentar-se ao general que governa o Mundo Unido. Um oficial uniformizado o ajuda a vestir uma sobrepeliz papal branca, relíquia histórica emprestada pelo Museu Mundial dos Mitos. Assim fantasiado, ele é conduzido à presença do general.

> “O último cristão. Este é um momento histórico”, diz o general, colocando um revólver sobre a mesa entre eles.
>
> “O senhor pretende me matar?”

> “Pretendo.”
>
> Foi alívio que o ancião sentiu, e não medo. Disse ele: “O senhor vai me mandar para onde muitas vezes eu quis ir nos últimos vinte anos”.
>
> “Para as trevas?”
>
> “Não, as trevas que eu conheci não eram a morte. Eram a simples ausência da luz. O senhor vai me mandar para a luz. Eu lhe sou grato.”
>
> [...] O general encheu duas taças. Sua mão tremia um pouco enquanto bebia. O ancião ergueu sua taça como num brinde. Proferiu em voz baixa algumas palavras que o general não conseguiu captar apropriadamente, numa língua que ele não entendia. “Corpus domini nostri...” Enquanto seu último inimigo cristão bebia, o general atirou.[2]

A história termina com esta frase: “Entre a pressão no gatilho e a explosão da bala, uma estranha e assustadora dúvida passou-lhe pela mente: será possível que aquilo em que esse homem acreditava é verdadeiro?”.

Medo mútuo

Volto para o ponto onde comecei, o grande divisor entre os cristãos e uma sociedade que parece cada vez mais pós-cristã. O medo cresce nos dois lados. O mundo secular vê os cristãos como uma ameaça, uma espécie de polícia da moral disposta a reformar a sociedade com suas próprias regras e a punir aqueles que se opõem a ela. Em contrapartida, os cristãos veem a si mesmos como uma minoria acuada resistindo contra forças hostis à religião — a visão de pesadelo do conto de Graham Greene.

O importante filósofo Alasdair MacIntyre pondera os conflitos dos últimos tempos e duvida que nós algum dia cheguemos a um consenso sobre as principais questões morais. Nossas diferenças em questões como a eutanásia, o aborto e a justiça social têm uma espécie de “natureza interminável”, escreve MacIntyre em *After Virtue* [Depois da virtude]. No clima atual, “a política moderna é uma guerra civil executada com outros meios”. Seu livro termina com uma nota ominosa:

> O que importa neste estágio é a construção de formas locais de comunidade no seio das quais a civilidade e a vida intelectual e moral possam ser sustentadas durante a nova idade das trevas que já paira sobre nós. [...] Desta vez, porém, os bárbaros não estão nos aguardando além das fronteiras; eles já vêm nos governando há algum tempo.[3]

Sua imagem evoca grande parte da história da igreja: cristãos da antiguidade escondidos e acuados enquanto bárbaros arrombam as portas de Roma; monges beneditinos enterrando pergaminhos manuscritos enquanto trevas caem sobre eles; fiéis russos e chineses adorando em segredo enquanto o Exército Vermelho ou a Guarda Vermelha ronda lá fora. Certos ou errados, alguns cristãos têm a sensação semelhante à de um cerco nos tempos modernos.

As ansiedades dos dois lados, o secular e o cristão, têm alguma base, embora eu não compartilhe o pessimismo extremo de Alasdair MacIntyre. Estou, todavia, preocupado sobre como vamos responder a outros num ambiente cheio de opiniões que se chocam. Preocupo-me com o desvanecimento da graça, a erosão de um evangelho que, para muitos, soa cada vez menos como uma boa-nova.

Em minha leitura do Novo Testamento, duas respostas me impressionam como algo fora dos limites estabelecidos. Primeiro, nós não ousamos bater em retirada para depois assumir uma posição defensiva, suspendendo uma ponte movediça contra os "bárbaros". De acordo com Jesus, uma recepção hostil por parte do mundo não deveria nos surpreender nem deter. "Vão! Eu os estou enviando como cordeiros entre lobos", advertiu ele dirigindo-se a um grupo de seguidores — *enviando-os,* e não *escondendo-os na segurança do aprisco* (Lc 10.3). Para complicar as coisas, ele nos mandou amar nossos inimigos, os próprios lobos. Como o livro de Atos deixa claro, os primeiros cristãos não recuaram diante da oposição violenta, mas corajosamente proclamaram a boa-nova que o mundo precisa ouvir.

Segundo, nós não ousamos concretizar os temores do mundo secular recorrendo ao poder. Quando os cristãos usam expressões como "reconquistar o país", "restaurar a moralidade" e "tornar a

América novamente cristã", estão empregando estereótipos da Inquisição e das Cruzadas — ou talvez construindo o tipo de teocracia religiosa que vem sendo perseguida pelos extremistas islâmicos de hoje.

Alguns anos atrás, um muçulmano me disse: "Eu li o Alcorão inteiro e nele não consigo encontrar nenhuma orientação de como os muçulmanos deveriam viver como uma minoria no seio de uma sociedade. Eu li o Novo Testamento inteiro e nele não consigo encontrar nenhuma orientação de como os cristãos deveriam viver como uma maioria". Ele enfatizou que o islamismo procura unificar religião e lei, cultura e política. Os tribunais impõem a lei religiosa (a *sharia*), e numa nação como o Irã os mulás, e não os políticos, detêm o verdadeiro poder.

Os Estados Unidos e seus aliados conduziram uma longa e custosa guerra no Afeganistão, em parte para libertar os afegãos da tirania de fanáticos do Talibã, que proibiram a educação de meninas, baniram toda música e promoveram espetáculos públicos semanais num estádio de futebol onde eles decepavam as mãos de ladrões e apedrejavam quem houvesse cometido adultério. Em alguns países islâmicos, a polícia moral espanca em público mulheres que dirigem um carro ou que ousam tomar um táxi desacompanhadas do marido. Exemplos como esses levam os secularistas a se acautelarem contra qualquer religião que ganhe poder.

Contrastando com isso, como o muçulmano me lembrou, os cristãos prosperam mais como uma minoria, uma contracultura. Historicamente, quando formaram uma maioria eles também cederam à tentação do poder de maneiras que vão claramente contra o evangelho. Carlos Magno condenou à pena de morte todos os saxões que não se convertessem, e em 1492 a Espanha decretou que todos os judeus se convertessem ao cristianismo ou que fossem expulsos do país. Os protestantes britânicos da Irlanda impuseram outrora uma pesada multa a quem não frequentasse a igreja, e delegados arrastavam católicos à força para igrejas protestantes. No oeste americano, houve sacerdotes que acorrentaram índios a bancos de igreja para obrigá-los a frequentar cerimônias religiosas.

Depois de tantos episódios desse gênero na cristandade, ficou claro que a religião aliada com excessiva intimidade ao estado leva ao abuso de poder. Grande parte da atual hostilidade contra os cristãos evoca a memória desses exemplos. A mistura da igreja com o estado pode funcionar por certo tempo, mas ela inevitavelmente provoca uma reação contrária, como a que se vê na Europa secular de hoje.

Com o tempo, os cristãos aprenderam que a fé cresce melhor de baixo para cima do que quando é imposta de cima para baixo. Observando os Estados Unidos da perspectiva da Europa e de seu longo histórico de fusão de igreja e estado, o historiador inglês Paul Johnson identifica isso como uma de nossas melhores contribuições: “A suposição do princípio voluntário, o princípio central do cristianismo americano, foi de que as convicções religiosas pessoais de indivíduos livremente reunidos em igrejas e atuando em associações voluntárias iriam gradual e necessariamente permear a sociedade pela persuasão e pelo exemplo”.[4]

Hoje, cristãos e muçulmanos enfrentam desafios opostos. Nós no Ocidente temos algo a aprender de culturas que não empurram a fé para as margens. Entrementes, as nações islâmicas têm algo a aprender do Ocidente cristão, que decidiu que a democracia liberal é a melhor maneira de proteger os direitos de minorias num mundo multicultural. Não aprender essas lições leva ao desastre, como está acontecendo no “choque de civilizações” nos dias atuais.

Exatamente aquilo que nós desaprovamos no islamismo, alguns cristãos ainda veem como algo tentador: eles também procuram poder político e um código legal que reflita a moralidade revelada. Será que os cristãos dos Estados Unidos ou de qualquer outra parte se voltarão de novo para um estilo coercitivo que impõe sua vontade ao resto da sociedade? Agir assim seria trair nosso fundador, que resistiu à tentação de ter autoridade sobre “todos os reinos do mundo” e que morreu como mártir nas mãos de um estado poderoso. Nas palavras de Miroslav Volf: “A imposição vai diametralmente contra a natureza básica da fé cristã, que na sua

essência tem a ver com doar a si mesmo — Deus se doando e os seres humanos se doando — e não com impor-se aos outros".[5]

A doação de si mesmo sempre implica risco. No entanto, esse é um risco que Deus correu concedendo aos homens a liberdade em primeiro lugar. Um respeito pela liberdade fez surgir o próprio termo *pós-cristão* para designar pessoas que em algumas partes optaram pelo abandono da fé. (É digno de nota o fato de que não existem sociedades "pós-muçulmanas", exceto em regiões onde o islamismo foi expulso à força.) Qualquer pessoa que deseja permanecer fiel a Jesus deve comunicar a fé como ele fez, não forçando sua aceitação, mas apresentando-a como a verdadeira resposta à sede fundamental.

Em vez de olhar com saudade para um tempo em que os cristãos exerciam mais poder, sugiro outra abordagem: sugiro que nos consideremos subversivos atuando no seio de uma cultura mais ampla. Às vezes Jesus agiu de formas subversivas: contra um estabelecimento religioso corrupto, purificando o templo impetuosamente; e contra um governo opressor, irrompendo de um túmulo vigiado.

Passo agora a rever como isso pode funcionar para nós hoje no âmbito das três categorias já sugeridas: peregrino, ativista e artista.

Peregrino

Graham Greene disse mais tarde, comentando seu conto, que na fração de um segundo de hesitação antes do disparo do revólver reside a esperança do mundo. Num incidente da vida real com assombrosos paralelos com "A última palavra", um dos assassinos da Escola Secundária Columbine apontou um revólver para uma de suas aterrorizadas vítimas e perguntou: "Você acredita em Deus?". Ela disse sim.[6] Aquele instante de coragem inspirou milhões de adolescentes e chamou a atenção de uma sociedade aturdida com esses atos de maldade. Talvez sua corajosa resposta até tenha causado uma fração de segundo de hesitação no atirador. Foi um perigoso ato de subversão que contrastou nitidamente com o calculado niilismo dos assassinos.

Quando o ano de 2013 chegava ao fim, Malcolm Gladwell, um dos membros da equipe de redação da revista *The New Yorker* e autor de campeões de venda como *Blink: A decisão num piscar de olhos, O ponto da virada* e *Fora de série,* manifestou-se publicamente sobre sua redescoberta da fé. Ele a atribui a uma visita que fez a um casal de Winnipeg, no Canadá, que perdeu a filha para um maníaco sexual. Depois da maior caçada humana da história da cidade, a polícia descobriu num galpão o corpo da adolescente, congelado, com as mãos e os pés amarrados. Numa entrevista coletiva logo após o funeral, o pai disse: “Nós gostaríamos de saber quem é ou quem são as pessoas que fizeram isso para que pudéssemos compartilhar, se possível, um amor que parece estar faltando na vida dessa gente”. A mãe acrescentou: “Eu não posso dizer, neste momento, que perdoo essa pessoa”, enfatizando *neste momento*. “Todos nós fizemos alguma coisa horrível em nossa vida, ou sentimos o impulso de fazer.”

A resposta desse casal, tão diferente de uma resposta comum de raiva e vingança, trouxe Gladwell de volta às suas raízes menonitas. Como ele mesmo diz: “Alguma coisa aconteceu comigo quando me sentei no quintal de Wilma Derksen. Ler num livro de histórias sobre pessoas empoderadas pela fé é uma coisa; outra coisa muito diversa é encontrar, no quintal de uma casa, uma pessoa comum que conseguiu fazer algo absolutamente extraordinário. A filha deles foi assassinada. E a primeira coisa que os Derksen fizeram foi permanecer de pé durante a entrevista coletiva e falar sobre o caminho para o perdão”. Ele acrescenta: “Talvez nós tenhamos dificuldade para ver as armas do espírito porque não sabemos onde procurar, ou porque estamos distraídos pela exigência estridente de vantagem material. Mas eu agora vi essas armas, e nunca mais serei o mesmo”.[7]

Nossa confusa sociedade precisa muito de uma comunidade de contraste, uma contracultura de peregrinos comuns que insistam em viver de um modo diferente. Nós podemos fazer o mundo parar e pensar antes de puxar um gatilho, ou de exigir vingança, ou de negligenciar os vulneráveis, ou de eutanasiar aqueles que ela

considera “desprovidos de valor”. Diferentemente da cultura popular, nós dispensaremos muita atenção aos que menos “merecem”, numa oposição direta à nossa cultura da celebridade que ressalta o sucesso, a riqueza e a beleza. “O mundo olha com certo espanto para uma pessoa que parece alheia e indiferente à sua casa, ao dinheiro, ao conforto, ao *status*, ou até mesmo ao poder e à fama”, disse Winston Churchill. “O mundo percebe, com certa apreensão, que há alguém fora de sua jurisdição; alguém para quem seus atrativos podem ser exibidos em vão.”[8] Aqui está um verdadeiro subversivo.

Agindo contra as normas da sociedade, os cristãos algumas vezes parecerão criadores de caso. Nós somos “estrangeiros e peregrinos”, segundo o apóstolo Pedro, chamados a subverter tudo aquilo que desonra Deus ou a quem carrega a imagem de Deus. Embora não venhamos a varrer do mundo todo o mal, podemos no mínimo apresentar uma bela alternativa.

Retorno continuamente ao resumo que Karl Barth fez da missão da igreja: “Erigir no mundo um novo signo que destoe radicalmente do próprio estilo de ser do mundo e o contradiz de uma forma muito promissora”. Nada idealista (ele viu em primeira mão a tépida resposta da igreja alemã a Hitler), Barth acrescentou um qualificativo à sua descrição da igreja: “Aquela comunidade que vai atravessando a história obedecendo e desobedecendo, entendendo e não entendendo o bem superior que Deus nos deu”.[9] Devemos sempre lembrar que nós trazemos a notícia daquele bem superior na qualidade de humildes peregrinos, e não de arrogantes agentes do poder.

Por algum motivo, os cristãos ganharam a reputação de serem moralmente superiores quando de fato nós só buscamos Deus depois de termos reconhecido nossa *inferioridade* moral. Como ensina o movimento da recuperação, a honestidade e a impotência nua e crua são o que nos conduz a Deus. A verdade, acerca de nós mesmos e acerca de nossa necessidade de ajuda externa, nos liberta. Não precisamos que as coisas estejam bem ou que a bondade seja obtida facilmente. Admitimos que somos carentes e

procuramos Deus em busca de uma visão clara e de uma força para subverter o mundo.

Em sua introdução ao livro de Tiago [em *A Mensagem*], Eugene Peterson explica esta alarmante verdade:

> Quando um grupo de cristãos forma uma igreja, tudo que pode acontecer de errado cedo ou tarde acontece. Os não crentes, que observam de fora, concluem que não há nada especial na religião, a não ser talvez um negócio — e um negócio desonesto. Quem vive na comunidade vê a situação de modo diferente. Assim como o hospital acolhe os enfermos sob um mesmo teto e os trata como tais, a igreja recebe pecadores. Muitos não estão internados em hospitais, mas são tão doentes quanto os que estão. A doença deles ou não foi diagnosticada ou está sendo acobertada. O mesmo acontece com os pecadores fora da igreja.
>
> Logo, as igrejas cristãs não são, normalmente, comunidades modelo de bom comportamento. Antes, são lugares em que o mau comportamento humano é denunciado, combatido e tratado.

Nisto consiste a graça: “Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores” (Rm 5.8). Os cristãos são simplesmente peregrinos que reconhecem que estão perdidos e desejam ajuda para encontrar o caminho certo. Ou, na analogia de Peterson, somos pacientes enfermos que encontramos um remédio e queremos apresentá-lo a outros.

Ativista

Alguns anos atrás, numa viagem para Londres, visitei o recém-inaugurado Museu George Friedrich Händel, localizado na casa tricentenária do compositor — que estranhamente também alberga um museu dedicado a Jimi Hendrix. Eu sabia da tendência à caridade por parte de Händel, pois seu oratório *O Messias* estreou na Irlanda como um meio de levantar fundos para a assistência hospitalar e carcerária. O museu mencionava o apoio desse músico imigrante dado a outra instituição de caridade, o Hospital dos Enjeitados de Londres.

No século 18, os pais de filhos indesejados simplesmente os abandonavam, e assim todas as manhãs carroças puxadas por

cavalos recolhiam nas ruas os corpos de crianças que haviam morrido congeladas ou em razão de alguma doença ou subnutrição. Sensibilizado por essa triste situação, um capitão marítimo doou uma soma inicial de dinheiro para criar uma combinação de orfanato/escola/hospital, e quando Händel soube dessa instituição em sua vizinhança, ofereceu-se para organizar um concerto beneficente. Foi um sucesso tão grande que ele passou a realizar uma apresentação anual de *O Messias* até sua morte, criando uma fonte vital de recursos para obras de caridade. Além disso, Händel doou um órgão de tubos, compôs para o Hospital dos Enjeitados de Londres o hino "Bem-aventurados são os que consideram os pobres" e fez parte do conselho diretor da instituição. Ao morrer, deixou para o orfanato uma cópia original da partitura de *O Messias* e vários outros escritos valiosos.

Um pastor da Coreia do Sul atual administra sua própria versão, em pequena escala, de um hospital para enjeitados. Lee Jong-rak cuida de um filho que nasceu com uma incapacitante paralisia cerebral, e muito o perturbou ficar sabendo que centenas de bebês que nascem com deficiências — surdez, cegueira, paralisia cerebral, síndrome de Down — são abandonados nas ruas de Seul todos os anos. Ele construiu uma engenhosa "caixa de depósito" no muro de sua casa. Vista de fora, parece uma caixa para depósitos fora do expediente bancário. Um pai ou uma mãe que deseja permanecer no anonimato pode abrir a caixa para bebês e depositar o infante indesejado num compartimento aquecido, provido de cobertores, equipado com um sensor de movimentos e um alarme. Ao ouvir um sinal de alarme, o Pastor Lee ou um voluntário vem recolher o bebê e o traz para dentro do abarrotado orfanato. Até dezoito bebês já foram depositados nessa caixa num único mês.

Todo cristão pode ser um ativista, em tempo integral ou parcial. Agindo de modo subversivo, colocamos em prática nossas crenças na medida em que elas vão contra a cultura ao nosso redor. Quando pais descartam filhos indesejados, os cristãos criam um lar para eles. Quando cientistas procuram maneiras de purificar o reservatório genético, os cristãos procuram bebês deficientes para adotá-los. Quando políticos cortam os fundos que beneficiam os

pobres, os cristãos abrem abrigos e postos de alimentação. Quando a aplicação da lei confina criminosos atrás de cercas de arame farpado, os cristãos administram programas em benefício deles.

Longe dos holofotes da mídia, os ativistas cristãos descobriram maneiras criativas de travar batalhas morais. A ONG Prison Fellowship International [Fraternidade Carcerária International] mostrou tal perícia que vários governos solicitaram que ela assumisse a administração de cárceres inteiros. Outra organização semelhante, a International Justice Mission (IJM) [Missão Justiça Internacional], combate o tráfico sexual no exterior trabalhando em conjunto com autoridades locais. Um representante da IJM tem notícia envolvendo um prefeito corrupto e visita seu gabinete. “Nós sabemos que o senhor está recebendo propinas de uma quadrilha de prostituição. E nós dois sabemos que suas leis proíbem essa atividade. Queremos impedir a exploração dessas mulheres, e podemos tratar disso de duas maneiras diversas. Podemos trazer câmeras e expor o senhor ao mundo da imprensa. Ou podemos transformar o senhor num herói, permitindo que participe conosco numa campanha pública para acabar com essa quadrilha. O senhor escolhe.”

Quando escrevo sobre essas organizações, muitas vezes sinto um súbito remorso por meu trabalho ser tão vicário. Embora possa visitar prisões e sedes da IJM e depois relatar as atividades deles, eu escrevo sobre eles na segurança da minha casa. Não estou me aventurando nas linhas de frente, como fazem esses ativistas. Conforta-me ligeiramente o fato de que minhas doações financeiras contribuem para o trabalho deles. E essas duas organizações dependem das orações de seus apoiadores. Por meio do trabalho voluntário, da oração e das contribuições financeiras, todos nós podemos participar do ativismo.

Alguns, porém, sentem uma vocação especial para ações mais extremas. Penso nos profetas do Antigo Testamento, ativistas da justiça. Às vezes eles se envolviam com atos de desobediência civil e às vezes agiam de modo bizarro a fim de chamar a atenção de uma sociedade entorpecida. (“Para os surdos vocês gritam, e para os quase cegos vocês desenham figuras enormes e assustadoras”,

disse a romancista católica Flannery O'Connor.[10]) O erudito Isaías viveu nu e descalço por três anos. Jeremias arrastava-se pelas ruas sob uma canga feita para bois, e numa ocasião convidou abstêmios à bebida para uma festa regada a vinho. Oseias casou-se com uma prostituta. Situações extremas exigem ações extremas, especialmente quando se lida com instituições.

Os profetas enfrentaram sozinhos as corruptas instituições do templo e do reino. Num contexto mais moderno, Reinhold Niebuhr traçou um contraste entre o indivíduo e a instituição (bancos, igrejas, o sistema militar, governos, corporações).[11] Nós pensamos no mal como sendo um traço individual, disse ele, mas de fato a instituição pode representar o mal maior, que mais resiste à mudança e que mais provavelmente vai abusar do poder. Como pode um cristão enfrentar instituições de uma forma que não venha a minar nossa mensagem de graça para as pessoas que administram essas instituições?

Na década de 1960, Martin Luther King Jr. lutou exatamente com essa questão. "Antes de ler Gandhi", disse ele, "eu tinha praticamente concluído que a ética de Jesus era eficaz apenas em relacionamentos individuais." Ele descobriu uma solução combinando o poder do amor descrito no Sermão do Monte com o método de Mahatma Gandhi da resistência pacífica. Viu que o ativismo podia de fato ser praticado de uma forma amorosa. "Passei a sentir que esse era o único método moral e politicamente seguro à disposição das pessoas oprimidas em sua luta por liberdade."[12] A criativa estratégia foi desde aquela época adaptada a muitas causas em muitos países.

As instituições não reagem bem a subversivos, como a biografia de King deixa claro. No entanto, sua campanha sem violência tem um efeito contínuo sobre toda uma sociedade muito tempo depois que seus adversários desapareceram da memória. A história da igreja viu muitos ativistas assumindo causas como a escravidão, o racismo, a guerra, a pobreza e os direitos da mulher. Gradativamente, como o derretimento de uma geleira, a mudança

acontece, e o que no início parecia subversivo torna-se um aspecto da paisagem que já se aceita.

Artista

O romancista católico Walker Percy descreve sua abordagem: “[Na arte] você está dizendo ao leitor ou ao ouvinte ou ao espectador algo que ele já sabe, mas sem saber exatamente que sabe, de modo que no ato da comunicação ele experimenta um reconhecimento, um sentimento de ter estado lá antes, um choque de reconhecimento”.[13]

A arte pode ser a mais eficaz tática de subversão. Para mim certamente foi. De maneiras diferentes, livros como *O sol é para todos, O senhor dos anéis* e *Os irmãos Karamazov* se esgueiraram contornando minhas defesas e atingiram-me direto no coração. Minhas primeiras leituras subverteram o frágil mundo do fundamentalismo no qual fui criado. Mais tarde, a grande arte me chamou de volta para a fé com um súbito choque de reconhecimento.

Tony Rossi, um blogueiro do *site* Patheos, surpreendeu-se ao receber comentários favoráveis de ateus confessos em resposta à sua resenha da versão para o cinema de *Os miseráveis*. “Essa é a única história cristã com a qual já me identifiquei e amei”, escreveu um deles. Ele admitiu seu forte ressentimento contra o cristianismo, mas amou o musical porque Jean Valjean mostrou todas as virtudes cristãs sem ser desagradável ou condescendente. Outro comentou melancolicamente: “Embora pense que, uma vez perdida, a fé é praticamente irrecuperável, acho essa história muito tocante, e, em primeiro lugar, se mais cristãos houvessem agido como Jean Valjean e o bispo e menos como Javert, talvez eu nunca tivesse perdido a fé”.[14]

Assim que Victor Hugo escreveu o romance, alguns de seus compatriotas franceses alegaram que ele tratava a igreja com excessiva brandura. O filho do autor queria que ele substituísse o misericordioso bispo que perdoou Jean Valjean por um advogado ou um médico. O romancista, porém, decidiu retratar um bom

sacerdote que de fato põe em prática a mensagem cristã da graça e da redenção.[15] Um século e meio depois, as plateias ainda reagem à história, que começou como um romance e ganhou nova vida como um dos musicais mais populares de todos os tempos.

A arte envolve uma troca entre duas partes: o criador e o receptor. C. S. Lewis explica o ato da leitura como sendo "menos preocupado em mudar nossas opiniões pessoais — embora esse seja às vezes seu efeito — do que em entrar plenamente em contato com as opiniões, e portanto também com as atitudes, sentimentos e experiência total" do autor.[16] Enquanto estou lendo um bom livro, suspendo temporariamente minha vida e entro num mundo imaginativo criado para mim. Antes disso, o autor percorreu um caminho quase inverso: entrando em contato com as atitudes, sentimentos e experiência total do leitor. E aqui, creio eu, está o ponto em que os cristãos muitas vezes erram em suas tentativas de comunicar a fé: nós deixamos de levar em conta o ponto de vista da outra parte.

Alexander Soljenítsin aprendeu uma lição importante depois de sua libertação do *gulag*, quando seus escritos começaram a aparecer nas revistas literárias soviéticas. Em sua biografia ele relembra: "Depois, quando inesperadamente saí do submundo e comecei a suavizar minhas obras para o mundo exterior, expurgando-as de tudo aquilo que meus compatriotas, como era de esperar, dificilmente poderiam de imediato engolir, descobri para minha surpresa que uma peça literária só tinha a ganhar, que sua eficácia era realçada, na medida em que seus tons mais duros eram suavizados".[17]

A leitura de livros religiosos às vezes me traz à mente a travessia de um túnel de um quilômetro de extensão. No interior do túnel, os faróis do carro proporcionam uma iluminação indispensável, sem a qual eu poderia descambar perigosamente e bater contra as paredes do túnel. Mas, quando saio dele, preciso do sinal "Verificar Faróis" para me lembrar de que eles ainda estão acesos. Os livros cristãos geralmente são escritos da perspectiva de quem está fora do túnel, na ofuscante luz do dia. Tendo essa vantagem, o escritor

facilmente se esquece da escuridão intensa do interior do túnel onde moram muitos dos leitores.

Como comentou um ateu no *blog* sobre *Os miseráveis*, “Os modernos contistas cristãos parecem evitar o medo e o desespero porque a expressão desses sentimentos poderia indicar uma falta de fé. Pelo contrário, a evasão desses sentimentos simplesmente encobre a religião e a faz parecer fraca”.[18] Um dos personagens de John Updike em *As bruxas de Eastwick* expressa uma ideia semelhante com menos delicadeza: “Eu quero que a arte me mostre alguma coisa, me diga onde estou, mesmo que se trate do inferno”.[19] A dúvida deve soar como verdadeira dúvida, e não uma caricatura. Caso contrário, a literatura cristã só será lida por quem estiver predisposto a crer.

Sempre que preciso de um bom modelo, lanço mão da Bíblia. Deus deve amar a arte, pois a maior parte da Bíblia está expressa em forma de histórias ou poemas. E ninguém poderia acusar os autores de Samuel, Reis ou Crônicas de encobrir a história, ou o livro de Jó de sentimentalizar o sofrimento. Que protagonistas da literatura apresentam uma mistura mais sutil do bem e do mal que Davi ou Jacó? Do desespero de Eclesiastes às histórias de conversão de Atos, a Bíblia apresenta o espectro completo da dúvida e da fé, da luta e da resolução, do pecado e da redenção. Num livro de escritura sacra essa mensagem por si só é subversiva.

Artista consumado, Jesus transmitiu suas mais duradouras verdades na forma de parábolas, histórias caseiras criadas de experiências do dia a dia de seus ouvintes. “Conte toda a verdade, mas conte obliquamente”, escreveu Emily Dickinson. “A verdade deve deslumbrar aos poucos / Se não, todo mundo fica cego.”[20] Eugene Peterson, que tomou a frase emprestada para seu livro *Tell It Slant* [Conte obliquamente], observa que, perto do fim da vida, a linguagem de Jesus se torna ainda mais oblíqua. “Em vez de uma altissonante retórica, pedindo decisões imediatas antes que seja demasiado tarde, ele mal menciona o nome de Deus, preferindo em vez disso falar de vizinhos e amigos, de uma ovelha perdida e de cortesias de hospitalidade.”[21]

Peterson descreve um contraste com os comunicadores cristãos dos dias atuais. “Por ser ela muito mais clara e focada, nós empregamos a linguagem aprendida de sermões e ensinamentos para dizer aos outros o que é eternamente importante. Mas a própria intensidade da linguagem pode muito bem reduzir a atenção que dispensamos às pessoas a quem estamos dirigindo a palavra — ele, ou ela, já não é uma pessoa, mas uma causa.”

Uma parábola moderna

Peregrino, ativista, artista — qualquer que seja a nossa vocação, nós nos unimos para proclamar a boa-nova que Deus nos encarregou de anunciar ao mundo. Como ressalta Karl Barth, a igreja tem feito isso erraticamente, “na obediência e na desobediência, no entendimento e no desentendimento do sumo bem que Deus nos deu”.[22] Uma sociedade pós-cristã é rápida em nos lembrar de nossas falhas, que nós deveríamos humildemente reconhecer. No entanto, onde quer que o evangelho tenha criado raízes, ele deu frutos. Muitas coisas que valorizamos no mundo moderno — liberdade, democracia, educação, cuidados com a saúde, justiça social — remontam a uma origem cristã. A menor das sementes na horta se tornou uma grande árvore na qual as aves do céu vêm fazer seu ninho.

Os seguidores de Cristo não precisam viver com medo, mesmo quando parece que a sociedade pode estar se voltando contra nós. Descansamos confiando plenamente que Deus, controlador da história humana, terá a última palavra. “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo e ele reinará para todo o sempre” (Ap 11.15). Cada um de nós faz sua parte, amando os outros como Deus nos ama, cuidando do mundo como administradores de um bondoso patrão. O fermento se espalha, o sal preserva, a árvore sobrevive, até mesmo em épocas sombrias e agourentas.

Este capítulo começa com um excerto de “A última palavra”, de Graham Greene, que ele escreveu em 1988. Pessimista em relação ao que estava por vir, Greene pintou um quadro exagerado de um Mundo Unido determinado a destruir a última alternativa

remanescente à sua autoridade. De fato, porém, a história de Greene agora parece singularmente ingênua, pois seu melhor modelo para o Mundo Unido — os regimes comunistas que sistematicamente tentaram eliminar a fé religiosa — ruiu num monte de escombros em 1989, um ano depois que ele escreveu sua história.[23]

Um vizinho meu visitou a Rússia antes e depois da queda do comunismo por lá. Durante sua visita em 1983, alguns exuberantes jovens turistas foram presos por exibirem uma faixa na Praça Vermelha na qual estava escrito em grandes caracteres a tradicional saudação do Domingo de Páscoa: “Cristo ressuscitou!”. Soldados cercaram esses subversivos que cantavam hinos, rasgaram sua faixa e os arrastaram da praça para a cadeia. Em 1993, exatamente uma década depois daquele ato de desobediência civil, meu vizinho novamente visitou a Praça Vermelha no Domingo de Páscoa. Dessa vez, por toda a praça os russos estavam livremente se cumprimentando uns aos outros: “Cristo ressuscitou! Ressuscitou de verdade!”.

Naquele mesmo ano, o Teatro Bolshoi patrocinou uma apresentação de *O Messias* de Händel, transmitida pela televisão estatal. No fechamento da apresentação, o maestro ergueu uma enorme cruz ortodoxa, e o primeiro soprano anunciou para uma plateia de toda a nação que o Redentor de fato vive. “Que música linda é aquela?”, perguntaram durante o concerto os anfitriões russos do meu vizinho. Eles nunca haviam ouvido *O Messias* de Händel, proibido na Rússia por sete décadas. (A história se repete: em 2008, o governo comunista da China proibiu apresentações públicas de *O Messias* e de outras composições musicais religiosas do Ocidente.)

A fé sobreviveu na Rússia não por causa de uma luta pelo poder entre a igreja e o estado, mas porque poetas no *gulag*, fiéis *babuchkas*, sacerdotes perseguidos e peregrinos comuns mantiveram acesa a chama durante os dias mais sombrios. Como escreveu o apóstolo Paulo: “Irmãos, pensem no que vocês eram quando foram chamados. Poucos eram sábios segundo os padrões

humanos; poucos eram poderosos; poucos eram de nobre nascimento. Mas Deus escolheu o que para o mundo é loucura para envergonhar os sábios, e escolheu o que para o mundo é fraqueza para envergonhar o que é forte. Ele escolhe o que para o mundo é insignificante, desprezado e o que nada é, para reduzir a nada o que é, a fim de que ninguém se vanglorie diante dele" (1Co 1.26-29).

Entrevistei alguns dos fiéis em lugares como a Rússia, a China, o Cazaquistão, a Ucrânia, a Albânia e a Romênia. "Por que vocês correram esse risco?", pergunto eu. "Por que escolheram seguir Jesus quando o governo, seus professores e talvez até mesmo a família de vocês insistiam que tudo aquilo era mentira?" Muitas e muitas vezes ouvi respostas com duas vertentes. Os entrevistados falam de sua sede espiritual, um anseio interno que nenhuma ruidosa propaganda consegue sufocar. E eles depois me falam de um cristão humilde que os amou, que lhes apresentou a possibilidade de um poder que foi capaz de ajudá-los na sua batalha contra o álcool ou as drogas ou a falta de sentido ou qualquer outro demônio que os estivesse atormentando.

Um dos fiéis, um dos mais renomados escultores da União Soviética, que havia projetado o túmulo de Nikita Khrushchev, acabou sendo forçado a exilar-se na Suíça. "Se eu não tivesse saído [da Rússia]", declarou Ernst Neizvestny, "o artista em mim teria morrido."[24] Conhecendo o talento do escultor, as autoridades tentaram no início se apossar dele. "Nós precisamos de Neizvestny", disse uma autoridade, "mas não podemos usá-lo. Precisamos criar um Neizvestny comunista."

Sua ruptura final com o regime aconteceu por causa de uma encomenda que ele executou para um prédio do Partido Comunista. Neizvestny construiu uma enorme estátua, de uns quinze metros de altura por quinze de largura, que cobria toda a fachada do prédio. Apresentou o projeto em várias partes, e cada uma delas foi aprovada por autoridades do Partido. Somente quando a obra foi descerrada em sua totalidade as autoridades perceberam — e se sentiram horrorizadas. Uma enorme cruz cobria a frente do quartel-general do Partido Comunista.

“Uma cruz?”, disse Neizvestny. “Vocês não percebem que é um rosto?” Mas, conhecendo suas convicções cristãs, as autoridades tomaram aquilo como uma cruz e o expulsaram do país.

A cruz permaneceu onde estava. O estado que se opunha a ela não.

Bibliografia

Allen, William R., ed. *Conversations with Kurt Vonnegut.* University, MS: University Press of Mississippi, 1988.

Anderson, David Robert. *Losing Your Faith, Finding Your Soul: A Guide to Rebirth When Old Beliefs Die.* Colorado Springs: Convergent, 2013.

Arnold, Matthew. *Poetical Works of Matthew Arnold.* Nova York: Macmillan, 1905.

Assayas, Michka. *Bono: In Conversation with Michka Assayas.* Nova York: Riverhead, 2005.

Auden, W. H. *Prose, Volume III, 1949-1955*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2008.

_____ . *The Collected Poetry of W. H. Auden.* Nova York: Random House, 1945.

Baillie, Gil. *Violence Unveiled: Humanity at the Crossroads.* Nova York: Crossroad, 1997.

Barth, Karl. *Dogmatics in Outline.* Nova York: Harper & Row, 1959.

Barth, Karl; Torrance, Thomas Forsyth. *Church Dogmatics The Doctrine of Reconciliation, Volume 4, Part 3.2*: *Jesus Christ, the True Witness.* Nova York: T&T Clark International, 2004.

Bellah, Robert. *Habits of the Heart: Individualism and Commitment in American Life.* Nova York: Harper & Row, 1985.

Benner, David G. *Sacred Companions: The Gift of Spiritual Friendship and Direction.* Downers Grove, IL: InterVarsity, 2002.

Berger, Peter. *A Sacred Canopy: Elements of a Sociological Theory of Religion.* Nova York: Anchor, 1990. [Publicado no Brasil sob o

título *O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião.* São Paulo: Paulinas, 1985.]

Bergman, Ingmar. *The Magic Lantern: An Autobiography.* Nova York: Viking Penguin, 1988. [Publicado no Brasil sob o título *Lanterna mágica.* São Paulo: Cosac Naify, 2013.]

Berkhof, Louis. *Systematic Theology.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1941. [Publicado no Brasil sob o título *Teologia sistemática.* São Paulo: Cultura Cristã, 2013.]

Bolz-Weber, Nadia. *Pastrix: The Cranky, Beautiful Faith of a Sinner and Saint.* Nova York: Jericho, 2013.

Bonhoeffer, Dietrich. *Spiritual Care.* Philadelphia: Fortress Press, 1988.

Botton, Alain de. *Religion for Atheists: A Non-believer's Guide to the Uses of Religion*. Nova York: Pantheon, 2012. [Publicado no Brasil sob o título *Religião para ateus.* Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.]

Branscomb, Anne W. *Who Owns Information?: From Privacy to Public Access.* Nova York: Basic Books, 1994.

Brooks, Arthur C. *Who Really Cares: The Surprising Truth About Compassionate Conservatism*. Nova York: Basic Books, 2006.

Brown, Robert McAfee. *Persuade Us to Rejoice.* Louisville, KY: Westminster/John Knox, 1992.

_____ . *Unexpected News: Reading the Bible with Third World Eyes.* Philadelphia: Westminster, 1984.

Buechner, Frederick. *Secrets in the Dark: A Life in Sermons.* Nova York: Harper-One, 2006.

Bunyan, John. *The Pilgrim's Progress*. Londres: Penguin, 1988. [Publicado no Brasil sob o título *O peregrino.* São Paulo: Mundo Cristão, 2006.]

Campbell, Will D. *Soul Among Lions: Musings of a Bootleg Preacher*. Louisville, KY: Westminster John Knox, 1999.

Camus, Albert. *The Myth of Sisyphus and Other Essays*. Nova York: Vintage, 1991.

_____ . *The Stranger.* Nova York: Vintage, 1954. [Publicado no Brasil sob o título *O estrangeiro.* Rio de Janeiro: Record, 1999.]

Cheshire, Michael. *How to Knock Over a 7-Eleven and Other Ministry Training.* N. P.: Cheshire, 2012.

Chesterton, G. K. *The Everlasting Man.* Nova York: Image, 1955. [Publicado no Brasil sob o título *O homem eterno.* São Paulo: Mundo Cristão, 2010.]

Churchill, Winston. *Never Give In!: The Best of Winston Churchill's Speeches.* Nova York: Hyperion, 2003.

Claiborne, Shane. *Irresistible Revolution: Living as an Ordinary Radical.* Grand Rapids, MI: Zondervan, 2006. [Publicado no Brasil sob o título *Revolução irresistível: Gente comum, vida radical.* São Paulo: Garimpo Editorial, 2014.]

Clark, Kelly James, ed. *Philosophers Who Believe: The Spiritual Journeys of 11 Leading Thinkers.* Downers Grove, IL: InterVarsity, 1993.

Coles, Robert. *Simone Weil: A Modern Pilgrimage.* Reading, MA: Addison-Wesley, 1987.

Collins, Francis S. *Language of God: A Scientist Presents Evidence for Belief.* Nova York: Free Press, 2006. [Publicado no Brasil sob o título *A linguagem de Deus: Um cientista apresenta evidências de que Ele existe.* São Paulo: Gente, 2007.]

Colson, Charles; Pearce, Nancy. *How Now Shall We Live?* Wheaton, IL: Tyndale House, 1999. [Publicado no Brasil sob o título *E agora, como viveremos?* Rio de Janeiro: CPAD, 2000.]

Corn, Alfred, ed. *Incarnation: Contemporary Writers on the New Testament.* Nova York: Viking Penguin, 1990.

Crouch, Andy. *Playing God: Redeeming the Gift of Power.* Downers Grove, IL: InterVarsity, 2013.

Curtis, Brent; Eldridge, John. *The Sacred Romance: Drawing Closer to the Heart of God.* Nashville, TN: Nelson, 1997.

D'Souza, Dinesh. *What's So Great About Christianity.* Washington, DC: Regnery, 2007. [Publicado no Brasil sob o título *A verdade sobre o cristianismo: Por que a religião criada por Jesus é moderna, fascinante e inquestionável.* São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2008.]

Darwin, Charles. *Autobiographies.* Nova York: Penguin, 1974.

Davies, Paul. *God and the New Physics.* Nova York: Touchstone, 1983.

Dawkins, Richard. *A Devil's Chaplain: Reflections on Hope, Lies, Science, and Love*. Nova York: First Mariner, 2003. [Publicado no Brasil sob o título *O capelão do Diabo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.]

_____ . *River Out of Eden: A Darwinian View of Life.* Nova York: Basic Books, 1996. [Publicado no Brasil sob o título *O rio que saía do Éden: Uma visão darwiniana da vida.* Rio de Janeiro: Rocco, 1996.]

_____ . *The Selfish Gene.* Nova York: Oxford University Press, 2006. [Publicado no Brasil sob o título *O gene egoísta.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.]

Detweiler, Craig. *A Purple State of Mind.* Eugene, OR: Harvest House, 2008.

Dickinson, Emily. *The Laurel Poetry Series: Emily Dickinson*. Nova York: Dell, 1960.

Drummond, Henry. *The Greatest Thing in the World and 21 Other Addresses.* Londres: Collins, 1966.

Durant, Will e Ariel. *The Lessons of History.* Nova York: Simon & Schuster, 1968.

Eiseley, Loren. *The Immense Journey.* Nova York: Vintage, 1959. [Publicado no Brasil sob o título *A imensa jornada.* São Paulo: Cultrix, 1964.]

Eliot, T. S. *The Complete Poems and Plays: 1909-1950.* Nova York: Harcourt, Brace, 1952.

Ellul, Jacques. *Reason for Being: A Meditation on Ecclesiastes.* Trad. de Joyce M. Hanks. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990.

Feinberg, Leonard. *Hypocrisy: Don't Leave Home Without It.* Boulder, CO: Pilgrim's Process, 2002.

Flew, Anthony. *There Is a God: How the World's Most Notorious Atheist Changed His Mind*. Nova York: HarperCollins, 2007.

[Publicado no Brasil sob o título *Ateu garante: Um Deus existe.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.]

French, Marilyn. *The Women's Room.* Toronto: Random House of Canada, 1988.

Gibbon, Edward. *History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. 1. Londres: Penguin, 1994. [Publicado no Brasil sob o título *Declínio e queda do Império Romano.* Ed. abreviada. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.]

Gilbert, Elizabeth. *Eat, Pray, Love.* Nova York: Penguin Books, 2006. [Publicado no Brasil sob o título *Comer, rezar, amar.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.]

Gill, Anthony. *Rendering unto Caesar: The Catholic Church and the State in Latin America.* Chicago: University of Chicago Press, 2008.

Gish, Steven. *Desmond Tutu: A Biography*. Westport, CT: Greenwood, 2004.

Greene, Graham. *A Burnt-Out Case*. Nova York: Bantam Books, 1960.

_____ . *The Last Word and Other Stories.* Nova York: Penguin, 1990. [Publicado no Brasil sob o título *A última palavra e outras histórias.* Rio de Janeiro: Record, 1995.]

Hammarskjöld, Dag. *Markings.* Trad. de Leif Sjöberg e W. H. Auden. Nova York: Random House, 1993.

Hauerwas, Stanley. *Hannah's Child: A Theologian's Memoir.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2010.

Hawking, Stephen. *A Brief History of Time.* Nova York: Bantam, 1996. [Publicado no Brasil sob o título *Uma breve história do tempo: Do Big Bang aos buracos negros.* Rio de Janeiro: Rocco, 2002.]

Heaney, Seamus. *The Government of the Tongue: Selected Prose, 1978-1987.* Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1989.

Hewett, James S. *Illustrations Unlimited.* Wheaton, IL: Tyndale House, 1988.

Hewitt, W. E. *Base Christian Communities and Social Change in Brazil.* Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1991.

Himmelfarb, Gertrude. *The De-Moralization of Society: From Victorian Virtues to Modern Values.* Nova York: Vintage, 1996.

Hitchens, Peter. *The Rage Against God*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010.

Hoag, Wayne. *The One Another Project.* Maitland, FL: Xulon Press, 2012.

Hoffer, Eric. *True Believer: Thoughts on the Nature of Mass Movements.* Nova York: HarperCollins, 2010.

Hunter, James Davison. *Before the Shooting Begins: Searching for Democracy in America's Culture War.* Nova York: Free Press, 1994.

_____ . *Culture Wars: The Struggle to Define America.* Nova York: Basic Books, 1991.

_____ . *To Change the World: The Irony, Tragedy, and Possibility of Christianity in the Late Modern World.* Nova York: Oxford University Press, 2010.

Hyde, Lewis. *The Gift: Creativity and the Artist in the Modern World.* Nova York: Vintage, 2007. [Publicado no Brasil sob o título *A dádiva: Como o espírito criativo transforma o mundo.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.]

Isaacson ,Walter. *Steve Jobs.* Nova York: Simon & Schuster, 2011. [Publicado no Brasil sob o título *Steve Jobs.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011.]

_____ . *Einstein: His Life and Universe.* Nova York: Simon & Schuster, 2007. [Publicado no Brasil sob o título *Einstein: Sua vida, seu universo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.]

James, William. *The Varieties of Religious Experience.* Nova York: Modern Library, 1936. [Publicado no Brasil sob o título *As variedades da experiência religiosa.* São Paulo: Cultrix, 1991.]

John, J. *Just 10: God's Timeless Values for Life Today.* Rickmansworth, UK: Philo Trust, 2013.

Johnson, Byron. *More God, Less Crime: Why Faith Matters and How It Could Matter More.* West Conshohocken, PA: Templeton, 2011.

Johnson, Paul. *A History of Christianity.* Nova York: Atheneum, 1976. [Publicado no Brasil sob o título *História do cristianismo.* São Paulo: Imago, 2001.]

_____ . *The Quest for God: A Personal Pilgrimage.* Nova York: Harper Perennial, 1997.

Keller, Timothy J. *Ministries of Mercy: The Call of the Jericho Road.* Phillipsburg, NJ: P & R, 1997.

King Jr., Martin Luther. *Strength to Love*. Cleveland: First Fortress, 1981.

_____ . *Stride Toward Freedom: The Montgomery Story.* Boston: Beacon, 2010.

Kinnaman, David; Lyons, Gabe. *UnChristian: What a New Generation Really Thinks about Christianity... and Why It Matters.* Grand Rapids, MI: Baker, 2007. [Publicado no Brasil sob o título *Descrentes: O que a nova geração realmente pensa... E por que isso é importante.* Pompeia, SP: Universidade da Família, 2012.]

Krattenmaker, Tom. *Evangelicals You Don't Know: Introducing the Next Generation of Christians.* Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2013.

Kreeft, Peter. *Knowing the Truth of God's Love: The One Thing We Can't Live Without.* Ann Arbor, MI: Servant, 1988.

Lamott, Anne*. Traveling Mercies: Some Thoughts on Faith.* Nova York: Pantheon, 1999.

Le Fanu, James. *Why Us?: How Science Rediscovered the Mystery of Ourselves.* Nova York: Vintage Books, 2009.

Lee, Harper. *To Kill a Mockingbird*. Nova York: Popular Library, 1962. [Publicado no Brasil sob o título *O sol é para todos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.]

Lewis, C. S. *An Experiment in Criticism.* Cambridge: Cambridge University Press, 1988. [Publicado no Brasil sob o título *Um experimento na crítica literária.* São Paulo: Unesp, 2009.]

_____ . *God in the Dock: Essays on Theology and Ethics*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1970.

_____ . *Mere Christianity.* Nova York: HarperSanFrancisco, 2001 [1952]. [Publicado no Brasil sob o título *Cristianismo puro e simples.* São Paulo: Martins Fontes, 2009.]

_____ . *Surprised by Joy: The Shape of My Early Life.* Orlando: Harcourt, 1995. [Publicado no Brasil sob o título *Surpreendido pela alegria.* São Paulo: Mundo Cristão, 1998.]

Lowenfels, Walter. *Walt Whitman's Civil War.* Nova York: Da Capo Press, 1960.

Lyons, Gabe. *The Next Christians: The Good News about the End of Christian America.* Nova York: Doubleday, 2010.

MacCulloch, Diarmaid. *Christianity: The First Three Thousand Years.* Nova York: Viking Penguin, 2010.

MacIntyre, Alasdair. *After Virtue: A Study in Moral Theory.* South Bend, IN: University of Notre Dame Press, 1984. [Publicado no Brasil sob o título *Depois da virtude.* Bauru: Edusc, 2001.]

MacLaine, Shirley. *Going Within.* Nova York: Bantam, 1989. [Publicado no Brasil sob o título *Em busca do eu.* Rio de Janeiro: Record, 1989.]

_____ . *It's All in the Playing.* Nova York: Bantam, 1987. [Publicado no Brasil sob o título *A vida é um palco.* Rio de Janeiro: Record, 1988.]

Marks, John. *Reasons to Believe: One Man's Journey among the Evangelicals and the Faith He Left Behind*. Nova York: HarperCollins, 2009.

Martin, Russell. *Picasso's War: The Destruction of* Guernica *and the Masterpiece That Changed the World.* Nova York: Plume, 2002.

McCorvey, Norma; Thomas, Gary. *Won by Love.* Nashville, TN: Nelson, 1998.

Meroff, Deborah. *Europe: Restoring Hope.* Linz, Áustria: OM Books, 2011.

Merton, Thomas. *Run to the Mountain: The Story of a Vocation (The Journals of Thomas Merton, Volume 1 1939-1941).* Nova York:

HarperSanFrancisco, 1996.

Miller, Donald. *Blue Like Jazz: Nonreligious Thoughts on Christian Spirituality.* Nashville, TN: Nelson, 2003. [Publicado no Brasil sob o título *Como os pinguins me ajudaram a entender Deus: Pensamentos pós-modernos sobre espiritualidade.* São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2007.]

Moltmann, Jürgen. *A Broad Place: An Autobiography.* Minneapolis, MN: Fortress, 2009.

Monsma, Stephen V. *Pursuing Justice in a Sinful World.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1984.

Moore, Thomas. *Care of the Soul: A Guide for Cultivating Depth and Sacredness in Everyday Life.* Nova York: HarperCollins, 1992.

Muggeridge, Malcolm. *Jesus Rediscovered.* Wheaton, IL: Tyndale House, 1972.

Neuhaus, Richard John. *The Naked Public Square: Religion and Democracy in America.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986.

Newbigin, Lesslie. *Foolishness to the Greeks: The Gospel and Western Culture.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986.

Nicholi Jr., Armand M. *The Question of God: C. S. Lewis and Sigmund Freud Debate God, Love, Sex, and the Meaning of Life.* Nova York: The Free Press, 2002. [Publicado no Brasil sob o título *Deus em questão: C. S. Lewis e Sigmund Freud debatem sobre Deus, amor, sexo e o sentido da vida.* Viçosa, MG: Ultimato, 2005.]

Niebuhr, H. Richard. *Christ and Culture.* Nova York: Harper & Bros., 1951. [Publicado no Brasil sob o título *Cristo e cultura.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.]

Niebuhr, Reinhold. *Moral Man and Immoral Society: A Study of Ethics and Politics.* Nova York: Scribner's, 1932.

Norris, Kathleen. *Amazing Grace: A Vocabulary of Faith*. Nova York: Riverhead, 1998.

Nouwen, Henri. *Gracias!: A Latin American Journal.* Maryknoll, NY: Orbis, 1993.

O'Connor, Flannery. *Mystery and Manners: Occasional Prose.* Nova York: Farrar, Straus & Cudahy, 1986.

Orwell, George. *George Orwell: My Country Right or Left, 1940-1943.* Nova York: Harcourt, Brace & World, 1968.

Percy, Walker. *The Second Coming*. Nova York: Washington Square Press, 1980. [Publicado no Brasil sob o título *A segunda vinda.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.]

_____ . *Moviegoer.* Nova York: Avon Books, 1980.

Peterson, Eugene H. *Tell It Slant: A Conversation on the Language of Jesus in His Stories and Prayers.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2008. [Publicado no Brasil sob o título *A linguagem de Deus.* São Paulo: Mundo Cristão, 2011.]

_____ . *Reversed Thunder: The Revelation of John and the Praying Imagination*. Nova York: HarperSanFrancisco, 1991. [Publicado no Brasil sob o título *Trovão inverso: O livro do Apocalipse e a oração imaginativa.* Rio de Janeiro: Habacuc, 2005.]

Polkinghorne, John. *The God of Hope and the End of the World.* New Haven, CT: Yale University Press, 2002.

Prenshaw, Peggy Whitman, ed. *Conversation with Walker Percy.* Jackson, MS: University Press of Mississippi, 1985.

Price, Reynolds. *Clear Pictures: First Loves First Guides.* Nova York: Scribner Classics, 1998.

Putnam, Robert D. *American Grace: How Religion Divides and Unites Us.* Nova York: Simon & Schuster, 2010.

Raeper, William. *George MacDonald: The Major Biography of George Mac Donald, Novelist and Victorian Visionary.* Batavia, IL: Lion, 1987.

Ratzinger, Joseph; Messori, Vittorio. *The Ratzinger Report.* San Francisco: Ignatius, 1985. [Publicado no Brasil sob o título *A fé em crise? O cardeal Ratzinger se interroga.* São Paulo: EPU, 1985.]

Rees, Richard. *Simone Weil: A Sketch for a Portrait.* Carbondale, IL: Southern Illinois University Press, 1966.

Ridley, Matt. *Origins of Virtue: Human Instincts and the Evolution of Cooperation.* Nova York: Viking, 1996. [Publicado no Brasil sob o

título *As origens da virtude: Um estudo biológico da solidariedade.* Rio de Janeiro: Record, 2000.]

Rilke, Rainer Maria. *Rilke's Book of Hours: Love Poems to God.* Trad. de Anita Barrows e Joanna Macy. Nova York: Berkley Publishing Group, 1996.

Roose, Kevin. *The Unlikely Disciple: A Sinner's Semester at America's Holiest University.* Nova York: Grand Central, 2009.

Rutland, Mark. *Streams of Mercy: Receiving and Reflecting God's Grace*. Ann Arbor, MI: Vine, 1999.

Sacks, Jonathan. *The Dignity of Difference.* Nova York: Continuum, 2002. [Publicado no Brasil sob o título *A dignidade da diferença: Como evitar o choque das civilizações.* São Paulo: Sêfer, 2012.]

Sayers, Dorothy. *The Mind of the Maker.* Nova York: HarperSanFrancisco, 1987.

Schoenberg, Harold C. *The Lives of the Great Composers.* Nova York: Norton, 1970. [Publicado no Brasil sob o título *A vida dos grandes compositores.* São Paulo: Novo Século, 2012.]

Shaull, Richard; Cesar, Waldo A. *Pentecostalism and the Future of the Christian Churches: Promises, Limitations, Challenges.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000. [Publicado no Brasil sob o título *Pentecostalismo e o futuro das igrejas cristãs: Promessas e desafios.* Petrópolis, RJ/São Leopoldo, RS: Vozes/Sinodal, 1999.]

Shepard, Paul. *The Others.* Washington, DC: Island Press, 1996.

Sherman, Amy L. *Kingdom Calling.* Downers Grove: IL: InterVarsity, 2011.

Smith, Christian. *Lost in Transition: The Dark Side of Emerging Adulthood.* Nova York: Oxford University Press, 2011.

Smith,Wesley J. *Culture of Death.* Jackson, TN: Encounter, 2002.

Solzhenitsyn, Aleksandr I. *The Oak and the Calf: Sketches of Literary Life in the Soviet Union.* Trad. de Harry Willetts. Nova York: Harper & Row, 1980. [Publicado no Brasil sob o título *O carvalho e o bezerro.* São Paulo: Difel, 1976.]

Sparre, Victor. *The Flame in the Darkness: Russian Human Rights Struggle as I Have Seen It.* Trad. de A. McKay e D. McKay.

Londres: Grosvenor, 1979.

Stark, Rodney. *The Rise of Christianity: How the Obscure, Marginal Jesus Movement Became the Dominant Religious Force in the Western World in Just a Few Centuries.* Nova York: HarperOne, 1996. [Publicado no Brasil sob o título *O crescimento do cristianismo: Um sociólogo reconsidera a história.* São Paulo: Paulinas, 2006.]

_____ . *The Triumph of Christianity: How the Jesus Movement Became the World's Largest Religion*. Nova York: HarperOne, 2011.

Stassen, Glen; Yeager, D. M.; Yoder, John Howard. *Authentic Transformation: A New Vision of Christ and Culture.* Nashville, TN: Abingdon, 1996.

Steinbeck, John. *Cannery Row.* Nova York: Penguin Books, 1992. [Publicado no Brasil sob o título *A rua das ilusões perdidas.* Rio de Janeiro: Record, 1945.]

Stockman, Steve. *Walk On: The Spiritual Journey of U2*. Winter Park, FL: Relevant, 2001. [Publicado no Brasil sob o título *Walk On: A jornada spiritual do U2.* São Paulo: W4, 2004].

Stott, John R. W. *The Message of Romans: God's Good News for the World.* Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001. [Publicado no Brasil sob o título *A mensagem de Romanos.* Viçosa, MG: Ultimato, 2000.]

_____ . *The Living Church: Convictions of a Lifelong Pastor.* Downers Grove, IL: InterVarsity, 2007.

Stove, David. *Darwinian Fairytales.* Nova York: Encounter, 1995.

Taylor, Barbara Brown. *Leaving Church.* Nova York: HarperCollins, 2007.

_____ . *An Altar in the World: A Geography of Faith.* Nova York: HarperOne, 2009.

Thielicke, Helmut. *Christ and the Meaning of Life: A Book of Sermons and Meditations.* Grand Rapids, MI: Baker, 1975.

Townes, Emelie M., ed. *A Troubling in My Soul.* Maryknoll, NY: Orbis, 1993.

Tutu, Desmond. *No Future Without Forgiveness.* Nova York: Random House, 2000.

Updike, John. *A Month of Sundays*. Nova York: Ballantine, 1985. [Publicado no Brasil sob o título *Um mês só de domingos.* Rio de Janeiro: Record, 1976.]

_____ . *The Witches of Eastwick: A Novel.* Nova York: Random House, 2012. [Publicado no Brasil sob o título *As bruxas de Eastwick.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.]

Vasquez, Manuel A. *The Brazilian Popular Church and the Crisis of Modernity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Veyne, Paul, ed. *A History of Private Life: From Pagan Rome to Byzantium.* Cambridge, MS: Harvard University Press, 1987. [Publicado no Brasil sob o título *História da vida privada: Do Império Romano ao ano mil.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.]

Volf, Miroslav. *Allah: A Christian Response.* Nova York: HarperCollins, 2011.

_____ . *A Public Faith: How Followers of Christ Should Serve the Common Good.* Grand Rapids, MI: Brazos, 2011.

Vonnegut, Kurt. *The Man Without a Country.* Nova York: Random House, 2007. [Publicado no Brasil sob o título *Um homem sem pátria.* Rio de Janeiro: Record, 2006.]

Walter, Bruno; Krenek, Ernst. *Gustav Mahler.* Nova York: Dover, 2013.

Watson, Lyall. *Dark Nature: A Natural History of Evil.* Nova York: HarperCollins, 1995.

Welch, Gina. *In the Land of Believers: An Outsider's Extraordinary Journey into the Heart of the Evangelical Church.* Nova York: Metropolitan, 2012.

Wells, H. G. *The Outline of History: Being a Plain History of Life and Mankind*. Garden City, NY: Doubleday, 1971. [Publicado no Brasil sob o título *História universal.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939-1942, 3 vols.]

Willard, Dallas, ed. *A Place for Truth: Leading Thinkers Explore Life's Hardest Questions*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2010.

Wilson, Edward O. *On Human Nature.* Cambridge, MA: Harvard University Press, 2004. [Publicado no Brasil sob o título *Da natureza humana.* São Paulo: Edusp, 1981.]

_____ . *The Naturalist.* Washington, DC: Shearwater, 1994. [Publicado no Brasil sob o título *O naturalista.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.]

Wilson-Hartgrove, Jonathan. *The Awakening of Hope: Why We Practice a Common Faith.* Grand Rapids, MI: Zondervan, 2012.

Wiman, Christian. *My Bright Abyss: Meditation of a Modern Believer.* Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 2013.

Wink, Walter. *Unmasking the Powers: The Invisible Forces that Determine Human Existence.* Philadelphia: Fortress, 1986.

Wolfe, Alan. *The Transformation of American Religion: How We Actually Live Our Faith.* Chicago: University of Chicago Press, 2003.

Wolterstorff, Nicholas. *Lament for a Son.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987.

Wright, N. T. *Simply Christian: Why Christianity Makes Sense.* Nova York: Harper One, 2006. [Publicado no Brasil sob o título *Simplesmente cristão: Por que o cristianismo faz sentido.* Viçosa, MG: Ultimato, 2008.]

_____. *Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church.* Nova York: HarperOne, 2008. [Publicado no Brasil sob o título *Surpreendido pela esperança.* Viçosa, MG: Ultimato, 2009.]

Wright, Robert. *The Moral Animal: Why We Are the Way We Are: The Science of Evolutionary Psychology.* Nova York: Pantheon, 1994. [Publicado no Brasil sob o título *O animal moral: Por que somos como somos: A nova ciência da psicologia evolucionista.* São Paulo: Campus, 1996.]

Yancey, Philip. *Soul Survivor: How My Faith Survived the Church*. Nova York: Doubleday, 2001. [Publicado no Brasil sob o título *Alma*

sobrevivente: Sou cristão, apesar da Igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.]

_____. *Finding God in Unexpected Places.* Colorado Springs: WaterBrook, 2005. [Publicado no Brasil sob o título *Descobrindo Deus nos lugares mais inesperados.* São Paulo: Mundo Cristão, 2005.]

_____. *I Was Just Wondering.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989. [Publicado no Brasil sob o título *Perguntas que precisam de respostas.* Rio de Janeiro: Textus, 2011.]

1. P. 218-219.
2. P. 30.
3. Citadas em David Kinnaman e Gabe Lyons, *UnChristian*, p. 24.
4. Citado em "Define 'Evangelical'—Again", *Terry Mattingly On Religion,* 10 de set. de 2008, disponível em: <http://www.patheos.com/blogs/tmatt/2008/09/define-evangelical-again>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
5. "10 Surprising Reasons Our Kids LEAVE Church", *Church Leaders,* fev. de 2013, disponível em: <http://www.churchleaders.com/children/childrens-ministry-articles/169292-10-surprising-reasons-our-kids-leave-church.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
6. Segundo pesquisa do Grupo Barna, 61% da juventude de hoje fez parte da igreja em algum momento durante a adolescência, mas agora é espiritualmente indiferente. Ver "Most Twentysomethings Put Christianity on the Shelf Following Spiritually Active Teen Years", *Barna Group,* 11 de set. de 2006, disponível em: <www.barna.org/barna-update/article/16-teensnext-gen/147-most-twentysome things-put-christianity-on-the-shelf-following-spiritually-active-teen-years#.Uv0WX_ldU91>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
7. "Reaching the Post-Christian", *Leadership Journal,* 2004, p. 71-74.
8. *God in the Dock*, p. 172.
9. Gene Knudsen Hoffman, *The Compassionate Listening Project*, disponível em: <http://www.compassionatelistening.org>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
10. Citada em "Religion Quotes", *Tentmaker,* disponível em: <http://tentmaker.org/Quotes/religionquotes.htm>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
11. "Pastor's Anti-Gay, Anti-Obama Sermon", em "Belief Blog", *CNN,* disponível em: <http://religion.blogs.cnn.com/2012/05/22/video-of-north-carolina-pastors-plan-to-get-rid-of-gays-goes-viral>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
12. "Toddler Sings in Church", *TMZ*, disponível em: <http://www.tmz.com/2012/05/30/indiana-toddler-church-song-no-

homos-heaven>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
13. British Columbia, Canadá: United Artists, 2004.
14. *UnChristian*, p. 26.
15. “Is Religion a Force for Good in the World?”, *Ipsos Global,* disponível em: <http://www.ipsos-na.com/news-polls/pressrelease.aspx?id=5058>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
16. “This Samaritan Life”, *Christianity Today,* fev. de 2008, p. 47-49.
17. “Coming Out Against Abortion”, *Chicago Tribune News,* 10 de fev. de 1985.
18. Citado em Jürgen Moltmann, *A Broad Place*, p. 64.
19. Conversa com o autor, citada em Philip Yancey, *Soul Survivor*, p. 293ss.
20. P. 50.

1. *Rilke's Book of Hours*, p. 61.
2. "What the New Atheists Don't See", *City Journal,* 2007, disponível em: <city-journal.org/html/17_4_oh_to_be.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
3. Thomas Moore, *Care of the Soul*, p. xvi.
4. Citada em Anthony Flew, *There Is a God*, p. xx-xxi.
5. *Mysticism and Logic*, citado em James Le Fanu, *Why Us?,* p. 234.
6. Harper Lee, *To Kill a Mockingbird*, p. 34.
7. T. Suzanne Eller, "Seekers Speak Out", *Today's Christian Woman,* nov./dez. de 2004, p. 78.
8. Citado em "Tim Keller: The Reason for God", *Servant Magazine* nº 88, 2011, p. 10.
9. *The Dignity of Difference*, p. 58-60.
10. Citada em "Gleanings", *Christianity Today,* 2 de ago. de 2010, disponível em: <http://www.christianitytoday.com/gleanings/2010/august/anne-rice-today-i-quit-being-christian.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
11. Conversa particular com o autor. Ver também Will D. Campbell, *Soul Among Lions*, p. 43.
12. Norma Leah McCorvey, em "'Roe' and 'Doe' Tell Their Stories", *Christianity Today,* 17 de jun. de 1996, disponível em: <http://www.christianitytoday.com/ct/1996/june17/6t762b.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015. Ver também Norma McCorvey e Gary Thomas, *Won by Love*.
13. *Strength to Love*, p. 56.
14. *A Devil's Chaplain*, p. 128ss.
15. Citada em Peter Hitchens, *The Rage Against God*, p. 24.
16. *Spiritual Care*, p. 50.
17. Peter J. Boyer, "The Covenant", *The New Yorker*, 6 de set. de 2001, disponível em: <http://www.newyorker.com/reporting/2010/09/06/100906fa_fact_boyer?currentPage=all>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
18. "Is God-Fearing, Gene-Hunter Francis Collins Fit to Run NIH?", *Examiner,* 8 de jul. de 2009, disponível em:

<http://www.examiner.com/article/is-god-fearing-gene-hunter-francis-collins-fit-to-run-nih>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
19. Conversa particular com o autor, em 9 de nov. de 2010.
20. “Unanswerable Prayers”, *Vanity Fair,* out. de 2010, p. 158-163.
21. “Atheism Redux”, *Christian Century,* 24 de jul. de 2007, disponível em: <www.christiancentury.org/article/2007-07/atheism-redux>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
22. *Gracias!*, p. 162.
23. P. 117-125.
24. *A Purple State of Mind*, p. 133-134.

1. Citada em Robert Coles, *Simone Weil*, p. 29.
2. *Run to the Mountain*, p. 452.
3. *An Altar in the World*, p. 72-73.
4. *A Broad Place,* p. 203.
5. H. G. Wells escreveu: “O cristianismo foi denunciado por autores modernos como uma ‘religião de escravos’. E foi isso mesmo. O cristianismo reuniu os escravos e os oprimidos e deu-lhes esperança e restituiu-lhes o respeito pessoal para que eles defendessem a retidão como homens e enfrentassem perseguições e tormentos” (*The Outline of History*, p. 418).
6. *My Bright Abyss*, p. 12.
7. Citado em Steve Stockman, *Walk On*, p. 138.
8. *Bono: In Conversation with Michka Assayas*.
9. *Markings*, p. 157.
10. *Rilke’s Book of Hours*, p. 67.
11. Citado em Armand M. Nicholi Jr., *The Question of God*, p. 75.
12. *The Myth of Sisyphus and Other Essays*, p. 3.
13. *Secrets in the Dark*, p. 137.
14. “My Train Wreck Conversion”, *Christianity Today,* jan./fev. de 2013, disponível em: <http://www.christianitytoday.com/ct/2013/january-february/my-train-wreck-conversion.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
15. Ivan no filme *Sunshine*, dirigido por István Szabó. Berlim: Alliance Atlantis Communications, 1999.
16. Citada em Brent Curtis e John Eldridge, *The Sacred Romance*, p. 185.
17. Citado em William Raeper, *George MacDonald,* p. 62. MacDonald incorpora um cristianismo benevolente, e sua obra exerceu profunda influência nos autores C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien, G. K. Chesterton, Oswald Chambers, W. H. Auden, Madeleine L’Engle e J. K. Rowling. Durante sua vida, fez amizade com vários cristãos e não cristãos, inclusive com Lewis Carroll, Alfred Lord Tennyson, Charles Dickens, Anthony Trollope, Henry Wadsworth Longfellow, John Ruskin e Walt Whitman. Até mesmo o cético Mark Twain, que inicialmente não gostava de MacDonald,

tornou-se amigo dele, e os dois várias vezes discutiram a possibilidade de escrever um romance juntos.
18. *My Bright Abyss*, p. 123.
19. “Dover Beach”, *Poetical Works of Matthew Arnold,* p. 227.
20. Kelly James Clark, ed., *Philosophers Who Believe*, p. 216.
21. *Lament for a Son,* p. 72-73.
22. Ver Philip Yancey, *I Was Just Wondering,* p. 76-78.

1. *The Gift,* p. 60.
2. Dirigido por Ron Howard. New Jersey: Universal Pictures, 2001.
3. *Secrets in the Dark,* p. 161.
4. *Clear Pictures,* p. 74.
5. *Streams of Mercy,* p. 39.
6. Citado em James S. Hewett, *Illustrations Unlimited*, p. 178.
7. "Carta a Diogneto", cap. 5, *Christian History for Everyman,* disponível em: <http://www.christian-history.org/letter-to-diognetus.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
8. Roxanne Stone, "Gabe Lyons: The Culture and the Church", *Outreach Magazine,* jan./fev. de 2014, p. 95.
9. *Amazing Grace,* p. 297.
10. Boletim, Highlands Church, Denver, Colorado, disponível em: <http://highlandschurchdenver.org/about/our-beliefs>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
11. *Public Faith,* p. 99-117.
12. Segundo a Organização Mundial da Saúde, cerca de 70% das doenças estão relacionadas com estilos de vida, e quase metade delas resulta de fatores de risco causados pelos seres humanos. Se pudéssemos eliminar fatores como a subnutrição, o sexo de risco, o fumo, o álcool, a falta de saneamento básico, a poluição do ar em ambientes fechados e a obesidade, poderíamos acrescentar 16 anos à nossa média de vida.
13. David G. Benner, *Sacred Companions,* p. 39.
14. "The Gospel for the City", *The City,* set. de 2008, p. 28-29.
15. *Reversed Thunder,* p. 153.
16. *Hannah's Child,* p. 159.
17. David Kinnaman e Gabe Lyons, *UnChristian,* p. 47-48.
18. "Revisiting Mt. Carmel through Charitable Choice", *Christianity Today,* 11 de jun. de 2001, p. 84-90.
19. *Irresistible Revolution,* p. 225-226.
20. Citada em Jonathan Wilson-Hartgrove, *The Awakening of Hope*, p. 27.
21. *Surprised by Hope,* p. 193.

22. *How to Knock Over a 7-Eleven and Other Ministry Training*, p. 31-32.
23. Linda Pressly, “The Village Where Half the Population Are Sex Offenders”, *BBC News Magazine,* 30 de jul. de 2013, disponível em: <http://www.bbc.com/news/magazine-23063492>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
24. Duas obras descrevem exemplos específicos de igrejas que ministram a graça: *Kingdom Calling*, de Amy Sherman, e *Ministries of Mercy*, de Timothy J. Keller.

1.Agradeço a Kathryn Helmers por esse *insight.*
2. Citado em Richard John Neuhaus, *The Naked Public Square*, p. 168.
3. A faixa de Moebius é um espaço topológico que não sofre alterações, mesmo depois de uma deformação contínua. É formado por uma faixa plana que sofre uma torção e tem posteriormente suas extremidades ligadas. Simboliza, aqui, o amor divino, que se mantém constante e inalterável. (N. do T.)
4. *Gracias!*, p. 19.
5. "Healing Our Image of God and Ourselves", palestra proferida no Hotel Omni de Atlanta, em 8 de jul. de 2007.
6. Dirigido por Woody Allen. Nova York: Orion Pictures, 1986.
7. *The Greatest Thing in the World and 21 Other Addresses*, p. 151.
8. *Traveling Mercies*, p. 120.
9. Citada em "A Thirsty God", *Theology and Monkey Business, Dr. Louie's Teaching Blog,* 24 de jun. de 2011, disponível em: <http://theologyandmonkeybusiness.blogspot.com/2011/06/thirty-god-mother-teresa.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
10. Steve Brown, "Only Sinners Welcome", *Crosswalk*, disponível em*:* <http://www.crosswalk.com/print/510220/>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
11. Citado em John Stott, *The Living Church*, p. 51.
12. *Leaving Church*, p. 147-148.
13. Wayne Hoag, *The One Another Project*, p. 172-173.
14. Citado em John Polkinghorne, *The God of Hope and the End of the World*, p. 145-146.

1. *A Public Faith*, p. 72.
2. Conversa particular com o autor.
3. *Allah*, p. 214.
4. Citado em Steven Gish, *Desmond Tutu*, p. 101.
5. Os evangélicos albaneses, cerca de 1% da população, seguiram esse padrão de modo admirável durante a Guerra dos Bálcãs, cuidando de 20% dos refugiados expulsos do Kosovo, muitos deles muçulmanos. Ver Deborah Meroff, *Europe*, p. 79.
6. "Jesus, Man of Sin: Toward a New Christology in the Global Era", *Buddhist-Christian Studies* nº 19, 1990, p. 81-91.
7. P. 9.
8. P. 38.
9. Leonard Rodgers (diretor da ONG Evangélicos pelo Entendimento do Oriente Médio), em correspondência pessoal com o autor.
10. *Irresistible Revolution*, p. 56. Claiborne está citando uma faixa que ela viu afixada numa igreja.
11. Ver W. E. Hewitt, *Base Christian Communities and Social Change in Brazil*; Richard Shaull e Waldo A. Cesar, *Pentecostalism and the Future of the Christian Churches*; Anthony Gill, *Rendering unto Caesar*; e Manuel A. Vasquez, *The Brazilian Popular Church and the Crisis of Modernity*.
12. Obras como *Evangelicals You Don't Know*, de Tom Krattenmaker, e *Kingdom Calling*, de Amy L. Sherman, apresentam muitos outros exemplos.
13. P. 5.
14. Citado em *To Change the World*, p. 221.
15. Citado em Andy Crouch, "What's So Great about the 'Common Good'?", *Christianity Today,* nov. de 2012, p. 40.
16. *Reasons to Believe*, p. 167-168.
17. "Can Service Save Us?", *Time,* 1º de jul. de 2013, p. 27-34.
18. "Evangelicals Without Blowhards", *The New York Times,* 30 de jul. de 2011, disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/07/31/opinion/sunday/kristof-evangelicals-without-blowhards.html?_r=0>. Acesso em 3 de mar. de 2015.

19. Rev. Jeff White, da Harlem New Song Church, citado em *Kingdom Calling*, p. 23.

1. “Choruses from ‘The Rock’”, *The Complete Poems and Plays: 1909-1950*, p. 111.
2. Ver capítulo com esse título em *Finding God in Unexpected Places*, p. 41-44.
3. *The Rage Against God*, p. 102.
4. *Simply Christian*, p. 235.
5. *The Ratzinger Report*, p. 129.
6. Citado em Russell Martin, *Picasso’s War*, p. 166.
7. Extraído do *website* Harriet Beecher Stowe Center, *Impact of* Uncle Tom’s Cabin, *Slavery, and the Civil War,* disponível em: <http://www.harrietbeecherstowecenter.org/utc/impact.shtml>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
8. “Four Quartets”, *The Complete Poems and Plays*, p. 133.
9. *The Immense Journey*, p. 161-162.
10. “Letter From Moscow: Exit the Saints”, *The New Yorker,* nº 21, 18 de jul. de 1994, p. 71.
11. Citado em Alfred Corn, ed., *Incarnation*, p. 72.
12. *Mystery and Manners*, p. 146.
13. “Mythopoeia”, postado por Chester County Interlink em: <http://home.ccil.org/~cowan/mythopoeia.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
14. “Luis de León”, *Wikipedia,* disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Luis_de_León>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
15. Citado em Bruno Walter e Ernst Krenek, *Gustav Mahler*, p. 129.
16. Citado em Harold C. Schoenberg, *The Lives of the Great Composers*, p. 427.
17. Anotações sobre a gravação de *Brahms: Ein Deutsches Requiem*, executada pela Orquestra Sinfônica de Chicago, dirigida por James Levine, em 1993, RCA 82876 60861 2, em CD. Quando Yo-Yo Ma visitou um já enfermo Steve Jobs e tocou Bach no violoncelo *Stradivarius* dele, profundamente emocionado Jobs disse: “Você tocando é o melhor argumento que já ouvi a favor da existência de Deus, porque eu realmente não acredito que um ser

humano sozinho consegue fazer isso" (Walter Isaacson, *Steve Jobs*, p. 425).
18. Ver *To Change the World*.
19. *The Oak and the Calf*, p. 95.
20. Quando Jan Morris atuava como correspondente estrangeira no Sudão depois da Segunda Guerra Mundial, o ministro da Orientação Nacional ordenou que ela relatasse "notícias emocionantes, sedutoras e boas, correspondendo, onde possível, à verdade" (cit. em Diarmaid MacCulloch, *Christianity*, p. 78).
21. Citado em Robert McAfee Brown, *Persuade Us to Rejoice*, p. 103.
22. Agradeço a Kathryn Helmers por esses *insights*.
23. Citada em Lewis Hyde, *The Gift*, p. 189.
24. *The Government of the Tongue*, p. 108.
25. Citado em Walter Lowenfels, *Walt Whitman's Civil War*, p. 193.
26. Citado em Leonard Feinberg, *Hypocrisy*, p. 66.
27. *Gracias!*, p. 57.
28. Citado em "Moments of Suspension", *Encounter With God,* 12 de jan. de 2013, disponível em: <http://sammanjac.wordpress.com/tag/michelangelo>. Acesso em 3 de mar. de 2015.

1. Richard Rees, *Simone Weil*, p. 161.
2. Citado em David G. Myers, “Wanting More in an Age of Plenty”, *Christianity Today,* 24 de abr. de 2000, p. 97.
3. “The Paradox of Our Time”, S*nopes.com,* disponível em: <http://www.snopes.com/politics/soapbox/paradox.asp>. Acesso em 3 de mar. de 2015. Do original de Bob Moorehead, *Words Aptly Spoken*.
4. Citado em David G. Myers, “Wanting More in an Age of Plenty”, *Christianity Today*, p. 95.
5. J. John, *Just 10*, p. 14.
6. Citado em Walter Isaacson, “In Search of the Real Bill Gates”, *Time* nº 2, 13 de jan. de 1997, p. 149.
7. Citado em James Davison Hunter, *To Change the World*, p. 55-56. Essa história é também narrada em Charles Schmidt, *The Social Results of Early Christianity*, p. 328.
8. *The Everlasting Man*, p. 260-261, 255.
9. *The Habermas Forum,* 3 de maio de 2009, disponível em: <http://www.habermasforum.dk/index.php?type=news&text_id=451>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
10. Ver *Religion for Atheists*.
11. Citada em *The De-Moralization of Society*, p. 3.
12. Idem, p. 241.
13. Idem, p. 242.
14. “Notes on the Way”, em *My Country Right or Left, 1940-1943*, p. 15-16.
15. Citado em Dallas Willard, ed., *A Place for Truth*, p. 51.
16. *The Collected Poetry of W. H. Auden*, p. 198.
17. Em seus numerosos livros, Harold Koenig, da Universidade Duke, cita dois mil estudos que mostram que quem pratica uma religião tem melhor saúde e maior longevidade, sobretudo por causa de escolhas envolvendo estilos de vida em relação a drogas, à promiscuidade, ao fumo, ao álcool e à dieta.
18. Dr. Armand M. Nicholi Jr., “A New Dimension of the Youth Culture”, *American Journal of Psychiatry* 131, nº 4, abr. de 1974, p. 396-401.

19. Ver *American Grace*. Arthur C. Brooks, da Universidade de Syracuse, também apresenta muitos dados estatísticos que dão sustento a conclusões similares em *Who Really Cares*.
20. Citado em Charles Colson e Nancy Pearce, *How Now Shall We Live?*, p. 311.
21. P. xiv.
22. Citado em John DiIulio, "The Truth About Crime and Welfare", *First Things*, ago./set. de 1965, p. 31-35. O médico e educador judeu David C. Stolinsky diz isso de maneira mais colorida: "A razão de termos medo de sair depois que escurece não é porque podemos ser atacados por bandos de evangélicos e forçados a ler o Novo Testamento, mas porque podemos ser atacados por jovens selvagens que aprenderam que nada está acima de suas necessidades e sentimentos" (cit. em Thomas Reeves, "Not So Christian America", *First Things,* out. de 1996, p. 17).
23. Citado em Tim Stafford, "The Criminologist Who Discovered Churches", *Christianity Today,* 14 de jun. de 1999, p. 38
24. *Christianity Today,* jan./fev. de 2014, p. 39.
25. Extraído de uma conversa pessoal com o autor.
26. "As an Atheist, I Truly Believe Africa Needs God", *The Times of London*, 26 de dez. de 2008, disponível em: <http://www.thetimes.co.uk/tto/opinion/columnists/matthewparris/article2044345.ece>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
27. *Playing God*, p. 188.
28. *Violence Unveiled*, p. 29.
29. "Notes on the Way", em *My Country Right or Left, 1940-1943*, p. 250.
30. Ver "Vaclav Havel—A Reflection", *The Sceptical Market Observer,* 24 de dez. de 2011, disponível em: <http://scepticalmarketobserver.blogspot.com/2011/12/vaclav-havel-reflection.html>. Ver também "Vaclav Havel's address to the US Congress", *Everything,* 21 de fev. de 1990, disponível em: <http://everything2.com/title/Vaclav+Havel%2527s+address+to+the+US+Congress%252C+21+February+1990>. Acesso em 3 de mar. de 2015.

1. Citado em Jacques Ellul, *Reason for Being*, p. 47.
2. Rede Social Google, "The Black Cat Analogy", *Google Plus,* disponível em: <http://plus.google.com/115858612877723984178/posts/bD3fQybctbF>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
3. *Language of God*, p. 20ss.
4. *Surprised by Joy*, p. 191.
5. "The World of Sound: Six Lectures Delivered Before a Juvenile Auditory at the Royal Institution, Christmas, 1919", *Cornell University Library,* Internet Archive, G. Bell and Sons Ltd., Londres. Informação obtida de arquivo na internet: <https://archive.org/details/cu31924031233038>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
6. Citado em Dinesh D'Souza, *What's So Great About Christianity*, p. 34.
7. *God and the New Physics*, p. 179.
8. *A Brief History of Time*, p. 156.
9. "Viruses of the Mind", 1991, disponível em: <http://bactra.org/Dawkins/viruses-of-the-mind.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
10. Citado em Walter Isaacson, *Einstein*, p. 462, 551.
11. *Letters to Solovine: 1906-1955*, p. 117. Também citado em "Atheism", *Einstein: Science and Religion,* disponível em: <http://www.einsteinandreligion.com/atheism.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015. Os teólogos concordariam com isso. Louis Berkhof escreve: "No estudo de todas as ciências, o homem se coloca acima do objeto de sua investigação, [...] mas na teologia ele não está acima, mas sim *abaixo* do objeto de seu conhecimento. Em outras palavras, o homem só pode conhecer Deus na medida em que Deus se dá concretamente a conhecer" (*Systematic Theology*, p. 34).
12. "Conception to Birth — Visualized", *TED.com*, disponível em: <http://www.ted.com/talks/alexander_tsiaras_conception_to_birth_visualized>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
13. *Pastrix*, p. 79.
14. P. 38.

15. “Commentary: Learning about Faith from Carl Sagan”, *Religion News Service,* 1º de ago. de 1997.
16. Karl Giberson, “God’s Other Good Book”, *Christianity Today,* 12 de dez. de 2008, p. 62.
17. Citado em Antony Flew, *There is a God*, p. 104.
18. “Not Everything That Counts Can Be Counted”, *Quote Investigator,* 26 de mai. de 2010, disponível em: <http://quoteinvestigator.com/2010/05/26/everything-counts-einstein/>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
19. *Going Within*, p. 100.
20. *It’s All in the Playing*, p. 192.
21. *Habits of the Heart*, p. 221.
22. *Eat, Pray, Love*, p. 208, 192.
23. “I Have a Friend Who Thinks All Religions Are the Same”, *Willow Creek Association,* Week 11, 2001. Gravação e transcrição da mensagem disponíveis em: <http://www.willowcreek.com/ProdInfo.asp?invtid=PR14924>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
24. *The Varieties of Religious Experience*, p. 498.
25. “Why I Hate Religion But Love Jesus: Spoken Word by Jefferson Bethke”, *YouTube,* disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=QrYUVtAAsDM>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
26. Andrew Sullivan, “Christianity in Crisis”, *Newsweek,* 2 de abr. de 2012, disponível em: <http://www.newsweek.com/andrew-sullivan-christianity-crisis-64025>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
27. Comentário de leitora em “Movin’ Down the Road”, em *PhilipYancey.com*, disponível em: <http://philipyancey.com/movin-down-the-road>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
28. “That God Does Not Exist...”, *Think/Exist*, disponível em: <http://thinkexist.com/quotation/that_god_does_not_exist-i_cannot_deny-that_my/189882.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015.

1. *The Magic Lantern*, p. 204.
2. "The Catholic Primer", *Preserving Christian Publications,* Primeira Lição, p. 8, disponível em: <www.pcpbooks.net/docs/baltimore_catechism.pdf>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
3. *River Out of Eden*, p. 155.
4. Nem todos os teóricos evolucionários adotam essa escola de pensamento. Destacadamente, Stephen Jay Gould fez uma crítica incisiva em diversos números da revista *The New York Review of Books*, chamando os psicólogos evolucionários de "fundamentalistas darwinianos" e "hiperdarwinianos", dada a sua teimosia em insistir que a seleção natural por si só explica todo o desenvolvimento evolucionário e todo o comportamento humano. ("Darwinian Fundamentalists", *New York Review of Books,* 12 de jun. de 1997, disponível em: <http://www.nybooks.com/articles/archives/1997/jun/12/darwinian-fundamentalism/>. Acesso em 3 de mar. de 2015.)
5. *The Others*, p. 308
6. Citada em Wesley J. Smith, *Culture of Death*, p. 195.
7. O teólogo Walter Wink comenta: "Erramos no passado atribuindo a animais faculdades encontradas apenas nos seres humanos; hoje o behaviorismo nega aos seres humanos faculdades não encontradas em animais. Na sardônica expressão de Arthur Koestler, nós substituímos a visão antropomórfica do rato por uma visão ratomórfica dos seres humanos" (*Unmasking the Powers*, vol. 1, p. 142).
8. Michael Specter, "The Dangerous Philosopher", *The New Yorker,* 6 de set. de 1999, disponível em: <http://www.michaelspecter.com/1999/09/the-dangerous-philosopher/>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
9. Les U. Knight, "Voluntary Human Extinction", *Wild Earth* 1, nº 2 , verão de 1991, p. 72.
10. Prefácio à edição de 1976 de *The Selfish Gene*, p. xxi.
11. *On Human Nature*, p. 165.
12. *The Moral Animal*, p. 44.

13. P. 193.
14. Ver *The Naturalist*.
15. *The Moral Animal*, p. 326.
16. Citado em Matt Ridley, *Origins of Virtue*, p. 126.
17. *Conversations with Kurt Vonnegut*, p. 263.
18. Brian Raftery, "The 2009 *Time* 100 Finalists", *Time,* 2009, disponível em: <http://content.time.com/time/specials/packages/0,28757,1883644,00.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
19. *A Month of Sundays*, p. 212-213.
20. *The Transformation of American Religion*, p. 2-3.
21. Citado em Peter Kreeft, *Knowing the Truth of God's Love*, p. 171.
22. *Moviegoer*, p. 55.
23. "Fall (Hog Slaughter)", *News from Lake Wobegon* (monólogo), publicado por HighBridge Co., 9 de abr. de 1990, em CD.
24. Citado em David Robert Anderson, *Losing Your Faith, Finding Your Soul*, p. 147.
25. *Jesus Rediscovered*, p. 59-60.
26. "'Glorious Things of You Are Spoken': John Newton", *Christian Biography Resources*, disponível em: <http://www.lutheran-hymnal.com/lyrics/lw294.htm>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
27. Segundo a revista *Time*, "A resenha de uma pesquisa publicada na *BMC Public Health* apontou que fazer trabalho voluntário — em lugares como hospitais e refeitórios sociais que proporcionam um contato direto com as pessoas beneficiadas — pode baixar os índices de mortalidade em até 22% numa comparação com os serviços não voluntários. Estabelecer essas conexões sociais aumenta a satisfação da vida e reduz a depressão e a solidão, e isso por sua vez diminui o risco de hipertensão, derrames, demência e outros males" (Jeffrey Kluger, "The Art of Living", *Time,* 23 de set. de 2013, disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,2151786,00.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015.).
28. John Steinbeck adaptou a pergunta em *Cannery Row*: "Que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e voltar para a sua

mansão com uma úlcera gástrica, uma próstata dilatada e óculos bifocais?" (p. 15).
29. Paul Veyne, ed., *A History of Private Life*, p. 512.
30. *The Quest for God*, p. 32.
31. *Mere Christianity*, p. 118.
32. "Robertson Davies, The Art of Fiction No. 107", entrevistado por Elisabeth Sifton, *The Paris Review,* 1989, disponível em: <http://www.theparisreview.org/interviews/2441/the-art-of-fiction-no-107-robertson-davies>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
33. Delores S. Williams, "A Womanist Perspective on Sin", em Emelie M. Townes, ed., *A Troubling in My Soul*, p. 140-142.

1. Citado em Maurice Nathanson, “Jean-Paul Sartre’s Philosophy of Freedom”, *Social Research* 19, nº 3, 1952, p. 378.
2. Marilyn French, *The Women’s Room*, p. 462.
3. P. 22.
4. John Maynard Smith, “Genes, Memes, and Minds”, *New York Review of Books,* 30 de nov. de 1995, disponível em: <http://www.nybooks.com/articles/archives/1995/nov/30/genes-memes-minds/?pagination=false>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
5. *Autobiographies*, p. 54.
6. *Dark Nature*, p. 141-148.
7. “The Biology of Violence”, *The New Yorker*, 13 de mar. de 1995, p. 68-77.
8. *Darwinian Fairytales*, p. 5.
9. “Peter Singer—A Slippery Mind”, em *Not Dead Yet*, 20 de mar. de 2008, disponível em: <http://www.notdeadyet.org/2008/03/peter-singer-slippery-mind.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015. Em outra entrevista, porém, Singer admitiu que sua irmã — ironicamente uma advogada que defende os direitos de pessoas incapacitadas — compartilha sua decisão de ajudar a mãe deles e que, se o único responsável fosse ele, talvez sua mãe não estivesse viva atualmente.
10. Ver *Habits of the Heart*.
11. “Ask Marilyn”, *Parade Magazine,* 10 de mar. de 1996, p. 8.
12. “Teaching the Virtues”, *Chicago Tribune*, 12 de set. de 1993, disponível em: <http://articles.chicagotribune.com/1993-09-12/features/9309120147_1_moral-life-ethics-private-morality>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
13. “The Bright Side of Overpopulation”, *Time,* 26 de set. de 1994, disponível em: <http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,981506,00.html>.
14. Citado em “Not Too Taboo? PW Talks with Jesse Bering”, *Publishers Weekly,* 9 de ago. de 2013, disponível em: <http://www.publishersweekly.com/pw/by-

topic/authors/interviews/article/58651-not-too-taboo-pw-talks-with-jesse-bering.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
15. *Culture Wars*, p. 311-313.
16. *Prose, Volume III, 1949-1955*, p. 578.
17. Ronald Dworkin, et al., "Assisted Suicide: The Philosophers' Brief", *New York Review of Books,* 27 de mar. de 1997, disponível em: <http://www.nybooks.com/articles/archives/1997/mar/27/assisted-suicide-the-philosophers-brief/?pagination=false>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
18. *The Lessons of History*, p. 50.
19. P. 86
20. *The Message of Romans*, p. 206.
21. Citado em Mary Ann Glendon, "The Bearable Lightness of Dignity", *First Things,* mai. de 2011, p. 42.
22. "Selling Murder: The Killing Films of the Third Reich", documentário produzido pelo *The Discovery Channel,* 1993.
23. Carta ao jornal *The New York Times,* 1988, citada em James Davison Hunter, *Before Shooting Begins*, p. 6.
24. Gabe Lyons, *The Next Christians*, p. 106.
25. *No Future Without Forgiveness*, p. 83-84, 86.
26. Theodore Parker, citado em *Quote Investigator,* disponível em: <http://quoteinvestigator.com/2012/11/15/arc-of-universe/>. Acesso em 3 de mar. de 2015.

1. *Christ and the Meaning of Life*, p. 183-184.
2. Citado em Robert Anderson, *Losing Your Faith, Finding Your Soul*, p. 70.
3. Citado em Rabbi Joshua Haberman, “The Bible Belt Is Our Safety Belt”, *Policy Review,* 1987, p. 40.
4. Jane Mayer, “Bully Pulpit”, *The New Yorker,* 8 de jun. de 2012, disponível em: <http://www.newyorker.com/reporting/2012/06/18/120618fa_fact_mayer>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
5. Dan Gilgoff, “In Obama’s First Term, an Evolving Christian Faith and a More Evangelical Style”, *CNN Religion Blogs*, disponível em: <http://religion.blogs.cnn.com/2012/10/27/in-obamas-first-term-an-evolving-christian-faith-and-a-more-evangelical-style/>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
6. Uma famosa carta enviada por James Dobson ainda em 2008 detalha acontecimentos “que provavelmente ou no mínimo possivelmente” vão acontecer *até 2012* se Barack Obama for eleito e se democratas da extrema esquerda conseguirem o controle do governo, inclusive isto:

- Organizações universitárias como a Campus Crusade for Christ e as organizações cristãs Navigators e InterVarsity vão encolher até se tornarem esqueletos e em muitos estados deixarão de existir.
- Escolas elementares imporão a homossexualidade como uma escolha às crianças, e os Escoteiros deixarão de existir por causa dessa mesma questão. As igrejas que se recusarem a permitir em seus templos casamentos entre pessoas do mesmo sexo perderão sua condição de isenção de impostos.
- Estações de rádio cristãs serão virtualmente fechadas. Editoras cristãs serão banidas da Amazon.com e da Barnes & Noble.
- Em face de rigorosas restrições ao ensino domiciliar, dedicados pais emigrarão para lugares como a Austrália e a Nova Zelândia.
- Quatro cidades dos EUA terão sido bombardeadas por terroristas, e Obama pouco fará em resposta a isso.
- Aproveitando-se da fraqueza de Obama, a Rússia retomará grande parte do Leste Europeu.
- Tel-Aviv será destruída quando o Irã lançar um ataque nuclear contra Israel.

- Por causa do corte de verbas no sistema de saúde, cidadãos acima dos 80 anos não terão praticamente nenhum acesso a hospitais ou a procedimentos cirúrgicos. A eutanásia está se tornando cada vez mais comum.

Focus on the Family, "Letter from 2012 in Obama's America", *WND*, disponível em: <www.wnd.com/files/Focusletter.pdf>. Acesso em 3 de mar. de 2015.

7. *To Change the World*, p. 128.

8. *Christ and Culture*, p. 40-43.

9. Ver Paul Althaus, "The Ethics of Martin Luther", disponível em: <www.lutheransonline.com/lo/424/FSLO-1330611424-111424.pdf>. Acesso em 3 de mar. de 2015.

10. Ver Glen Stassen, D. M. Yeager e John Howard Yoder, *Authentic Transformation*, cap. 1.

11. *Foolishness to the Greeks*, p. 125.

12. Rei Jorge III da Inglaterra, "Royal Proclamation For the Encouragement of Piety and Virtue, and for the Preventing and Punishing of Vice, Profaness and Immorality", documento publicado em 1º de jun. de 1787.

13. "Joint Press Availability with President Obama and President Gul of Turkey", White House, escritório do Secretário de Imprensa, *Whitehouse.gov,* 6 de abr. de 2009, disponível em: <http://www.whitehouse.gov/the_press_office/Joint-Press-Availability-With-President-Obama-And-President-Gul-Of-Turkey/>. Acesso em 3 de mar. de 2015.

14. *Authentic Transformation*, p. 208.

15. "Nazis and the Church", *Slideshare,* (#2), disponível em: <http://www.slideshare.net/garveym593/nazis-and-the-church>. Acesso em 3 de mar. de 2015. Jürgen Moltmann, que na adolescência serviu num exército de Hitler, reflete: "Mas o que tivemos de ouvir dos governantes políticos da época foi que a responsabilidade política impunha a suspensão do Sermão do Monte — um eco da brusca afirmação de Bismarck de que 'nenhum país pode ser governado com o Sermão do Monte'. Mas quem excluir os preceitos do Sermão do Monte de certas partes de sua

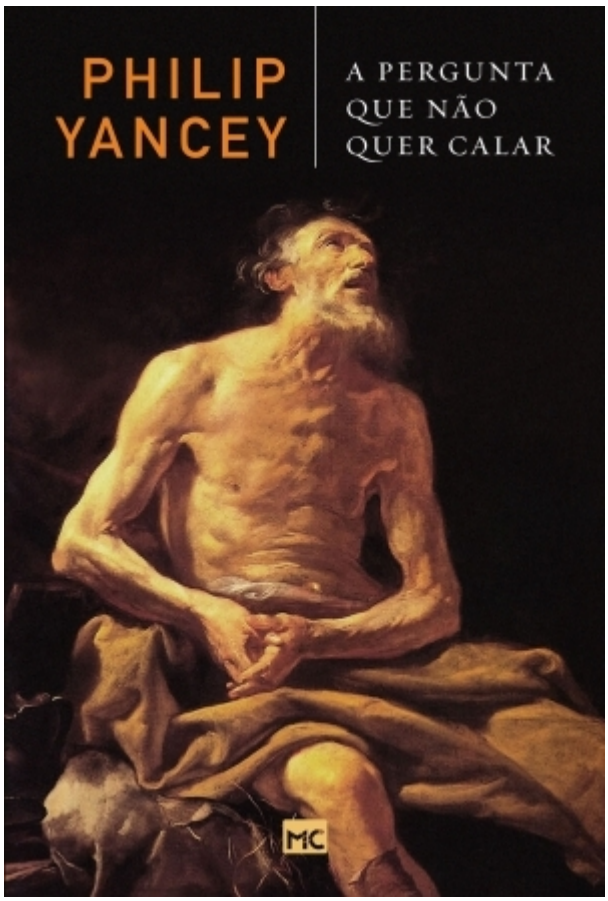
vida também perde a certeza de suas bem-aventuranças" (*A Broad Place*, p. 256).
16. Citado em Robert McAfee Brown, *Unexpected News*, p. 59.
17. Ver *Pursuing Justice in a Sinful World.*
18. Em conversa particular com o autor.
19. "Message from John Adams to the Officers of the First Brigade of the Third Division of the Militia of Massachusetts", *Beliefnet,* disponível em: <http://www.beliefnet.com/resourcelib/docs/115/Message_from_John_Adams_to_the_Officers_of_the_First_Brigade_1.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
20. *A Sacred Canopy*, p. 100.
21. "A World Without the KJV", *Christianity Today,* 6 de maio de 2011, p. 35.
22. "God and the Americans", disponível em: <http://adasboro.tripod.com/johnson.htm>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
23. Anne W. Branscomb, *Who Owns Information?*, p. 112.
24. "Equal Rights Initiative in Iowa Attacked", *Washington Post,* 23 de ago. de 1992.
25. Um senador americano evangélico, James Inhofe, do Partido Republicano, sugeriu numa discussão no Senado que o Onze de Setembro foi um castigo divino causado pelo apoio inadequado dos Estados Unidos a Israel. Mais tarde, descreveu o aquecimento global como "o segundo maior embuste jamais perpetrado contra o povo americano, depois da separação entre igreja e estado", e a Agência de Proteção Ambiental como uma "burocracia da Gestapo". Outros eminentes evangélicos atribuíram o tiroteio que ocorreu numa escola de ensino fundamental de Newtown, Connecticut, causando a morte de vinte crianças, à política de "remoção de Deus das escolas públicas" (*Congressional Record,* 28 de jul. de 2003, disponível em: <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/CREC-2003-07-28/pdf/CREC-2003-07-28-pt1-PgS10012.pdf#page=1>. Acesso em 3 de mar. de 2015.).
26. Citado em James Davison Hunter, *Culture Wars*, p. 103.
27. "The Bible Belt is our Safety Belt", *Policy Review,* 1987, p. 40.

28. *The Man Without a Country*, p. 98.
29. *Mere Christianity*, p. 112.
30. *History of the Decline and Fall of the Roman Empire,* vol. 1, p. 26.
31. Citado pelo senador Sam Nunn num discurso no Café da Manhã Nacional da Oração, em 1º de fev. de 1996.

1. Abram Tertz (Andrei Sinyavsky), “The Literary Process in Russia”, *Kontinent* I, 1976, p. 84.
2. *The Last Word and Other Stories*, p. 17-18.
3. P. 253, 263.
4. *A History of Christianity*, p. 429.
5. *A Public Faith*, p. 106.
6. Caso originariamente atribuído a Cassie Bernall, que é o tópico do livro campeão de vendas *She Said Yes*; divulgou-se mais tarde que o diálogo talvez tenha acontecido entre o atirador Dylan Klebold e Valerie Schnurr, que já tinha sido alvejada por 34 disparos. Ver relatos da história de Cassie Bernall em Dave Cullen, “Who Said ‘Yes’?”, *Salon*, 30 de set. de 1999, disponível em: <http://www.salon.com/1999/09/30/bernall/>; e em Dave Luzadder e Kevin Vaughan, Biggest Question of All: Inside the Columbine Investigation; Part Three”, *Rocky Montain News,* disponível em: <http://denver.rockymountainnews.com/shooting/1214coll.shtml>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
7. “How I Rediscovered Faith”, *Relevant Magazine* 67, jan./fev. de 2014, disponível em: <http://www.relevantmagazine.com/culture/books/how-i-rediscovered-faith>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
8. *Never Give In!*, p. 139-140.
9. *Church Dogmatics The Doctrine of Reconciliation*, vol. 4, p. 779.
10. *Mystery and Manners*, p. 34.
11. *Moral Man and Immoral Society*, *passim*.
12. *Stride Toward Freedom*, p. 84.
13. *Conversation with Walker Percy*, p. 24.
14. “Why ‘Les Misérables’ Is Reaching Atheists Too”, *Patheos,* disponível em: <http://www.patheos.com/blogs/christophers/2013/01/why-les-miserables-is-reaching-atheists-too/>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
15. Citado em Doris Donnelly, “The Cleric Behind ‘Les Mis’”, *The Wall Street Journal*, disponível em:

<http://online.wsj.com/article/SB10001424127887324669104578204281398771420.html>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
16. *An Experiment in Criticism*, p. 85.
17. *The Oak and the Calf*, p. 11.
18. Citado em comentários para Tony Rossi, “Why ‘Les Misérables’ Is Reaching Atheists Too”, disponível em: <http://www.patheos.com/blogs/christophers/2013/01/why-les-miserables-is-reaching-atheists-too/>. Acesso em 3 de mar. de 2015.
19. *The Witches of Eastwick*, p. 89.
20. *The Laurel Poetry Series*, Poema 103, p. 107.
21. P. 21.
22. *Dogmatics in Outline*, p. 10-11.
23. A história completa ainda não foi escrita, mas ninguém duvida que artistas subversivos desempenharam um papel importante, quer expondo as mentiras do regime quer defendendo valores excluídos pela filosofia materialista. Vou aqui mencionar apenas alguns: Alexander Soljenítsin, Joseph Brodsky, Mstislav Rostropovich, Galina Vishnevskaya, Aleksandr Galich, Václav Havel, Irina Ratushinskaya, Anna Akhmatova, Boris Pasternak, Czeslaw Milosz.
24. Citado em Victor Sparre, *The Flame in the Darkness*, p. 95ss.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
opiniao-do-leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *site*: <www.mundocristao.com.br>


PHILIP
YANCEY
A PERGUNTA
QUE NÃO
QUER CALAR
MC

A pergunta que não quer calar

Yancey, Philip
9788543301099
102 páginas

Compre agora e leia

Poucos escritores desenvolveram tamanho talento e sensibilidade para abordar a difícil questão do sofrimento como Philip Yancey. Tal reconhecimento é atestado por diversos livros editados nas mais variadas línguas e nos convites nacionais e internacionais que recebe para falar sobre dramas individuais ou coletivos que afetam milhões em todo o mundo.

Philip Yancey consegue verbalizar as questões que nos angustiam pela ausência de uma resposta óbvia e definitiva, ajudando-nos a encontrar um caminho pavimentado pela esperança e pela fé.

A pergunta que não quer calar oferece o consolo de que tanto necessitamos quando somos confrontados com esta difícil questão: onde está Deus no sofrimento?

O questionamento sobre a ação de Deus no sofrimento acompanha a humanidade ao longo da História e adquire contornos mais pungentes quando somos nós os atingidos pelo inesperado.

É em situações extremas, quando estamos a ponto de sair do eixo, que mais necessitamos ler e ouvir o que pessoas como Philip Yancey têm a dizer. Este encontro com o talentoso autor de "A pergunta que não quer calar" e de outros livros relevantes para o nosso tempo nos permite experimentar solidariedade, consolo e esperança em momentos de dor e angústia profunda.

Compre agora e leia


CLÁSSICOS
MC
TOMÁS DE KEMPIS
IMITAÇÃO
DE CRISTO

Imitação de Cristo - clássicos

Kempis, Tomás de
9788573258660
143 páginas

Compre agora e leia

Ao longo da vida cristã, são muitas as inquietações e inúmeros os percalços, especialmente nos primeiros anos de fé. Mesmo cristãos com mais tempo de caminhada se veem às voltas com crises e indagações. E não poucos sofrem por falta de modelos e exemplos corretos a seguir. Quase um século antes das teses de Lutero, o monge Tomás de Kempis escreveu uma série de mensagens que influenciaram a igreja cristã ao longo dos séculos, propondo o que hoje parece óbvio: a imitação de Cristo como padrão de fé, conduta, moral, ética, relacionamentos e negócios com o mundo. De origem monástica, Imitação de Cristo é uma das maiores e mais respeitadas obras cristãs de todos os tempos. Instrutor espiritual dos noviços de seu mosteiro, Tomás escreveu ao longo de quatro volumes, reunidos aqui em uma única obra, uma extensa e valiosa coleção de conselhos práticos em forma de sentenças práticas e facilmente memorizáveis.

Compre agora e leia


kevin leman
é seu filho,
não um
hamster
Reduza o estresse na educação das crianças

É seu filho, não um hamster- Reduza o estresse na educação das crianças

Leman, Kevin
9788573258356
249 páginas

Compre agora e leia

A maior alegria dos pais é ver os filhos bem-sucedidos em seus projetos. Infelizmente, muitos deles acham que seu dever se resume a treiná-los para a roda da vida, esquecendo que a maior herança deixada não é um farto saldo bancário, mas aquela compartilhada no dia a dia. É seu filho, não um hamster nos mostra que, no caminho para uma vida de sucesso, os filhos precisam mais dos pais do que de treinadores. A questão central apresentada por Kevin Leman é levar pais e mães a entenderem até onde compensa sobrecarregar os filhos com tantas atividades. Embora o assunto seja sério e árduo, Leman trata do tema de forma agradável e levemente divertida. Viva uma experiência libertadora, ao compreender que seus filhos não são hamsters que correm dentro da rodinha em uma gaiola, e sim pessoas que querem e precisam de você.

Compre agora e leia


kevin leman
transforme
seu adolescente
até sexta
conquiste
o respeito,
a confiança e
o coração de
seu filho em
cinco dias

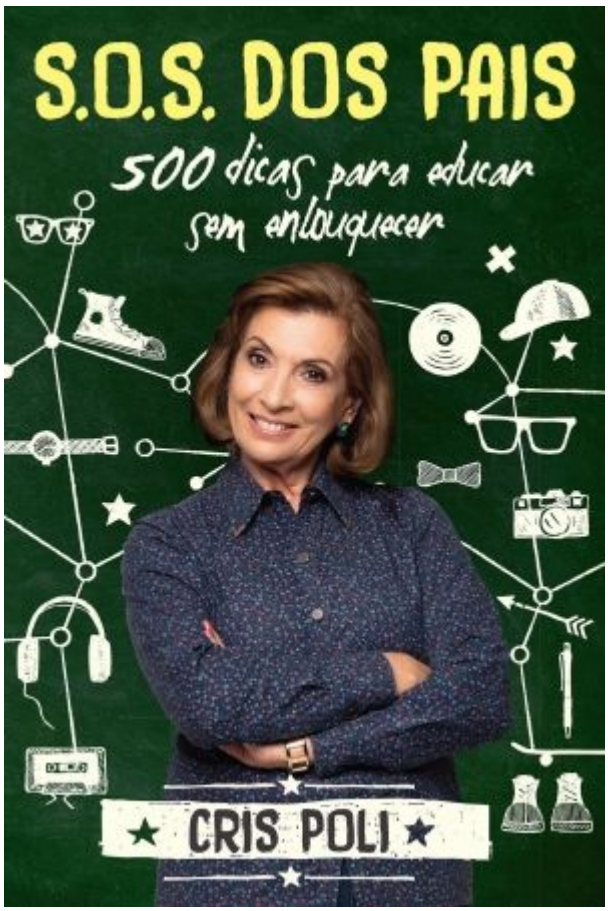
Transforme seu adolescente até sexta: conquiste o respeito, a confiança e o coração de seu filho em cinco dias

Leman, Kevin
9788573258271
245 páginas

Compre agora e leia

Anos de amor, carinho e atenção. Tempo e esforço dedicados a educar, formar caráter e ensinar boas maneiras. Os filhos pequenos são verdadeiros anjos em nossas vidas. De repente, os anjinhos entram em ebulição de hormônios, e todos os anos de educação e amor parecem ter sido em vão. Mas tudo pode voltar aos bons tempos em apenas uma semana. A adolescência é a fase mais difícil na vida de todo mundo, mas "esse tempo vai desaparecer mais rápido que areia numa ampulheta, então por que não tirar vantagem dele?" é a proposta do dr. Kevin Leman nesta obra. Viva a adolescência de seus filhos sabendo exatamente como agir e, em uma semana, todos em sua casa estarão lidando sem dor ou estresse com esta fase tão importante da vida.

Compre agora e leia


S.O.S. DOS PAIS
500 dicas para educar sem enlouquecer
CRIS POLI

S.O.S dos pais - 500 dicas para educar sem enlouquecer

Poli, Cris
9788543300450
163 páginas

Compre agora e leia

Cris Poli dá uma importante contribuição para que os pais ou responsáveis adquiram ferramentas para a complexa e árdua missão de educar os filhos.

- Augusto Cury

Pais e mães sofrem por não saber como agir em diversas situações que envolvem os filhos. Seja pela inexperiência dos primeiros anos de paternidade, seja pelo estresse da rotina diária, o fato é que episódios aparentemente simples podem se transformar numa grande dor de cabeça. ""S.O.S. dos pais - 500 dicas para educar sem enlouquecer foi escrito por Cris Poli, para ajudar pais e mães a resolver questões que surgem com a chegada dos filhos ou aquelas situações estressantes do dia a dia da família, como disciplina, relacionamento, educação, saúde, alimentação, sexualidade e tecnologia. Faça dele seu livro de cabeceira e você poderá evitar muitos problemas.

Como todo S.O.S., o objetivo deste livro é oferecer socorro imediato, para que, se necessário, você tenha tempo de buscar, sem angústia e com paz no coração, esclarecimentos mais completos.

As questões abordadas poderão ajudar você a compreender melhor ou a minimizar situações de conflito do dia a dia provocadas por

comportamentos ou hábitos não saudáveis adquiridos por seus filhos. O formato de pergunta e resposta foi escolhido justamente para que você encontrasse rapidamente o socorro de que precisa, no momento exato.

Cris Poli é especialista em educação e comportamento infantil. Ministra palestras e é autora de diversos livros, dentre eles "Pais responsáveis educam juntos" e ""Pais admiráveis educam pelo exemplo, ambos publicados pela Editora Mundo Cristão.

Compre agora e leia